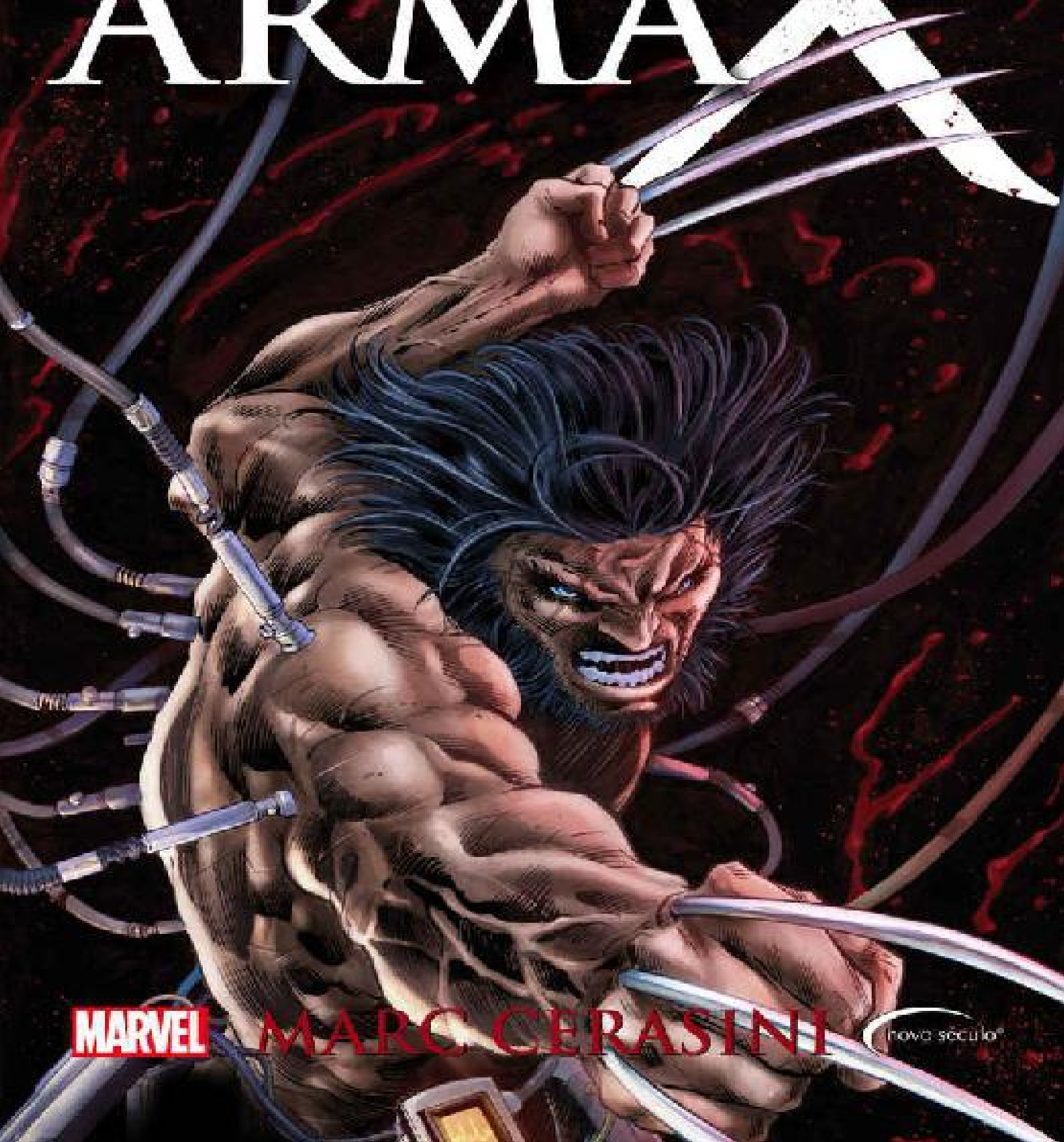



# WOLVERINE ARMAX



**MARVEL**

**MARC CERASINI**

nova século



OS HERÓIS DA  
MARVEL INVADIRAM  
AS PÁGINAS DOS LIVROS...

... EM INCRÍVEIS ROMANCES PARA  
QUEM SEMPRE  
AMOU ESSE UNIVERSO  
(E TAMBÉM PRA QUEM NUNCA  
ABRIU UMA HQ NA VIDA...)

SÉRIE

**MARVEL**

MARVEL COMO VOCÊ  
NUNCA VIU **LEU!**

**MARVEL**

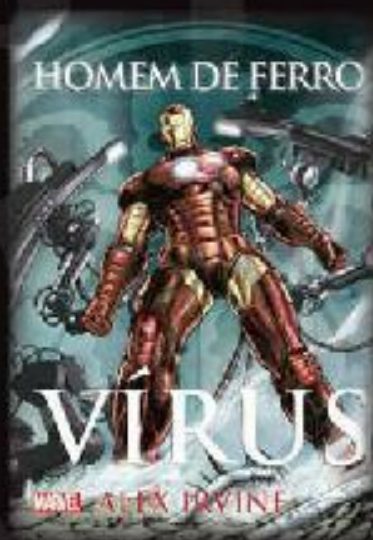
marvel.com  
© 2015 Marvel

nova século\*

www.novoseculo.com.br



JÁ DISPONÍVEIS NAS LIVRARIAS  
E EM E-BOOK



marvel.com  
© 2015 Marvel



www.novoseculo.com.br



# WOLVERINE ARMA X

UMA HISTÓRIA DO UNIVERSO MARVEL  
MARC CERASINI



novo século®  
SÃO PAULO, 2016

Wolverine: Weapon X

Published by Marvel Worldwide, Inc., a subsidiary of Marvel Entertainment, LLC.



COORDENAÇÃO EDITORIAL Giovanna Petrólio Vitor Donofrio		VP, PRODUÇÃO & PROJETOS ESPECIAIS Jeff Youngquist
EDITORIAL João Paulo Putini Nair Ferraz Rebeca Lacerda	GERENTE DE AQUISIÇÕES Renata de Mello do Vale ASSISTENTE DE AQUISIÇÕES Acácio Alves	EDITORA-ASSOCIADA Sarah Brunstad GERENTE, PUBLICAÇÕES LICENCIADAS Jeff Reingold SVP PRINT, VENDAS & MARKETING David Gabriel
TRADUÇÃO Caio Pereira	REVISÃO Gabriel Patez Silva	VP DE GESTÃO DE MARCA E DESENVOLVIMENTO, ÁSIA CB Cebulski
PREPARAÇÃO Paulo Ferro Junior	CAPA Vitor Donofrio	EDITOR-CHEFE Axel Alonso
P. GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Vitor Donofrio	ILUSTRAÇÃO DE CAPA Will Conrad	EDITOR Dan Buckley DIRETOR DE ARTE Joe Quesada PRODUTOR EXECUTIVO

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Cerasini, Marc  
Wolverine: arma X  
Marc Cerasini; [tradução Caio Pereira].  
Barueri, SP: Novo Século Editora, 2016.  
Título original: Wolverine: Weapon X

1. Literatura norte-americana 2. Super-heróis I. Título II. Pereira, Caio

16-0536

CDD-813

#### Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura norte-americana 813

*Nenhuma similaridade  
entre nomes, personagens,  
pessoas e/ou instituições  
presentes nesta publicação  
são intencionais. Qualquer  
similaridade que possa  
existir é mera coincidência.*

NOVO SÉCULO EDITORA LTDA.

Alameda Araguaia, 2190 – Bloco A – 11º andar – Conjunto 1111

CEP 06455-000 – Alphaville Industrial, Barueri – SP – Brasil

Tel.: (11) 3699-7107 | Fax: (11) 3699-7323

www.novoseculo.com.br | atendimento@novoseculo.com.br



E-ISBN: 978-85-428-0956-5



# I • PROFECIA

Um relâmpago rasgou a noite. Os olhos de Logan brilhavam por detrás do vidro – ferozmente aguçado, escaneando as ruas iluminadas por feixes de um brilho branco feito osso.

Mais um raio, uma árvore partida. A energia a dividira. Como um aviso do que estava por vir.

– Vem tempestade, e das grandes. *A maior.* A que eu andei procurando.



**Chove.** Escorrendo em trilhas finas sobre parapeitos sujos. Noite. Passando do preto para o verde fosforescente. Uma tonalidade doentia, tipo pus alienígena.

*Líquido ao meu redor. Mas não estou me afogando.*

Neon zumbindo além do vidro. Tubos retorcidos. Enormes letras compondo uma única palavra gravada em luz azul-claro: profecia.

A palavra parece apocalíptica. Não. Não está certo. Era parte do apocalipse. Um vagabundo bêbado no corredor tinha dado a deixa.

– O apocalipse está chegando – foi o que o velhote disse. – Quando todos os segredos serão expostos.

*Chega de segredos, chega de fugir.*

– O inferno está chegando...

Foi o que ele disse. E cuspiu também, ao falar. Foi então que o velho simplesmente parou de respirar.

*Ar. Não tem ar aqui. Mas continuo respirando.*

Acontecia muito no Profecia. Velhos. E outros não tão velhos. Tombando. Caindo mortos.

*Preso aqui dentro. Como se flutuasse num caixão. Mas não morto. Ainda não...*

A água do céu era tão antiga quanto a terra. Logan a observava caindo. A mesma água. Bilhões de anos. Sempre a mesma. Os peixes rastejaram para fora dela. Os homens também saíram rastejando.

E então eu saí rastejando.

*Preso dentro. Líquido ao redor. Um produto químico. Mas não é água...*

Os dinossauros comiam as plantas, bebiam dos lagos. Essa chuva era parte desses lagos. Os poços dos vilarejos. Guerreiros, bárbaros, samurais. A água que bebiam subia e descia. A mesma água. Presa num ciclo.

Tudo, até mesmo a terra, tem seus limites.

Um relâmpago rasgou a noite. Os olhos de Logan brilhavam por detrás do vidro – ferozmente aguçado, escaneando as ruas iluminadas por feixes de um brilho branco feito osso.

Mais um raio, uma árvore partida. A energia a dividira. Como um aviso do que estava por vir.

– Vem tempestade, e das grandes. A *maior*. A que eu andei procurando.

A estrada. Ele se lembrou da estrada. O frio determinava o rumo. Florestas escuras à noite. O norte distante. A vastidão infinita. Logo ele estaria de volta. Logo

estaria em casa.

Agora estava atrás do vidro: concreto molhado, caçambas grandes, becos pichados, apartamentos sombrios, vazio. *Ainda não me encontraram. Ainda.*

Logan afastou-se da janela, atravessou o tapete marrom manchado. O quarto era pequeno feito uma jaula, garrafas vazias erguiam-se do solo feito estalagmites fincando o ar, fincando sua mente.

Um jornal da semana anterior rasgou-se sob sua bota, fatos insignificantes. Dia após dia. Largou-se num sofá, por cima de uma folha de jornal aberta. Apertou o imenso punho, amassando o papel impresso, e arremessou as palavras escritas à tinta preta na TV desligada.

Manchetes inúteis. Dia após dia após dia.

Logo ao lado, uma garrafa de Seagram reluzia com suas muitas possibilidades. Meio vazia. Não. Meio cheia. Ele serviu uma dose farta num copo, sempre grato.

Disparos de eletricidade rabiscavam a noite.

*Raios lancinantes apunhalavam seu cérebro.*

Logan retraiu-se, em choque, quase regurgitando a gota salgada que lhe desceu pela garganta. E então a dor desapareceu, deixando somente o sabor férreo de sangue – um sabor familiar. Ele tocou sua têmpora latejante, mas não encontrou a ferida. Somente gotas de suor salgado que umedeceram as pontas de seus dedos.

Ele engoliu de novo, e o sabor metálico também havia sumido. Onde estavam seus sentidos? Ou seria o álcool acordando demônios do caos passado, da violência esquecida?

Esquecida...

– O apocalipse está chegando. Hora de escrever para casa, fazer as pazes com alguém...

*Pazes? Com quem?*

Lembrou-se do bar, uma dúzia de corpos mutilados. A típica névoa de alcatrão queimado. O ar parecia ter congelado. Mas seus músculos, por baixo da flanela, estavam bem aquecidos. Alinhara as garrafas no balcão à sua frente, estacas verdes. Pilares de vidro. Sua fortaleza.

*Hora de escrever para casa.*

– Querida Mãe... sua bruxa chifruda, deformada e caolha. Tenho novidades para você. Descobriram o segredo! Assinado: teu filhote de patas peludas.

Como se ele soubesse quem era sua mãe. Todo mundo tem uma, certo? Ou duas, às vezes. Coisas secretas, no caso. Logan tinha uma das grandes. Treta séria pra caramba. Difícil até de esconder. Mas ele se virava.

Outro *shot* de uísque, direto da garrafa. Mas nada de esquecer. Nem mesmo por um instante, até que ele notou a ausência. Daí a sensação chegou como se ele a tivesse conjurado. Sugou o charuto.

*Engasgado. Tiras de tecido. Garganta raspando.*

Vai ver o apocalipse já começou.

Esse lugar em que ele se escondia, esse Profecia, era um prédio transformado pelos fiéis num refúgio para cristãos caídos. Ele havia sido cristão, muito tempo antes. Ainda se lembrava do linguajar o suficiente para mentir e conseguir entrar. Era um muquifo, é claro. Mas de graça – para os caídos. Estava qualificado.

Uísque morno escorreu pelo queixo firme de Logan, a barba negra como um corvo por fazer, e pingou sobre a camiseta manchada de suor.

*Engasgando. Escuto uma voz. Mas de quem?*

*“Injetamos o bastante pra derrubar um elefante...”*

O álcool altera o fluxo de íons eletrolíticos pelas células cerebrais. Ele se lembrava de ter lido em algum lugar – devia fazer parte do treinamento para operações confidenciais, talvez. O uísque diminui a velocidade com a qual os neurônios disparam.

– Mas não estou bêbado. E queria ficar... preciso ficar...

O álcool suprime a produção de um hormônio que mantém equilibradas as reservas de líquidos do corpo. Sem esse hormônio, os rins começam a roubar água de outros órgãos.

– Roubar água?

A tempestade continuava mais raivosa, mais intensa.

A chuva continuava a açoitar as janelas.

*Líquido ao redor. Mas não me afogo.*

O cérebro encolhe, conseqüentemente.

Logan pega a garrafa de novo e derrama o restinho no fundo do copo. Mas espera um pouco antes de tomar. Aninhando o copo em seu punho maciço, afunda no sofá puído.

Imagens violentas o inundam. Uma controvérsia que tivera com um mafioso de meia-tigela. A bravata do idiota.

– Babaca. Devia ter pensado duas vezes...

Aconteceu depois que ele foi banido novamente. Dessa vez ele tinha sido demitido de um braço secreto do Serviço de Inteligência do Canadá. A infração fora trivial se comparada aos atos hediondos que cometera em serviço. Mas Logan sentia que os colegas ficaram contentes por tirarem aquele enigma de perto deles.

*Segredos. Eu tinha muitos. Mais até do que um homem devia suportar.*

Não muito tempo depois, Logan arranhou emprego. Sua reputação havia se tornado uma faca de dois gumes. Uma fila infinita de jovens punks ou gente das antigas sempre lá para desafiá-lo. Mas isso significava que era mais fácil pintar trabalho.

Nessa ocasião, foram os “sócios” de Logan que viraram a casaca.

Aquele dia, Logan se lembrou, já começou ruim. Havia se arrependido de ter ido à

garagem do traficante de armas para coletar sua parte dos lucros. Mas quando viu o escárnio do rosto de St. Exeter, Logan soube que as coisas estavam para piorar muito mais.

O traficante inclinou-se sobre uma caixa de granadas de fragmentação. A blusa de caxemira, as calças Prada e os sapatos Gucci não combinavam com o cenário de ferro-velho.

– Eu não imaginava que você teria coragem de aparecer aqui, Logan. Não depois de seu contato ter fracassado na entrega da mercadoria.

St. Exeter jogou para trás os cabelos com uma mão delicada e bem cuidada.

Logan fitou o olhar gelado do homem.

– Tá falando merda, René. Tenho certeza de que aqueles mísseis ar-ar já estão a caminho dos teus "clientes" da América Latina.

– Pode ser. Mas eram armas de... qualidade inferior.

– O Pentágono ficaria surpreso se ouvisse isso, considerando que eram todos mísseis Stinger de última geração.

Enquanto Logan falava, dois dos guarda-costas de St. Exeter entraram na garagem, por trás dele. Mais dois, usando macacões sujos de graxa, saíram do fosso de reparos para flanqueá-lo.

Com um meio sorriso no rosto, René encarava Logan com os olhos feito buracos negros.

– Você não vai pagar – disse Logan. Não foi uma pergunta.

Subitamente, o gorila engraxado à esquerda de Logan sacou uma chave inglesa do macacão manchado.

*Estúpido.*

Logan golpeou o homem com força suficiente para enfiar o maxilar dele dentro do cérebro. Um grunhido, e o mecânico desabou. Logan arrancou a ferramenta da mão do moribundo antes mesmo dele cair no chão.

Esquivando-se de uma bala disparada à queima-roupa, Logan girou e meteu a chave inglesa no homem que puxara o gatilho.

O som do osso esmagando, um jorro vermelho, e a cabeça do atirador foi lançada para trás. Quando ele caiu, sua Magnum caiu aos pés de Logan.

Logan abaixou-se, desviando de outro tiro, em seguida apanhou a arma. Atirou sem mirar – contou com a sorte. A bala atingiu o segundo guarda-costas na garganta. Gorgolejando, ele caiu de joelhos, as mãos no pescoço por cima de uma piscina cada vez mais ampla de sangue que se espalhava sobre o piso de concreto.

Finalmente, acabou ficando sem sorte. O último dos guarda-costas de René atacou, na tentativa de empurrar Logan para o fosso de reparos. Os dois caíram juntos lá dentro.

Na base do profundo poço de concreto, ambos rapidamente tentaram se levantar.



Uma sombra os cobriu. Logan olhou para cima a tempo de ver St. Exeter jogar um objeto no buraco.

– Pegue, *mon ami*.

Logan pegou a granada em pleno ar. Quando o guarda-costas viu isso, correu para a escada.

– Aonde você vai?

Logan agarrou o homem pelo colarinho, girou-o e meteu-lhe a granada na barriga.

Arquejando, o guarda-costas dobrou-se em torno do explosivo e Logan o soltou, mergulhando em seguida para o outro lado do fosso. Calor e vísceras cobriram Logan quando ele foi arremessado contra a parede de concreto pela explosão abafada.

Sangrando por uma malha de cortes, Logan saiu do fosso que se tornara a tumba do guarda-costas, apenas para descobrir que René St. Exeter saíra de cena.

Topou com ele poucos dias depois, numa via pública no centro de Montreal. O confronto final ocorreu sob os olhares de uma dúzia de testemunhas boquiabertas, mas Logan não se importava.

*Algumas coisas, como a vingança, eram importantes demais para adiar.*

Mesmo depois de passada a fúria, Logan não sentiu remorso – só a raiva por ser forçado a seguir em frente. Mais tarde, na mesma noite, planejou infiltrar-se numa carga. Seu destino: o Yokon. O mais ao norte que podia ir, à beira da civilização. Deixaria tudo para trás – um Lotus Seven, algumas posses sem valor, seu passado.

Com um pouco de sorte, Logan poderia recomeçar.

*Recomeçar?*

– Um bom lugar para recomeçar, hein?

A voz – familiar – veio de anos passados. Da época em que Logan ainda estava com o Ministério da Defesa. Época em que operava junto do braço Ottawa do Serviço de Inteligência do Canadá.

Logan estava curvado num canto, afiando a faca, quando o estranho se aproximou. Ele ergueu o olhar apenas o suficiente para ver, acima da enorme mão estendida do homem, o nome na etiqueta presa no peito largo: N. Langram.

O rascar do metal contra o metal torturado continuava enquanto Logan afiava a lâmina de sua faca K-bar.

O homem de cabelos castanho-claros recuou a mão, relutante, depois se largou num banco de levantar peso, em frente a Logan.

A área de treino estava vazia, exceto pelos dois. Minutos antes, disseram-lhes que o treinamento estava concluído, que a primeira missão estava para começar.

– Acho que é um bom lugar pra recomeçar... o SIC, digo – continuou N. Langram.  
– Estive em tudo quanto é lugar, fiz de tudo um pouco, legal e ilegal, e estou feliz por esquecer o passado e enterrá-lo para sempre.

Langram deu um tapinha nos joelhos.

– Para minha surpresa, depois de todo o estrago que fiz, o Ministério de Defesa e o SIC resolveram deixar o passado para trás e me dar uma segunda chance.

– Bom para você – disse Logan.

– Acho que fizeram o mesmo por você, não é?

Logan passou o dedo na ponta da faca. Uma gota de sangue pintou-lhe o dedo. Ele a provou.

– Meu nome é Langram... Os amigos me chamam de Neil.

Dessa vez, o homem não estendeu a mão.

– Logan.

– É do tipo calado, não é?

Logan girou a faca e a mergulhou na bainha. Depois cruzou os braços e fitou um ponto a distância.

– Fiquei imaginando por que juntaram nós dois. Você e eu. Não nos conhecemos e nunca treinamos juntos. Então, estou tentando entender os motivos...

– O que deduziu, Langram?

Sem entender o sarcasmo, ele tentou responder à pergunta.

– Parâmetros estranhos o dessa missão, não acha? – ele começou. – Quer dizer, por que não um salto de paraquedas? O Ministério tem centenas de soldados treinados em inserção com salto de paraquedas, e mais centenas especializados em infiltração de reconhecimento de território hostil. O que significa que não precisam de nenhum de nós dois. Seríamos considerados qualificados demais pra essa missão, a não ser pelo fato do responsável ter resolvido fazer as coisas do jeito mais difícil.

– Como?

– Você tem que admitir que não há muitos agentes na SIC, nem no Ministério todo, com proficiência no uso de HAWK – disse Langram.

O HAWK, codinome para Asa Planadora de Alta Altitude, era um “equipamento pessoal aerodinâmico” desenvolvido para ser usado pela Superintendência Humana de Intervenções Estratégicas, Logística e Defesa – e a S.H.I.E.L.D. não dá aulas a qualquer soldado sobre como usar seus trajes voadores de alta tecnologia.

– Vai ver a diretoria acha que o HAWK é o melhor meio de inserção – disse Logan. – Com um HAWK, podemos controlar a velocidade e o ângulo da descida, e quando e onde pousar. E podemos lutar, em pleno ar, se for necessário.

Langram assentiu, concordando com o comentário de Logan.

– Sei disso tudo. Já usei um HAWK. Assim como você, aparentemente, Sr. Logan.

– O que quer dizer?

– Talvez você e eu tenhamos passado pelos mesmos perrengues – disse Langram. – Ou talvez só tenhamos os mesmos amigos... e inimigos.

Logan sentou-se, calado.

– Misterioso também, hein?

*Segredos. Tenho muitos. Mais do que consigo suportar.*

– Tudo bem, Logan. Não quero bisbilhotar.

– Já bisbilhotou.

Langram recusou-se a sentir-se ofendido. Ficaram imersos num silêncio incômodo por um tempo que parecia mais longo que o real.

– Conheço a geografia muito bem – Langram disse finalmente. – A Península Coreana, digo. E a área à qual estamos indo.

– Lugar legal?

– Se a Coreia do Norte é uma prisão, então a região em torno do Reservatório de Sook é um confinamento na solitária, uma cela no corredor da morte e a força, todos embrulhados num maldito presente.

Logan deu de ombros.

– Parece divertido.

Langram estudou o outro. Logan evitou seu olhar.

– Então, essa é a minha especialidade – disse Langram. – E como você não parece ser especialista em armas nucleares, imagino que conheça o linguajar local ou alguma coisa sobre os caras que vamos caçar.

– Acertou.

– E visto que é muito habilidoso com a faca, e não é coreano, devo supor que conheça muito sobre Hideki Musaki e todos os seus capangas da Yakuza, e sobre o plutônio que roubaram a caminho daquele laboratório supersecreto do governo no norte, o que processa armas usadas para o terrorismo.

Logan fez que sim.

– Conheço Hideki Musaki... pessoalmente. Mas não somos próximos.

Langram sorriu pela primeira vez desde o início do diálogo.

– Então já foi até o Extremo Oriente, hein? Bem que eu imaginei. Ver você me fez lembrar de um lugar... um bar chamado Cracklin' Rosa's. E de um homem também. Um cara conhecido naquela área como Caolho. Ele tinha uma inclinação para facas... assim como você.

Mais uma vez, Logan não respondeu.

Langram fitou o relógio, depois se levantou.

– Tenho que ir, Logan – disse. – Mas nos veremos muitas vezes nos próximos dias. Enquanto isso, lembre-se do que eu disse a respeito do SIC ser um bom lugar para recomeçar. De deixar o passado pra trás, se quiser... Nem todos têm essa segunda chance.

Langram virou-se para ir embora.

– Ei, Langram.

Dessa vez, Logan estava de pé, encarando o outro.

– Te protejo se você me proteger. E quando essa missão acabar, se estivermos vivos, te pago uma bebida...

*Mais uma bebida. E outra. Mas nunca o bastante para trazer alívio. Espere. No que mesmo eu estava pensando?*

Como focos de neblina, as lembranças desse primeiro encontro com Neil Langram dissolveram-se.

Reduzido por uma amnésia rastejante, a fitar, absorto, o copo de bebida em sua mão, Logan observou o uísque transmutar de marrom-claro para verde-escuro.

Nauseado, desviou o olhar.

Do outro lado da janela, a palavra "profecia" brilhava com fantasmagórica fosforescência. Um cheiro acre, de produto químico, assolou as narinas dele, e as molas do sofá puído se enfiavam em sua carne. Mas apesar do desconforto físico, a cabeça de Logan pendeu e ele fechou os olhos.

O sono chegou, mas os sonhos de Logan não divergiam muito de sua vida de vigília. Ele procurava escapar, sem parar de correr, as pernas forçadas sobre um aclave perpétuo que se esticava mais e mais para o futuro. No topo encontrava-se, zumbindo, o neon da placa do Profecia, esperando ali, esperando por ele.

Despertando subitamente, Logan ergueu o tronco e estilhaçou o copo que tinha na mão. O sangue grosso vermelho juntou-se numa poça na palma de sua mão, mas ele não sentiu dor.

Levantou-se com dificuldade, impaciente para fugir, para escapar antes que o apocalipse o engolissem.

Meteu a camisa de flanela sobre os ombros largos. Ponderou sobre a previsibilidade de seus pesadelos. Visões de dor e ossos e estacas. O vil fedor do horror. E das mãos de adaga...

Procurando pelas chaves do carro, Logan fuçou por entre uma pilha de jornais amarelados. Notou uma manchete num tabloide engordurado: assassino clemente engana FBI.

Sob a manchete, ao lado da história, uma figura granulada em preto e branco. A fotografia de um homem barbado e corpulento de rosto doce e banal.

A foto e a manchete chamaram um pouco sua atenção, mas ele não entendeu por quê. Quando tentou pinçar os fios de memória para conectá-los, eles se dissolveram feito vapor em sua mente cada vez mais nublada.

Um relâmpago rasgou o céu, partindo outro galho de árvore.

Mais um aviso.

*Vem tempestade, e é das grandes. A maior. A que eu andei procurando.*

Logan pôs no bolso o dinheiro e as chaves. Saiu do Profecia sem olhar para trás. A última lembrança: o letreiro de neon piscando incansável sob a chuva.

De repente, estava sentado num banco, inclinado sobre um balcão manchado de



um boteco. Lá fora, via-se pelo vidro gorduroso, a chuva cessara. Um cobertor de neve suja cobria as ruas e calçadas acidentadas.

*Quando começou a nevar?*

Com as mãos trêmulas, esticou a mão para pegar a garrafa ao lado. Engoliu a bebida, imaginando se todo aquele álcool havia tido efeito e induzido pelo menos um pouco de alívio mental.

Não se lembrava de como chegara ali, no entanto, pela janela, via seu Lotus Seven estacionado na frente.

Será que guiara através da chuva e depois começara a nevar? Haviam se passado horas? Ou dias? Tinha perdido o trem de carga... e com ele sua única chance de escapar?

Pela primeira vez, na memória de Logan, o pânico o dominou. Mais um gole de uísque deu conta daquilo, mas deixou um rastro de confusão.

Recobrou um pouco de controle ao observar seus arredores – o barman lavando copos calmamente, assistindo a uma televisão sem som que passava um jogo de futebol. Outro homem, sentado no canto oposto do bar, bebia em silêncio. Logan farejou o ar, e torceu o nariz ao sentir cheiro de bebida velha e tabaco rançoso.

*Tubos iguais a vermes. Abrindo caminho pelas orelhas, nariz, pela boca, até seu cérebro.*

Lá fora, um semáforo solitário trocou de verde para amarelo para vermelho, depois voltou ao verde. Não havia pedestres nas calçadas, e o relógio no campanário coberto de neve, no fim do quarteirão, corria no sentido anti-horário.

*Viajamos para o futuro a cada segundo que vivemos, mas ninguém pode voltar no tempo, segundo Einstein. O que prova que o velhote não era tão esperto, afinal.*

Nas sombras, sob o alvo de dardos, Logan viu três homens de sobretudo e óculos escuros, chapéus obscurecendo seus rostos, copos cheios à frente. Estavam sentados sob uma escuridão quase completa. Esperando. Observando.

*Hora de ir...*

Logan levantou-se, jogou um punhado de notas no balcão e foi até a porta. Os homens na sombra o ignoraram... aparentemente. A inação deles deu esperança a Logan, mas não muita.

Lá fora, suas pesadas botas trituraram a neve fofa.

*Botas. Como as de um soldado. Como as minhas. Já fui um soldado. Duas vezes. Lutei em duas guerras. Ambas há muito tempo.*

Logan olhou para baixo e não viu mais as botas. Os pés não estavam mais protegidos por couro pesado, mas envolvidos por delicados mocassins. Ainda havia neve. Em todo lugar. Mas era uma cobertura de um branco virgem e primitivo. A neve brilhante refletia sua juventude. Revestia árvores e cobria rochas. Reluzia nos flocos de gelo sob um pálido sol de inverno.

A taverna, o estacionamento, os homens das sombras desapareceram. Logan caminhava sozinho por entre a silenciosa floresta de uma montanha.

*Casa? Será que já cheguei em casa?*

A geada era triturada sob seus calcanhares. O frio penetrava os ossos da silhueta hirsuta do jovem Logan. Mas apesar do ar gelado, do escurecer do céu, da neve abundante, ele seguia em frente.

Era a raiva pungente o que o motivava, enlouquecia – uma necessidade irracional de vingança que o conduzia mais a fundo naquela vastidão.

Pela neve à altura dos tornozelos, Logan seguia o rastro, movendo-se rapidamente num esforço doloroso para alcançar sua presa elusiva. Dedos dormentes seguraram a faca do pai, pronta para o ataque, pronta para fincar, para render.

*Ansioso pra matar.*

Num precipício rochoso limpo da neve pelo vento incansável, os passos de Logan encontraram um fim abrupto. Frustrado, analisou a floresta, depois farejou o ar, esperando localizar a presa apenas pelo odor.

Ventos severos açoitavam o rosto dele – um rosto endurecido pelo frio amargo e cheio de marcas da surra que levara das mãos de Victor Creed, o vilão conhecido pelos moradores da região pelo nome a ele atribuído pela tribo indígena dos Blackfoot, Dentes-de-sabre.

*Sei que Creed me odeia. Mas não sei por quê. Mais segredos, mais profundos e obscuros do que a floresta ao meu redor.*

Dentes-de-sabre aparecera na porta da cabana de Logan horas – ou teriam sido dias? – antes, assim como fazia todo ano, na mesma época. Não havia sentido algum para as visitas de Creed – a não ser por ocorrerem sempre quando Logan estava sozinho.

Logan caminhara até além dos limites da propriedade de seu pai, cruzando a borda da mata onde ele juntava lenha para os dias e noites frios que viriam. Estava sozinho mais uma vez. O pai havia partido fazia semanas; caçava ao norte.

Para proteger o filho, suas poucas posses e as preciosas peles que reunia durante a época de caça, o velho Logan deixara para trás sua faca de caça e um corajoso husky chamado Razor.

Retornando com um feixe pesado de lenha seca, Logan ouvira os latidos frenéticos e os urros raivosos do cachorro, abafados pela distância, pela neve e pelas árvores. Deixou de lado a lenha e correu de volta para a cabana o mais rápido que pôde.

Encontrou o sangue e os miolos de Razor manchando a neve, e o Blackfoot servindo-se das peles que Logan pai deixara para secar sob o sol de inverno.

Com os olhos mareados de raiva, Logan fitou o animal morto, enquanto as provocações de Creed chegavam aos seus ouvidos. E então, com o grito selvagem de uma fera enraivecida, Logan lançou-se contra seu torturador, pousando nas costas

deste. Ele meteu as garras no rosto do inimigo e rasgou-lhe a garganta com os dentes.

Com um urro feroz, Dentes-de-sabre arremessou Logan no solo congelado.

Atordoado, ele caiu na neve, ao lado do cadáver rijo do cachorro. Enquanto lutava para permanecer consciente, viu o indígena aproximar-se. Ouviu o riso mordaz ecoando em seus ouvidos. Sentiu a torrente de chutes e golpes que choveu sobre seu corpo. Finalmente, a escuridão ergueu-se e o engoliu.

Bem mais tarde, Logan levantou-se. Seu corpo já estava entorpecido pelo frio. O sol havia cruzado o céu; o dia terminava. A sua memória retornou, e com ela uma raiva assassina.

Correu até a cabana e pegou a faca que repousava na cornija. Sem preocupar-se com os elementos nem com a luz minguante do dia, Logan partiu, determinado a caçar Dentes-de-sabre e dar cabo da existência de seu inimigo de uma vez por todas.

Passada a primeira hora, Logan havia perdido a trilha de Creed, mas logo a recobrou. Naquele instante, a trilha do Blackfoot encontrava-se misturada à de outro. De um urso. Um dos grandes, pelo tamanho das pegadas. Como Creed, o animal seguia uma trilha rude, morro acima, em busca de altitude.

Minutos depois, conforme Logan aproximava-se do topo de uma colina, uma figura obscura apareceu por detrás de um pedregulho. O ser cinzento rugiu, desafiador, e Logan deu um passo para trás, surpreso.

Cambaleando adiante sobre as curtas pernas traseiras, o gigantesco urso-pardo avultou-se sobre ele. O animal devia pesar pelo menos 180 quilos. Quando rugiu de novo, saliva quente atingiu Logan na bochecha. O hálito quente da criatura o envolveu.

Por um instante, Logan sentiu-se paralisado. Então ele ergueu a faca e soltou um urro. Avançando, brandindo a lâmina para os lados, preparou-se para encarar o ataque maciço da criatura.

O movimento ousado e inesperado assustou o urso. A fera parou, olhos escancarados, abanando as orelhas – e a faca passou-lhe de raspão.

Logan firmou-se no chão e preparou o ataque. A raiva arranhava seu coração, e ele desejava muito cortar e esfaquear aquela criatura – qualquer criatura. Nada poderia ameaçá-lo.

O tempo pareceu suspenso. Homem e fera fitavam os olhos um do outro com muito cuidado.

E então, de algum ponto atrás do urso-pardo, Logan ouviu um bufar, seguido por um berro aterrorizante. Às costas do imenso animal, Logan viu quatro olhos negros espiando-o sob um monte de galhos de pinho baixos, cobertos de neve.

Com o pelo ondulando e os focinhos marrons úmidos, soltando vapor, os filhotes assustados emergiram do esconderijo, apenas para acovardar-se aos pés da mãe.

Vendo os filhotes indefesos, Logan baixou a faca. Com um olhar desconfiado fixo no urso irritado, deu um passo para trás, depois outro.

O urso bufou, eriçando os pelos, enquanto Logan prosseguia com sua cuidadosa retirada. Mesmo naquele mundo complicado, Logan acreditava que aquilo que não representava ameaça não deveria ser destruído.

– Vão em paz. Não são meus inimigos, e não sou seu – Logan sussurrou gentilmente, continuando a andar para trás, pela trilha.

O urso compreendeu a intenção de Logan. Ele baixou as patas dianteiras, depois deu as costas ao humano.

Incentivando os filhotes com as patas dianteiras para que se apressassem, o urso-pardo mergulhou entre as árvores cobertas de neve.

Logan observou a criatura recuando, escondida pela neve, com os dois filhotes cambaleando a seus pés. Quando o urso saiu de suas vistas, Logan fechou os olhos e inclinou-se contra uma árvore, o coração acelerado devido ao choque do encontro inesperado.

Quando os abriu de novo, encontrou-se fora da taverna, no meio do estacionamento coberto de neve.

A noite havia ficado muito mais gelada – um frio fora do comum, a não ser que Logan tivesse perdido semanas ou meses desde os tempos do Profecia, em vez de poucas horas.

Mas ele não tinha tempo para se preocupar com isso. Não com os homens das sombras tão perto...

Com uma pontada de alívio, Logan viu seu Lotus Seven. A capota estava abaixada – absurdo, visto o clima, até mesmo para alguém que não sentia calor ou frio como todo mundo.

Logan encontrou as chaves e sentou-se diante do volante.

O rugido trêmulo do motor o sossegou. Mas antes que pudesse engatar a marcha do veículo, figuras emergiram da escuridão. E então, um homem disse:

– Sr. Logan?

Logan levantou o olhar no mesmo instante em que algo duro, frio e pontudo atingiu-lhe no ombro, atravessando músculos e costelas e perfurando seu pulmão.

Um líquido quente lhe subiu pela garganta, obstruindo-a. Arquejando, Logan lutou para se erguer, enquanto as toxinas espalhavam-se por seu corpo, minando-lhe as forças, levando sua mente a um estado de dormência.

Incapacitado feito um bebê, foi arrastado para fora do carro. Ele golpeou às cegas – apenas para ser jogado ao chão com socos vingativos de punhos invisíveis. Com o que lhe restava de sua força minguante, Logan relutou. Mas conforme o poderoso tranquilizante fazia efeito, a escuridão e a dor o devoraram.

Pouco antes de a consciência escapar-lhe, Logan teve uma sensação esquisita de



alívio. Não havia mais nada a fazer. Os dias de fuga e as noites de se esconder acabaram. Não era mais possível escapar.

*O apocalipse começava.*

## II • A COLMEIA

Por trás das lentes curvas dos óculos que brilhavam sob a luz baixa, o Professor observava a equipe médica trabalhando no paciente.

Uma dúzia de médicos e especialistas amontoava-se em torno de uma figura nua protegida pelas paredes grossas de um tanque translúcido. Dentro do caixão de acrílico, o “Experimento X” flutuava numa sopa de produto químico verde composto de plasma cheio de interferona, proteínas moleculares e nutrientes celulares, com uma espécie de fluido sintético embrionário criado pelo próprio Professor.

*Alguns mililitros daquele líquido viscoso eram muito mais caros do que os técnicos podiam imaginar. Valiam mais do que um arranha-céu norte-americano comum – e mais ainda para a restrita elite que de fato compreendia sua função.*

O pensamento do Professor foi interrompido por uma luz refletida sobre seu console. O líder da equipe informava que o delicado processo de preparação estava quase completo.

Como o caixão pressurizado do Experimento X, a cabine onde o Professor se encontrava também era hermeticamente selada – um reino eletrônico de ferro e vidro, cabos de fibra de vidro e chips de silício. Dentro dessa cabine, computadores zumbiam e processadores zuniam. Paredes de adamantium polido refletiam o brilho fraco de informações que rolavam para baixo em monitores reluzentes e nas telas de TV de alta resolução.

O homem de corpo muito magro estava sentado, ereto e imóvel, em seu trono ergonômico, a pele clara esticada sobre os ossos proeminentes nas maçãs do rosto. Com frieza, ele aprovava os procedimentos médicos apresentados em tempo real num grande monitor central.

Um raro sorriso curvou-lhe os lábios ao observar o progresso da equipe. Apesar de vestir trajes de perigo ambiental bastante restritivos, capacetes incômodos e pesados respiradores, a equipe médica realizava suas tarefas com rapidez e eficiência – tamanha eficiência que o Experimento X estaria pronto para o primeiro teste já no dia seguinte, bem à frente da agenda original.

O trabalho preliminar ocorrera de maneira esplêndida, concluiu o Professor, e sua equipe trabalhara com eficiência exemplar.

E por que não? Ele não os havia treinado pessoalmente, exigido o mais alto grau de profissionalismo, compromisso e autossacrifício de cada um deles?

O Professor pressionou um botão. Em um nível diferente da instalação, uma luz piscou, alertando uma segunda equipe médica de que suas habilidades logo seriam

requisitadas. Ele manipulava tudo o que acontecia dentro daquela imensa instalação de pesquisa de seu centro de comando. Por meio de gravações digitais constantes, o Professor ficava sabendo de cada ato e cada som transmitido dentro daquelas paredes.

Bilhões de bits de dados viajavam até o Professor através de centenas de milhas de cabos de fibra óptica – uma rede de informações que serpenteava através de cada sala, cada duto, cada parede.

Alojado feito uma aranha em sua rede tecnológica, o Professor observava seus domínios do centro do amplo complexo. Por trás de portas seladas e travadas por códigos, ele podia acessar qualquer dado acumulado, observar todos os experimentos e enviar comandos com o acionar de um interruptor ou a emissão de uma ordem falada.

O que lhe interessava naquele momento, obviamente, era o Experimento X.

Pelo monitor, o Professor acompanhou a chegada da segunda equipe médica. Com um silvo, a porta pressurizada se abriu, e o grupo entrou para substituir o time de preparação. Os membros dessa nova equipe estavam metidos nos mesmos trajes isolantes, não para protegê-los, mas para prevenir que o Experimento X fosse contaminado – uma precaução necessária.

A tarefa desse segundo time era acoplar no Experimento X uma variedade de sondas biológicas projetadas para monitorar suas funções corporais, junto de tubos vazios de injeção cobertos por teflon. Esses tubos eram cruciais para que o processo de ligação do adamantium fosse bem-sucedido.

Os dedos compridos do Professor – as mãos de um esteta, ele gostava de pensar – digitavam num teclado ergonômico feito sob medida que somente ele sabia decifrar. Abruptamente, o chiado ubíquo dos respiradores e o sibilar constante dos sistemas de controle de temperatura foram ofuscados por fragmentos de conversa e sons ambientes transmitidos do laboratório médico.

Os dados que rolavam nas telas suplementares desapareceram, sendo substituídos por imagens de homens em trajes de proteção amontoados em torno do caixão transparente e reluzente.

Dr. Hendry, o líder da equipe – cujo traje protetor possuía uma larga faixa verde denotando seu status – estudou o Experimento X através do líquido opaco.

– Quem depilou o paciente?

Ao lado de Hendry, um homem ergueu a mão.

– Eu.

– E usou o quê? Tosador de carneiro?

– O quê?

– Olhe para o coitado. – Ele apontou para a solitária figura dentro do tanque retangular transparente.

De dentro do capacete, o outro homem demonstrou perplexidade.

– Que esquisito. Fiz a tricotomia há vinte minutos, e ele estava liso feito uma bola de sinuca.

– Ele também está precisando de um novo corte de cabelo – observou outro membro da equipe.

Os médicos e especialistas assumiram seus postos em torno da caixa de acrílico, fitando em silêncio a figura que a ocupava. O pálido homem estava cercado de bolhas. Seus cabelos pretos como um corvo flutuavam em torno da cabeça feito uma nuvem de chuva.

Um tubo de ar de aço flexível partia de um respirador e conectava-se a uma máscara que cobria completamente o nariz e a boca do paciente. Esse cordão umbilical tecnológico também continha vários sensores, tubos que enviavam nutrientes e agulhas para a administração de drogas, caso fosse necessário.

O silêncio finalmente foi quebrado por um ruidoso carrinho médico empurrado por uma enfermeira que vestia a mesma indumentária pesada usada pelos outros. Na superfície antisséptica do carrinho havia um conjunto de sondas cirúrgicas que mais lembravam instrumentos de tortura medieval do que algum instrumento médico moderno. Cada sonda reluzente possuía uma estaca afiada de aço polido – algumas de até quinze centímetros, outras com menos de três. Um longo tubo flexível vinha acoplado à base de cada estaca, com fios que enviavam informação biológica para diversos dispositivos de monitoração.

Muitas dessas sondas seriam usadas para medir e avaliar as funções corporais comuns do paciente – frequência cardíaca, pressão sanguínea, metabolismo basal, temperatura corporal, equilíbrio eletrolítico, respiração, atividade hormonal, digestão e eliminação, e funções cerebrais. Outras seriam usadas para propósitos mais arcanos.

Enquanto o Professor observava de longe o procedimento, o líder da equipe começou a instalar a primeira sonda. Mergulhando as mãos dentro do caldo borbulhante, Dr. Hendry enfiou uma fina estaca de dez centímetros diretamente no cérebro do Experimento X através de um furo aberto no crânio, logo acima do olho esquerdo.

Um ligeiro movimento irrompeu dentro do tanque. A equipe médica foi pega de surpresa quando o sujeito se sacudiu uma vez, depois abriu os olhos e fitou-os, aparentemente consciente.

– Afastem-se do paciente – ordenou o Dr. Hendry, se mantendo no lugar.

Os olhos do sujeito pareciam focados e alertas, embora tivessem as pupilas dilatadas. O Experimento X tentou falar também, mas os sons que fizera saíram abafados e incompreensíveis por trás do respirador e do maquinário que zumbia.

– O maldito tranquilizante está perdendo o efeito – disse o neurologista, num tom

exigente.

– Aplicamos o suficiente pra derrubar um elefante! – disse o anestesista, defendendo-se.

– Também não posso acreditar, mas veja o padrão das ondas cerebrais dele.

O neurologista deu um passo ao lado para mostrar as leituras do encefalograma para o restante da equipe.

– Tem razão. – O anestesista mal podia acreditar. Jamais vira nada igual. – O paciente continua num estado alienado, mas está recobrando a consciência. Apesar dos sedativos.

– Certo, quero clorpromazina. 450 gramas. Comece.

O Dr. Hendry levou a mão até a pistola hipodérmica.

Seu assistente cirúrgico ergueu a injeção, acoplou um frasco plástico com a poderosa droga no aparelho, e então hesitou.

– Tem certeza quanto à dosagem? – ele perguntou baixinho. – A clorpromazina vai bagunçar as funções cerebrais dele, e 450 gramas...

O rapaz de voz tímida não concluiu a frase, mas o significado ficou claro. O soro poderia matar o paciente.

O Dr. Hendry fitou, por trás do vidro de seu capacete, a silhueta fantasmagórica que se debatia dentro do tanque em formato de caixão. O peito do sujeito subia e descia; a mandíbula movia-se por trás da máscara de respiração.

– Se ele acordar, aí sim veremos uma bagunça muito pior – retrucou o líder.

– Mas é uma dose imensa... suficiente pra acabar com ele, talvez... – A voz do anestesista não saiu fraca como a do assistente, mas também murchou. Ele se sentiu obrigado a dizer aquilo, embora soubesse que não faria diferença. Não com Hendry no comando.

Assistindo a tudo de sua cabine selada, o Professor grunhiu, irritado, e apertou o botão do comunicador. Quando falou, sua voz firme invadiu feito um trovão tanto o laboratório médico como os capacetes protetores da equipe.

– Administrem a clorpromazina de uma vez. Na dose prescrita pelo Dr. Hendry. O paciente não pode acordar. De novo, não.

Hendry arrancou a pistola hipodérmica do assistente e mergulhou o injetor no tanque. A pistola sibilou, e o Experimento X se contraiu quando um violento espasmo tomou conta de sua figura corpulenta. Contudo, logo ele fechou os olhos, e sua frequência cardíaca e respiratória desaceleraram.

– Apagou – disse o neurologista.

– Pressão sanguínea normal. Frequência cardíaca normal. Respiração vaga, mas o respirador vai forçar oxigênio o suficiente nos pulmões dele – comentou o anestesista, aliviado.

Dentro do capacete, o Dr. Hendry tentou sacudir o suor que lhe escorria nos

olhos.

- Por um momento, cheguei a pensar que teríamos que aplicar o cianeto.
  - Daí veríamos se esses trajes protetores são bons mesmo – alguém comentou.
- A brincadeira quebrou a tensão do momento, mas o riso saiu forçado.
- Continuem o procedimento – ordenou a voz do Professor.

O Dr. Hendry ergueu o olhar para o teto, como se procurasse pelas câmeras invisíveis que gravavam cada passo do delicado processo. Quando seu assistente colocou uma sonda comprida em sua mão, Hendry a mergulhou na mistura borbulhante e enfiou a estaca diretamente na cavidade abdominal do paciente.

Mais uma vez, o Experimento X contraiu-se ao ter seu corpo musculoso dominado por tremores.

O Professor acionou o comunicador.

- Houve outro pico nas ondas cerebrais – disse, observando os dados em seus monitores particulares.

Dessa vez, Hendry afastou-se do tanque junto dos demais.

- O que devemos fazer, Professor?
- Quero que usem os bioamortecedores para inibir as funções cerebrais do Experimento X...

O anestesista falou novamente:

- Mas, Professor, já administramos clorpromazina suficiente para...
- Derrubar um elefante, sim. Mas o sedativo não parece estar funcionando – murmurou o Professor. – Como podem ver claramente, o Experimento X não está sequer... plácido.

Hendry acenou para outro membro da equipe. O homem deu um passo à frente, munido de sondas cranianas. O resto da equipe recuou a fim de dar bastante espaço para o especialista trabalhar. Mas antes que acoplassem as sondas, o psiquiatra falou:

- Se quiser, podemos ativar o Monitor Encefalográfico de Reificação. Estabelecer interface com o cérebro deve ser fácil enquanto o paciente estiver inconsciente...
- Isso não será necessário – o Professor retrucou. – Bastam os amortecedores, por ora.

O psiquiatra aceitou a resposta sem discutir e foi ao trabalho.

- Pretende juntar-se a nós no laboratório médico, senhor? – Hendry perguntou.
- Muito em breve, Dr. Hendry. Em breve...

Depois de poucos minutos, todas as sondas cranianas estavam no lugar, e os aparelhos, ativados. As leituras indicavam que os bioamortecedores – pequenos aparelhos que emitiam ondas eletromagnéticas de nível baixo para diminuir o circuito de atividade cerebral – cumpriram seu papel. O Experimento X não acordaria mais. Não até que quisessem.

- Podem prosseguir – disse o Professor.



Satisfeito ao ver, finalmente, que os procedimentos preparatórios estavam de novo em andamento, o Professor desligou a transmissão de áudio, embora permitisse que as imagens continuassem a aparecer nos monitores.

Ao ajeitar-se na cadeira, seu braço encostou acidentalmente num grosso fichário, o que derrubou uma pilha de recortes amarelados de jornais sobre a mesa.

"Assassino clemente engana FBI", dizia a manchete sensacionalista estampada num dos recortes. Ao lado da notícia, uma fotografia em preto e branco mostrava um homem barbudo de rosto redondo, quase angelical. A legenda dizia:

"Dr. Abraham B. Cornelius, fugitivo da polícia."

Com um suspiro cansado, o Professor enfiou os recortes de volta no fichário e o pôs de lado. Clicando no botão de um gravador acoplado ao console, começou a ditar num tom claro e lento.

– Isto é um memorando aos cuidados do Diretor X. Data, atual... Encontrei-me com o Dr. Cornelius no local designado...

*Local designado?*, o Professor pensou consigo. *Que eufemismo ridículo para o buraco boca do lixo onde o fugitivo havia se escondido na tentativa de evitar ser capturado, preso e quem sabe executado.*

– O encontro foi cordial...

*Se pudermos enxergar cordialidade na ameaça de chantagem.*

– ... e o Dr. Cornelius expressou interesse em nosso projeto e seus ambiciosos objetivos...

*Na verdade, Cornelius estava desesperado para escapar da punição. Nos Estados Unidos, as autoridades lidam duramente com assassinos – principalmente os que fizeram o Juramento de Hipócrates.*

– O Dr. Cornelius concordou de bom grado com os termos de nosso contrato, e parece grato por prestar mais serviços à ciência médica...

*Como se tivesse escolha.*

– Contudo, pergunto-me se o Dr. Cornelius é o melhor candidato para posição tão crucial neste experimento. No passado, ele demonstrou uma propensão perturbadora para o pensamento independente, como sugerem seus crimes. Também duvido que sua *expertise* seja necessária. Não haverá rejeição de tecido, disso eu tenho certeza, e o Dr. Hendry concorda. Minha técnica de ligação será suficiente para cobrir o esqueleto de Logan, posso garantir.

*É ridículo o Diretor comparar as capacidades do Dr. Cornelius com as minhas. Não há comparação. Sou um arquiteto da carne, um artista, um visionário. Cornelius é apenas um praticante habilidoso de sua disciplina. O Diretor X não consegue ver a diferença?*

– Certamente, outros pesquisadores do campo da imunologia são igualmente qualificados e têm muito menos... antecedentes questionáveis?

O Professor apertou o botão do microfone. Com o cenho franzido, ele reconsiderou cuidadosamente a afirmação e parou para pensar.

*Se eu protestar com muita veemência, o Diretor X duvidará de meus motivos, até mesmo de minha lealdade. Talvez seja melhor ser gracioso e diplomático, aceitar esse intruso, como aceitei a Srta. Hines. Ambos podem ser descartados depois, quando seus serviços não forem mais necessários... No final, só os resultados importam.*

O Professor acionou o microfone.

– Apagar memorando até a palavra “contrato”.

O gravador zumbiu, retrocedendo.

– Sinto que o Dr. Cornelius será uma adição valiosa para este projeto – continuou o Professor. – Suas credenciais são impressionantes...

*Mas, sem dúvida, ele não é nenhum gênio...*

– ... Estou certo de que ele poderá me ajudar muito nos meses que estão por vir...

*Embora eu não deseje nem precise de um assistente, não importa quão qualificado o Diretor X pense que esse homem é. Por acaso Michelangelo precisou de assistente para pintar sua visão da Criação no teto da Capela Sistina?*

– ... Este projeto está longe de sua conclusão, e há muito trabalho a ser feito...

*Deus precisou de assistente ou ajuda adicional para projetar o universo? Acho que não.*

– E, é claro, a Srta. Carol Hines, ex-funcionária da Nasa, também se provou um membro de valor...

*A mulher é aceitável, ainda que o Diretor X a tenha jogado sobre mim. Para seu crédito, a Srta. Hines não precisou de treinamento adicional e assumiu suas tarefas assim que chegou.*

– Ela foi treinada habilmente pela Agência Espacial e é proficiente no uso da tecnologia MER. Uma das poucas especialistas capazes do mundo...

*Melhor ainda, a mulher é maleável e facilmente direcionada; o tipo que fornece serviço de muito valor, esperando pouco em troca. E o melhor de tudo, não faz perguntas. O robô perfeito, uma abelha operária. Certamente, não uma rainha...*

– Ambos chegaram à instalação e estão se ambientando.

*E acho bom que o Dr. Cornelius se apresse, ou será inútil para mim e para o experimento... Já estou impressionado com a dedicação da Srta. Hines e suas habilidades consideráveis. Mas devo reservar minha opinião sobre o Dr. Cornelius até observar o homem em ação...*

– Pretendo anexar um relatório adicional de progresso sobre sucesso ou fracasso após o processo de ligação de adamantium ser concluído. Até lá...

O Professor acrescentou sua assinatura digital, depois desligou o microfone e

largou-se na cadeira. Seus pensamentos eram conturbados.

*Se ao menos os homens fossem tão previsíveis e manipuláveis como os elementos.*

Como cientista, o Professor tinha certeza de que o adamantium derretido que borbulhava nas cubas abaixo dele só derreteria numa determinada temperatura. Sabia também que a mesma substância endureceria e seria mais forte do que o diamante quando resfriada. Sabia a composição precisa da liga resultante a nível molecular. Entendia como os diversos elementos se ligariam e como se configurariam os nêutrons ao circular os átomos. Entretanto, não podia prever com certeza alguma como um dos mais simples domadores de animais de suas instalações se comportaria sob as circunstâncias precisas para as quais fora treinado.

O Professor inclinou-se em sua cadeira de comando e fitou, invisível, o monitor tremeluzente.

Enquanto isso, dentro do laboratório médico, as atividades prosseguiram a passos rápidos. Os técnicos haviam terminado de ajustar as sondas e esvaziavam o recipiente em forma de caixão. O fluido valioso seria bombeado para uma cuba de aço polido, onde seria filtrado das impurezas e estocado para uso em procedimentos subsequentes.

O Experimento X passaria a noite num tanque de suspensão cuidadosamente controlado, mantido em sono eletronicamente induzido. Seus sinais vitais e atividade cerebral – o pouco que havia – seriam monitorados por uma equipe médica separada do paciente por uma parede impenetrável de acrílico. Componentes químicos, fluidos e nutrientes básicos seriam administrados intravenosamente, se necessário.

No console, outra luz piscando indicou a conclusão do procedimento. O Professor viu a equipe médica saindo do laboratório, tirando os trajes de proteção e limpando o suor da testa.

O console zumbiu, e as feições pálidas aristocráticas do Dr. Hendry apareceram no monitor central.

– As sondas foram instaladas, Professor. Não há sinais de infecção. Nem ameaça de rejeição. Os sinais vitais estão todos positivos.

– Muito bom – respondeu o Professor. Mas o líder da equipe não desligou. – Algo mais a dizer, Dr. Hendry?

O homem no monitor pigarreou.

– Falei com o novo imunologista – disse.

O Professor ergueu uma sobrancelha.

– E?

– Estou impressionado com seu trabalho, mas não com o homem. A teoria do Dr. Cornelius é boa, e parece que ele solucionou um dos problemas mais intratáveis do processo de ligação...

– Sinto mais do que hesitação em sua voz, Dr. Hendry. Pode falar com sinceridade.

– Ele é um criminoso – disse Hendry, agitado. – Violou a ética da profissão. Não é possível usar o trabalho dele sem empregá-lo de fato?

– O procedimento é experimental; muita coisa pode dar errado. É melhor ter Cornelius por aqui caso surjam complicações inesperadas.

– Mas...

O Professor o interrompeu.

– Não depende de mim.

Hendry franziu o cenho.

– Entendo.

– Ótimo. Continue.

Com o toque num botão, o rosto de Hendry desapareceu, sendo substituído por um desfile interminável de dados científicos rolando para baixo no monitor. A mudança de foco agradou ao Professor.

*As certezas do mundo físico e os trabalhos abrangentes da tecnologia avançada são infinitamente preferíveis à imprevisibilidade dos pensamentos e do comportamento humano.*

A ilógica e a ambiguidade sempre o incomodaram, e o Professor ansiava por livrar a humanidade de emoções inúteis e desejos arbitrários. O controle da mente humana era a chave – mas o controle absoluto jamais fora alcançado. Até o desenvolvimento do Monitor Encefalográfico de Reificação, nunca fora possível.

Até o momento, os limites do dispositivo MER não haviam sido explorados, nem mesmo por seus inventores. A Nasa usava o aparelho inovador para treinamento, ou para encenar situações para exercícios em realidade virtual. Mas o Professor sabia que a máquina era capaz de muito mais.

*Chamam a si mesmos de cientistas, entretanto comportam-se feito crianças, brincando com uma arma carregada, jamais compreendendo seu potencial...*

– Covardes, chorões, todos eles... – murmurou o Professor.

Com o dispositivo MER, o controle da mente humana estaria dentro do alcance – nenhum pensamento continuaria secreto, nenhum desejo, escondido. Toda expectativa, sonho, medo ou raiva poderiam ser monitorados, controlados, medidos e avaliados. Lembranças poderiam ser apagadas; personalidades, adulteradas; memórias, falsificadas, implantadas para substituir a experiência verdadeira.

Na estimativa pessoal do Professor, a gênese da tecnologia por trás do Monitor Encefalográfico de Reificação tornara-se um testamento para a timidez, para a falta de imaginação e a miopia que assolavam a comunidade científica.

A pioneira Brain Factory, uma desenvolvedora de videogames no sul da Califórnia, anunciou o primeiro, um MER primitivo, como sendo um aparelho

inovador. Contudo, testes iniciais do produto consideraram-no perigoso demais para o uso humano. A Administração de Produtos e Segurança do Consumidor entrou em cena e banuiu o uso da tecnologia do MER para qualquer propósito de entretenimento e demais usos comerciais.

Diversos pesquisadores nos campos da psicologia reconheceram, subsequentemente, o potencial da tecnologia de ponta no tratamento das desordens mentais. Mas em vez de abraçar essa área de estudo, o Conselho Americano de Psiquiatras expressou-se contra o uso do MER antes que mais testes fossem executados.

Claro, não haveria mais testes sem patrocínio, e psiquiatras e acadêmicos – temendo a obsolescência caso o aparelho alcançasse todo o seu vasto potencial – bloquearam quaisquer permissões para projetos de pesquisa que usassem o Monitor Encefalográfico de Reificação.

Naquele ponto, a Brain Factory faliu e fez um contrato com o governo dos Estados Unidos. Com uma nova infusão de dinheiro, a empresa produziu *Hora de espancar!* e *Fing Fang Foom* – dois dos jogos de computador mais vendidos do mundo. Em troca, a CIA, a S.H.I.E.L.D. e a Nasa receberam direitos exclusivos para o uso do Monitor Encefalográfico de Reificação para “propósitos de pesquisa e treinamento”.

Embora não soubesse como a CIA e a S.H.I.E.L.D. acabaram utilizando a tecnologia do MER, o Professor descobriu que a Nasa realizara a maior inovação da história da pesquisa cerebral usando o MER como ferramenta de aprendizado. Em vez de canalizar os poderes de controle mental da máquina para exercer dominação total sobre seus astronautas e pesquisadores, a agência espacial limitou-se a usar o aparelho como se fosse um livro de textos, para simulações e exercícios de treinamento.

O Professor não seria acorrentado pelas mesmas restrições. Nos meses seguintes, pretendia pôr a toda prova os limites do potencial não acessado do MER no Experimento X. Não bastava transformar o corpo do paciente. Sua mente também deveria ser reestruturada. O domínio definitivo de Logan tornou-se o objetivo principal do Professor. Ele sabia que era apenas uma questão de tempo.

O Professor sabia que a forma física tinha certos limites, vulnerabilidades. Ossos – mesmo ossos cobertos por adamantium – tinham limites também. E músculos e tendões aperfeiçoados quimicamente poderiam, ainda assim, cansar-se ou falhar.

Mas uma mente reduzida a um estado bestial de consciência – desprovida de medo, dúvida e desejo, livre de memórias e emoções, e não perturbada pelo receio da extinção pessoal – jamais vacilaria. Em sua pureza primitiva, uma mente dessas não sentiria dor alguma, nem desconforto; não sentiria remorso.

*Apare as arestas, arranque as camadas superficiais de humanidade e liberte o*

*animal selvagem e irracional que espreita por debaixo da fachada civilizada de cada ser humano.*

*Então eu moldarei esse animal em Arma X – o instrumento de guerra mais mortal já forjado.*

*Mas ao contrário do Ser Supremo que deu vida à humanidade, não cometerei o erro de conceder livre-arbítrio à minha criação. A Arma X não passará de uma ferramenta sob o meu comando. Uma extensão da minha vontade, sim. Da minha própria vontade.*





O homem ergueu o colarinho da jaqueta de couro em torno do pescoço enquanto uma brisa fresca assobiava por entre os pinheiros. A cada passo, a neve de outono era triturada sob suas botas. Pegadas de coelho cruzavam a trilha, e lá no alto uma ave de rapina grasnava ao planar em círculos preguiçosos pelo ar rarefeito da montanha.

A trilha que ele seguia terminou abruptamente, num abismo de 150 metros de altura. Abaixo, no rio que cortava o vale, as águas revoltas formavam uma espuma azul-esverdeada, e as árvores de troncos marrons esqueléticos vestiam uma cobertura branca irregular. A distância, os picos nevados das Montanhas Rochosas do Canadá brilhavam laranja e amarelo naquele apressado amanhecer.

Por muito tempo, o homem permaneceu à beira do abismo, observando aquela visão de tirar o fôlego. Seus olhos azuis reluziam sob o sol da manhã, o rosto corado devido ao frio. O cabelo castanho farfalhava sob o gorro de lã, escondendo um curativo que cobria um pequeno machucado na testa.

Logo a paz da manhã foi estilhaçada por um zunido eletrônico. O homem pegou o comunicador enfiado ao lado de um revólver em seu cinto.

– Cutler falando...

– Acabou a brincadeira, Cut. Hora de voltar pra casa.

Cutler ignorou o chiste.

– Que houve?

– Deavers quer vê-lo no escritório assim que possível.

– Entendido.

– Parece que o major tem um serviço para você...

Cutler interrompeu o interlocutor e guardou o comunicador. Deu as costas ao amanhecer e, sem olhar para trás, refez o caminho, seguindo as próprias pegadas, deixadas ao longo da trilha. Por entre arbustos enroscados e densos pinheiros, notou uma cerca elétrica com arame farpado – primeira indicação de civilização. Logo estava perto o bastante para ler as placas de um amarelo reluzente fincadas a alguns metros umas das outras:

entrada proibida

perigo!

As placas foram impressas em inglês e francês. Algumas vinham impressas até em Blackfoot Sioux, a linguagem predominante entre a população nativa norte-americana da região. Ninguém tinha permissão de se aproximar daquele complexo. Poucos

sabiam de sua existência.

Cutler seguiu a cerca até chegar a um portão de segurança, onde passou seu cartão de identificação pelo leitor e digitou seu código no teclado. Acima dele, um equipamento de reconhecimento facial confirmou sua identidade, enquanto um escâner de retina fotografou seu olho direito. Dois segundos, três, e Cutler ouviu o bipe. O portão abriu-se.

Dentro do complexo, não havia guardas à vista – somente mais câmeras de segurança, sensores de raios X e escâneres magnéticos. Enquanto Cutler cruzava um campo desolado coberto de neve, o fedor de um bicho flutuou por ali, vindo dos galinheiros. Ele ouviu bufadas e grunhidos também. Por clemência, os lobos haviam parado de uivar assim que o sol fez-se presente.

Caminhando para além dos canis de concreto e jaulas de aço, Cutler foi até uma estrutura moderna de aço e vidro que ocupava um morro pouco íngreme. O prédio de quatro andares tinha, no topo, torres cônicas de micro-ondas e conjuntos de satélites em forma de aranha. Abaixo, havia cinco andares de túneis, laboratórios, oficinas e câmaras de estoque, todos com paredes de aço – inclusive uma instalação de derretimento de adamantium de tamanho razoável no andar inferior. O labirinto do subsolo fora construído em meio a granito sólido, expandindo-se além dos limites das estruturas enganosamente modestas da superfície. O complexo era tão extenso, que um reator de fissão fora instalado *in loco* para prover toda a energia necessária.

Após passar pelas portas duplas de vidro, Cutler viu-se flanqueado por uma equipe de segurança armada – os mesmos homens que via todos os dias. Seguindo o protocolo de segurança, eles checaram seu documento e escanearam suas digitais.

– Saiu para sua caminhada matinal? – perguntou um guarda.

Cutler fez que sim.

– Acho que o garotinho natureba andou escrevendo poesia. Nascer do sol, as montanhas púrpuras, majestosas, e toda essa baboseira – disse outro, num tom menos amigável. – Me faz pensar em como um cara como o Cutler consegue passe de segurança Classe A, para começo de conversa.

– Do mesmo jeito que você conseguiu, Gulford. Passei num concurso.

Alguns instantes depois, Cutler entrou no amplo escritório do Major Deavers. O homem estava de costas. Ele ergueu o olhar da tela do computador e apontou bruscamente para uma cadeira almofadada. Tinha uma expressão tensa no rosto.

– Prefiro ficar de pé – disse Cutler.

Apesar da diferença de patentes, nenhum dos dois fez uma saudação. Tecnicamente, não pertenciam mais às Forças de Defesa do Canadá, então o reconhecimento das posições hierárquicas não era mais necessário.

– Você será o chefe da segurança desta manhã – disse Deavers. – Às 8h30, o Experimento X será movido da cela de contenção no Nível Três para o laboratório

principal.

Cutler xingou em silêncio.

– O paciente está sedado e pronto para ir – continuou o major. – Protocolos anticontaminação estão prontos para serem acionados, então, por favor, use seu traje de proteção. Não se preocupe com armamento, no entanto. O Experimento X está apagado, e as armas deixam os médicos nervosos.

Deavers levantou-se. O homem era dez anos mais velho do que Cutler, e um pouco mais alto também. Cabelo grisalho, sempre cortado bem curto. O maxilar era lisinho feito bumbum de bebê. Até mesmo o macacão verde, indumentária padrão em todo o complexo, mostrava-se devidamente passado.

– E dê uma limpada no visual, pode ser, Cutler? Faça a barba, penteie o cabelo, tome um banho. O Professor vai estar no laboratório hoje e ele gosta que a equipe tenha uma aparência perfeita.

Cutler virou-se para sair.

– Mais uma coisa – disse Deavers. – Leve o Agente Franks com você...

Cutler o encarou por um instante.

– Por que sou eu que tenho que ensinar o cara novo? Não sou guia turístico.

– Porque não há mais ninguém disponível – Deavers respondeu. – Boa parte da equipe está atarefada com o experimento desta manhã. O Professor ordenou segurança redobrada para o resto do dia, e Erdman ainda está na enfermaria por conta do problema no estacionamento do outro dia...

– Não conseguimos evitar, senhor.

– ... E Hill foi levado para tratamento ontem à noite. Foi ferido por um puma que escapou da jaula. Os médicos deram 50% de chance de sobreviver. De todo modo, ele não vai voltar tão cedo.

Cutler hesitou.

– Não sabia disso.

– Olha – disse Deavers. – O Agente Franks é um rapaz esperto. Vai gostar dele. É amigável e ambicioso, um voluntário nato. Rice explicou tudo sobre recuperação de dados e protocolos de segurança para ele, e Franks tirou notas boas. Mostre o que fazer e ele vai te ajudar.

– Algo mais, senhor?

– Não. Mantenha o menino novo longe de mim. Não suporto o tipo escoteiro. Já tenho muito a fazer para ter de bancar babá de novato.

– Sim, senhor. Esse é o meu trabalho.

Deavers deu as costas a Cutler, voltando o olhar para a tela do computador.

– Saia daqui! – rosnou ele, sem olhar de novo na direção de Cutler.

Dispensado, Cutler tomou banho, fez a barba e foi encontrar-se com o Agente Franks na sala de preparação. O rapaz tinha cara de criança e grandes olhos

castanhos. Não demonstrou muita surpresa ao reparar nos cortes e marcas no rosto de Cutler.

Enquanto se vestiam, Franks encheu Cutler de perguntas.

– É verdade que o cara que estou substituindo foi espancado por um urso-pardo?

– Não se preocupe – Cutler respondeu com um pequeno sorriso. – Já faz algumas semanas, foi antes de resolvermos todos os problemas com os procedimentos de controle de animais. Agora temos domadores profissionais na equipe, então não temos mais que lidar com os ursos...

– Graças a Deus.

– ... só com os grandes felinos.

– Felinos?

Cutler abriu ainda mais o sorriso.

– Você sabe que temos... leões. Tigres. Leopardos... felinos.

– Felinos? Ursos? Quem é que precisa desses animais selvagens, e por quê?

Cutler fechou a cara.

– Logo você vai descobrir.

Muitos minutos se passaram em silêncio, conforme os homens ajustavam seus complicados trajes de proteção.

– Muita rotatividade por aqui? – Franks perguntou, finalmente, vestindo o capacete e testando o comunicador.

– Eles vêm e vão – Cutler respondeu. – Esse lugar existe e opera há só um ano, e a pesquisa que eles fazem... bem, digamos que fica sempre mudando de direção. E como eu disse antes, existem muitos problemas pra resolver.

Franks apontou para os hematomas de Cutler.

– E que tipo de “problema” atacou você?

• • • •

No exato momento em que Cutler e sua equipe chegaram com Logan, a equipe médica reclamou sobre a situação do “paciente”. No entanto, ninguém parecia preocupado com Erdman. O cara estava apenas tossindo sangue devido à costela quebrada que lhe perfurara o pulmão.

Cutler e Hill mal haviam colocado o inconsciente Logan no tanque e os técnicos avançaram sobre o homem feito um enxame de abelhas. Um homem com jaleco de médico pôs-se a depilar o paciente, enquanto um líquido antibacteriano de cheiro terrível era bombeado para dentro do tanque de descontaminação. Em seguida, os médicos começaram seus exames preliminares.

O médico-chefe parecia muito insatisfeito.

– Parece que seus homens ficaram um pouco entusiasmados – disse o Dr. Hendry, franzindo o cenho ao mostrar o maxilar inchado e a garganta avermelhada do

paciente. Ele cerrou os dentes, irritado.

O Major Deavers assentiu.

– Ele ofereceu um pouco de resistência quando meus homens o trouxeram ontem à noite.

– E seus capangas acharam cabível dar um trato nele, hein, Major?

Cutler, que tinha acabado de sair da enfermaria, onde haviam lhe costurado o ferimento na testa, forçou a mandíbula, prendendo entre os dentes uma resposta obscena.

– Tiveram que forçar um pouco a barra com ele – disse Deavers, sem olhar na direção de Cutler.

Este se virou e deixou o laboratório. Já era ruim demais ver Hendry e Deavers achando justo falar sobre ele como se não estivesse ali na sala, como se fosse um dos animais das pesquisas, incapaz de compreender uma conversa entre humanos – embora já devesse estar acostumado a esse tipo de tratamento, principalmente da parte dos acadêmicos que se arrastavam por todo o complexo. Mas a última coisa que faria era ficar ali parado ouvindo Hendry chamá-lo de capanga.

*Eu sou um profissional, tão profissional quanto qualquer outro nessa porcaria de instalação.*

Por mais de uma década ele treinara para ser soldado, um dos poucos guerreiros profissionais altamente capacitados que possuíam conhecimentos em operações especiais e experiência de campo tanto em espionagem quanto em guerrilha não convencional. Como ex-membro das Forças Unidas II do Canadá, o treinamento militar e antiterrorista de Cutler durara mais tempo, e fora muito mais abrangente, do que as trivialidades ensinadas àqueles CDFs diplomados que se espalhavam pelos laboratórios, cafeterias e dormitórios do Departamento K. E Cutler estaria disposto a apostar que sua *expertise* tinha muito mais valor, também. Principalmente naqueles dias.

*Hendry e seus picaretas nem teriam seu precioso “Experimento X” se não fosse por Erdman, Hill e eu, que arriscamos nossas cabeças pra trazê-lo aqui. E sem dúvida, eu adoraria ver o Dr. Hendry tentar dar conta de um cara como Logan sem bagunçar nem um fio de seu cabelo.*

*Pra ser justo, Erdman e Hill fizeram mais do que bagunçar o cabelo de Logan. Quase o mataram.*

Cutler tocou o curativo na testa e perguntou-se como uma tarefa assim tão rotineira pôde ter dado tão errado...

• • • •

Era simplesmente atirar e prender.

– Coisa de escola de espionagem – dissera o Major. Três agentes à frente dele. –

Derrubar, embrulhar e trazer para cá. E não deixem nenhum civil vê-los agir.

Encontraram Logan na noite anterior, fora de um boteco fuleiro na beira de uma cidadezinha. Seguiram-no até o bar e esperaram lá dentro, vendo o homem consumir quase um litro de uísque em menos de uma hora.

Um homem mais fraco teria se intoxicado – senão, estaria caindo de bêbado. Cutler ficara impressionado ao ver Logan andar em linha reta pelo estacionamento coberto de neve sem nem cambalear.

Quando Logan entrou no carro, os homens entraram em ação. Hill era quem portava a pistola de tranquilizante. Erdman e Cutler cuidariam de prendê-lo. Foi Hill quem sacou uma Murphy quando alertou o alvo de sua presença, chamando-o pelo nome.

– Sr. Logan...

Hill disse mais tarde, na conversa com o Major Deavers, que queria uma mira melhor.

*Você estava a, tipo, menos de dois metros dele,* Cutler pensou, indignado. *Precisava de uma mira melhor ainda?*

Atrás do volante de seu conversível, Logan fitava Hill quando este puxou o gatilho. O dardo atingiu-lhe no ombro enquanto ele tentava se levantar. Um instante depois as pernas de Logan cederam e ele tombou para fora do banco.

Erdman segurou Logan antes que ele caísse no asfalto, e então gemeu devido ao peso do homem.

– Me ajuda com ele. É bem pesado para um nanico.

Subitamente, os olhos de Logan se abriram e ele atacou. O golpe jogou Erdman para trás com duas costelas quebradas. Quando pousou, bateu a cabeça no solo.

Com um rugido, Logan arremessou Hill do caminho, depois saltou sobre o peito de Erdman. Enquanto socava o homem indefeso, Erdman se curvou, tentando se defender.

– Tira ele de cima de mim! – ele urrou, entre dolorosas tosses.

Cutler agarrou Logan pelo cabelo e puxou sua cabeça para trás, tentando expor a garganta. Um golpe no maxilar, seguido por outro no plexo solar, arrancaram um pouco do ímpeto do alvo. Quando Logan cedeu, Cutler ficou parado na frente dele, de punhos erguidos, esperando que ele reagisse, ou que o sedativo fizesse efeito.

Embora achasse que estava alerta, Cutler nem viu o golpe que o atingiu – sentiu somente a explosão dentro da cabeça, e viu seu sangue manchar a neve.

Quando Cutler caiu, Erdman levantou-se, xingando e cuspidando. Ele saltou para as costas de Logan e envolveu-lhe a garganta com seus braços fortes. Rangendo os dentes, Erdman espremeu-a.

– Você não acertou o cara com o dardo atordoante? – ele resmungou para Hill entre os lábios sujos de sangue.

– Claro que sim! – Hill reclamou. – À queima-roupa.

Cutler conseguiu ficar de pé. Em meio à confusão, viu que Logan enfraquecia – tanto pelo sedativo quanto pelo enforcamento de Erdman. Embora estivesse ficando roxo pela falta de oxigênio, Logan lutava incansavelmente.

Hill sacou a pistola de choque. Mas em vez de recarregá-la, girou-a e usou a empunhadura para nocautear o homem.

– Espere! – Cutler gritou. – Se matá-lo, ele não vale nada.

Mas Hill estava tomado pela adrenalina – excitado demais para parar. Ele acertou Logan mais uma vez, e a cabeça dele pendeu.

– O Major não vai gostar disso – Erdman arquejou. – Ele mandou não danificar o corpo.

– Claro – disse Hill. – Só não disse que o filho da puta era tão durão!

Hill ergueu o punho, mas Cutler o conteve.

– Chega, Hill. O cara apagou.

Logan deslizou para o solo gelado. Não se mexeu mais.

Cutler guardou a pistola ensanguentada e limpou o sangue dos olhos. Avaliou os companheiros. Erdman, pálido feito fantasma, estava curvado, com a mão na lateral do corpo, respirando com dificuldade. Hill ainda estava tenso da luta, uma bola de energia pura. Cutler tentou acalmá-lo.

– Vamos levar Logan pra van antes que alguém nos veja e denuncie.

Ele e Hill carregaram o corpo mole para o veículo que aguardava. Erdman veio mancando ao lado deles, parando para cuspir uma bola de sangue e saliva.

Então ele disse, a voz muito rouca:

– Esse aí... cuidado com ele, Cut... É perigoso... e muito mais durão do que parece. É um filho da puta violento.

• • • •

– Vamos pressurizar os trajes – disse Cutler, clicando no teclado em seu pulso. – Você primeiro, Franks.

A voz de Cutler explodiu dentro do capacete do outro homem, e Franks ajustou o volume. Depois clicou no teclado de seu próprio pulso até aparecerem luzinhas vermelhas, iniciando uma contagem regressiva a começar pelo dez.

No zero, Franks ouviu um silvo agudo e sentiu estalos nos ouvidos. O traje protetor pareceu afunilar-se em torno de sua cintura, das axilas e dos ombros, conforme as juntas selavam-se a vácuo. O assomo de pânico, claustrofobia e sufoco passou rapidamente quando o sistema de respiração entrou em ação e um ar fresco inundou seu capacete. Antes de prosseguir, Franks esperou pacientemente que uma segunda leitura digital verificasse a integridade do traje.

– Selado – declarou ele quando a luz ficou verde.



Cutler selou seu traje também, em seguida os dois cruzaram uma barreira de quarentena, entrando em uma cela de contenção de paredes de adamantium. Uma vez lá dentro, Cutler apresentou Franks ao Experimento X.

Logan – de cabeça raspada, irreconhecível – flutuava numa solução química verde que lembrava água de pântano por trás das paredes translúcidas do tanque. Uma máscara de oxigênio cobria o rosto dele e tubos intravenosos serpenteavam para dentro dos dois braços. Folículos haviam sido substituídos por centenas de sondas que se projetavam como os espinhos de um porco-espinho saindo dos braços, pernas, tronco, garganta e quadris de Logan.

Agulhas compridas de cobre penetravam os cantos de seus olhos, fechados com fita adesiva. Um número ainda maior de estacas foi fincado nas orelhas, nariz e até no cérebro, através de buracos abertos na têmpora e na base do crânio.

– Credo, ele parece uma almofada de alfinetes – Franks disse, circulando o tanque. – Quem diabos é esse cara?

Cutler hesitou.

– Um voluntário – disse.

Franks estudou a silhueta que flutuava no tanque, depois balançou a cabeça.

– Não haveria dinheiro no mundo que me convencesse a ser voluntário num negócio desses.

– Talvez ele não tenha feito por dinheiro.

– Tem razão – disse Franks. – Esse cara deve ser um soldado, assim como nós. Talvez seja um herói, algo assim. Um astronauta, quem sabe. Parece fisiculturista. Olha só esses braços e o peitoral. Parece durão. Um gorila bizarro com esteroides...

Para Cutler, naquele momento, o Experimento X parecia menor do que na noite anterior, no estacionamento. Muito menos formidável, também.

Ao caminhar ao redor da cela de contenção, Franks notou uma equipe de técnicos com jalecos de laboratório observando o que eles faziam ali dentro através de uma janela de acrílico situada no teto.

– A gente tem que levar esse cara daqui, certo? – disse ele, tentando ignorar o público. – Então como é que vamos tirá-lo dessa droga de tanque?

– Não vamos, Franks. Vamos colocar o tanque inteiro, paciente e tudo, num carrinho.

– No quê?

Cutler abriu um painel na parede e mostrou um veículo de aço polido parecido com um carrinho de golfe blindado. Com um chiado de servomotores, Cutler guiou o carrinho para fora da unidade de carregamento até o tanque borbulhante.

Foram necessários vários minutos para mostrar a Franks como operar o carrinho, e onde acoplar os sistemas de suporte à vida para o trajeto.

– Pelo visto, você já fez isso antes – disse ele.

Cutler assentiu.

– Então o herói aqui não foi o primeiro voluntário. Houve outros...

Franks estava jogando verde. Cutler não pretendia cair. Não até que conhecesse o cara melhor, que soubesse que ele não daria com a língua nos dentes.

– Ele é o primeiro humano – disse Cutler.

Franks sorriu.

– Fim do mistério... Por isso todos aqueles animais selvagens.

– Deixa de papo, Franks. Temos trabalho a fazer.

Sob a supervisão de Cutler, Franks deu ré, inserindo o carrinho embaixo do tanque, e ativou os grampos eletromagnéticos que o prenderam com firmeza. O tanque foi ajustado, e o carrinho rangeu sob o peso dele. Conforme o veículo foi deslocado ruidosamente porta afora, o fluido dentro do caixão cristalino chacoalhava e o paciente batia nas paredes transparentes.

Cutler fitou o leitor digital do painel de controle do carrinho e notou, satisfeito, que o sistema de suporte à vida funcionava normalmente. Depois, verificou o relógio.

– Tenho vinte minutos pra levar o Experimento X até o laboratório principal, então vejo você mais tarde, Franks.

– Não posso ir com você? Onde você está indo?

– Isso é pra “quem precisa saber”. E você não precisa. Sua permissão de segurança acaba no elevador, então dê meia-volta e siga as placas amarelas, de volta ao vestiário. Não abra nenhuma outra porta ou vai violar o protocolo de segurança, e não seria legal fazer isso no primeiro dia... Causa má impressão.

– Não, senhor... Quer dizer, sim, senhor...

Franks virou-se para sair, com um olhar de decepção infantil no rosto.

– Ei, Franks. Se ficar entediado, vá ver o Major Deavers. Aposto que ele vai arranjar alguma ação para um escoteiro como você.

• • • •

O laboratório principal situava-se no andar superior à instalação de derretimento de adamantium, numa área quase do tamanho de um hangar de aeroporto. Tipicamente, apenas uma pequena porção do enorme espaço era usada; o restante do andar ficava no escuro. Contudo, quando as portas do elevador se abriram, Cutler ficou atônito ao ver o grande espaço todo iluminado. O laboratório todo se tornara uma colmeia de frenética atividade.

Luzes vermelhas piscaram sobre os olhos de Cutler quando ele deixou o elevador. perigo. zona sob quarentena. O procedimento de quarentena exigia trajes de proteção selados e pressurizados antes de entrar no local. Cutler estava preparado.

Ele entrou na catedral de paredes de aço e teto abobadado – um buraco aberto

dentro da rocha sólida. Pelo menos cinquenta médicos, assistentes, técnicos de informática e diversos especialistas, todos vestidos com o mesmo traje pressurizado de Cutler, acotovelavam-se em torno de um enorme tanque no centro do recinto.

O tanque estava vazio, mas foi fácil adivinhar quem seria o convidado de honra. Cutler empurrou Logan à frente, guiando o carrinho para o centro do laboratório. Quando a equipe médica o viu, correram para ele feito fanáticos cercando uma celebridade no tapete vermelho.

Cumprida a função de transporte, Cutler foi afastado para o lado. O empurrão mais veemente veio de seu cientista favorito, Dr. Hendry, o mesmo que o chamara de “capanga” e reclamara da condição de Logan quando o trouxeram.

Apressado para checar a condição física do paciente no painel, a voz de Hendry soou estridente nos fones de ouvido.

– Frequência cardíaca normal... Respiração normal... Pressão sanguínea normal. Certo, pessoal, vamos colocá-lo no tanque, já.

Uma equipe de técnicos levou o carrinho para perto da base do tanque, onde uma comporta à prova d’água no recipiente maior abriu-se. Usando outra comporta, a equipe médica acoplou o tanque menor no outro reservatório.

Finalmente, uma sopa biológica verde borbulhante foi bombeada para dentro do tanque maior. Após alguns instantes, o nível dos dois recipientes igualou-se. Quando os fluidos se misturaram, os técnicos literalmente flutuaram Logan do tanque para o recipiente maior.

Um especialista espremeu-se por outra abertura – tarefa difícil de executar num traje daqueles – e mergulhou dentro do tanque, ao lado do homem inconsciente.

Primeiro, ele acoplou os tubos intravenosos de Logan e o respirador nos sistemas embutidos no tanque maior. Depois usou um sensor manual para checar o status das centenas de sondas fincadas no corpo do paciente – uma sonda por vez. O processo levou muitos minutos, e diversas sondas foram marcadas e trocadas por outro especialista que também se espremera para dentro do tanque.

Finalmente, os dois homens fizeram sinal positivo para os médicos e saíram dali. As comportas foram fechadas, e mais fluido inundou o tanque até preenchê-lo quase por completo com líquido verde borbulhante. Conforme os técnicos caminhavam para o vestiário, robzinhos deslizavam pelo piso de metal polido, limpando a trilha de produto químico deixada pelos dois homens.

Terminais de computador reunidos em torno do tanque de contenção central zumbiram e clicaram quando seus sistemas começaram a interagir com as sondas do corpo de Logan. Consoles foram tomados por energia e as telas começaram a rolar dados indecifráveis que fluíam sem parar.

Movendo-se sem ser notado entre o mar de médicos, técnicos e especialistas, Cutler viu alguns rostos novos na cabine de observação – uma gôndola fechada

circundada por passarelas, pendurada no alto teto de pedra, bem no centro do laboratório.

Por trás da janela de vidro, um homem baixo e corpulento de meia-idade com uma barba castanha espessa e óculos de lentes grossas observava o procedimento no contêiner com interesse. Guardava as mãos nos bolsos de um jaleco manchado. Mesmo a distância, Cutler pôde ler o nome dele no crachá de segurança: Dr. Abraham B. Cornelius.

O nome lhe pareceu familiar, mas Cutler – viciado em notícias – não conseguiu se lembrar.

Ao lado do homem de meia-idade havia uma jovem vestida de verde-claro. Embora tivesse uma expressão lívida, mesmo de longe Cutler notou tratar-se de uma pessoa inteligente e intensa.

*Ou, mais provável, compulsiva e bitolada, como a maioria dos crânios por aqui.*

Ela parou de digitar no teclado de um pequeno computador de mão para afastar uma mecha do cabelo castanho liso de seu rosto élfico com um gesto impaciente.

*Sim. Compulsiva e bitolada,* Cutler concluiu.

Ele voltou sua atenção para o teto, onde um tampo de duas toneladas de metal, trazido à vida por tecnologia arcana, foi baixado por robustas correntes de aço. Quando a pesada tampa foi fixada, os técnicos subiram nela para conectar ainda mais canos, tubos e sensores.

– O tanque de contenção será selado em cinco segundos – alertou uma voz sem corpo. – Quatro... três... dois...

Com um silvo ruidoso que reverberou por toda a ampla câmara abobadada, o lacre a vácuo foi ativado.

– Tanque de contenção selado e pressurizado – declarou a voz sem corpo. – Ventilando...

Uma lufada de vento farfalhou papéis e fustigou os funcionários quando a própria atmosfera do laboratório foi sugada, sendo substituída por ar puro, filtrado. Os gases evacuados saíram para tanques de material perigoso que seriam dispostos segundo o regulamento da Agência de Proteção Ambiental do Canadá.

Em poucos minutos, as luzes vermelhas passaram para verde. A voz falou novamente:

– Laboratório principal descontaminado. Podem despressurizar seus trajes.

O grupo imediatamente destravou os lacres de pressão e retirou os capacetes. Muitos começaram a retirar também as roupas protetoras. Entre suspiros de alívio e risos de comemoração, inalaram o ar fresco e puro, limpando o suor da testa e acabando com coceiras que tanto os haviam atormentado.

Cutler tirou também seu capacete e as luvas, e os jogou numa esteira. Outros fizeram a mesma coisa. A esteira carregou o equipamento para um elevador que

transportava as roupas contaminadas para uma sala de esterilização em outro andar.

Subitamente, a voz do Dr. Hendry sibilou um aviso para a equipe.

– Atenção, senhores. O Professor está chegando.

Cutler jamais vira o famoso Professor de perto. Curioso, ele se virou para ver o Professor entrando no laboratório. O Dr. Cornelius e a moça já haviam deixado a cabine e entrado no piso principal. Eles assistiam, assim como os demais, ao mestre da instalação, o gênio por trás do experimento, juntar-se a eles.

– Como está o paciente? – perguntou o Professor.

– Fui informado de que sofreu alguns ferimentos – respondeu às pressas o Dr. Hendry, num tom deferente.

– Foi ferido seriamente?

Hendry balançou a cabeça.

– Nem um pouco.

– Algum corte profundo? Escoriações? Não podemos permitir vazamentos.

– Compreendo – Hendry disse, assentindo. – Plugamos tudo com muita firmeza. A boca do paciente, as narinas, ouvidos e ânus foram cirurgicamente selados, e um cateter bloqueia o trato urinário.

Abruptamente, o Professor virou-se para falar com outro.

– Bom dia, Dr. Cornelius. Estamos pronto para começar?

Ao conversarem, Cutler notou que o Professor tratava o Dr. Cornelius com certo respeito – consideração que parecia reservar para poucos. Dr. Hendry, por exemplo. Pelo visto, o Dr. Cornelius merecia tratamento igual, o que deixou Cutler surpreso e impressionado.

Quando a conversa rumou para uma falação técnica, Cutler voltou sua atenção para a mulher. Ela ouvia os sabichões com atenção arrebatada, como se escutasse a palavra proferida por Deus.

Cutler trocou o peso do corpo de um pé para o outro, na tentativa de chamar a atenção dela, e a mulher virou seus olhos muito verdes na direção dele. Quando cruzaram os olhares, ele fez um aceno polido de cabeça e abriu um pequeno sorriso.

Para sua surpresa, a mulher olhou para além dele, como se ele nem estivesse ali. Algo em seu olhar fixo, quase ausente, perturbou-o.

Finalmente, o Professor dispensou a maior parte da equipe.

– Todos que não farão parte dessa fase do experimento devem deixar o laboratório imediatamente – ele ordenou.

Quase toda a pequena multidão dirigiu-se apressadamente para o elevador. Cutler uniu-se ao rebanho.

Ao procurar espaço na cabine lotada, o soldado não pôde deixar de imaginar o que o Professor e os demais cientistas malucos tinham reservado para aquele pobre coitado que flutuava no tanque.

# IV · O FUGITIVO

*Alguém me observa. Sinto seus olhos. Curiosos. Penetrantes...*

Por muitos minutos, o Dr. Abraham B. Cornelius resistiu ao ímpeto de limpar a testa, levemente molhada de suor.

*Assim como nos degraus do tribunal... Todas aquelas lentes apontando... Repórteres latindo perguntas...*

A umidade aumentou. Dr. Cornelius a sentia toda na barba cor de caramelo, no bigode, nas sobrancelhas. E o pior de tudo, sentiu a testa melecada de transpiração. *Transpiração óbvia.*

*É para isso que estão olhando? Ou estão pensando o mesmo que aquelas pessoas no tribunal, as que apontavam e sussurravam: "É ele. Foi ele. Cornelius, aquele médico que matou a esposa e o filho".*

Dr. Cornelius quase não se aguentava em pé. Mergulhou a mão no bolso e sacou o lenço que sempre carregava – o mesmo em que a esposa bordara no canto um delicado C. Fingindo que os óculos precisavam ser limpos, fingiu esfregar as lentes fundo de garrafa, e então, muito casualmente, removeu o suor, espontâneo, indiferente.

*Olhos que me observavam. Dava para sentir. Como sinto agora. Mas talvez só estejam especulando. Talvez não saibam. Ou se sabem, não sabem de tudo...*

Enfiando as mãos de volta nos bolsos do jaleco branco amarrotado, Cornelius guardou o precioso lenço e analisou os rostos dos homens e mulheres ao seu redor na cabine de observação pressurizada.

Qual dessas pessoas está me encarando? Ou estão todas me observando? Preciso saber...

À sua esquerda estava Carol Hines. Nenhum "Doutora" antes do nome, nem título de nenhum tipo. Entretanto, após acompanhar o ritmo frenético com o qual ela trabalhara nos dias anteriores, Cornelius só podia supor que a *expertise* da moça era vital para o sucesso do experimento.

A pequena Srta. Hines tinha rosto de criança e o cabelo cortado num estilo severo, quase masculino, com franjas grossas e retas. Poderia ser descrita como atraente se suas feições não demonstrassem constantemente sua impaciência e insatisfação – o total oposto de sua esposa, alta e esguia, uma dedicada cientista de riso fácil cujo rosto, mesmo quando trabalhava intensamente, refletia animação, satisfação, até prazer.

Naquele momento, os intensos olhos verdes da Srta. Hines não estavam fixados



nele, mas num grande painel de cristal líquido do aparelho de mão. Sem piscar, ela digitava no teclado com eficiência robótica, o cenho franzido, agitado.

Quando o Dr. Cornelius foi apresentado à Srta. Hines muitos dias antes, ela mal o notara, e quase não olhara na direção dele desde então.

*Obviamente, não é ela...*

Cornelius voltou sua atenção, depois, para o paramédico curvado sobre o terminal ao lado da janela de observação. O homem quase não tirou os olhos do monitor desde que Cornelius chegara. Parecia hipnotizado pelos dados médicos que inundavam seu terminal, vindos do laboratório abaixo.

Subitamente, o homem ergueu a cabeça. Cornelius enrijeceu feito pedra, esperando ser reconhecido, acusado – mas o olhar do técnico passou por ele em direção ao cronômetro digital na parede.

Cornelius mudou sua atenção para outro técnico, que usava fones de ouvido e microfone na cabeça. O homem estava de pé, dividindo sua concentração entre dois painéis digitais no console e a atividade do outro lado do vidro.

Um momento antes, o laboratório principal fora preenchido por um gás antisséptico de eficiência quase total que criara um ambiente livre de germes, vírus e bactérias. A medida dracônica fora tomada para proteger o Experimento X da ameaça de contaminação durante a preparação pré-ligação e o período de transferência. Com o paciente completamente imerso num fluido suspenso estéril, o laboratório foi ventilado para se ver livre dos gases tóxicos.

Enquanto o técnico observava, seu monitor de leitura digital media a frequência e o volume de ar sendo bombeado de volta ao grande espaço. A tela ao lado media quanto de veneno era sugado para fora. Quando ambos piscaram em verde, o técnico falou ao microfone.

– Laboratório principal descontaminado. Podem despressurizar seus trajes.

Cornelius juntou-se aos outros à janela para espiar o laboratório abaixo. A equipe médica, aliviada, retirava os pesados trajes protetores, para depois jogá-los junto dos capacetes e luvas na esteira.

Em meio ao grupo, Cornelius avistou um rapaz robusto, forte, de cabelos louro-escuros e olhos azuis muito vivos. Com o rosto corado voltado para cima, o rapaz fitava abertamente a cabine de observação.

*É ele... ele que está olhando...*

Cornelius sentiu uma curiosidade intensa por detrás do olhar do homem, mas nada de reconhecimento, nem acusação, nem emoção em sua expressão neutra.

*Ele é uma espécie de policial, no entanto... Depois desse ano aprendi a reconhecer o olhar da lei quando o vejo. Federal, ou ex-militar, quem sabe. Vai ver é segurança particular. Mas não dos que só enrolam.*

Cornelius sabia que tinha razão. Após um ano em meio a essa realidade, ganhara

um sexto sentido para tais coisas.

Subitamente, um aviso soou dentro da cabine.

– Despressurizando. Podem descer para o laboratório.

Atrás deles, uma pesada escotilha de aço abriu-se com um sibilo agudo, e Cornelius foi para a saída junto dos outros. Fora da cabine, uma passarela estreita de malha de aço estendia-se por muitos metros; abaixo, uma queda de cinquenta metros ou mais.

Cornelius notou no ar o resquício da contaminação química. Sentiu arder as narinas, e imaginou por um instante se o laboratório fora totalmente purgado do desinfetante tóxico, ou se havia ocorrido um erro fatal no sistema de ventilação.

*Será que troquei uma câmara de gás por outra? Injeção letal por atmosfera letal?*

Agarrando-se com toda força ao corrimão, seguiu Carol Hines pela passarela, depois por um lance íngreme de escadas que levava ao nível principal.

Passando por entre os médicos e os técnicos, Cornelius sentiu-se mais à vontade – escondido em plenas vistas, anônimo num mar de rostos honestos envolvidos demais no trabalho para prestar muita atenção nele.

E então, como um arauto real, o Dr. Hendry disse:

– Atenção, senhores. O Professor está chegando.

Como os demais, Dr. Cornelius virou-se para cumprimentar seu mestre, seu defensor, o homem que prometera protegê-lo da lei – contanto que ele se doasse por completo a essa empreitada sem precedentes.

Andando ereto feito um orgulhoso general fiscalizando suas milícias, o Professor passou por entre os membros de sua equipe, encontrando os olhares ansiosos e respeitosos com um ar de superioridade polida, porém indiferente. Ocasionalmente, o Professor parou e se dirigiu a um técnico sobre alguma questão específica. Seu rosto permanecia impassível enquanto ele escutava a resposta, e como sempre fazia, seguiu sem comentar nada depois de ouvir o bastante. O Professor não era de desperdiçar palavras.

*Foi assim também a primeira vez que me encontrei com ele. Por que é tratado com tanta reverência e admiração por essas pessoas? Sei o poder que possui sobre mim, mas e quanto aos outros? Seriam todos voluntários? Será que todos se comprometeram por vontade própria com esse bizarro experimento?*

Antes de ser “recrutado”, o Dr. Cornelius encontrara o Professor duas vezes, entretanto cada encontro casual aconteceu nos momentos em que sua vida se encontrava numa encruzilhada.

O primeiro ocorrera muitos anos antes, quando o Dr. Cornelius encontrava-se em momento de triunfo profissional e felicidade na vida pessoal.

*Parece que faz tanto tempo... como se fosse outra época. Não. Como se fosse a*

Com um amplo sorriso, o decano do departamento de medicina cumprimentou o Dr. Cornelius à porta, apertando a mão dele como a um irmão perdido. Perante uma centena de colegas, ele ofereceu uma brilhante introdução para um público internacional que incluía professores e pupilos de Cornelius, da época da faculdade de medicina.

Foi simplesmente o momento mais gratificante de sua carreira. Retornar a seu país adotado, a sua alma *mater*, para apresentar ao mundo seus bem-sucedidos resultados – anos que, de muitos modos, já haviam sido recompensados, em seu julgamento, pela bela mulher que o assistia da primeira fila.

– Como pesquisador, e como membro estimado da comunidade acadêmica tanto aqui no Canadá quanto nos Estados Unidos, o Dr. Cornelius é conhecido por todos nós como um pensador revolucionário no campo da imunologia – declarou o decano. – Mas Abraham Cornelius recusou-se a permitir que suas conquistas parassem ali. Ele retornou ao seu país natal e recebeu um diploma de biologia molecular e o primeiro doutorado no ramo da nanotecnologia biomédica.

Cercado por ovação e aplauso, Cornelius se sentiu embaraçado pela chuva de apoio efusivo da parte de seus colegas.

– Neste dia importante – continuou o decano –, o Dr. Cornelius retornou a nossa escola de medicina para apresentar uma série de novas técnicas e tecnologias para a supressão do sistema imunológico do corpo durante procedimentos de transplante até então considerados impossíveis. É meu privilégio e prazer apresentar-lhes o Dr. Abraham B. Cornelius.

Cornelius se levantou, agradecendo pelos aplausos calorosos, e então, perante uma audiência internacional composta por especialistas nos ramos da cirurgia de transplantes, função neurológica e substituição de membros biônicos, apresentou suas teorias.

– Acredito que a ameaça da rejeição de tecidos consequente de muitos procedimentos de transplante logo será problema do passado...

Durante os 85 minutos seguintes, ele apresentou diversos equipamentos nanomédicos que desenvolvera – junto de novos procedimentos cirúrgicos que abririam novos caminhos no reparo e substituição de órgãos danificados, músculos e até tecidos nervosos.

– Em breve, os aparelhos microscópicos programáveis injetados dentro do corpo humano combaterão infecções, destruirão tecido canceroso sem prejudicar células saudáveis e travarão batalhas contra o próprio sistema imunológico do corpo após a cirurgia de transplante.

Quando o seminário terminou, praticamente todos os membros da plateia correram ao palco para exaltar o potencial sem limites da pesquisa inovadora de Cornelius. Muitos, inclusive o decano da faculdade, instaram Cornelius a fazer testes com humanos assim que possível.

– Ah, bem, isso terá que esperar – ele disse à plateia durante uma sessão improvisada de perguntas e respostas. – Não sei se estou preparado para testes clínicos. Talvez daqui a um ano. Ou dois, o que é mais provável. Ainda estou tentando completar os testes com animais. Depois tenho que correlacionar os resultados, escrever outro artigo e apresentar o que espero que sejam os resultados positivos. Claro, tenho também o problema sempre presente do financiamento... ou a falta dele.

Os colegas sorriram, tendo enfrentado a mesma dificuldade. Então, Cornelius tocou no ombro da mulher que estava ao seu lado. Ela sorriu e passou o braço em volta de sua cintura.

– E porque minha ex-assistente, a Dra. Madeline Vetri, acaba de aceitar tornar-se minha esposa, também terei que organizar um casamento e uma lua de mel. E a futura noiva disse que minha presença nos dois eventos é obrigatória.

Madeline riu e cutucou-o no braço.

Os opostos se atraem, dizem, e o Dr. Cornelius e sua noiva não poderiam discordar. Ela era franco-canadense, ele, cidadão dos Estados Unidos descendente de irlandeses judeus. De rosto simples e um pouco barrigudo, ninguém veria em Abraham Cornelius um astro de cinema, enquanto Madeline Vetri costumava ser sempre a mulher mais atraente em todo lugar em que estava. O cabelo longo e brilhante era muito preto, contrastando com os cachos desgrehados do médico, e ela era esguia e alta, ao contrário dele, baixo e atarracado – mesmo sem usar salto alto, a mulher era bem mais alta que ele. E enquanto ele tinha modos quietos e reservados – um crítico mais duro diria até mesmo enfadonho –, cada gesto de Madeline era cheio de graça e energia vivaz.

Mais aplausos e mais congratulações foram oferecidos diante do feliz anúncio – depois cessaram abruptamente. À entrada do auditório, irrompeu-se um frisson de excitação.

– É o Professor – alguém murmurou, e todos viraram para ver.

– Bem-vindo, senhor... – disse o decano, com um aceno respeitoso de cabeça, quando o homem que chamavam de Professor caminhou até o centro da sala.

Foi como se abrissem o Mar Vermelho. Médicos, pesquisadores, acadêmicos – todos deram um passo para trás em calada admiração quando o Professor passou. Finalmente, ele parou na frente do Dr. Cornelius.

– Li seu artigo – disse, sem preâmbulo e sem estender a mão. Por trás das grossas lentes dos óculos, os olhos do Professor eram ilegíveis, inexpressivos. – Seu

trabalho tem potencial, Doutor. E promete muito para futuros propósitos científicos. Mas devo concordar com meus colegas...

O olhar frio do Professor atingiu a mulher ao lado de Cornelius.

– ... quando dizem que você deveria deixar de lado quaisquer... distrações... que possa ter em sua vida pessoal e concentrar-se unicamente nos testes clínicos. Todo o resto seria contraproducente, uma perda de tempo.

Completada a declaração, o Professor umedeceu os finos lábios. Para Cornelius, o gesto pareceu vagamente reptiliano.

A seu lado, sentiu a noiva ficar tensa. Pegou-a pela mão, virou o rosto para encontrar os olhos dela e tranquilizá-la. A frase do Professor foi enervante – mas quando Cornelius virou-se para mandar o homem pedir desculpas, ele já não estava mais ali.

– Meu Deus, quem é esse homem ridículo? – Cornelius perguntou ao decano, que o guiou para longe dos outros antes de responder.

O Dr. Cornelius ficou chocado quando descobriu a identidade do Professor. Perdoar o insulto à noiva não seria fácil, entretanto ele não podia deixar de se sentir animado. Sua pesquisa acabava de ser endossada por um dos mais brilhantes cientistas desde Albert Einstein.

• • • •

– Bom dia, Dr. Cornelius. Estamos prontos para começar?

Arrancado de seu devaneio, Cornelius sorriu, abatido.

– Bom dia, Professor. Sim, acredito que tudo ocorreu com tranquilidade. Pelo menos, foi o que pareceu visto da cabine de observação.

O Professor estava imóvel, ilegível e sem demonstrar emoções, as mãos atrás das costas.

– E seus nanochips estão prontos para injeção?

Cornelius dirigiu a atenção do Professor para o tanque.

– Logo ali, Professor... dentro do recipiente azul.

Ele apontou para uma jarra de metal em forma de gota do tamanho de uma lata de inseticida comum. Estava acoplada a uma comprida agulha de injeção situada entre um grupo delas localizado no teto do tanque de contenção.

– Devemos começar o processo?

– Assim que estiver pronto, Professor. Os nanochips serão injetados diretamente no coração, simultaneamente, e então os aparelhos microscópicos serão dispersos por todo o corpo rapidamente. Os chips devem fundir-se aos ossos do sujeito em menos de um minuto.

O Professor mal se moveu, depois se afastou para interrogar outro membro da equipe. Como bajuladores de um candidato vencedor, a multidão o acompanhou.

Apenas Carol Hines permaneceu ao seu lado. Pela primeira vez desde que se conheceram, a moça mostrava um pouco de interesse por algo que não envolvesse sua máquina, o MER.

– Uma injeção direto no coração dele? – ela perguntou. – O que vão bombear para dentro do Experimento X, afinal?

– Um chip de silício com memória codificada. Muitos milhões deles, na verdade. Cada um cria uma válvula microscópica que vai aderir às pequenas fistulas dos ossos. As válvulas são autossustentáveis e podem até usar nutrientes absorvidos pelo corpo para substituir as que funcionam mal ou desgastam.

– Quer dizer que elas se reproduzem?

– Precisamente.

– Entendo... E qual é seu objetivo com isso?

– Bom, o primeiro objetivo é revestir o esqueleto do sujeito com adamantium para aumentar a massa óssea e a força de tensão. Mas como os ossos são organismos vivos, e órgãos vitais propriamente ditos, visto que a medula óssea é quem produz o sangue, eles não podem ser totalmente cobertos pelo metal, senão morreriam, e também o paciente.

Carol Hines assentiu.

– Você precisa de poros. Buracos que permitirão que o sangue passe pela barreira de metal.

– Isso mesmo.

– E a nanotecnologia cria esses poros?

– Mais precisamente, ela os substitui – Cornelius explicou. – Os ossos humanos já têm poros minúsculos que permitem a passagem de fluidos. Meus chips vão procurá-los e substituí-los em suas funções assim que o processo de revestimento de adamantium for concluído.

Apesar das reservas em relação ao projeto e suas suspeitas para com o Professor, Cornelius via-se aturdido ao descobrir que o trabalho dos dias anteriores havia estimulado um pouco de seu amor pela descoberta científica. E não fazia mal que a geralmente reservada Srta. Hines tenha subitamente se interessado pela área de *expertise* dele. Fazia muito tempo que ele não se sentia necessário.

– Bom, tenho minhas dúvidas – disse uma voz alta num tom decididamente hostil.

– Na verdade, Dr. Cornelius, temo que sua tecnologia cause mais prejuízo do que melhoria. Por que tem tanta certeza de que esses seus nanochips não degradarão a integridade do meu revestimento de adamantium?

O Dr. Cornelius encontrou o olhar cético do Dr. Hendry com uma expressão bastante austera.

– Primeiro – ele respondeu –, meus nanochips podem suportar o poder destrutivo de adamantium derretido porque são, na verdade, três vezes mais resistentes que o

próprio metal. Então a pergunta que você deve fazer, Dr. Hendry, é se o seu adamantium vai degradar a integridade da minha nanotecnologia.

Hendry não se abalou.

– O que você conclui?

– Um inequívoco não. Por quê? Porque esses dois processos muito complexos são complementares...

– Complementares ou contraditórios? – Hendry replicou rápido.

– ... o que significa que, apesar das diferenças óbvias, as duas tecnologias vão trabalhar juntas para alcançar um mesmo objetivo: tornar os ossos do paciente virtualmente indestrutíveis.

– Acalma-me ouvi-lo dizer isso – Hendry respondeu, com um tom ainda cético. – Alguns de nós, aqui no Departamento K, devotaram anos de suas vidas para esta empreitada. Não queremos nada além do sucesso do projeto Arma X.

Cornelius ergueu uma sobrancelha. Lá estava a resistência. Bem ali. Ele era o cara novo, o aluno de intercâmbio famoso, vindo de terras desconhecidas. Ele se infiltrara entre os outros sem muito aviso, trazendo na bagagem uma pesquisa inovadora – e todos se ressentiam disso.

– Certamente, você entende a nossa trepidação – Hendry prosseguiu. – Afinal, não queremos que nossos esforços, todo o nosso duro trabalho, seja prejudicado pelo uso de um processo tecnológico imprudente, não testado, trazido por um... novato.

Cornelius tentou não rir em voz alta. *Novato, de fato.*

– O Professor expressou a maior confiança em minha tecnologia – ele disse, calmo.

Hendry ia responder, mas foi interrompido pela voz que explodiu pelos alto-falantes.

– O processo de ligação começará em trinta minutos. Todos os funcionários devem assumir seus postos e começar os procedimentos de pré-ligação.

O Dr. Hendry deu meia-volta no mesmo instante e se afastou. Dr. Cornelius pretendia acompanhar a Srta. Hines até sua estação de trabalho, localizada ao lado da dele. Mas quando se virou na direção dela, não havia ninguém ali.

• • • •

Na verdade, Cornelius se perguntava por que tinha uma mesa só para ele – e tão perto do Professor, que o deixava desconfortável. Era como sentar-se na primeira fila na sala de aula para assistir à aula de um professor exigente.

*Como se eu tivesse muito que fazer por aqui...*

Ele levou cinco minutos para conectar seu computador com os monitores biológicos ligados ao corpo do paciente. Com quase vinte minutos para o início do processo de ligação, ele não tinha absolutamente mais nada que fazer.

Para Cornelius, boa parte do intenso trabalho ocorreu durante a destilação da solução de silício líquido, e o processo químico de cristalizar a substância, o que ajudava a codificar a programação nas próprias moléculas. Assim que a nanotecnologia foi formulada e selada a vácuo num recipiente estéril, o trabalho de Cornelius estava praticamente terminado.

Depois que os nanochips fossem injetados no corpo do Experimento X, estariam fora do controle de qualquer um. Na corrente sanguínea, a programação interna tomaria as rédeas. Tudo o que o Dr. Cornelius podia fazer naquele ponto era monitorar o progresso deles.

*Então por que estou aqui? Nem mesmo o inestimável Dr. Hendry – o braço direito do Professor – tem um lugar tão especial para acompanhar esse experimento tão crucial.*

Claro, o Dr. Cornelius estava ciente de uma habilidade que possuía e que se provaria útil. Se os nanochips falhassem por completo, ele poderia liberar um hormônio sintético, de sua invenção, dentro do corpo do paciente. A substância essencialmente “mataria” os nanochips, que seriam, então, filtrados do corpo pelo fígado, para serem eliminados como dejetos. Se isso acontecesse, significaria o fim do experimento – e do Experimento X.

*Sem buracos nos ossos do pobre diabo, ele morrerá. Lentamente, dolorosamente, seu esqueleto será asfixiado enquanto o restante do corpo enfraquece devido à escassez crescente de sangue.*

*Mas para que afundar no pessimismo?*

Cornelius nunca quis fazer parte dessa pesquisa. Sua intenção sempre fora ajudar a humanidade, curar doenças – não criar uma espécie de superarma. Não transformar um homem numa máquina de matar. Uma ferramenta implacável de guerra.

Inconscientemente, Cornelius começou a massagear as têmporas. Uma dor surgia nos fundos de seus olhos.

*Como é que fui parar no meio dessa gente? Fazendo esse tipo de trabalho? Preso neste lugar?*

• • • •

Após a triunfante conferência na Escola de Medicina da Universidade McGill, o tempo de Cornelius fora absorvido por sua intensiva pesquisa e, é claro, por seu casamento. Ele deixara o encontro desagradável com o Professor fora de seus pensamentos até o segundo dia da lua de mel, quando uma garrafa muito cara de Taittinger’s Blanc de Blanc foi entregue à sua cabine a bordo do navio *Delphi*.

“faço votos de que sejam felizes no casamento”, dizia o cartão. Assinado pelo Professor.

Recordando a reação negativa do homem a seu casamento iminente, Cornelius



ficou surpreso ao ver que o Professor era capaz de um gesto tão magnânimo.

Considerou mencionar o presente a Madeline, mas a lembrança da conduta de mau gosto do homem na conferência o impediu. Cornelius rasgou o cartão e jogou-o no vaso sanitário. Mais tarde, naquela noite, o casal celebrou o casamento acabando com a garrafa de champanhe do Professor de uma única vez.

Durante aquela semana extraordinária, Madeline Vetri Cornelius concebeu seu único filho. Um menino que nasceria nove meses depois, batizado Paul Phillip Cornelius, em homenagem ao pai de Madeline, um arquiteto famoso em Quebec, sua cidade natal.

E então veio a agonia, e começou uma descida espiralada. Uma doença que lhe tomou toda a alegria, e a loucura que resultara em assassinato...

Seis meses depois, após a entrega da acusação formal de duplo assassinato, Cornelius, em vez de enfrentar uma cela de cadeia ou uma execução, tornou-se um fugitivo. Seu advogado convencera o juiz de que era desnecessário mantê-lo sob vigilância, que um membro estimado da comunidade médica não fugiria.

Mas Cornelius fugiu.

Meses depois, começara a viver o que pensava ser uma vida anônima num pequeno estacionamento para trailers em Syracuse, Nova York, quando recebeu um pacote. Sem selo por fora, nem marcas do correio – o que significava que o envelope pardo fora enfiado em sua caixa de correspondências por alguém enquanto ele trabalhava de madrugada num depósito local de suprimentos médicos. O envelope vinha endereçado a Ted Abrams – o nome que ele usava na época –, mas quando olhou dentro, ficou claro que o desconhecido remetente conhecia sua verdadeira identidade.

O primeiro impulso de Cornelius foi esconder-se da verdade. Largou o envelope num canto. Com as mãos trêmulas, fez seu café da manhã e tostou duas fatias de pão. Temporariamente confortado pela cafeína, pegou o envelope e virou todo o conteúdo na mesa, ao lado do prato.

Dentro havia mais de uma dúzia de recortes de jornal com artigos reunidos ao longo dos dezoito meses anteriores. As histórias todas cobriam o mesmo assunto – a fenomenal ascensão e terrível queda do Dr. Abraham B. Cornelius, de estimado imunologista a assassino duplo fugitivo.

O envelope também continha uma nota escrita em letras garrafais enormes, quase infantis:

Você está sendo observado. Às 23h00 de hoje, deve esperar em frente à Biblioteca Municipal de Buffalo, Nova York. Se tentar fugir antes do encontro, sua

localização será vazada para as autoridades. Se não conseguir comparecer ao encontro, sua localização será vazada para as autoridades. se concordar com esses termos, ligue agora para esse número.

Havia um número de telefone escrito em vermelho logo abaixo da mensagem. Claro, não havia assinatura.

*Isso é chantagem? Mas por que simplesmente não pediram dinheiro? Que motivo há por trás dessa história de encontro? Por que diabos tenho que ir até Buffalo para uma maldita armadilha?*

Ele fitou o que restava do café, esfriando na xícara, a manteiga congelava sobre o pão seco que tinha no prato. Hesitante, Cornelius ergueu o telefone e discou. Chamou uma vez só. Então uma voz de homem respondeu com duas palavras.

– Sábia decisão.

O telefone ficou mudo. Cornelius deu um murro na mesa. Enraivecido pela grosseira manipulação, e por ser tratado de maneira tão desdenhosa, rediscou o número imediatamente.

Dessa vez, ouviu uma mensagem gravada afirmando que o número estava fora de serviço. Tentou ligar de novo, mais uma vez, e outra – tendo o mesmo resultado.

Naquela tarde, com raios de um amarelo fraco entrando pelas janelas sujas de seu trailer, Cornelius ficou virando de um lado para o outro na cama estreita. Às cinco da tarde, levantou-se. Muito da luz solar ainda restava daquela tarde de verão, e Cornelius pensou se devia tomar mais uma xícara de café.

Finalmente, decisão tomada, tomou banho, fez a barba, colocou alguns itens de necessidade numa pequena bolsa e deixou o trailer sem olhar para trás. Devia entrar no trabalho, no depósito, em uma hora, mas não apareceria naquela noite, nem nunca mais. Cornelius sabia que, independente do que acontecesse no encontro forçado, ele jamais retornaria a Syracuse.

No caminho para Buffalo, notou uma tempestade avultando-se no céu escuro. Quando chegou, as nuvens haviam se espalhado, e a cidade ganhara um tom acinzentado sob o sombrio aguaceiro.

Enquanto esperava, sob um poste de iluminação debaixo de chuva, ouviu o relógio de um campanário próximo soar onze horas da noite. Ao erguer a cabeça, viu uma figura emergir da cortina de água. Cornelius imaginou se aquela seria a pessoa com quem se encontraria ou somente um transeunte.

*Talvez tivesse sido melhor o homem me dar um código ou senha, para que eu pudesse reconhecê-lo como o verdadeiro chantageador.*

Apesar de sua tristeza, Cornelius chegou a rir.

*Código secreto. Que ridículo. Desse jeito, seria um completo e absurdo melodrama de espionagem.*

Não foi preciso nenhum código, no fim das contas. O homem foi até Cornelius e ergueu o rosto. Enquanto uma pequena cascata de água da chuva descia pela aba larga do chapéu, ele reconheceu os traços refinados do Professor, com os óculos grossos salpicados de gotas de chuva.

– Professor, eu...

– Não diga nada. Apenas ouça com atenção. Tenho uma proposta para você. Não me diga quão grato está. Agora não. Nem nunca. Pois minha oferta não é caridade.

– O que quer de mim, então? Não tenho dinheiro nem reputação. O que posso...

– Preciso de suas capacidades especiais – disse o Professor. – É tudo que exijo de você por ora.

– Mas...

– Se aceitar minha proposta, será levado às escondidas pela fronteira canadense durante a próxima hora – o Professor continuou. – Se recusar, está livre para ir sabendo que não vou expô-lo às autoridades. Mas tenha em mente, doutor, que será apenas questão de tempo para que o FBI o alcance.

O Professor fez uma pausa para que suas palavras fossem assimiladas.

– A propósito, você merece meus parabéns. – O Professor tinha o olhar vazio, inexpressivo como no dia em que Cornelius o conhecera. – Sabia que entrou para a lista dos Dez Mais Procurados do FBI? O fato saiu na imprensa ontem mesmo.

A notícia ainda não havia chegado a Cornelius. Ele sentiu um nó no estômago.

O Professor inclinou-se para mais perto, a ponto do outro sentir seu hálito na bochecha.

– E sabia que a filial do FBI em Syracuse recebeu um alerta sobre a sua presença na jurisdição deles? Fizeram uma batida naquele trailer que você chama de casa... e no depósito em que trabalha. Se não estivesse aqui comigo, estaria trancado numa cela a uma hora dessas.

Cornelius sentiu o pânico trancando-lhe a garganta. Precisava de ar. O Professor o cercava, pressionava.

– Qual é sua oferta? – Cornelius ralhou de volta. – Quero ouvir todos os detalhes antes de aceitar seu trabalho, ou de qualquer um. Fico com quem pagar melhor.

O Professor pareceu surpreso com o estratagema óbvio do médico – numa tentativa de recobrar certa medida de controle. Um pequeno sorriso ergueu as pontas de seus finos lábios. Sob a luz do poste de iluminação, o sorriso do Professor lembrou a Cornelius uma caveira.

– Ora, ora, Dr. Cornelius. Não seja ridículo... Acha mesmo que tem escolha?

– Professor? Dr. Cornelius? Podemos começar o procedimento agora.

O Professor assentiu para o Dr. Hendry, depois fitou Carol Hines.

– O MER conectou-se com o cérebro do paciente?

– Conexão realizada, Professor – ela respondeu secamente.

– Dr. MacKenzie, desative os atenuadores cerebrais.

Com o acionar de um interruptor, o psiquiatra cortou a energia dos geradores, e o fluxo constante de energia ultrassônica, precisamente afinada a uma frequência que paralisava o cérebro de Logan, subitamente cessou.

– Estou detectando um pico ligeiro na atividade cerebral do paciente – o Dr. MacKenzie avisou imediatamente.

– É um erro – disse Carol Hines.

– Tem certeza disso? – MacKenzie retrucou, os cabelos ruivos arrepiados. – Não pode haver nem um lampejo de atividade cerebral, nem mesmo sonho, ou o paciente pode ser capaz de prender-se a algumas facetas de sua personalidade mesmo após o condicionamento.

– É uma anomalia – insistiu Hines. – Já vi esse fenômeno. Ocorreram picos com sujeitos na Nasa, geralmente quando o sono era interrompido.

– O que poderia causar tal atividade cerebral? – perguntou MacKenzie.

Hines deu de ombros.

– Há diversas teorias – ela respondeu. – Podemos estar vendo atividade elétrica casual dentro do hipotálamo, a área do cérebro que controla as funções corporais... ou reações químicas contínuas dentro da glândula pituitária. Mas, é claro, são apenas conjecturas.

O Professor pareceu satisfeito com a explicação, embora o Dr. MacKenzie continuasse incerto.

– As ondas que vi no monitor sugerem atividade no córtex cerebral – insistiu o psiquiatra. – Muito provavelmente não se trata de atividade elétrica casual ou química.

MacKenzie olhou feio para Hines, que não se abalou. Coube ao Professor solucionar o impasse.

– O que está vendo agora no monitor encefalográfico, Srta. Hines? Dr. MacKenzie?

– A interface com o MER foi realizada – disse Carol Hines. – No momento, não há atividade cerebral que não controlemos.

MacKenzie hesitou, depois concordou.

– A tela ficou em branco... agora. Talvez a Srta. Hines esteja certa em suas suposições.

O Professor fez um aceno.

– Muito bem, então. Prossigam.

– Estágio Um, pessoal. Preparar para injetar nanochips – disse o Dr. Hendry, de olho em Cornelius.

Este digitou algo no teclado e seu programa apareceu no monitor. Curvado sobre o terminal, ele entrou o código que liberava o injetor.

M-A-D-E-L-I-N-E

A tela piscou: código aceito.

Depois: iniciando procedimento de injeção.

Finalmente, o monitor mostrou: pronto para injeção.

Cornelius estendeu a mão até o controle, depois hesitou, com o dedo carnudo parado em cima do botão.

Um instante se passou. E mais um. Cornelius continuava hesitante.

Subitamente impaciente, o Professor levantou-se da cadeira.

– Doutor... prossiga.

Um chiado hidráulico veio de dentro do tanque borbulhante, e uma agulha muito afiada saiu de sua bainha feito a garra de um gato. Ela desceu até que a ponta acariciou a carne macia.

Então a ponta afiada mergulhou por entre músculo e osso, e foi fundo no coração palpitante de Logan. A figura no tanque sacudiu-se uma vez, depois se chacoalhou num espasmo longo, contínuo – uma reação não esperada que disparou alarmes em meia dúzia de monitores.

Especialistas e médicos passavam de monitor a monitor, e o laboratório foi tomado por vozes esbaforidas.

Então Cornelius ouviu, ou imaginou ter ouvido. Um grito humano que lhe rasgou as entranhas. Um lamento que superou os alarmes e os gritos da equipe médica. Os gritos trêmulos de uma criança cheia de dor, guinchando em agonia inimaginável.

# V · A MISSÃO

Logan estava caindo, descendo por um buraco negro. Uma rajada insistente de vento frio batia em seu corpo e rugia dentro de sua mente. Ele procurara lembranças, algo em que se apoiar.

*Não há nada.*

O pânico logo veio preencher o vazio.

*A tempestade me pegou. O furacão.*

Ele moveu os dedos das mãos, dos pés, e descobriu-se envolvido por um asfixiante casulo tecnológico. Ouviu o som áspero da própria respiração, quente por trás de uma máscara de oxigênio que cobria nariz e boca. Ele virou o rosto – e bateu na parede de um capacete temporizado ciberneticamente. Do outro lado do visor, apenas escuridão – e então um cursor piscando, brilhando a um centímetro de seu olho esquerdo.

Logan viu a tela diante de si executar sua sequência de inicialização, depois conectar-se com um satélite geoposicionador na órbita da Terra. Dois segundos depois, o ícone projetou um mapa do terreno abaixo dentro do visor.

Logan reconheceu o mapa, o terreno muito familiar, e sua memória o inundou com uma clareza cristalina.

*Devo ter batido a cabeça... caído de ponta-cabeça...*

Conforme os parâmetros da missão iam voltando à sua mente, dados cruciais rolavam pelo visor. Velocidade do vento, do ar, temperatura externa – frios setenta graus abaixo de zero –, a frequência e o ângulo de descida, longitude e latitude. O altímetro dizia a Logan que ele estava em queda-livre de uma altitude de 13 mil metros.

Em algum lugar acima dele – provavelmente quilômetros de distância –, o discreto MC-140 do qual ele saltara voava a toda velocidade em direção à fronteira. Devia haver alguns MIG-22s norte-coreanos o perseguindo, também. Logan silenciosamente desejou sorte aos pilotos em seu caminho para casa.

Apenas 63 segundos a mais de queda-livre. Aos 6 mil metros, as asas do HAWK seriam acionadas automaticamente, e os repulsores se ligariam para desacelerar a descida. Até aquele momento, Logan continuaria caindo feito uma pedra.

Ele reparou na hora local: 0227 – meio da noite.

– Terreno e objetivo – ele disse, com a voz seca e rouca devido ao oxigênio puro que engolia.

A tela mudou. Contornado com muito mais detalhes, Logan viu a silhueta digital

de morros e uma estreita estrada que serpenteava entre eles. Ao norte, um lago artificial contido por uma represa de concreto. Ao pé da represa, uma hidrelétrica cercada por cercas duplas e triplas, torres de vigilância, diversas estruturas de madeira com latrinas destacadas – provavelmente quartéis – e uma arma antiaérea.

Finalmente, Logan avistou seu objetivo – um agrupamento de estruturas circulares nas margens de um rio raso criado pelo escoamento da represa. As estruturas de três e quatro andares pareciam ser depósitos de combustível. Mas para que estocar combustível ao lado de uma hidrelétrica? É a água que aciona os geradores; não precisavam de combustível.

Mais agourentos, relatórios confirmaram que peixes mortos andavam aparecendo na porção mais distante, onde o escoamento da represa fluía para um rio maior. A equipe de inteligência da JTF-4 acreditava que uma substância tóxica era a causa – um poluente químico, biológico ou possivelmente nuclear. A inteligência concluía que o poluente vinha daquela usina supostamente inocente, o que significava que o local gerava mais do que energia. Os norte-coreanos também deviam estar fabricando armas de destruição em massa no local. A Inteligência Canadense queria saber que tipos de armas, e em que quantidades – motivo pelo qual Logan e seu parceiro foram enviados naquela missão.

Em seu visor, plainando sobre o mapa brilhante, Logan viu um segundo pontinho. Invisível a olho nu, outra figura mergulhava pela noite não muito longe dele – Neil Langram, seu parceiro. Os dois homens pousariam em diferentes áreas, depois se encontrariam no solo.

Um alarme mudo soou dentro do capacete de Logan, e seu treinamento entrou em ação. Ele enrijeceu a espinha e levou os braços à frente da cabeça, como se fosse mergulhar nas águas escuras e brilhantes lá de baixo. Espinha ereta, ele abriu bem os braços e as pernas para formar a letra X.

Um segundo alarme. Logan preparou-se, músculos tensos, quando o leitor começou a contagem regressiva.

Quatro... três... dois... um...

Com um súbito solavanco, as “asas” se abriram. Membranas de um tecido livre de fricção similar ao couro surgiram de costuras escondidas sob os braços de Logan, ao longo do tronco, até as pernas. Tiras flexíveis dentro das asas foram instantaneamente preenchidas com ar comprimido, dando forma à membrana e criando um aerofólio.

Mas Logan continuou caindo de ponta-cabeça, e a velocidade da descida quase não diminuiu. Se ele tentasse pegar vento e nivelar-se, o HAWK seria arrancado pela pressão, e ele mergulharia para a morte.

Um cursor piscou. Números digitais. Outra contagem.

E então as unidades repulsoras Mark III das Indústrias Stark ligaram. Cada um dos



aparelhos em forma de frigideira era capaz de disparar três explosões de um segundo antes de exaurir seu suprimento de energia – mais do que o suficiente para desacelerar a descida de Logan.

Mas quando as unidades dispararam, Logan sentiu uma dor aguda, como uma faca penetrando seu coração. Ele dobrou-se devido à agonia e caiu ainda mais rápido. Alarmes soaram em seus ouvidos, e o barulho misturou-se ao uivo do vento. Para Logan, a escuridão da noite parecia se tornar verde fosforescente.

Subitamente, uma explosão em sua mente – um surto vermelho de dor. Um gemido escapou pelos lábios de Logan. Em meio à agonia, ele imaginou se o equipamento tivera algum problema de funcionamento.

Logo, a angústia recuou e Logan foi capaz de se concentrar. Ele lutou para ter mais controle do traje voador aerodinâmico contra as inconstantes correntes de ar. Com um pouco de esforço, ele conseguiu nivelar-se quando faltavam uns dois mil metros. Ficou plainando em paralelo ao horizonte em bons trezentos quilômetros por hora.

– Alvo.

De imediato, um pontinho apareceu piscando no mapa em seu visor, destacando um local na encosta de um morro baixo além da represa e da hidrelétrica. Logan ainda estava a muitos quilômetros de lá. Ele trocou para a visão infravermelha e ganhou uma vista panorâmica tingida de rubro dos arredores.

– Modo telescópio... Aumentar... Aumentar... Pare.

A visão noturna telescópica revelava cada detalhe do solo abaixo. Embora estivesse ainda muito longe, Logan conseguia enxergar os veículos estacionados perto do topo da represa e um portão de segurança não detectado previamente. E no vale abaixo da represa, via guardas em torres de vigilância, e outros homens de uniforme com cães caminhando pelo perímetro das cercas, dos dois lados.

Movendo os braços, ele deslizou num mergulho íngreme, ocasionalmente ajustando o curso devido às rajadas de vento e às correntes geradas pelos morros.

Para Logan, essa era a única parte legal da descida com o HAWK – voar feito um pássaro em suas próprias asas...

Ao aproximar-se do alvo, soube que a diversão estava prestes a acabar.

Seu plano era pairar sobre as instalações no intuito de determinar a qualidade e a força das equipes de segurança. Depois, se tudo seguisse de acordo com o planejado, encontraria o local de pouso, aterrissaria sem ser detectado, desceria o morro, cruzaria a represa, passaria pelo vale, pularia a cerca e entraria na hidrelétrica – tudo isso enquanto evitava contato com os guardas, os cães e quaisquer minas ou sistemas eletrônicos de vigilância que poderiam haver em torno do complexo.

– Uma moleza – disse Langram.

*Entendido.*

Logan notou que o outro pontinho estava um pouco acima e atrás dele – Langram, ainda no alvo. Logan sabia que o parceiro logo mudaria de rota para pousar no lado oposto do lago. Desse modo, se algum deles fosse capturado ou morto, o outro ainda poderia completar a missão.

Ele e Langram manteriam estrito silêncio no rádio durante toda a operação. Não se encontrariam até que estivessem além dos tanques de armazenamento, ou talvez só depois que alcançassem o ponto de extração, após o fim da missão.

*Claro, se as coisas ficarem muito feias para qualquer um de nós, não nos encontraremos de jeito nenhum.*

Subitamente, uma corrente poderosa empurrou Logan, tirando-o centenas de metros do curso. Ele manipulou os jatos duplos de propulsão do HAWK – ativados por sensores nas luvas e um botão na palma de cada mão – para compensar a pressão do ar. Em questão de segundos, estava de volta à rota. Seu sistema de controle computadorizado assumiu o comando para mantê-lo no alvo.

Logan ficou maravilhado com a qualidade do novo dispositivo, e como os HAWKs haviam se tornado intuitivos ao uso.

*Não é mais como nos velhos e terríveis tempos.*

Logan lembrava-se de que os primeiros protótipos de HAWKs eram apenas planadores sem potência própria feitos de couro, lona e lycra, acoplados em trajes de batalha padrão da S.H.I.E.L.D. Aqueles modelos iniciais não eram muito confiáveis e não possuíam os encantos das versões melhoradas. Logan imaginou como se viraria sem um capacete pressurizado, unidade de aquecimento, visor digital, controle computadorizado sem fio, GPS, visão noturna de infravermelho – ou mesmo sem as unidades de propulsão.

O HAWK atual até eliminava o risco de ser detectado por radar. Cobertos por um material nanomagnético complexo, absorvente de ondas – uma versão flexível da cobertura usada para camuflar aeronaves –, deixava Logan e Langram invisíveis a toda forma de detecção eletrônica e vigilância de tecnologia de ponta.

Claro, uma melhoria ainda precisava ser feita. Ninguém na S.H.I.E.L.D. havia inventado um modo de facilitar o pouso do HAWK. Logan não usava o equipamento fazia alguns anos e se arrependia do fato. Conforme o solo começava a se aproximar, ele se perguntou se ainda tinha jeito para realizar uma aterrissagem suave.

– É fácil pousar um HAWK. Até mesmo um moleque de quatro anos consegue achar o solo num desses passarinhos – Nick Fury lhe dissera. – Pousar sem se arrebeitar é que é complicado.

Um sorriso sarcástico curvou seus lábios. Logan quase sentiu o cheiro do charuto barato de Fury.

*Era de se esperar que um cara enterrado até o pescoço no serviço secreto fosse capaz de pôr as mãos nuns Monte Cristos cubanos contrabandeados.*

Logan concentrou-se na chegada. Após calibrar o vento e angular a descida, o visor apresentou um padrão de voo até o local de pouso. Mas primeiro, Logan queria fazer um voo de reconhecimento por sobre a usina.

Como um espectro silencioso e invisível, Logan mergulhou, descendo cada vez mais. Finalmente, voou paralelo ao horizonte, a menos de sessenta metros do solo. Passou por cima de uma cerca de metal e disparou por uma torre de vigilância – baixo o bastante para ver lá dentro. Observou alguns guardas cansados, xícaras de chá e um grupo de homens jogando dados.

*Tentado a pousar agora mesmo... Esses caras estão quase dormindo. Podia descer e descobrir o que há naqueles tanques em cinco minutos... Mas isso seria errado.*

Logan tinha ordens a cumprir. Devia pousar no morro, enterrar o traje e descer até as instalações a pé.

*De todo modo, se fosse fácil demais, qual seria a graça?*

Voando silenciosamente por sobre a hidrelétrica, ele notou que uma enorme porta dupla estava aberta, e lá dentro havia um grupo de operários descansando. Além da usina, a área em torno dos tanques estava escura. Mesmo no modo infravermelho, muitos dos detalhes se perdiam nas sombras.

Finalmente, Logan virou e seguiu na direção da parede cinza e lisa da represa. Inclinando a cabeça para trás e abrindo os braços o máximo que pôde, ele criou mais superfície nas asas e subiu. Depois acionou os jatos propulsores.

Feito um foguete, ele voou por cima da represa. Girou no ar, depois passou em rasante sobre as águas escuras; seu traje preto reluziu feito pele de foca em meio ao borribo causado pelo vento que gerava.

Logan acionou os propulsores uma última vez, passou pela margem e subiu a encosta do morro. À frente dele, o ponto de pouso designado – uma extensão árida sobre o morro que fora desmatado para a passagem de uma rede de energia, ainda em construção. Ao aproximar-se do local indicado, notou tocos grossos saindo do chão e diversas árvores tombadas bloqueando seu caminho.

Preparando-se para pousar, ele inclinou o equipamento para desacelerar. Aos oitenta quilômetros por hora, desprende o equipamento a fim de estar pronto para largá-lo no instante em que encontrasse um pedaço plano e livre de terreno.

Pousar com um HAWK era quase o mesmo que saltar de um avião com paraquedas, depois soltar-se do paraquedas a cerca de dez ou quinze metros do solo e cair o restante da queda. O pouso tendia a ser difícil, e nem sempre a pessoa caía de pé. A maioria dos caras se encurvava e rolava até parar.

Mas Logan não.

Conforme o visor mostrava a altitude em metros... cinquenta... quarenta... trinta... vinte... sua velocidade caiu para menos de quarenta quilômetros por hora.

Logan jogou as pernas para frente e soltou-se do equipamento. As asas se desprenderam, dobrando-se feito uma borboleta esmagada. Ele chegou ao solo correndo, rolou três vezes e ficou de pé. Mas o impulso que ganhara na descida ainda o impulsionava. À frente, viu uma árvore caída no caminho. Assim que ele saltou sobre o obstáculo, uma silhueta – humana – ergueu-se atrás do tronco.

Era tarde demais para Logan parar. Ele colidiu com o estranho e ouviu um grito abafado. Arremessados sem controle, os dois rolaram morro abaixo, numa nuvem de poeira.

• • • •

Os alarmes haviam sido silenciados. A calma restituída. O Experimento X fluava, imóvel; os espasmos cessaram. Técnicos e médico moviam-se pela sala, recalibrando instrumentos e reiniciando sistemas-chave dos computadores.

– Vamos perder um pouco de tempo, Professor. É inevitável – disse o Dr. Hendry, o rosto sério. – Os técnicos terão que religar os computadores. Restituir o funcionamento de algumas das sondas. Mas, por ora, o Experimento X está estabilizado.

O Professor mal respondeu antes de voltar-se para o Dr. Cornelius.

– A nanotecnologia. Está funcionando?

– O processo foi completado, as válvulas de segurança estão funcionando como as de verdade – disse Cornelius. – Dá para vê-las nesse ultrassom de corpo inteiro... os pontinhos pretos no esqueleto...

O Professor fitou a imagem, depois ergueu uma sobrancelha.

– E você está absolutamente convencido de que seus nanochips não causaram a convulsão no paciente?

– Sem chance – Cornelius respondeu com mais confiança do que jamais sentira na vida.

– Então devemos nos voltar para você, Srta. Hines – o Professor sibilou. – Qual é sua teoria? O que acha que deu errado?

Carol Hines engoliu em seco, nervosa.

– Eu... ainda acredito que estamos lidando com impulsos elétricos aleatórios do hipotálamo. São os instintos mais básicos do homem, o “cérebro do lagarto”, a luta pela sobrevivência perante a extinção.

– Baboseira poética – zombou o Dr. MacKenzie. – Havia óbvia atividade em algum ponto do hemisfério cerebral. O paciente estava vivenciando memórias aleatórias, recordando todo um evento passado, as dores do nascimento... sei lá.

– Nada disso apareceu nos monitores – Hines insistiu.

– Todos nós vimos o pico – MacKenzie retrucou –, só você o considerou uma anomalia.

O Professor ergueu a mão para pôr fim à discussão.

– O que isso significa, doutor?

MacKenzie encarou o Professor.

– O MER falhou em conectar-se totalmente à mente do paciente. Houve uma brecha no sistema, uma falha no programa. Uma parte da personalidade prévia de Logan, quero dizer, do paciente, ainda estava se expressando.

MacKenzie deu as costas para o Professor com intenção de fitar o homem no tanque. Ele cutucou o vidro como se fosse um aquário.

– Havia alguma coisa passando pela cabeça dele. O Experimento X não está pronto para abrir mão de sua identidade... ainda não – afirmou MacKenzie. – Aposto minha reputação nisso.

O Professor colocou as mãos atrás das costas e andou pelo laboratório.

– Isso nos apresenta um pequeno dilema. Dois dos meus associados discordam a respeito de uma fase crítica do programa Arma X. Estamos num impasse. Como devemos proceder?

MacKenzie deu um passo à frente.

– Fiz tudo o que podia para manter o Experimento X sob controle. Não enfrentamos dificuldades até que os atenuadores cerebrais foram desativados. Sugiro que sigamos a rota química, Feno-b. Primeira dose de três pontos; mais, se preciso.

MacKenzie desafiava Carol Hines. Ela encontrou o olhar do médico, depois se voltou para o Professor. Ele também olhava para ela.

– Vou reiniciar a rede do MER – ela disse. – E começar a interface do zero. É possível... talvez seja possível... que tenhamos pulado um passo.

MacKenzie, orgulhoso da vitória, deu as costas à mulher.

– Reiniciar deve levar cerca de uma hora – Carol Hines prosseguiu. – Depois podemos tentar de novo.

– Uma hora, então – o Professor comentou. Pouco depois, estava no elevador, indo para o nível superior.

Com a saída do Professor, o Dr. Cornelius aproximou-se da mesa de Hines e a tocou no braço.

– Não fique chateada – disse ele. – Essas coisas acontecem... Atrasos... erros... erros de cálculo. Ninguém é perfeito. Aposto que esse tipo de coisa acontecia na Nasa o tempo todo.

Carol Hines digitava e não tirou os olhos da tela.

– De todo modo, o Professor entrou num dilema, e foi com o Dr. MacKenzie... Não há como culpá-lo por...

– Por o quê? – ela interrompeu, olhando para ele. Seu rosto fino estava ruborizado sob o corte de cabelo austero. – Por escutar a pessoa com mais letras depois do nome?

Cornelius balançou a cabeça.

– Você entendeu tudo errado, Srta. Hines. O Professor foi com a tecnologia em que confia, não com o homem. Sua decisão não teve nada a ver com diplomas, ou com o fato de MacKenzie ser médico. É só que ele já usou Feno-b, mas nunca o MER.

Dava para ver que ele a havia tocado, que ela prestava atenção ao que dizia.

– Lembra-se de que – ele continuou – o Professor estava prestes a acusar meus nanochips pela reação estranha do Experimento X?

Cornelius ficou aliviado de ver os traços da moça se suavizando.

– E caso você não tenha notado antes – ele sussurrou, como se conspirasse –, tem um certo Dr. Hendry que não vai muito com a minha cara. Então não se sinta muito perseguida só porque o psiquiatra-chefe do projeto não gosta de você. Estou começando a achar que todo mundo envolvido neste projeto está se sentindo como um cego num tiroteio.

# VI · O EXPERIMENTO

De sua cadeira, o Professor ergueu a mão pálida.

– Vamos fazer história.

O tilintar das chaves e o eco de vozes dando ordens veio em seguida. Dentro do grande espaço, cientistas e técnicos colocaram-se a trabalhar.

– Injete.

A ordem veio do Dr. Chang, um metalurgista conhecido por seu trabalho com ligas especiais. Chang estava curvado sobre um monitor de corpo inteiro ao lado de uma estação de bombeamento portátil colocada ao lado do tanque borbulhante.

– Injeção condutiva – disse o assistente sentado bem abaixo do metalurgista, numa segunda mesa de trabalho.

Atrás do vidro, na base da bomba, o vapor sibilou quando o adamantium líquido fluiu pelo tanque de contenção para os tubos de injeção que serpenteavam para dentro da unidade de contenção do paciente.

– Estável... Adamantium mesclado a 29 por um, senhor – avisou o Dr. Chang. – Vou compensar.

O Professor balançou a cabeça, sem uma gota de preocupação.

– Vai reduzir. Sem problemas.

Chang assentiu.

– Injete.

– Estável...

– Injete.

– Pulso? – perguntou o Professor.

Carol Hines estava prestes a fitar o monitor cardíaco quando o Dr. Hendry rosnou:

– Alto. Mais alto que o esperado.

O tanque parecia mais uma chaleira de vidro soltando vapor; a figura lá dentro chacoalhava feito uma rolha em líquido fervente. O Experimento X entraria para a história ou queimaria até a morte.

Dr. Cornelius assistia ao procedimento com tensão e ansiedade. A sala cheirava mais como uma fundição de aço do que como um laboratório médico ou uma sala de operação improvisada. Um odor de metal queimado vagava pelo ar, e em questão de minutos a temperatura do piso aumentara em muitos graus. O motivo para ambos: o tanque de contenção no canto da sala, que brilhava num vermelho vivo por trás da parede de vidro chumbado. Dentro, centenas de libras de adamantium derretido eram pressurizadas e colocadas a bombear para dentro do corpo do paciente.



Cornelius sabia que o adamantium era a substância mais dura do universo. Desenvolvido nos anos 1940 pelo Dr. Myron MacLain, um metalurgista do governo dos Estados Unidos, a liga foi criada usando uma mistura de diversas resinas ultrassecretas, inclusive uma infusão da misteriosa substância conhecida como vibranium. Em sua forma liquefeita, o adamantium era maleável por aproximadamente oito minutos, e apenas se mantido a uma temperatura constante de 1500 graus Fahrenheit. Após 408 segundos, a liga não se vincularia com nenhuma outra substância. Isso significava que qualquer interrupção durante o crucial estágio de bombeamento seria catastrófica.

Em torno do tanque onde estava o Experimento X, a equipe supervisionava todas as facetas do processo em terminais de computador e monitores médicos. Um som ergueu-se acima do zumbido do maquinário: o bipe de uma máquina que media a frequência cardíaca, a temperatura corporal e outras funções do corpo.

As mãos do Dr. Chang continuavam a dançar em seu teclado. Dentro do vidro chumbado, a nuvem de vapor dissipou-se.

– Estável...

– Injete...

– Acionando sufusão... agora!

A atividade dentro do tanque aumentou exponencialmente. Conforme o metal derretido preenchia os tubos de injeção, eles superaqueciam, depois rapidamente transferiam a energia térmica para o fluido dentro do tanque. Em segundos, o Experimento X estava totalmente obscurecido pelo caldo químico fervente.

– Estável...

– Injete.

No monitor, o Dr. Chang acompanhava o adamantium derretido infiltrando-se no esqueleto do paciente. Na imagem do ultrassom, era como se os ossos, antes brancos como os de um fantasma, estivessem sendo cobertos com tinta preta.

Em seu próprio painel de visualização, o Professor ampliou essa mesma imagem algumas centenas de vezes para observar a superfície do fêmur direito. Ficou claro pelo ultrassom que os nanochips estavam protegendo as delicadas fissuras nos ossos assim como as veias e capilares que corriam por eles.

Cornelius viu os mesmos dados em seu monitor e sentiu uma mistura de triunfo e alívio. Alguns anos antes, ele acreditava que o processo que acabava de testemunhar seria impossível. Mas a pura visão do Professor, o imenso progresso científico do programa e seus amplos recursos faziam qualquer coisa parecer possível.

– Estável...

– As coisas vão indo bem, doutor. Estou satisfeito.

Levou um instante para que Cornelius percebesse que o Professor dirigia-se a ele.

– Injeção?

– Sufusão?

– Estável. Ambos estáveis – respondeu o Dr. Chang, afastando uma mecha de seu brilhante cabelo preto do rosto.

Perante os olhos de Cornelius, tecido vivo estava sendo unido a uma liga metálica para criar o primeiro organismo realmente biônico do mundo. Estavam de fato fazendo história, e Cornelius sentiu-se motivado a falar.

– Este é um experimento extraordinário, Professor. É uma honra participar dele.

Os lábios finos do Professor curvaram-se numa expressão mais de escárnio do que de alegria.

– Claro que é, Cornelius.

– Pulso? – Dessa vez, foi o metalurgista quem pediu a atualização.

Hendry balançou a cabeça.

– Nada bem. Arritmia, talvez?

– Injete.

O Dr. MacKenzie falou pela primeira vez desde o início do procedimento de ligação.

– Aumente dois pontos de Feno-B. Não. Um ponto. Mais do que isso e o cérebro dele cozinha.

– Devo me preocupar? – perguntou o Professor ao psiquiatra, mas foi Hendry quem respondeu.

– Acho que não, Professor... O senhor escolheu Logan por seu vigor extraordinário. O que temos aqui é seu sistema nervoso a todo vapor. O sujeito é durão... mesmo inconsciente.

– Iniciar quelação – disse o Dr. Chang.

A massa de borbulhas dançantes em torno do Experimento X expandiu-se para os lados quando ele começou a se debater violentamente, se chocando contra as paredes de vidro.

– Que foi isso? – quis saber o Professor.

– Resistência, senhor – respondeu MacKenzie.

– Ele puxou um tubo de injeção! – exclamou o metalurgista. – Corte o fluxo do tubo 19-B, use os tubos reserva A e C pra compensar.

– Compensando.

– Mantenha.

– Droga... Resistência. Mais resistência – disse Hendry, ansioso.

– Equalize.

– Injete.

– Obstruído.

– Injete no canal reserva.

– Equilíbrio iminente – disse o metalurgista. – Estável... estável... equilíbrio

alcançado.

O paciente parou de se debater. O aço derretido continuava sendo bombeado para dentro da carne pulsante do paciente.

– Como está se saindo a interface do MER? – perguntou o Professor.

– Está em 100% – respondeu Carol Hines. – Aumentei as AMPs para cortar as funções nervosas autônomas do paciente. Acredito que isso corrigiu o problema de arritmia do Dr. Hendry.

– Hendry... arritmia?

Hendry desviou os olhos de seus monitores.

– Cedendo, Professor. Quase normal.

– Pulso, Srta. Hines?

Ela hesitou antes de responder, surpresa pelo Professor ter se dirigido a ela novamente.

– Subindo rápido, senhor. Neste momento, frequência cardíaca de 198 por minuto e aumentando.

O Professor rangeu os dentes. Ficou preocupado com o coração acelerado do paciente.

– Diagnóstico, Dr. Hendry?

– Senhor, acredito que é culpa da nanotecnologia...

– Ah, espere aí... – Cornelius protestou.

O Professor ergueu a mão.

– Explique-se, Dr. Hendry.

– No monitor de ultrassom, dá para ver os flocos cinza cobrindo o esqueleto, que Cornelius nos diz serem nanochips. Bem, veja isso...

Uma ampliação da imagem do músculo cardíaco do paciente revelou que os mesmos flocos cinza cobriam o interior de todas as quatro câmaras.

– Acredito que a programação do Dr. Cornelius esteja incorreta. Os nanochips trataram o músculo cardíaco, que é denso, como se fosse osso, com resultados previsíveis.

Cornelius ficou sem fala. *Será que errei assim tão feio?*

O Professor franziu o cenho e falou, tenso.

– Srta. Hines, poderia acessar o prontuário e os antecedentes médicos do Sr. Logan, por favor? Eu estudei seus dados, mas posso ter passado por cima de alguma coisa.

– Na tela, senhor – disse Hines.

– Detalhe quaisquer anormalidades cardíacas.

– Nenhuma, senhor.

O Professor fitou em silêncio a figura boiando no tanque. Quando finalmente falou, foi em tom de pesar.

– Está realmente me decepcionando, Cornelius. Por que não se preparou para isso antes?

Cornelius olhou fixamente para a imagem. *Os nanochips ainda se amontoavam em torno das válvulas – fazendo sabe-se lá quanto dano para o coração do paciente – quando já deviam ter sumido há muito tempo.*

*Inferno, não estavam ali poucos minutos atrás. Por que alguns deles acabaram voltando para o músculo cardíaco?*

– Achei que estivesse preparado para tudo, Professor. Mas quem poderia prever isso?

O metalurgista os interrompeu.

– Senhor, a taxa de absorção de adamantium deveria estar em 24 por 1...

– Claro.

– Está em 53 por 1, senhor... e aumentando.

Pela primeira vez desde que Cornelius o conhecesse, o Professor parecia perplexo. Ele pediu imediatamente uma explicação para Carol Hines.

– Parece que o ritmo cardíaco altamente acelerado de Logan está drenando o reservatório de adamantium numa taxa de absorção três vezes mais rápida que o esperado – ela explicou.

Um alarme soou, interrompendo-os. Dr. Hendry analisava o problema sem tirar os olhos do monitor.

– O paciente voltou a se debater. E tem um pouco de vazamento no tanque. Detecto traços de adamantium.

– Foi o tubo danificado? – Hines sugeriu.

– Não – Hendry logo disse. – O vazamento vem dos poros do paciente. Está soltando adamantium pelas glândulas sudoríparas.

O Professor ficou subitamente alarmado.

– Rejeição?

– Está mais para... eliminação – Hendry respondeu. – O fígado dele, seus nódulos linfáticos estão lidando com o metal como fariam com uma infecção bacteriana ou uma toxina. Parte da liga está sendo filtrada para fora, passando pela pele. Não é suficiente para se preocupar, mas...

– O fígado desse cara deve ser fenomenal – disse o Dr. MacKenzie. – Tão eficiente que duvido que nosso garoto consiga ficar bêbado, mesmo que queira. Isso pode explicar também sua resistência às drogas.

– Meu Deus! Isso também pode explicar os nanochips concentrados no coração – Cornelius declarou.

– Explique-se, doutor – disse o Professor.

– O paciente tem um vigor fenomenal, certo? E podemos ver que seu sistema imunológico também é incrível...

– Qual é a teoria?

– Aqueles chips não viajaram para o coração dele por conta própria, e a programação não falhou. Eles foram forçados de volta à corrente sanguínea pelo sistema imunológico do paciente!

Cornelius virou-se para encarar Hendry.

– Qual é a contagem de glóbulos brancos dentro do coração do paciente?

Hendry digitou algo em seu teclado.

– Elevada... Fora do comum, é como se ele...

– Como se estivesse lutando contra uma infecção. – Cornelius virou-se para o Professor. – Isso significa que o sistema imunológico dele foi forte o bastante pra matar uma porcentagem dos meus chips, que estão sendo tirados do corpo dele feito excreções, através das glândulas sudoríparas.

O Professor digeriu a informação. Enquanto sua mente girava, os óculos pareciam dançar com a luz refletida.

O Dr. Cornelius viu a medição do pulso, notando que a frequência cardíaca se estabilizara.

– Posso garantir que não vai haver mais problemas, Professor – disse. – O ritmo cardíaco do Experimento X não poderia ser mais rápido ou ele seria... um super-homem ou algo assim.

O Professor ergueu o rosto, como se aturdido pela observação de Cornelius. A pele clara ficou branca feito osso, e embora não falasse, sua mandíbula moveu-se por trás dos lábios.

– Estamos passando do ponto de equalização, senhor. Teremos que compensar em todos os canais – avisou o assistente de Chang.

Dr. Hendry também ficou perplexo.

– Mas já?

– Impressionante – disse Cornelius.

O técnico hesitou, esperando que o Professor tomasse a decisão. Mas Cornelius via que o gênio da ciência estava paralisado, incapaz de tomar uma atitude, incapaz até de falar.

Cornelius deu um passo à frente.

– Reinjete, então – ele ordenou. – Em todos os canais.

Dr. Hendry parecia aturdido, mas não disse nada.

*Acho que estou no comando – por ora, pensou Cornelius. E se for isso mesmo, digo que devemos forçar... ao máximo. Se esse Logan consegue engolir todo esse adamantium sem nem arrotar, quem sabe do que mais ele é capaz?*

– Injetar? – o técnico perguntou, para confirmar.

– Injete em todos os canais – disse o Dr. Chang, olhando para Cornelius.

– Injeção composta. Manter no Nível Dois.

– O que está causando isso, doutor?

A mão do Professor afundou no ombro de Cornelius feito garras de pássaro.

– Você sabe tanto quanto eu, Professor – ele respondeu. – Há clorpromazina em Logan suficiente pra derrubar um boi, então o problema é obviamente maior do que o sistema nervoso autônomo ou uma constituição robusta.

– Doutor? – perguntou Carol Hines, mirando os olhos verdes para Cornelius, atrás do Professor. – Tenho alguns dados muito interessantes.

Cornelius – com o Professor logo atrás – aproximou-se do terminal da moça.

– Segundo o prontuário médico, o Sr. Logan foi baleado pelo menos cinco vezes e sobreviveu a todas. Quatro no tronco, uma na perna. Também sofreu uma porção de ferimentos graves.

Cornelius deu de ombros.

– Sujeito durão... Sabemos disso, Hines.

– Mas os sensores não revelam nada na epiderme nem no tecido interno. Nada.

– Cornelius, você não disse que Logan havia sido ferido na noite passada?

– Sim, Professor. – *Bom, foi Hendry quem disse. Eu só vi alguns ferimentos.*

– Então onde estão as lesões?

Isso fez Cornelius hesitar. Ele olhou para a figura no tanque, muito enfurnada entre as bolhas para que pudesse enxergar os detalhes... Somente pele nua, cabelo preto ondulado feito uma bandeira hasteada.

– Hines, tem alguma leitura? – ele perguntou, ainda olhando fixamente para Logan.

– Resquícios – ela disse. – Coagulação em torno da mastoide. Há uma hora, ele tinha a mandíbula deslocada, cortes, escoriações. E agora... nada.

Cornelius e o Professor ficaram mudos perante a informação, enquanto Carol Hines prosseguia com o relatório.

– No painel, há uma equação linear bem definida entre o fenômeno e a intensa atividade cardíaca. E... – ela hesitou – ... bem, não sei se isso é importante... ou bobagem, mas o cabelo do Sr. Logan cresceu quase todo em apenas vinte minutos. Raspamos algumas vezes. Essa anomalia havia sido atribuída ao fluido sintético embrionário do tanque.

O laboratório ficou muito quieto. Todos os olhos voltaram-se para o paciente dentro do tanque. Apenas o bipe constante dos biomonitores rompia o silêncio.

– Creio que estamos diante de algo inédito – Cornelius declarou em tom quase reverencial. – Parece que nosso Sr. Logan é mais que humano.

– Ok. Tenho que rever isso rápido – disse o Dr. Hendry, que se unira ao grupo. – Se os ferimentos estão cicatrizados agora, o pulso dele pode cair a qualquer momento... Estejam preparados. Esse é o plano um.

– E se o ritmo cardíaco começar a subir de novo? – perguntou Hines.

– Vamos com o plano dois – disse Hendry. – Se continuar a subir, injetem

norepinefrina em ritmo equivalente. Mantenham-me informado de todas as mudanças.

*Ninguém mais falava sobre matar o Experimento X, Cornelius notou. Deve ser porque ficou claro que qualquer coisa que façamos não vai ferir o sujeito, muito menos matá-lo. Nesse momento, não sei se existe alguma coisa que possa feri-lo...*

– Dr. Chang, Srta. Hines? O reservatório de adamantium é suficiente pra toda essa... atividade adicional?

– No ritmo atual, sim, senhor.

Hendry deu um tapa no console.

– É pouco. Vá para a reserva.

Carol Hines passou os olhos para o Professor.

– Vou precisar de autorização do...

– Já a tem. Vá à reserva de adamantium, agora.

O Professor gritou a ordem a caminho da porta que levava a um laboratório auxiliar.

– Professor – Cornelius chamou. – Preciso de aconselhamento na...

A porta se fechou. O Professor saiu sem dizer palavra.

Dr. Cornelius coçou o queixo barbado.

– Acredita nisso? Estamos no meio de uma crise e ele se manda.

*Que diabos pode ser assim tão importante?*

• • • •

O Professor estava agitado. *Aquele tolo do Cornelius quer meus conselhos? Já esqueceu de que está aqui para dar conselhos, e não para recebê-los? Eu sou o mestre aqui.*

Dentro da pequena área reservada do laboratório principal, o Professor fechou uma pesada escotilha e ativou os grampos magnéticos, trancando lá fora o restante do mundo. Atrás dele, um terminal automaticamente ganhou vida. Ele começou a digitar um código que só ele conhecia no comunicador do console, mas subitamente parou. Notou que suas mãos tremiam.

*Absurdo estar assim agitado,* disse a si mesmo. *Não me sinto inquieto assim desde que comecei a fazer as regras do jogo em vez de ser guiado por elas.*

Ele completou o código e esperou que um satélite ficasse on-line e começasse a comunicação.

– Diga – ecoou vagamente uma voz do outro lado, um tanto distorcida por um constante zumbido eletrônico.

– Sou eu – começou o Professor.

Um segundo foi o tempo de espera por conta do *delay* que a decodificação da transmissão causava.

– Você coloca muita coisa em risco me contatando, Professor.  
– Sim, eu sei. Mas tenho algo a dizer...  
– O que é tão importante para fazer você quebrar um protocolo de comunicação estabelecido?

– A operação está em andamento agora mesmo...  
– E vai bem, espero?  
– Sim...  
– O Experimento X sobreviverá ao processo de ligação?  
– É claro que sobreviverá – afirmou o Professor, sua agitação aumentando. – A questão é essa. Você sabia que Logan é um mutante.

Silêncio.

– Isso foi uma surpresa – continuou o Professor, a voz tensa. – Por que não me informou?

– Essa conversa é arriscada, Professor. Para nós dois.  
– Ninguém pode me ouvir. Estou em um laboratório selado.  
– Devia estar com seu paciente.  
– Posso ver a operação em um monitor. Devo insistir para que me escute...

O Professor notou a irritação do Diretor por conta da ligação, mas tinha de pressioná-lo um pouco mais.

– Logan é um mutante. Tem algum tipo de poder sobre-humano de regeneração. É praticamente imortal! E você não julgou apropriado me informar de um fator tão importante?

– Essa informação estava disponível para mim, é verdade. Mas o status de Logan enquanto mutante era confidencial, só para quem precisava saber, e você Professor, não precisava.

– Estou lá com o caipira do Cornelius e minha equipe... e aquela menina, quase uma datilógrafa, descobre a verdade sobre Logan apertando algumas malditas teclas em seu maldito computador!

– Aonde quer chegar?

– Isso faz parecer que eu não sei de nada. Tive de deixar a sala de operação para evitar perguntas. Me senti um idiota! – O Professor odiou a si mesmo no exato momento em que confessou aquilo. Sua voz o entregara como o menino reclamão que era, e aquilo lhe causava repulsa.

O Diretor riu.

– Parece nervoso, Professor.

– Sim... – Ele forçou sua voz a soar mais calma. A se controlar. – É, pode-se dizer que estou um pouco irritado.

– Mas de acordo com você, o procedimento está seguindo conforme planejado.

– Você não entende... Eu supostamente comando essas pessoas. Como posso ao



menos passar uma ilusão disso se não sou informado por você?

Silêncio.

O Professor procurou dominar a raiva. Sabia que o Diretor X não gostava de demonstrações de emoção, nem respeitava fraquezas. Quando o Professor voltou a falar, sua voz soou firme, desprovida de expressão.

– Você não confia em mim? – perguntou, arrependendo-se imediatamente da pergunta. *Droga!*

O Professor mal escutou a resposta, pois a reação do Diretor era desnecessária. É claro que o Diretor X não confiava nele. O simples fato de ter escondido informação tão importante quanto ao paciente dizia muito sobre Professor, Logan, o experimento, as prioridades do Diretor e a posição ocupada pelo Professor no esquema das coisas.

– Entendo – o Professor disse, finalmente. – Então tenho uma última pergunta.

– Sim?

– O que mais eu não sei sobre o Experimento X?

Dessa vez, não houve resposta. O Diretor finalizou a ligação.

• • • •

De volta ao laboratório, a taxa de ligação de adamantium havia triplicado. O Dr. Chang sugeriu que a culpa seria de um vazamento, então Carol Hines e o Dr. Hendry procuraram, em seus monitores, evidências que confirmassem a existência de algum.

– Os canais são suficientes, doutor, mas há uma drenagem excessiva no... Espere um minuto... no *flexor brevis*, seção *minima digit*.

As aulas de anatomia que Cornelius tivera estavam muito longe, no passado...

– Linguagem coloquial, por favor, Srta. Hines.

– Desculpe. Mão e pulsos, senhor.

Cornelius ficou atrás da moça, observando o monitor. Olhou para Hendry, esperando respostas. Mas o rosto angular e o maxilar quadrado do homem estavam tensos. Estava claro que ele também não fazia ideia do motivo do vazamento.

– Não aparece muito desse suposto vazamento no tanque – Cornelius observou. – Menos de uma parte para cem mil. Mas o adamantium tem que estar indo para algum lugar. Não pode estar se reunindo nos pulsos. Com o que estaria se ligando?

Cornelius balançou a cabeça.

– Vamos precisar de aconselhamento. Alguém sabe onde está o Professor?

Olhares vagos.

– Não? Bipem ele, então.

Após um instante, alto-falantes explodiram com uma voz exasperada.

– Cornelius? Por que o tumulto?

Cornelius olhou ao redor, procurando pelo comunicador, depois disse:

– Professor, onde está o senhor?

– O que você quer, doutor?

Cornelius notou que o Professor podia escutar tudo. *Esse laboratório está obviamente sob escuta. Quantas outras salas devem estar também? Estão nos assistindo neste momento?*

– Temos problemas – disse ele. – Pode voltar à sala de operação?

– Estou ocupado. Qual é o problema agora?

– Há uma drenagem excessiva de adamantium pelas mãos e pulsos. Não sabemos por que nem podemos impedir.

Ouviru-se um longo silêncio.

– Hã...professor? O senhor me ouviu?

– Claro.

– Bem, e...?

– É tudo parte do programa, Cornelius. Acha que não sei o que estou fazendo?

– Não, senhor. Claro que não...

– Continue o procedimento, e a finalização quando a ligação for concluída.

– Então, não vai voltar ao laboratório?

Mais um longo silêncio. Dessa vez, Cornelius notou que o Professor cortara a comunicação.

Carol Hines olhou para ele.

– E o vazamento, doutor?

– Não parece oferecer risco de vida, nem interferir com o procedimento, então vamos ignorá-lo. Vamos terminar, pode ser? Tentaremos descobrir o que aconteceu com esse vazamento na fase de avaliação e exame pós-operatório.

• • • •

O comunicador zumbiu. O som preencheu o estreito alojamento, acordando o homem deitado na cama. Cutler sentou-se e apertou um botão.

– Cutler – disse, esfregando os olhos.

– Seu escoteiro está acampado ao lado do meu escritório faz algumas horas – vociferou o Major Deavers. – Ideia sua, presumo?

Cutler riu um pouco.

– Só queria que o Agente Franks se familiarizasse com todo o pessoal e os procedimentos daqui.

– Franks está a caminho do laboratório principal para buscar o Experimento X. Encontre-me lá. Dessa vez, não vai precisar do traje de proteção.

– Então a operação acabou?

– E o paciente sobreviveu, pelo visto. Vá buscá-lo, depois acompanhe o Experimento X até sua nova casa, o Laboratório Dois.

Cutler assentiu e apertou o botão do intercomunicador.

– Lá não tem tanque nenhum. Será que o paciente saiu da sopa?

– É, e não volta mais. Vai ficar numa cela de biomonitoração de segurança máxima, para o pós-operatório. Alguns técnicos estarão lá para te receber e explicar tudo.

– Entendido. Câmbio, desligo.

Cutler vestiu o macacão verde padrão e jogou para trás os cabelos com a mão. Depois saiu do quarto e foi até o elevador, descendo ao laboratório principal.

Quando as portas se abriram, Cutler notou o grande tanque completamente drenado de líquido. Havia cabos enrolados no fundo. Como o pó mágico das fadas, pontinhos prateados brilhantes de adamantium sólido pontilhavam o interior das paredes de acrílico.

Ao lado do tanque, numa cadeira de rodas elétrica, o Experimento X estava largado com a cabeça pendendo sobre o peito cabeludo. Logan estava nu e ainda úmido do banho químico pós-operatório. Seu cabelo pendurado em cachos molhados.

Cutler olhou de novo. *Ele não estava todo depilado da última vez que o vi? Estranho.*

O Agente Franks parou em frente ao paciente, com uma cara de desgosto.

– Com nojo? – perguntou Cutler, parando ao lado do mais novo.

Franks deu de ombros.

– Um pouco, acho. Ele ainda está com todas essas sondas e cabos saindo dele. Deve doer muito.

– Não parece que ele está sentindo muita dor. O cara tá dopado. Apagadão.

– Jesus, olha isso aqui – disse Franks.

Cutler deu a volta na cadeira e viu cabos grossos enrolados num gancho nas costas da cadeira.

– Todos esses fios estão plugados nele – disse Franks.

Cutler concordou.

– Vamos levá-lo ao Laboratório Dois. Os médicos estão esperando. Talvez depois a gente possa dar o dia por acabado.

# O MUTANTE

acorda  
botão.

– Cutler

– Seu esco

horas – vociferou

Cutler riu um pe

– Só queria que o Ag

e os procedimentos daqui.

– Franks está a caminho

Experimento X. Encontre-me lá. Dessa vez, não  
proteção.

Então a operação acabou?

O paciente sobreviveu, pelo visto. Vá buscá-lo, depois acorde

Experimento X até sua nova casa, o Laboratório Dois.

Ele apertou o botão do intercomunicador.

Nenhum. Será que o paciente saiu da sopa?

Mil unhas rasgando minhas costas. *Meus braços. Minhas pernas. Cortando. Rasgando. Queimando...*

Logan escorregou desamparado por sobre a encosta íngreme. Raízes e rochas protuberantes rasgaram o traje de voo e cortaram sua pele. Pedras soltas chocaram-se contra o capacete fazendo muito barulho. Em seu visor rachado piscavam luzes psicodélicas – um brilhante caos visual causado pelo mau funcionamento do display interno. Agarrando-se com força à pele do traje esfarrapado, Logan prendia o estranho como num abraço de urso.

Cego, surdo, incapaz de impedir a queda, Logan arriscou soltar o prisioneiro para livrar-se do capacete inútil. Mas quando o soltou, o estranho permaneceu agarrado a ele, envolvendo-lhe o pescoço com os braços. Os dedos de Logan tatearam tentando livrar-se do aperto na garganta. Com um chiado, o capacete se soltou. Piscando os olhos devido à onda de terra que cobriu sua visão, Logan notou uma figura alta, imersa na escuridão.

Ele levou a mão ao cabo da faca de caça que trazia no cinto. Ao ser arremessado contra uma árvore, tirou a faca da bainha de velcro. E então golpeou às cegas.

Um baque surdo soou quando a lâmina de quase vinte centímetros mergulhou fundo na madeira – seguido por uma sacudida que quase arrancou o cabo de sua mão. A terra desapareceu debaixo dele, numa chuva de rochas e poeira. Os pés de Logan ficaram balançando sobre o abismo. Centenas de metros abaixo, o lago artificial brilhava sob o pálido luar.

Logan agarrou a faca com as duas mãos enquanto seu prisioneiro segurava-se nele. Com os músculos padecendo sob o peso combinado dos dois, ele ficou pendurado por alguns segundos – o bastante para sentir um fluxo morno e molhado de suor descer pelas costas. Depois Logan lentamente içou ambos para uma saliência formada pelas raízes contorcidas de uma árvore. Ao jogar a perna por sobre a beirada, o prisioneiro escalou por sobre seus ombros e subiu na árvore. Virando-se, a figura obscura ajudou Logan a subir o que faltava, depois caiu sobre um monte na base da árvore. Arquejando devido ao esforço de salvar as duas vidas, Logan ficou deitado ao lado do outro. Quando a figura levantou-se, Logan estendeu a mão e segurou o estranho pelo braço.

– Você. Meu prisioneiro – Logan rosnou num coreano razoável.

Para sua surpresa, não houve resistência. Em vez disso, o estranho usou a outra mão para retirar a máscara de soldado. Logan viu olhos amendoados cheios de

preocupação.

– Está ferido? – sussurrou a mulher, ajoelhando-se ao lado dele.

Logan reconheceu o sotaque e sibilou uma resposta na língua nativa da mulher. Japonês.

– *O-namae wa?*

– Inglês, por favor, Sr. Logan – ela disse, quase sussurrando. – O General Koh espalhou centenas de sensores de áudio nesses morros. Se formos ouvidos, melhor que seja na sua língua e não na minha. Muitos dos agentes de Koh entendem japonês.

Logan grunhiu e se deitou de costas. Depois, fazendo careta, sentou-se. Mesmo sob a fraca luz, a mulher pôde ver a mancha escura no local onde ele desabara.

– Está machucado... Sangrando.

Logan a repeliu.

– Me dá um minuto e vou melhorar – disse ele, com uma pontada de amargura, e a mulher o fitou com curiosidade, seu pequeno rosto arredondado banhado pela luz da lua.

Então ela se levantou, e Logan a viu inspecionando a armadura e o cinto que envolviam seu esbelto traje de camuflagem noturna. Muito daquele equipamento estivera pendurado naquela figura diminuta, e pela expressão que dominou seus traços delicados, uma parte havia sido perdida.

– Você ainda não respondeu à minha pergunta. Como sabe meu nome, mas não sei o seu?

Ainda no chão, Logan abriu a bainha da Heckler & Koch G36 presa a sua perna. A mulher detectou o movimento e sacou a própria arma – uma elegante USP 45 Tática preta.

*Brinquedo grande pra uma moça tão pequena.*

Ela notou a reação dele, e um sorriso abriu-se em seus lábios.

– Sou a Agente Miko Katana, Polícia Nacional Japonesa, Prefeitura de Tóquio.

Logan ficou surpreso.

– Tira? Você é um tira?

– Tira não, na verdade – ela respondeu. – Sou membro da Equipe Especial de Ataque.

– É tira mesmo assim. Então, me explica um negócio, oficial: que diabos uma detetive japonesa faz no meio da Coreia do Norte?

– O mesmo que você, Sr. Logan.

– E o que seria?

Quando disse isso, Logan soltou seu rifle automático e deitou-o no chão – longe o bastante para ganhar confiança, mas perto o bastante para pegá-lo se fosse preciso. Miko compreendeu o gesto e guardou sua arma.

– Trégua, Sr. Logan? – ela disse, afastando os cabelos lisos que caíam sobre o rosto de fada feito uma cortina preta de seda.

– Talvez – ele respondeu, levantando-se. – Mas só se você me disser onde arranhou meu itinerário.

– Itinerário? Muito engraçado.

– Vá direto ao assunto ou me mando daqui, Agente Katana – Logan rugiu, perdendo a paciência.

Miko franziu o cenho, depois disse:

– A inteligência francesa vem operando com um infiltrado na comunidade militar canadense faz alguns anos. Às vezes eles compartilham informação com a EEA. Nada de muita consequência, geralmente. Mas dois dias atrás, um agente do GIGN no Pacífico Sul nos contou da sua missão, deu os detalhes...

– Que tipo de detalhes?

– Sabemos que há outro agente envolvido – ela respondeu –, o Agente Neil Langram. Sabemos a localização dos pontos de pouso, a hora do ataque e o objetivo final. Sabemos também como e onde vocês serão retirados quando a missão for concluída.

Logan pensou na história que ela contava. *Essa mulher pode estar blefando, mas duvido.*

O Groupe d'Intervention de la Gendarmerie Nationale da França era uma das forças antiterroristas mais ativas do mundo. Infelizmente, nem sempre estavam do lado dos canadenses, e Logan ficou incomodado pelos franceses terem descoberto sobre sua missão para depois passar os detalhes para terceiros.

– O que acaba de me dizer é um barril de dinamite esperando pra explodir, se for verdade – disse Logan.

– Por que eu mentiria?

– Por que diria a verdade?

– Talvez seja um gesto para ganhar sua confiança, Sr. Logan. Talvez porque eu precise de ajuda.

Logan pegou sua G36, girou-a e a enfiou no coldre.

– E por que eu te ajudaria?

– Você se importa se eu disser que há vidas em jogo? Que toda uma nação pode estar correndo risco?

– Acho que não.

A expressão da mulher se endureceu, sua pequena mão acariciava o cabo da pistola automática.

– Sr. Logan, não ligo para o que você pensa e para o que acredita. Deve me ajudar a entrar no complexo abaixo antes que seja tarde demais... se já não for.

– Abe... Abe, por favor... Por favor, acorde...

O Dr. Cornelius ouviu o apelo da esposa, mas a voz dela – como sua imagem – parecia espectral e muito distante.

– É Paul... Ele está chorando de novo. A febre aumentou. Estou com medo de que ele frite – reclamou Madeline. – Temos que levá-lo ao hospital. Temos que ir agora!

Sobre o som dos soluços da esposa, Cornelius ouviu o choro agonizante do filho pequeno. Subitamente de pé, encontrou-se andando em câmera lenta, as pernas pesadas, como se caminhasse por um oceano de cola.

– Estou indo! – ele disse, esforçando-se contra a maré que o mantinha no lugar.

Mas não importava o quanto ele lutava, como se esforçava; cada passo de Cornelius para a frente parecia carregá-lo para trás. Seu coração se debatia contra o peito, ameaçando explodir. Ele redobrou os esforços, contudo suas pernas fracassaram em levá-lo até o filho.

Finalmente, Cornelius atravessou o mar de névoa leitosa para alcançar a cama do filho. O papel de parede colorido perante seus olhos brilhou feito centenas de telas de computador; os brinquedos pendurados sobre o berço eram agourentos, contorcidos – longas estacas de aço, longas agulhas hipodérmicas, sondas cirúrgicas manchadas de sangue.

Quando Cornelius olhou dentro do berço, Paul Phillip, seu filho, não estava ali. No lugar do menino, o Experimento X – a pele fincada por mil espinhos de aço – jazia entre lençóis ensanguentados.

Cornelius ouviu um grito e se levantou assustado. Uma caneta escorregou da mão flácida e caiu, tilintando no chão. Ele ajustou os óculos tortos sobre o rosto, depois os jogou sobre o teclado à sua frente. Esfregando o sono dos olhos, afastou-se do terminal do computador.

*Devo estar mais cansado do que penso... Apaguei.*

O comunicador zumbiu uma só vez. Em seu monitor, Cornelius viu o rosto fino de um jovem técnico que vigiava a cabine de observação adjacente ao Laboratório Dois. Não sabia o nome do rapaz, mas não fazia diferença. Cansado, o médico colocou os óculos e apertou o botão.

– Cornelius aqui... Status?

– Descansando, doutor. Mas está no chão, não na maca.

O técnico digitou alguma coisa, e a imagem do Laboratório Dois invadiu o monitor. Cornelius viu Logan esparramado no chão por cima de uma cama de tubos e cabos enrolados – de olhos fechados, o peito arfando. Os pelos cobriam o peitoral, os braços, as pernas e a genitália do paciente. À direita do monitor de Cornelius,



uma tela mostrava dados em tempo real sobre a temperatura, a respiração, a pressão arterial, o ritmo cardíaco e o equilíbrio eletrolítico dele.

– Está bem. Algo a relatar? – Cornelius via que o rapaz estava preocupado com alguma coisa, embora as leituras estivessem dentro do normal.

– Não, senhor... a não ser...

*Algum problema? Absolutamente impossível.* O Experimento X recuperava-se de modo impressionante.

– Que foi?

– Ah, sabe – começou o técnico. – Parece que o cara passou por um mau bocado.

– Hã, é – Cornelius respondeu.

*O que esse técnico quer que eu diga?,* Cornelius pensou. *Que me sinto mal pelo paciente? Que acho errado fazer um ser humano passar por esse tipo de tormento? Que o Professor é cruel, desumano? Que o Programa Arma X é mal dirigido e doentio?*

– Fique de olho nele – Cornelius disse antes de encerrar a comunicação. *Para eu não ter que ficar.*

O doutor fitou o relógio digital. *São três da manhã. Jesus. Por isso estou tão exausto. Talvez devesse encerrar por hoje.*

Ele se levantou e espreguiçou as costas, que haviam ficado curvadas sobre o terminal quando ele adormeceu. Estendeu a mão para desligar o computador quando o comunicador zumbiu de novo.

Abafando um bocejo, Cornelius atendeu.

– Doutor? Ele acabou de acordar.

Dessa vez, o técnico parecia nervoso.

– Como lhe parece?

– Muito mal, Dr. Cornelius.

Logan apareceu no monitor de Cornelius. O Experimento X parecia estar na mesma posição de antes, só que de olhos abertos, inexpressivos, sem enxergar nada, na parede oposta.

– Está se movendo?

– Não. Só encarando.

*Melhor deixar meu terminal ligado,* Cornelius decidiu. *Só para o caso de algo dar muito errado.*

– Certo – ele disse ao rapaz. – Continue monitorando. Me avise se algo acontecer. Desligo.

Cornelius tirou os sapatos e o jaleco, que largou sobre a cadeira. Então, ainda de roupa, deitou-se na cama, meteu os óculos no bolso da camisa e fechou os olhos cansados.

Quase imediatamente, deslizou para um sono profundo, cheio de sonhos...

– Então, Clete. Você viu os resultados. O que concluiu?

– Precisa mesmo de uma segunda opinião, Abe?

O Dr. Cornelius confirmou.

– Sou um cientista pesquisador. Você é o médico praticante. Então, qual é o seu diagnóstico, doutor?

O Dr. Cletus Forester retirou grossas lentes bifocais do bolso do jaleco verde pálido. Levando-as ao rosto sem abrir as hastes, estudou os resultados de uma bateria de testes que realizara. Infelizmente, refletiam o primeiro conjunto de tabelas fornecido pelo pediatra do menino.

– Ahm, bem... a contagem de células brancas do paciente está muito mais alta do que o normal, até para uma criança cinco vezes mais velha – começou o Dr. Forester. – Se você não sabia disso ainda, devido ao seu trabalho, seu pediatra deve ter dito que as crianças têm sistemas imunológicos preguiçosos... Por isso ficam doentes o tempo todo.

– Mas Paul não?

Forester balançou a cabeça.

– Seu filho é diferente. Os anticorpos dele estão quase no topo, e não param de trabalhar... Matam tudo o que veem pela frente. Uma linfadenopatia generalizada persistente está presente...

– Aqueles caroços no pescoço, embaixo dos braços? – perguntou Cornelius.

Forester concordou.

– Na virilha, também. Os caroços ainda não apareceram sob a pele do menino, mas logo vão aparecer. É apenas questão de tempo. Você disse que a febre é crônica?

– Sempre acima de 38, com picos de 39 e quase 40 à noite – Cornelius respondeu.

– Suores noturnos?

– Toda noite, praticamente. Às vezes, de manhã, os lençóis ficam encharcados. Meu filho...

Cornelius parou, contendo a emoção. Quando tornou a falar, disse em voz neutra:

– Paul libera fluidos tão rapidamente quanto colocamos nele. Quando ocorre um ataque dos piores, ele fica o tempo todo no soro. Mesmo assim, o equilíbrio eletrolítico dele vai pro espaço.

– Isso tudo é sinal da doença no tecido conectivo – Forester acrescentou.

– Lúpus eritematoso sistêmico? – Cornelius perguntou, surpreso. – Então o choro do Paul deve ter a ver com dor muscular ou nas juntas... Droga... Nunca pensei que podia ser lúpus.

O Dr. Forester balançou a cabeça lentamente.

– Lúpus, não. Não exatamente. Algo como lúpus eritematoso sistêmico. Algo que nunca vimos antes.

Cornelius, perdido em pensamentos, coçava o queixo.

– Estava relutante em usar analgésicos, mas agora...

– Dê os analgésicos. Alivie o sofrimento do menino – disse Forester.

Cornelius fitou o colega.

– Mas deve haver mais que eu possa fazer... Um tratamento para reverter o dano nos órgãos? Talvez um anticorpo sintético pra combater os anticorpos que ele está produzindo...

– Olha, me desculpe por dizer isso, Abe – começou Forester. – Mas, sendo sincero, você está tapando o sol com a peneira. Obviamente você chegou à mesma conclusão que eu, ou não teria procurado uma segunda opinião.

Cornelius encarou o outro, aturdido.

– O que quer dizer, Clete?

– Que... que nós dois sabemos que a doença do seu filho é fatal... Que é somente uma questão de tempo.

Cornelius desviou o olhar.

– Não aceitei o prognóstico.

– Vamos lá, Abe! – Forester reclamou. – O sistema imunológico de Paul está gerando anticorpos que atacam os núcleos das células. O DNA. O RNA. Proteínas celulares. Fosfolipídios. É apenas questão de tempo para que os órgãos sejam danificados e falhem... um por um. Talvez três meses. Quatro, no máximo.

Por detrás dos óculos de fundo de garrafa, o olhar de Cornelius ardeu.

– Eu não desisti. Ainda não.

– Mas não há cura...

– Vou encontrar.

– E provavelmente nunca haverá – Forester insistiu. – Em todo caso, levaria anos, talvez décadas, apenas para isolar a causa subjacente da doença. E mais anos tentando encontrar um tratamento pra aliviar o sofrimento, que dirá a cura.

Forester colocou a mão no ombro do colega. Quando tornou a falar, foi como amigo, não como médico.

– Abe. Escute e aceite o que estou dizendo, pelo seu próprio bem. O paciente... seu filho, Paul... não tem décadas, nem mesmo anos. Prepare-se para o pior. Chore quando chegar a hora e toque sua vida pra frente.

• • • •

Parecia que fechou os olhos por apenas um instante quando o comunicador zumbiu de novo.

Cornelius rolou para fora da cama e cambaleou até o terminal. Apertou o botão, depois ajustou os óculos de qualquer jeito.

– Doutor?

O mesmo técnico, parecendo agora mais animado.

– Sim... Status. Que foi?

– Está se movendo agora.

– Muito?

O técnico hesitou.

– Só se inclinou um pouco...

*Me acordou por causa disso?*, pensou Cornelius.

– Status...

– Sim, senhor.

– Não precisa me avisar toda vez que o paciente mexer a sobrancelha.

– Sim, senhor... Desculpe, senhor.

O técnico desapareceu.

*Chega, concluiu Cornelius. Após 22 horas de pé, preciso descansar.*

Ele curvou-se sobre o teclado e deixou uma mensagem curta instruindo o técnico a enviar quaisquer perguntas diretamente para o Professor durante as duas horas seguintes.

Se o rapaz resolvesse entrar no modo pânico antes do fim do turno, supôs que o Professor poderia lidar com ele.

Mas antes que conseguisse desligar seu terminal, recebeu outra mensagem.

– Status? – ele atendeu.

– O paciente está bem, senhor. Mas parece estar alerta agora.

Cornelius despertou de repente.

– Está consciente?

– Está apenas olhando para a própria mão.

– Mão?

– É... aqueles tubos nas mãos.

Cornelius lembrou-se que o Dr. Hendry instalara biomonitores durante o pós-operatório nas mãos do paciente no intuito de descobrir onde o adamantium extra fora coletado. Tanto Hendry quanto Chang temiam que o Experimento X perdesse a mobilidade nas mãos caso adamantium demais se acumulasse em torno dos delicados ossos dos dedos.

– É melhor eu descer – Cornelius disse ao rapaz. – Tente contatar o Professor... Peça que se encontre comigo aí.

• • • •

– Preciso desesperadamente da sua ajuda, ou não teria pedido, Sr. Logan – disse

Miko Katana. – Há vidas em jogo...

– Isso você já disse – Logan retrucou. – Mas é melhor ser mais convincente, porque não tá colando.

– Por favor, Sr. Logan, escute antes de julgar.

Em pé à beira do abismo que dava na represa e no lago artificial, Logan encarava a mulher, seus olhos nivelados com os dela.

– Duas semanas atrás, um cientista pesquisador japonês foi sequestrado durante uma visita a Seul. A inteligência da EEA descobriu evidências de que o homem fora levado por agentes que trabalham para o General Koh por conta do conhecimento que o cientista possui.

– Conhecimento sobre armas, com certeza – disse Logan. – Não é segredo que os norte-coreanos têm um programa nuclear rolando. O que falta a eles é um sistema de disparo: foguetes e mísseis. Então, me deixa adivinhar: o cientista desaparecido é perito em foguetes? Um gênio em telemetria? É isso o que está insinuando?

– Não estou autorizada a discutir o trabalho do cientista.

– Moça, você não tá me falando nada.

– Disse o que você precisa saber. E nada mais.

– Então, basicamente, você quer que eu te ajude a entrar no lugar, mas não vai me dizer por que, a não ser uma baboseira sobre pessoas em perigo. Daí, lá dentro, a gente tem que encontrar um cara que foi sequestrado, mas você não vai me dizer quem é nem por que o cara foi levado. E fica falando sobre um tal de General Koh, que tem um dedo nisso tudo. Só que eu nunca ouvi falar desse Koh em nenhuma das minhas missões. Quem é o cara?

– O General Koh é um problema do Japão que não diz respeito a você – ela respondeu.

A resposta não o surpreendeu.

– Olha, gatinha, preciso saber um pouco mais.

Mas o pedido de Logan foi recebido por uma parede de silêncio e um olhar incólume. O tempo estava passando. Logan estava quase se atrasando – e sua demora prejudicaria o sucesso da missão, colocando Neil Langram também em risco.

– Certo, você venceu – ele disse, finalmente. – Pode vir comigo, mas só porque eu estou sozinho.

*E porque sua equipe obviamente tem uma inteligência melhor do que a minha. E no jogo de espionagem, conhecimento é poder – do tipo que pode salvar a tua vida.*

– Obrigado, Sr. Logan. Prometo que não comprometerei sua missão, mesmo que prejudique a minha.

– Acho justo.

Miko Katana tirou um pacote de seu cinto.

– Antes de começarmos, deixe-me fazer um curativo. Deve estar sentindo uma dor terrível.

A mulher deu a volta em Logan e examinou as costas dele, manchadas de sangue. Mas quando começou a limpar os ferimentos, Miko teve uma grande surpresa.

– Eu... não entendo. Alguns minutos atrás, suas costas estavam cobertas de lacerações. Agora seus ferimentos estão quase curados!

– É como eu te disse – Logan respondeu. – Me dá uns minutos e eu melhoro.

– Isso não é normal – Miko rebateu.

– É, nem me diga.

– Mas como faz isso?

– Bons genes – Logan disse, amargurado.

Miko aceitou a explicação e continuou limpando os ferimentos remanescentes. Quando terminou, Logan rasgou um pedaço dos restos do traje camuflado, depois abriu uma vasilha de metal que estava presa a seu cinto. Ele deitou um embrulho preto do tamanho de uma barra de sabonete na palma da mão direita. Trabalhou o item com as mãos, expandindo o pacote até que finalmente o abriu, sacudindo-o. Quando o traje camuflado estava totalmente esticado, Logan tirou o que restava de seu equipamento e vestiu a roupa nova.

Enquanto se trocava, Miko desviou os olhos, tímida. A moça engatinhou com cautela até a beirada do morro para observar a represa através de minibinóculos.

– Vê alguma coisa? – Logan perguntou, ajustando o cinto de utilidades em torno da cintura.

– Só atividade normal. Os norte-coreanos não parecem cientes da nossa presença.

– Ótimo – disse Logan, pegando sua G36 e colocando uma bala no tambor. – Porque já me basta de surpresas por uma noite.

# VIII • CONSEQUÊNCIAS NÃO PREVISTAS

Apesar do horário — quase amanhecendo —, o sono evitava o Professor, como sempre fizera, desde a tenra infância. Estava sentado, tenso e alerta, na cadeira ergonômica, grato pela atemporalidade de seu centro de comando, onde ele podia ignorar o ciclo das horas e, finalmente, dispensar o ritual de dormir — pelo menos até que a exaustão física e mental o forçasse a retirar-se para uma sonolência sem sonhos.

Felizmente, isso acontecia com menos frequência. Nos meses anteriores, enquanto o projeto Arma X começava a ser executado, ele se maravilhava com quanta atividade era capaz de realizar sem precisar dormir. Quão ordenados e cristalinos tornavam-se seus processos mentais sem as firulas descontroladas dos sonhos e pesadelos!

*Todo o programa Arma X teria sido impossível sem o meu sacrifício, minha vigilância constante,* refletiu o Professor. *Tudo o que sempre quis foi o sucesso — motivo pelo qual a atitude displicente do Diretor foi para mim uma traição tão grande.*

Piscando sem serem vistas no monitor central estavam as imagens do Laboratório Dois, onde o Experimento X jazia num estupor pós-operatório. O trabalhoso procedimento fora bem-sucedido — tanto que o Professor nem precisou avaliar os dados médicos para saber que o paciente teria uma recuperação total rápida.

Disso ele jamais duvidara. O paciente estava destinado a sobreviver porque o Diretor X arranjava tudo para garantir o sucesso. *Talvez eu devesse agradecer-lhe... Agradecer por prejudicar o projeto, anos de trabalho. Agradecer pelas mentiras, pela traição.*

Mas não havia como agradecer. O Professor sentia apenas uma raiva ardente.

*Por que o Diretor me excluiu de uma decisão assim tão crucial? Por que pôr em risco um experimento rigidamente estruturado acrescentando um fator surpresa — um mutante? Quem saberia dizer quais variáveis foram acrescentadas à equação? Que surpresas poderiam estar enterradas no DNA do paciente? Que consequências não previstas poderiam surgir?*

Como cientista, o Professor entendeu que o aspecto mais importante de qualquer experimento era o controle total de todas suas variáveis. Nada poderia ser deixado ao sabor do acaso.

*Mas com essa decisão descuidada, o Diretor tirou esse controle de mim.*

A intenção do Professor era desenvolver um método de transformar seres humanos



em armas de terror – o primeiro passo na criação de todo um exército de super-homens sem vontade sob seu controle rígido. Mas agora ele nem sabia se o processo funcionaria em humanos, porque fora tentado somente com um mutante.

*O único jeito de salvar o que resta deste projeto é tomar as rédeas novamente – encontrar um jeito de reafirmar minha vontade, minha visão do programa Arma X... O que significa que terei que tomar controle total da fase de condicionamento psicológico do Experimento X ao meu modo.*

*Claro, terei que pôr de lado Hendry, MacKenzie e qualquer um que foi contrário às minhas ideias e questionou a minha visão.*

O Professor cerrou os punhos num vão esforço de conter o tremor das mãos. Não conseguia mantê-las imóveis.

*Olhe só para mim, pensou ele, sem traço de autopiedade. Sou incapaz de controlar meus próprios reflexos. Como posso esperar retomar o controle do experimento? Destas instalações? Da Arma X?*

O zumbido súbito do comunicador o assustou, quebrando sua intensa concentração.

No monitor central, a imagem do Experimento X – agora consciente – foi abruptamente substituída pelo rosto apreensivo de um técnico muito jovem, olhos escancarados por trás dos óculos delicados.

– Hmm, Professor, senhor? É o técnico de status do Laboratório Dois.

– O que foi?

– Hã... o Dr. Cornelius me pediu para...

Subitamente, o jovem do monitor começou a balbuciar.

– Meu Deus! Meu Deus! – ele urrou, de olhos escancarados.

– Que foi, homem? – perguntou o Professor, ficando de pé.

– Sangue! – arquejou o técnico. – Tem algo errado... Meu Deus! Mais sangue. Sangue espirrando das mãos dele!

• • • •

Por trás de chapas duplas de oito centímetros de acrílico, um técnico martelava freneticamente o teclado. Boquiaberto, seu maxilar se mexia, mas os gritos eram abafados pelas paredes isolantes da cabine de observação.

Dentro do Laboratório Dois, o Experimento X debatia-se sobre uma cama de tubos e canos retorcidos, contorcendo-se num ataque de tormento interminável. O que começara com uma dor leve nos punhos rapidamente explodira em uma agonia intolerável. As mãos de Logan se sacudiam descontroladas, e o músculo grosso que lhe recobria os punhos queimava e palpitava sob a pele machucada e torturada. Nos bíceps tensos, as veias inchavam até ameaçar explodir.

Entre dentes, um gemido animalesco escapou pelos lábios respingados de sangue.

Os braços chacoalhavam em espasmos violentos, arrancando um monte de sondas médicas de sua pele. Faíscas choviam de minimonitores e sondas partidas. Logan brandia os braços violentamente, espirrando um jorro rubro nas paredes, no teto, nas placas de acrílico.

Quando ele se levantou com dificuldade, gotas de suor apareceram em sua testa e pescoço, descendo feito riachos pelo tronco. O mutante cambaleou ao dar o primeiro passo, as juntas em chamas. O coração batia em ritmo inumano; as veias na testa, pescoço e antebraços incharam, pulsando. Sangue vazou das gengivas e do nariz. O líquido vermelho manchou suas bochechas, fluindo feito lágrimas.

Finalmente, Logan caiu de joelhos e jogou a cabeça para trás. Boquiaberto, cuspidando um jorro de sangue, soltou um urro de angústia mortal.

• • • •

– Status... onde está o Dr. Cornelius?

Enquanto falava, o Professor tentou conseguir imagens do Laboratório Dois, mas algo – provavelmente o debater-se do paciente – danificara boa parte do sistema. A única câmera que ele conseguiu ativar projetava uma mancha vermelha: as lentes estavam cobertas de sangue.

– Meu Deus, senhor! Preciso de ajuda. Estou sozinho aqui. Não fui treinado para isso.

– Escute-me, homem! – rosnou o Professor. – Conecte-me aos seus monitores. Quero ver isso.

– Sim... sim, senhor.

Um instante depois, o Experimento X apareceu no monitor do Professor. Logan estava de joelhos, as sondas estavam penduradas, arrancadas do teto, saindo das paredes, feito correntes numa masmorra. De uma centena de ferimentos escorria sangue escuro. Sondas partidas projetavam-se da espinha dele como espinhos de porco-espinho.

Apesar do quadro horroroso, o Professor observou sem emoção que a boca do paciente estava aberta no que ele presumira tratar-se de um grito sem fim.

*Quão trágico o sistema de som ter falhado. Preciso me lembrar de ver as gravações de segurança depois... Ouvir os gritos dele... Avaliar o nível de dor que vivenciou.*

A voz do técnico, tomada pelo pânico, interrompeu os pensamentos do cientista.

– Senhor... devo ajudar o moço?

– Hmm. – *Ideia intrigante.* – Não. Ainda não, status.

– Mas ele deve estar sentindo muita dor.

O Professor sorriu.

– É... acho que tem razão.

No monitor, Logan continuava de joelhos, o rosto enterrado no peito, punhos cerrados, abrindo-se em espasmos. O paciente gritou mais uma vez e olhou com óbvio horror os próprios punhos.

Subitamente, os ouvidos do Professor foram invadidos pelo urro inumano de Logan. Impressionado pelo fato de o ansioso técnico ter conseguido restaurar o áudio assim como as imagens, o Professor se apressou em baixar o volume, depois voltou a fixar a tela.

A imagem que apareceu foi chocante. Aterrado, o Professor gritou.

– Veja isso!

Nos punhos de Logan, nas costas das mãos, a pele sofrida começou a inchar e esticar. Ele se curvou, e o movimento terminou de arrancar o que restava das sondas médicas, fazendo jorrar uma fonte de sangue. Conforme os gritos do paciente se intensificavam, o Professor tornou a baixar o volume – felizmente, não o bastante para perder o som úmido e rascante que três pontas afiadas fizeram ao irromper da epiderme da mão do mutante.

Pelo monitor auxiliar, o Professor ouviu o técnico gritar feito uma criança.

– Você disse que está sozinho no laboratório, status? – perguntou a voz modulada.

Pausa.

– Sim, senhor.

– Vou convocar uma equipe de segurança.

O Professor abriu o tampo de vidro que cobria o alarme de emergência, com o intuito de alertar o Major Deavers da possível crise. Mas quando seu dedo pairou sobre o botão vermelho, o cientista descobriu que sua mão, que até então tremia, estava firme feito rocha.

– Deus! Tem umas estacas saindo dele. Das mãos do cara! O que eu faço? – arquejou o técnico.

Os olhos do Professor permaneceram na figura no Laboratório Dois. Três apêndices similares a garras – um total de seis – projetavam-se das mãos do paciente. Com cerca de trinta centímetros de comprimento, ligeiramente curvadas e cobertas de adamantium, as garras pareciam ser muito afiadas.

*Como foram parar ali? Estão presas com firmeza ao esqueleto do paciente? Ele controla a emissão das garras, ou sua extensão é um ato reflexo?*

*Tantas perguntas...*

De uma coisa o Professor tinha certeza. *Essas... garras... sem dúvida causaram a agonia excruciante do Experimento X ao se estenderem.*

– Meu Deus, Professor, mais sangue. Ele precisa de ajuda, agora.

– Escute-me – ordenou o Professor. – Você tem acesso à cabine do paciente?

– Tenho, senhor.

– Tem certeza de que ele precisa de cuidados médicos?

– Claro que sim! – o técnico respondeu.  
– Então vá até lá e tente ajudar o coitado!  
Uma longa pausa.  
– OK! Se é o que quer... eu vou.  
– Acredito que deve – disse o Professor. – E tranque a porta de segurança depois de entrar, status... só por segurança.  
No monitor auxiliar, o Professor viu o técnico assentir, o rosto pálido.  
– Bom garoto... Vá.

• • • •

O Dr. Cornelius parou no dispensário para uma xícara de café antes de descer para o Laboratório Dois. Enquanto esperava que o líquido aquecesse, tentou contatar a cabine de observação pelo comunicador na parede.

– Status? Status? É o Cornelius. Responda...

Nenhuma resposta, então ele bipou novamente.

*Anda, status, ficou me incomodando a noite toda. Por que não atende agora?*

Cornelius começou a ficar preocupado após três tentativas sem resposta. Na última, o técnico estaria violando o protocolo do projeto por ignorar a chamada.

Ele deu meia-volta e saiu às pressas do dispensário, sem seu café. O aroma atraía dois membros da equipe de segurança, que estavam ali para pegar o turno do dia em torno do perímetro exterior. Ambos estavam protegidos pela armadura corporal, embora o mais velho tivesse se recusado a vestir o capacete.

– Você. Você – rugiu Cornelius. – Venham comigo!

– Sim, senhor – respondeu secamente o Agente Franks.

– Algum problema, senhor? – perguntou Cutler.

Cornelius deu de ombros.

– Pode ser. Não tenho certeza. Por favor, fiquem por perto.

Os guardas o acompanharam até o elevador. Desceram para o Nível Dois em silêncio, embora Franks e Cutler tivessem trocado olhares ansiosos quando descobriram o destino. Estiveram horas antes no Nível Dois, entregando o Experimento X aos técnicos.

Sem hesitação, o Dr. Cornelius guiou-os ao Laboratório Dois, embora tenha parado diante da porta de segurança.

– O laboratorista aqui... qual é o nome dele?

– Não sei bem... – respondeu Cutler. – Cal ou Cole alguma coisa.

– Ele começou hoje, senhor – disse Franks.

– Hoje? – Cornelius ficou perplexo. – Então, não devia estar nesta seção.

Cornelius digitou o código de segurança no teclado e entrou na cabine de observação, Cutler e Franks na retaguarda. O médico ficou surpreso ao encontrar o

local vazio, sem iluminação, exceto pelas luzes de emergência. Os monitores estavam apagados e um cheiro de ozônio e plástico queimado pairava no ar. Do outro lado da parede de acrílico, o Laboratório Dois era um breu só.

Cornelius conteve um palavrão.

– Se ele saiu sem permissão, esse rapaz vai se ver comigo.

Ele examinou o console, procurando por um interruptor de luz. Cutler encontrou-o primeiro.

Quando as luzes se ascenderam, ouviram um grito repentino que culminou abruptamente num gorgolejo úmido.

Do outro lado do acrílico, no centro do laboratório, o laboratorista desaparecido estava deitado numa cama de tubos retorcidos, eletrodos partidos e cabos enrolados. Sangue jorrava de sua garganta dilacerada. Os olhos do homem imploravam, os braços e as pernas contorciam-se enquanto o sangue vital formava uma poça ao seu redor.

Curvado sobre sua vítima, como se a observasse morrer, estava o Experimento X – ensanguentado e nu. Os braços fortes, abertos. Projetadas de buracos sangrentos nas duas mãos, havia seis garras de adamantium curvadas.

– Meu Deus! Que diabos aconteceu aqui? Que horror! – exclamou Cornelius.

– Ele está morto! Morto! – gritou Franks, desviando os olhos.

Apenas Cutler manteve-se frio. Ele acionou o alarme e ativou o sistema de segurança, que selou todas as portas entre os níveis. Mas mesmo entre paredes isolantes, os homens dentro da cabine escutaram o aviso sonoro.

Franks afastou-se lentamente quando a figura do outro lado do acrílico cravou os olhos nele.

– É ele? Este é o Experimento X? – ele gaguejou.

– É o Experimento X! – Cornelius exclamou. – Meu paciente. Mas Deus... o que aconteceu com ele?

– Ele trucidou o rapaz – disse Cutler. – E está coberto de sangue. Sem falar das facas saindo das mãos.

Por trás dos grossos óculos redondos, o cientista estreitou o olhar, curioso.

– Parecem garras.

– Parece um animal raivoso – disse Cutler.

Franks entrevistou.

– Senhor, vamos pegar as armas e detonar essa coisa!

– É tarde demais para isso – disse Cornelius –, tarde demais para qualquer coisa.

– Tem razão – disse Cutler. – Tarde demais. Esse filho da mãe está prestes a atravessar o painel.

Cornelius zombou.

– Impossível. São seis centímetros de acrílico. Ele é forte, mas...

A translúcida parede de plástico explodiu para cima deles, cobrindo Cornelius, Cutler e Franks com uma chuva de granizo sintético. Em meio ao redemoinho, uma figura saltou aos urros para dentro da cabine de observação, encarando-os. Cutler ouviu um rosnado raivoso quando o Experimento X pousou, agachado, pronto para o ataque.

• • • •

Em seu monitor central, o Professor assistia ao caos no Laboratório Dois com alegria. Os gritos frenéticos de Cornelius e dos seguranças era música para seus ouvidos.

– É o Experimento X! Meu paciente. Mas Deus... o que aconteceu com ele?

– Ele trucidou o rapaz. E está coberto de sangue. Sem falar das facas saindo das mãos.

Os monitores auxiliares espalhados em torno do console eram como janelas que ofereciam imagens em tempo real da atividade maníaca realizada em outras partes da instalação. Do setor de segurança no Nível Um, o Major Deavers e uma equipe de brutamontes correu para o elevador. Na sala de operação, médicos e técnicos reuniam-se para lidar com as necessidades médicas de emergência do Experimento X.

– ... parecem garras...

– Parece um animal raivoso.

– ... pegar as armas e detonar essa coisa...

– É tarde demais para isso. Tarde demais para qualquer coisa.

O Professor tocou um botão e cortou o áudio, a mão firme como a do melhor cirurgião de sua equipe.

*A Arma X já é um sucesso, se deu conta. O paciente tem mais potencial para violência irracional do que imaginei ou poderia esperar.*

*O instinto primal de Logan... talvez seu único instinto... é o de destruir. Quando ele rasgou violentamente a garganta do técnico – um inocente que apenas tentara ao máximo aliviar a dor do paciente –, a Arma X agiu por instinto, sem a interferência da clemência ou da razão. Numa palavra: a atuação do paciente foi...*

– Magnífica.

• • • •

– Saiam da cabine! – Cutler gritou ao jogar-se entre Franks e Cornelius e o raivoso Logan. Franks mergulhou para a saída antes mesmo dos últimos cacos de acrílico tocarem o chão. Mas Cornelius congelou, olhos escancarados de surpresa por trás das lentes grossas como fundo de garrafa, e Logan se virou, ficando de

frente para o cientista barbudo.

Com um rugido gutural, Logan ergueu uma das mãos para derrubar Cornelius. Mas antes que executasse o golpe fatal, Cutler saltou nas costas dele, envolveu-lhe o pescoço com as pernas e segurou o braço com os suas mãos.

– Saia! – Cutler rugiu, lutando para conter Logan.

Petrificado, Cornelius não recuou. Enquanto Logan lutava para liberar o braço erguido, Cutler sentiu suas mãos escorregando da enlouquecida criatura. Com um rugido, Logan ergueu o outro braço e arrancou o homem de suas costas. Girando indefeso, Cutler rolou para cima do computador, passando por cima dos restos da janela estilhaçada. Ele pousou com tudo, de costas no chão. Tentou erguer-se, mas voltou a cair, batendo a cabeça contra a carcaça ensanguentada do técnico assassinado.

Logan avançou para o Dr. Cornelius. Cara a cara, olhos nos olhos, Cornelius preparou-se para o ataque fatal. Que nunca ocorreu. Em vez disso, as pernas de Logan cederam e ele tombou. Com um gemido final, Logan desabou no piso de metal e ficou ali imóvel. Cornelius caiu de joelhos ao lado do paciente e tocou seu pulso para avaliar a pulsação – apenas para recuar quando as garras de adamantium se contraíram, sumindo sob as dobras na pele do paciente.

A porta de segurança se abriu com tudo. De arma em punho, o Major Deavers entrou às pressas. Atrás dele estavam o Agente Franks e uma equipe de domadores com armas elétricas crepitando em suas mãos enluvadas.

Cornelius ergueu a mão para contê-los, depois levou dois dedos à garganta de Logan.

– O paciente está vivo... por pouco. Mas todos os sistemas de suporte à vida foram arrancados. Temos que levá-lo à sala de operação agora, ou vamos perdê-lo.

Para a surpresa do médico, os brutamontes o empurraram e pegaram Logan com as próprias mãos. Usando canos e tubos das sondas médicas partidas, os guardas amarraram o homem inconsciente, ignorando os protestos de Cornelius.

Finalmente, o cientista viu o distintivo na armadura do Major Deavers.

– Você! Está no comando? – Cornelius vociferou.

– Sim, senhor – Deavers respondeu ríspidamente, sua voz ecoando por trás da máscara facial.

– Quero que controle seus homens, depois leve o Experimento X para a sala de operação, para avaliação. O tempo é essencial. Sem o suporte à vida, ele tem pouco tempo.

Deavers olhou por cima de Cornelius, para o cadáver no chão.

– E quanto a ele?

Cornelius olhou para o técnico, depois baixou os olhos.

– Não há pressa... Está morto.

Os olhos de Deavers flamejaram, mas conteve a resposta. Depois se virou para falar com seus homens.

– Coloquem o maldito numa maca e o levem para a sala de operações – ordenou.  
– Prendam-no bem. E se ele acordar, ou mesmo roncar, metam choque nele.

Dois rapazes corpulentos colocaram Logan numa maca, amarraram-no e o levaram. Enquanto isso, o Major Deavers e o Agente Franks entraram no laboratório para checar Cutler.

– Apagou – disse Deavers. – Não parece mal, pelo menos.

Deavers deu um tapinha em Cutler para acordá-lo, e quando o homem abriu os olhos, o major balançou a cabeça, em simpatia zombeteira.

– De pé, herói – disse Deavers, estendendo a mão.

Cutler aceitou-a, levantou-se e balançou a cabeça para clarear as ideias.

– O que me atacou? – gemeu ele. – Estou tão mal quanto me sinto?

O Major Deavers dirigiu sua atenção para o corpo largado no piso, sobre uma poça escura do próprio sangue.

– Você está muito melhor do que esse cara aí.

• • • •

– Se soubesse o que tinha em mente, Professor, eu poderia ficar muito furioso com você.

Cornelius estava sentado na cabine de observação destruída entre lascas de acrílico e consoles amassados, aninhando uma xícara de café morno nas mãos trêmulas.

– Imagino – disse o Professor. – Embora eu nunca tenha escondido a verdadeira natureza deste projeto de você. Pelo contrário, foi você quem preferiu não discutir o aspecto mais controverso do projeto comigo. Por isso, achei que você não estava pronto para aceitar certas realidades... feias.

– Pensei que estivesse tentando criar algum tipo de superser. Um... um supersoldado, algo assim. Com certeza você ouviu falar daquele programa dos anos 1940?

– Claro.

Cornelius levou a xícara aos lábios e bebeu ruidosamente, tomando tudo. Limpou a boca na manga da camisa, depois franziu o cenho.

– Eu o ajudei a criar um monstro, não um superser...

– Não, não exatamente um monstro...

– Dane-se! É um animal sanguinário e demente!

– Bem, sim. Mas pode ser adestrado.

Cornelius quase riu.

– Adestrado? Deus do céu, Professor. Ele trucidou um garoto inocente.



Sem olhar, ele apontou para a mancha negra no piso do laboratório que já havia sido esvaziado.

– Depois ele foi atrás de mim e dos guardas. Atravessou a janela como se ela nem estivesse lá.

Num gesto atípico, o Professor pousou a mão no ombro do colega para confortá-lo.

– Deve ter se apavorado, doutor – disse, com simpatia.

– Você não faz ideia!

*Faço sim*, pensou o Professor, pendendo a cabeça para esconder um sorriso dos mais sutis. *E fiquei muito contente com a sua reação. Só posso imaginar como se sentirão aqueles que confrontarem uma Arma X totalmente treinada e condicionada! Nenhuma nação, poder algum poderá enfrentar tamanho poder.*

O Professor retirou a mão.

– Mas no fim você não se feriu. Então pare de sentir pena de si mesmo, sim?

Cornelius levou a xícara aos lábios, encontrou-a seca e colocou-a de lado.

– Logan poderia ter nos matado. Olhei-o nos olhos por um segundo... Cheios de ódio e fúria. E algo que não sei se era sede de sangue ou horror pelo que fizemos a ele.

*Tudo o que “fizemos a ele” foi libertar a fera interior, desconhecida e indomada*, pensou o Professor. *Uma fera que logo será treinada como um animal de circo para agir quando ordenado.*

O Professor viu Cornelius levantar-se e cruzar a sala, onde reabasteceu a xícara com o líquido de um jarro quase vazio.

– E o que aconteceu depois, doutor? – ele perguntou, encorajador.

– Ele perdeu os suportes de vida e desabou. Aquelas facas terríveis...

*Uma extraordinária adaptação, aquelas garras*, pensou o Professor, maravilhado. *Um salto evolutivo incrível...*

– ... voltaram para dentro dele.

*Furtivas. Letais. A arma perfeita para a Arma X.*

– E eu agradei a Deus por minha boa sorte.

*Uma pena que eu não tenha pensado em tal inovação primeiro. Poderíamos ter nos preparado melhor para isso...*

O Professor ficou impaciente.

– Bem, e você sobreviveu para contar a história. Agora devemos considerar...

– Mas o rapaz está morto, Professor.

– Sim. Uma tragédia. O que o teria levado a entrar na cabine?

Cornelius deu de ombros.

– Não sei. Ele deve ter visto o perigo. Vamos ter que responder pelo que houve.

O Professor franziu o cenho.

– Como, doutor?  
– Bem, à polícia, é claro... E quanto à família do garoto?  
– Certamente você não quer a polícia envolvida, quer? Fazendo perguntas? Invadindo a vida das pessoas? A sua vida? Se isso acontecer, não sei se posso garantir a sua segurança, Dr. Cornelius.

– Já não importa mais – Cornelius respondeu, surpreso por querer mesmo dizer cada uma daquelas palavras. Depois de enfrentar a fúria de Logan, seu receio da prisão evaporara.

O Professor estudava o colega, intrigado pela mudança de atitude.

– E eu que achava que o tínhamos por inteiro, doutor. Convencido você a não desperdiçar seu conhecimento científico. O impressionado com nossa dedicação inabalável.

Cornelius baixou os olhos.

– Pra mim, basta.

*Não até que eu diga. Mas será preciso mentir, obviamente. Que cansativo...*

– Felizmente, não creio que será preciso envolver a polícia – respondeu o Professor, ignorando a declaração de Cornelius. – Os parentes do menino podem ser compensados. Segurados, digamos.

Cornelius não escutava. Atrapalhou-se com o café, e o líquido amargo manchou-lhe o jaleco.

Para lidar com a impaciência, o Professor varreu as lascas de acrílico de cima do monitor de um dos computadores.

– Doutor, imagino que deva estar se sentindo um pouco distanciado de mim agora, por isso talvez seja a hora de lhe informar mais sobre o meu programa...

Cornelius fitou-o.

– Programa?

*Sempre o toque de suavidade, e depois a mão de ferro.*

– Sim, mas isso exigirá sua total confiança. Eu a tenho, Cornelius?

O médico moveu os lábios um pouco antes de emitir som.

– Não sei... há muito que...

– Vou explicar tudo.

*Ele está desorientado, notou o Professor. Precisando de direcionamento... Liderança... Agora, a mão de ferro.*

– Sua confiança, doutor – o Professor repetiu. – Preciso tê-la. Ofereça-a e eu aceitarei.

– Bem – Cornelius disse, num sussurro. – Se é o que quer, senhor... a tem.

O Professor umedeceu os lábios.

– Obrigado, doutor.

– Não por isso, senhor.

– Diga-me, doutor, está familiarizado com o termo *Homo superior*?

Cornelius deu de ombros.

– Como o termo que significa raça superior, ou outra coisa?

– Até certo ponto. Mas não... me refiro aos mutantes. – O professor fez uma pausa para reativar o monitor salpicado de sangue. – Mutantes não são humanos, Dr. Cornelius, eles são *Homo superior*. O Experimento X não é humano. Portanto ele é, *Homo Superior*. Veja...

O Professor repassou os momentos finais da vida do técnico de status no monitor.

– O que vê aqui?

Cornelius sentiu repulsa, entretanto a curiosidade científica o impeliu a assistir.

– O que acha? – ele disse, irritado. – Vejo uma fera selvagem que um dia foi um homem.

– Muito bem, Cornelius. Aceito sua posição. Entretanto, vejo um homem como sempre foi, mas com seu inconsciente exposto. Cortado de sua alma e riscado até os ossos. Nosso amigo finalmente se encontrou. Devemos ficar contentes com isso. Estamos transformando-o... Arquitetos da mente, do corpo e da alma de Logan.

Cornelius coçava o queixo, incomodado pelo sorriso fino do Professor.

– O experimento. O processo de ligação do adamantium. Está dizendo que isso o transformou nessa coisa infernal?

– Não, doutor. Você precisa entender que essa “coisa infernal” é o que o paciente sempre foi. Um indivíduo determinadamente violento abrindo caminho numa vida sem propósito.

Enquanto assistia ao replay infinito na tela, os olhos do Professor se encheram de algo similar a piedade.

– Imagine uma vida assim, Cornelius. Um dia diferenciado do outro somente pela mudança de padrão dos hematomas e sangramentos da última briga de bar. Mas então, inexplicavelmente, os ferimentos são curados e somem antes do meio-dia e da primeira cerveja...

O Professor balançou a cabeça.

– Que triste. Ora, duvido até que ele já tenha sofrido uma ressaca.

O comunicador zumbiu.

– Os testes diagnósticos foram concluídos, Professor – relatou o Dr. Hendry. – Estamos colhendo os resultados agora. Levará algumas horas. Talvez fique pronto ao meio-dia.

– E o paciente, Logan?

– Foi trancado em segurança máxima. Laboratório Cinco, Nível Cinco. Uma equipe está monitorando a atividade dele.

As mãos delicadas do Professor clicaram algo no teclado e a cena de assassinato no monitor foi trocada por uma imagem em tempo real de Logan, em outra cela,

acordado e lutando contra as amarras que o restringiam dos pés à cabeça.

– Pense nisso, Dr. Cornelius – continuou o Professor. – Logan suportou isso por todos esses anos. Acometido por um destino que lhe rasgava as entranhas de dentro para fora. Enfrentando uma sina decretada pela natureza... uma maldição similar ao flagelo da licantropia na Idade Média. Conhece a história de Logan?

– Não – respondeu Cornelius. – Só...

– Só sabe que foi sequestrado para os propósitos deste avançado experimento, correto?

Cornelius assentiu.

– E não ficou perturbado?

– Eu... achei que ele fosse um criminoso, algo assim. Imaginei que o MER fosse parte do processo... pra reabilitar Logan. Torná-lo um homem melhor.

O Professor jogou a cabeça para trás e riu.

– Você acabou chegando à verdade, doutor, pois é minha intenção que o Sr. Logan seja completamente reabilitado.

Cornelius não conseguia tirar os olhos de Logan, na tela.

– Estava contando a história dele, Professor.

– Logan se tornou agente do governo e era ideal para o perigo de seu trabalho. Sem nada a perder, nem mesmo sua maldita vida.

O Professor virou-se para Cornelius.

– Você viu o prontuário dele, doutor. Baleado diversas vezes. Esfaqueado e espancado em serviço. Procura descuidadamente a honra de morrer por seu país. Como pateticamente desesperado ele deve ter se tornado.

No monitor, Logan conseguiu libertar os braços. Enquanto os dois assistiam, ele começou a rasgar os cabos grossos que prendiam seus pulsos.

– Mas agora seu demônio está livre – disse o Professor. – Libertado pela intervenção do Projeto X. Sua identidade dupla, mutante atormentado e espião secreto, foi erradicada pelo MER. Foi suplantada pelo superego, e todos os instintos primais de Logan estão focados e resolvidos. Entende?

– Não tenho certeza se...

– Antes de tornar-se argila em nossas mãos, era como se Logan não existisse, na verdade. Não tinha família. Seu corpo não envelhecia, ele não tinha cicatrizes para lembrá-lo de erros do passado. Somente as lembranças lhe diziam que estava vivo, de fato, e todas essas lembranças causavam apenas dor e sofrimento infinito.

O Professor se aproximou.

– A maldição de Logan era viver eternamente, enquanto amigos, amantes, esposas... talvez até filhos e filhas... envelheciam e morriam na frente dele. Imagina tal solidão?

– Sim... – Cornelius respondeu sem um segundo de hesitação.

*Claro que sim, doutor*, pensou o Professor, depois prosseguiu.

– Quantas vezes ele deve ter pensado em suicidar-se. Mas até a morte lhe era negada. Não me admira que buscasse a fuga na bebida. É como se Logan soubesse que escapar do ego, a morte do “Eu” e de todas as suas lembranças, fosse a única chance de salvação.

– Sim, eu entendo, Professor.

– Claro que entende, doutor. E o que você vê neste momento é Logan livre da ambiguidade, da emoção. O que vê é a mais formidável arma tática já concebida.

– Então as facas nas mãos dele... – disse Cornelius – ... puro adamantium...

– Não são facas, Cornelius. São garras! E Logan já sabe usá-las.

Enquanto o observavam, Logan estendeu as garras e partiu os últimos cabos que o prendiam à cama. Ele se sentou, garras totalmente estendidas.

– Estão dormindo nessa cabine? – o Professor murmurou ao esmurrar o comunicador. – Segurança!

– Segurança falando.

– Precisamos do gás no Laboratório Cinco.

– Estamos esperando autorização do Dr. Hendry...

– Tem a minha – gritou o Professor. – Rápido! Rápido! Ele está quase de pé.

– Entendido.

Enquanto Logan rolava para fora da cama, um ciclone de gás amarelo explodiu no rosto dele saindo de tubos escondidos nas paredes, no chão e até no teto da cela. Engasgando, ele caiu de joelhos, com as mãos no peito.

– Ah, meu Deus – Cornelius exclamou.

Logan abriu a boca e uma bile verde irrompeu do fundo de sua garganta. Ele caiu de cara no chão, mas os braços e pernas, debatendo-se, trataram de virá-lo de costas. Finalmente, Logan tossiu feito um tubarão encalhado na praia. Conforme ele escorregava para a inconsciência, as garras retraíram-se lentamente para dentro da carne.

Cornelius afundou numa cadeira, aterrado pela cena.

– Uma atitude necessária, doutor. Você viu o que aconteceu.

– Sim... mas... é que...

– Desembuche, homem. Estou aberto a sugestões.

– Não podemos tratá-lo melhor? De certo modo, ele ainda é humano, não?

O Professor considerou suas palavras.

– De certo modo, talvez. Mas sua descrição anterior talvez seja mais apropriada. “Um animal sanguinário e demente”, creio que foi assim que disse.

– Sim... acho que sim...

– E é por isso que dependo do senhor, doutor. – O Professor descansou o braço no ombro do outro num gesto que imaginou ser paternal.

Cornelius sentiu aversão.

Ele fechou os olhos para banir a imagem da tela, apenas para encontrar o rosto de Logan gravado em sua mente feito uma pós-imagem, como quando alguém olha por muito tempo para o sol.

– Na verdade, o Experimento X não é muito diferente dos seus incríveis nanochips – murmurou o Professor. – Ele foi criado para um propósito específico. Agora precisa ser reestruturado. Treinado. E depois, programado.

Cornelius abriu os olhos. Logan parecia fitá-lo através da tela.

– Você pode fazer tudo isso – disse o Professor. – Manipulação da mente, Dr. Cornelius. É a sua especialidade.

# IX · REVELAÇÕES

Carol Hines tracejou a lâmina curva de adamantium com a mão esquerda.

*Magnífico.*

Em sua mente, tratava-se de uma realização sem precedentes.

O Professor criara um mecanismo de defesa biológico totalmente novo dentro do organismo do paciente por meio da tecnologia – ultrapassando por completo os caprichos do processo de seleção natural. *Incrível.*

Ela passou seus grandes olhos verdes para uma segunda chapa de raios X, esta tirada de lado. Ela revelava um misterioso nó de músculo e cartilagem no antebraço que mantinha as garras no lugar. O músculo também servia como bainha quando as lâminas não estavam em uso.

*Incrível arquitetura.*

As garras pareciam ser letais e eficientes. Para Carol, isso bastava para demonstrar o que poderia ser realizado quando total disciplina e uma visão única eram impostos numa comunidade científica em uníssono.

*Um verdadeiro triunfo da vontade.*

Como uma admiradora de arte, ela passava de imagem para imagem, estudando cada uma das mais de cem chapas de raios X e ultrassom pregadas nas paredes do centro de conferências. Atrás dela, mais pessoas começaram a entrar na sala, respondendo ao chamado do Professor, como ela fizera, para uma reunião de emergência.

Carol Hines parou quando uma imagem específica chamou-lhe a atenção – uma fotografia microscópica da superfície da garra de metal inquebrável do paciente.

*Nem um ferreiro do Japão antigo poderia forjar uma lâmina tão perfeita.*

*Ampliada mais de cem mil vezes, nenhuma falha, nenhuma irregularidade aparece na superfície lisa como vidro. E as garras do paciente eram duas vezes mais densas que aço temperado.*

*Virtualmente indestrutíveis, graças à liga de adamantium...*

Uma réplica de resina da configuração das garras do paciente fora feita enquanto ele estava inconsciente. Estava pendurada por fios cirúrgicos no centro da parede.

Carol Hines não pôde conter o desejo de tocar uma das três lâminas compridas, ligeiramente curvas, para imaginar que o gume cego da resina fria era, na verdade, mais afiado que o de uma navalha.

*Eu tinha minhas dúvidas quanto ao Professor, Carol admitiu para si mesma, principalmente depois que ele pareceu congelar em pânico durante o processo de*



*ligação. Mas ficou claro que ele realmente tinha uma visão do que o Experimento X se tornaria. E essa visão tornou-se realidade...*

– Uma conquista muito impressionante, hein, Srta. Hines?

A moça deu meia-volta e viu o Dr. MacKenzie, o psiquiatra da equipe, ao lado dela.

– Nunca imaginei que algo assim seria possível – ela respondeu, mostrando-se admirada.

– Se eu fosse freudiano, poderia tirar muito dessa configuração em particular. – MacKenzie riu, coçando a barba ruiva na bochecha, o rosto corado, o cabelo muito vivo todo despenteado. O médico havia, claramente, passado boa parte da noite acordado, como todos os outros. Mas a falta de sono não afetara sua natureza jovial.

Carol Hines ofereceu-lhe um sorriso reservado.

– Qual é sua corrente, doutor? Qual teoria psicológica você ensina?

– Na juventude, fui aluno de Alfred Adler, fato que você sozinha já deve ter deduzido.

– Creio que tentou ser gracioso com esse comentário. Desculpe, mas não entendi a referência.

– Bom, Srta. Hines, Adler acreditava que é o sentimento de inferioridade, e não o apetite sexual, a força motivadora na natureza humana. O sentimento de inferioridade, consciente ou inconsciente, combinado com mecanismos de defesa é, geralmente, a causa do comportamento psicopatológico, na opinião de Adler.

– Continuo sem entender.

– Desde que você chegou com aquela sua máquina mágica, meus serviços como psiquiatra não são mais considerados importantes. Daí meu sentimento de inferioridade.

– Desculpe, mas... – a Srta. Hines começou.

MacKenzie ergueu as mãos.

– Não, não, por favor, não peça desculpas. Você me entendeu mal. Eu me rendo desde já à sua *expertise*, Srta. Hines, e espero mesmo que você assuma todas as minhas responsabilidades num futuro muito próximo. Para ser franco, já estou farto do Professor. E do Projeto X.

Depois da admissão abrupta de MacKenzie, os dois passaram um instante em silêncio, vendo as imagens, enquanto os demais circulavam ao redor.

– Faz ideia de por que convocaram essa reunião? – MacKenzie perguntou quando ficaram um pouco mais sozinhos.

– Eu estava para te perguntar a mesma coisa – ela respondeu. – Talvez tenha algo a ver com o incidente violento da noite passada no Laboratório Dois.

– Pode ser...

MacKenzie parecia incerto. E no fundo, Carol Hines também nutria suas dúvidas.

Havia algo no ar. Um cheiro de mudança que ela já sentira antes. Percebia a mesma tensão, a mesma sensação de confusão que vivenciara na Nasa após o último acidente espacial – uma sensação de caos misturada à noção de que alguns haviam perdido poder e prestígio dentro da organização, enquanto outros ganhavam.

*O difícil para mim, ela se lembrou, era descobrir quais estrelas estavam em alta, e quem caía feito lixo espacial.*

*O caos institucional e a ambiguidade erodem o senso de propósito de uma pessoa, gerando dúvidas, diminuindo a produtividade.*

*Ninguém é imune. Nem mesmo um cientista como o meu pai – as dúvidas dele o levaram ao abuso do álcool e coisas piores.*

Carol acreditava no foco no trabalho, e não na politicagem que o circundava. Melhor ser abelha-operária do que rainha. Melhor manter a cabeça baixa do que tê-la decepada – como a de seu pai, quando uma droga que ele criara não recebera aprovação federal.

*A bebedeira, a violência piorou ainda mais depois disso. Mas pelo menos ele parou de me bater quando cheguei à adolescência, ganhei uns prêmios em feiras de ciências. Sim, parou de me bater, mas não de me maltratar...*

Um grupo de técnicos uniu-se a eles, e MacKenzie e Hines foram até um canto mais quieto para continuar a conversa.

– Bastante impressionante o modo como recobrou controle de Logan após o incidente na noite passada – MacKenzie lhe disse.

– Foi muito simples – ela respondeu. – O Experimento X já estava sendo condicionado para aceitar a interface do MER. Fica mais fácil a cada vez que se usa o aparelho.

– Bem que eu notei o mesmo pico de atividade cerebral durante a interface inicial. Mais atividade química?

– Não creio que Logan estivesse passeando pela rua das lembranças, se é isso que quer dizer.

– Tem certeza, Srta. Hines?

– Acho que já resolvemos essa questão, doutor.

MacKenzie sorriu, deliciando-se com a disputa verbal.

– De todo modo, Srta. Hines, essa sua máquina acabou tornando-se o único meio de controlar o paciente. Drogas como torazina e Feno-B, tecnologia como os atenuadores cerebrais e até o gás mostraram-se ineficientes a longo prazo.

– Sim. O Dr. Hendry mencionou mesmo que o paciente recebeu o gás.

– De fato. – MacKenzie franziu o cenho. – Uma bela dose. O bastante para derrubar um elefante por uma semana. O Experimento X acordou depois de 28 minutos. Nesse tempo, você ligou nele a sua máquina e a interface o segurou de uma vez por todas.

– Na verdade, duvido que o Experimento X tenha estado “acordado” ou “consciente”, nos termos que entendemos. Sua consciência individual, seu ego, foi completamente erradicada. Sua memória, todos os traços de sua personalidade prévia foram varridos. O paciente é uma tábua em branco.

– Mas alguém acabou com o Laboratório Dois, Srta. Hines.

– Está mais para *alguma coisa*. O Experimento X agiu puramente por instinto. Debatendo-se como até um inseto faria, caso lhe ameaçassem a sobrevivência.

– Hmm. Pergunto-me se Logan se sentiu ameaçado...

Carol encarou-o.

– Ouvi dizer que alguém, um dos técnicos do status, foi ferido. Foi levado ao hospital hoje de manhã. Vai precisar de terapia intensiva.

– Interessante...

– Não acha?

MacKenzie deu de ombros.

– Estive fora hoje de manhã. Tento sair toda manhã. Até mesmo nós, acadêmicos branquelos, precisamos de um pouco de luz do sol de vez em quando.

Carol Hines ergueu uma sobrancelha.

– E?

– Nevou bastante nos últimos dias. Uns bons centímetros pelo menos. De manhã, até o helicóptero ainda estava coberto.

Um chiado eletrônico agudo os interrompeu. Em seguida, a voz amplificada do Dr. Hendry anunciou a reunião.

– Peço que escolham seus lugares, por favor. O Professor gostaria de nos informar de alguns... avanços recentes.

– Com licença, Srta. Hines – disse MacKenzie. – Devo encontrar-me com o restante da equipe, no poço da orquestra.

O tilintar das cadeiras dobráveis espalhou-se pela sala até que todos encontraram um lugar. Carol Hines sentou-se sozinha, cercada de assentos vazios.

Apesar do incidente pós-operatório no Laboratório Dois, um sentimento de confiança era partilhado por toda a equipe. Quando o Professor assumiu o microfone, foi recebido por uma salva de palmas que ele imediatamente recusou. Enquanto falava, dois homens permaneciam ao seu lado – o Dr. Hendry à esquerda, Dr. Abraham Cornelius à direita.

– Como passaremos à Fase Dois deste experimento, achei necessário reavaliar os membros centrais da equipe e trocar algumas das responsabilidades entre eles. Essa nova hierarquia que formulei será permanente...

Subitamente, todos se sentiram desconfortáveis. Colegas trocavam olhares incertos, imaginando quais seriam as ramificações em longo prazo da inesperada sacudidela da gerência. Apenas Carol Hines parecia incólume. Somente ela não

havia sido totalmente pega de surpresa.

– A partir de hoje, o Dr. Cornelius assumirá a responsabilidade geral pela fase seguinte da operação – anunciou o Professor.

*Escolha sábia – a melhor que o Professor poderia ter feito*, pensou ela. Hendry não possuía atitude nem verdadeira dedicação ao projeto. Questionava toda ideia que não fosse sua e passava tempo demais defendendo seu espaço para ser um líder eficiente.

– O Dr. Hendry passará para o papel de suporte da equipe, embora continue responsável pela saúde geral do paciente assim como pelo condicionamento físico futuro do Experimento X.

Os murmúrios se intensificaram, até que o Professor parou, esperando pelo silêncio total.

– O Dr. MacKenzie, psiquiatra da equipe, permanecerá com esse título. Mas ele e sua equipe de psicólogos deverão se reportar a Srta. Carol Hines, nossa técnica do MER.

Carol ficou surpresa. Depois cruzou olhares com o Dr. MacKenzie. O homem ofereceu-lhe um sorriso astuto e uma saudação.

– Essa mudança é necessária para o sucesso do procedimento de condicionamento psicológico e de modo algum pretende impugnar a reputação do Dr. MacKenzie enquanto médico nem sua participação no experimento. A mudança foi feita somente porque o MER terá um papel crucial no estágio seguinte do Projeto X, o retreinamento e a reprogramação do paciente, e a Srta. Hines é a perita nessa tecnologia.

O Professor parou para analisar o mar de rostos ansiosos.

– Agora passo a palavra e a reunião ao Dr. Cornelius, que explicará o estágio seguinte de nosso experimento com muito mais detalhes...

• • • •

– Almoçou bem, Cutler?

– Sim, senhor. Obrigado por perguntar.

Cutler mantinha-se em sentido perante a mesa do major. Apareceu na sala do chefe usando sobretudo novo, recém-tirado do setor de Suprimentos. Escolhera esse modelo por ser a única roupa dentro do regulamento folgada o bastante para cobrir as ataduras que envolviam seu tronco.

O major fitou os relatórios pós-ação em suas mãos, depois os deixou de lado e descansou as mãos na mesa.

– Bom trabalho, Cutler. Franks e o doutor-sei-lá-o-nome-dele dizem que você salvou o dia. Mas devia ter chamado reforços antes de entrar no Laboratório Dois, não depois. Da próxima vez, pode acabar com muito mais do que alguns pontos.

- Uma dúzia de pontos, senhor. E não vou mais cometer esse erro.
  - Não, não vai. Vai ficar de sobreaviso por uma semana.
  - Ah, o que é isso, Deavers...
  - Sete dias. A partir de agora.
  - O que vou fazer, varrer os corredores?
  - Vai revisar todos os procedimentos de segurança atuais, checar as câmeras e detectores de movimento, testar os alarmes e depois implementar o fechamento total de todo o complexo à meia-noite.
  - Ora, por que eu implementaria um confinamento, Major?
  - Porque o Diretor ordenou, por isso. Todos os funcionários, sem exceção. Até segunda ordem.
  - O que aconteceu? Terceira Guerra Mundial?
  - Aconteceu que recebi uma ordem – Deavers retrucou. – Recebi a mensagem em código hoje de manhã. Suprimentos entram, ninguém sai. Fim de papo.
  - Por que está arruinando meu dia?
- Deavers riu.
- Ei, você não é o único. Rice está trabalhando num blecaute total das comunicações, incluindo internet e acesso ao telefone. Devia ouvir o cara reclamando. E o coitado do Franks vai rondar o perímetro, seguindo a cerca, debaixo dessa neve e desse frio de lascar, durante as próximas dez horas.
  - É, maldito sortudo – disse Cutler.

• • • •

Os pensamentos se projetavam num *looping* interminável dentro da mente de Cornelius, enquanto ele continuava deitado em sua cama, sem conseguir dormir.

*Fera... Já foi homem, mas riscado até os ossos. Agora é um bicho, não mais humano.*

O Dr. Cornelius pegara no sono escutando as vozes misturadas e caóticas gravadas durante e depois do episódio de violência de Logan no Laboratório Dois. Agora elas se misturavam a seus próprios pensamentos conflituosos.

Ele tinha garras, mas continuava sendo um ser humano... Não, não humano. *Homo superior*. Logan devia ser superior. Com aqueles tubos fincados nas bochechas, no canto dos olhos, no cérebro. Estaria morto se não fosse uma aberração... um mutante...

Cornelius sentou-se e desativou o gravador. Com o peito arfando, o coração acelerando, encontrou-se coberto de suor frio. Procurou os óculos, depois conferiu o relógio.

*Quinze pras sete... Mas da manhã ou da noite? Nessa droga de lugar, não tem como saber. Faz dias que não vejo o sol...*

Ele rolou para fora da cama e cruzou seu minúsculo quarto, indo até o computador. Ao lado da tela preta, um relógio digital mostrava 0647, horário militar.

– Da manhã – resmungou. Sua voz lhe pareceu estranha ecoando nos ouvidos.

Seus movimentos ativaram a iluminação central do quarto, e o computador também voltou à vida. O comunicador zumbiu um minuto depois.

– Cornelius falando...

– Bom dia, doutor – disse o técnico do status. – O Professor queria que eu lhe dissesse que ele vai participar do experimento agora de manhã.

– Em que horário?

– 0800 no laboratório principal.

– E quanto ao monitor de alta definição?

– Ligado e funcionando. A Srta. Hines vai fazer um checklist agora, mas a tela já foi conectada com a interface do MER. Tudo está pronto para usar.

– Obrigado, status. Desligo.

*Preciso de um café... Tenho que me fortificar para o dia de hoje. O dia em que vou brincar de Dr. Frankenstein. O dia em que vou criar um monstro...*

Mas em vez de correr para a cantina, Cornelius sentou-se à sua mesa e revisou os últimos dados do Experimento X.

*Os indicativos são todos positivos. Nenhum sinal de rejeição – o supersistema imunológico de Logan foi suprimido tempo suficiente pra que ocorresse a ligação. Agora esse sistema se reafirmou, e Logan recuperou-se em tempo recorde. Nenhum efeito consequente, nenhuma cicatriz, nenhum machucado – exceto nos pontos em que as sondas permanecem no lugar.*

Ele folheou páginas e mais páginas de informação em busca do exame de sangue que pedira no dia anterior. Encontrou os resultados perto do fim do arquivo e analisou as páginas, ansioso. À primeira vista, Cornelius ficou desapontado. O sangue de Logan era banal em todos os sentidos. Tipo O negativo. Contagens de glóbulos brancos e plaquetas normais. Plasma normal também – um pouco pesado nos traços de minerais, mas isso provavelmente se devia à quantidade imensa de adamantium colocada dentro dele.

*Tudo normal... E, no entanto, o sangue de Logan pode se juntar e virar uma substância combatente de bactérias e toxinas tão poderosa quanto a preciosa Arma X do Professor.*

Cornelius estava prestes a deixar de lado o exame de sangue quando notou algo incomum a respeito dos glóbulos brancos de Logan.

Como imunologista, Cornelius sabia que humanos normais tinham diversos tipos de glóbulos brancos. Mas um tipo – o neutrófilo – é dominante. Neutrófilos são muito eficazes no ataque a bactérias invasoras, mas isso é basicamente tudo o que fazem.

Outro tipo de glóbulo branco, o linfócito, é mais poderoso e muito mais versátil, embora existam em muito menor número. Linfócitos enfrentam mais do que bactérias – enfrentam todas as substâncias exteriores, incluindo veneno, e trabalham junto do sistema imunológico para combater infecções de um modo ainda não entendido por completo.

Enquanto a contagem geral de glóbulos brancos de Logan encontrava-se dentro da média normal, de um a dois por cento, a de linfócitos era astronômica. E mais, o hematologista notara certas anomalias no formato e tamanho dos linfócitos de Logan. Eram maiores e tinham certas “estruturas adicionais ainda não identificadas”, de acordo com as anotações do homem.

*Seria isso o segredo do sistema imunológico fantástico do paciente?, pensou Cornelius. Poderia ser algo assim tão simples? Tão básico quanto um glóbulo branco? Se sim, então vacinas para centenas... não, milhares de doenças poderiam ser isoladas e sintetizadas por meio de um estudo detalhado do sangue incomum de Logan.*

Foi então que a ideia lhe ocorreu. *Isso... Isso é um achado seminal. Tão fundamental quanto a descoberta da penicilina.*

Cornelius pegou-se subitamente tremendo de emoção pura. Arrancou os óculos e largou-os na mesa. Depois cobriu os olhos.

*Meu Deus... Se eu tivesse acesso ao sangue de Logan alguns anos atrás, poderia ter facilmente sintetizado uma vacina para a doença do meu filho. Encontrei o segredo – a cura – tarde demais.*

*Se ao menos eu tivesse encontrado Logan na época, Cornelius pensou, entrando em desespero, tudo teria sido diferente. O sofrimento do meu filho teria terminado. Paul teria vivido uma vida normal, e minha esposa, Madeline, hoje estaria viva.*

Suas mãos voltaram cobertas de lágrimas.

Talvez fossem lágrimas de esperança, porque se o trabalho de Cornelius tivesse sido bem-sucedido no passado, ninguém mais teria que sofrer como Paul – nunca mais.

*Sim, o Professor terá o monstro dele, sua máquina de matar, sua maldita Arma X, porque serei eu quem vai criá-lo para ele.*

*Mas em troca – pela minha parte nesse experimento maluco dos infernos –, vou cutucar o cérebro do Professor para conseguir todo o seu conhecimento, suas técnicas, e então usar Logan como cobaia no intuito de aliviar o sofrimento e as doenças do ser humano, para encontrar uma panaceia, um elixir universal que vai curar todas as doenças para sempre.*

Cornelius rezou para que os fins justificassem os meios...

CARDIOINIBIDOR, SRTA. HINES...

Quando ouviu a voz que explodiu e ecoou pelo vale coberto pela escuridão noturna, Logan misturou-se às sombras de um alto pinheiro, arrastando Miko Katana consigo.

– Que foi isso? – ela sussurrou.

Logan tapou os ouvidos achando que a mulher estivesse louca. Claro que ela tinha ouvido também. Como poderia não ter ouvido aquilo?

Os dois escanearam a floresta ao redor, muito fechada agora que tinham alcançado a base do morro. Haviam chegado perto o bastante para Logan farejar a água, embora o lago e a represa acima ainda estivessem invisíveis por entre a densa folhagem.

Cautelosamente, Miko sacou suas lentes de infravermelho – as de Logan haviam sido destruídas com o capacete –, mas após uma observação cuidadosa, ela não viu nada.

– Desculpe – Logan sussurrou tão suavemente quanto o vento que driblava as árvores. – Pensei ter ouvido uma voz, algo assim. Vai ver bati a cabeça mais forte do que pensei.

– Sem problema. Eu queria mesmo descansar.

Miko sacou um GPS de bolso. Mas antes que pudesse ativá-lo, ele a impediu.

– A represa fica pra lá; menos de um quilômetro – ele apontou com o dedo. – A estrada fica ali. Uns quinhentos metros. Depois dela, o lago.

– Como sabe tudo isso?

– Cresci na fronteira. Não tinha GPS. Nem mesmo bússola. Só o sol. Lua. Estrelas. E instinto.

– Seus “instintos” estão bem afiados. – Ela guardou o aparelho. – Pra estrada, então?

– Vamos seguir a estrada até chegar à passagem principal em cima da represa, depois voltamos para a floresta. Em seguida entramos no complexo, logo abaixo.

Quando saíram dessa vez, Miko foi na frente com a arma em punho. Logan deixou que fosse.

*Depois da minha gafe ali atrás, ela vai preferir confiar nos próprios ouvidos, pensou ele, pesaroso. Ou talvez queira provar alguma coisa.*

Embora a Tac de Miko estivesse equipada com supressor de som, se ela tivesse mesmo que puxar o gatilho, não haveria balas suficientes para salvá-los – seriam caçados até o fim. Já acontecera antes a Logan.

Quinze minutos depois, chegaram à estrada – uma trilha ampla de terra borrifada com asfalto para manter a poeira no mínimo possível. Num lado da estrada havia



uma vala de drenagem muito funda, onde poderiam esconder-se caso necessário. Do outro lado, um abismo que terminava no lago abaixo, onde o luar reluzia nas águas ondulantes. Além do lago, um morro escuro erguia-se tão alto quanto o que acabavam de descer.

Não havia sinal de tráfego na estrada curvilínea, nem na represa. Havia somente os holofotes para aviões instalados no ápice da alta superestrutura da represa.

Miko tentou seguir adiante, mas Logan a impediu.

– Presumo que você ache que seu cientista desaparecido está dentro do complexo, certo?

Miko olhou para ele por debaixo da cortina de cabelos.

– Como é que as celebridades americanas dizem? Sem comentários.

– Isso é lá em Hollywood. Eu sou do Canadá.

– Não posso dizer, pois não sei, Sr. Logan – disse ela.

– Muito bem, porque se você planejava mesmo resgatar o cara, pense de novo. A menos que ele tenha vendido os serviços dele aos norte-coreanos, e fingido o próprio sequestro...

– Impossível, Sr. Logan.

– ... ele não está cooperando com os sequestradores. E isso significa que os norte-coreanos tiveram que amolecer o cara um pouco... para que visse as coisas do jeito deles.

Logan esperou que suas palavras fossem assimiladas.

– É bem provável que, caso você o encontre mesmo, ele não esteja muito bem para viajar. Muito menos fugir.

Miko deu mais alguns passos em silêncio. Depois deu meia-volta para fitá-lo.

Mas quando abriu a boca, Logan pediu silêncio.

– Escute!

No começo, ela ouviu apenas a água. Depois um barulho ritmado – uma batida constante que ecoava das montanhas.

– Vai! Se abaixa – Logan sussurrou, empurrando-a para a vala. Ela pousou sobre uma grama densa e uma poça rasa de água parada. Logan mergulhou bem ao lado dela.

A batida virou um rugido constante quando o helicóptero surgiu acima do morro, do outro lado do lago. Miko espiou cautelosamente por cima da beirada da trincheira, depois usou os binóculos de visão noturna para identificar o veículo.

– Um helicóptero MD-500 – disse. – Marcas militares norte-coreanas... Forças Especiais da Coreia do Norte, para ser precisa.

– Droga.

– Tem algo pendurado na ponta. Não é uma arma, mas...

– Abaixar-se! – Logan ralhou, puxando-a de volta à vala assim que o holofote

iluminou a escuridão. Mas não na direção deles. Na verdade, o holofote focalizou a encosta do outro lado. – Não estou gostando disso – Logan rosnou.

A aeronave pairou sobre o morro, sacudindo os galhos, enquanto o holofote sondava o solo entre as árvores. Logo um segundo helicóptero cruzou o lago, unindo-se à caçada. E na estrada, na base do morro, mais atividade: um comboio de veículos veio da represa. Os helicópteros ainda pairavam no mesmo ponto. Diversos carros blindados e um transportador de soldados russo apareceram.

– Langram. Estão procurando meu parceiro – disse Logan, o rosto sério. – Tomara que ele escape.

E então um novo som – mais rotores girando –, dessa vez vindo de trás. Abaixaram as cabeças quando dois helicópteros passaram por cima da trincheira; seus holofotes brancos pesquisavam o solo, seguindo a estrada.

– Estão atrás da gente. Só pode ser – disse Logan. – Devem ter nos rastreado quando descemos. Não sei como, mas...

– Logan, mais veículos na estrada! – Miko gritou. – Estão vindo da represa, bem na nossa direção.

# X · ILUSÕES

## – Cardioinibidor, Srta. Hines.

A moça digitou, depois ergueu os olhos verdes brilhantes para Cornelius.

– Ativado.

Os quatro se encontravam no canto oeste do laboratório principal, dominado então por uma tela digital do tamanho de uma parede. No meio da sala, o Experimento X estava deitado nu em uma “mesa” tecnológica montada em cima de um conjunto de computadores e maquinário de diagnóstico. Carol Hines estava sentada diante de um terminal a centímetros da cabeça de Logan.

– Não entendo o motivo desse atraso de 24 horas, doutor – resmungou o Professor. Com as mãos nos bolsos, estava encostado na beirada do enorme tubo médico. Logan jazia bem no centro, ao fundo, esparramado sobre uma cama de cabos e tubos.

– A Srta. Hines e eu concluímos que todas as técnicas de condicionamento do Dr. MacKenzie provavelmente irão falhar – disse Cornelius. – Decidimos fazer uma abordagem diferente, usando o MER.

– Mas MacKenzie levou anos para coletar seus dados, formular técnicas cirúrgicas efetivas – contrapôs o Professor.

– Os dados dele foram baseados em sujeitos humanos. Logan é *Homo superior*, o que coloca a pesquisa do bom médico em dúvida.

– Certamente Logan possui as mesmas maquiagens psicológicas que todo mundo. A psique é formada por experiência e condicionamento. Ele provavelmente achava que era humano até descobrir a verdade.

Cornelius balançou a cabeça.

– O Dr. MacKenzie contava com cirurgia cerebral, destacando o hipocampo, religando o lobo pré-frontal e seccionando os hemisférios. Mas com as habilidades de cura de Logan, é possível que ele possa regenerar o tecido cerebral danificado...

– Absurdo! – rosnou o Professor.

Carol Hines entrevistou.

– Mas Professor, com todo o respeito, já descobrimos que Logan pode regenerar tecido nervoso danificado, algo impossível para um ser humano normal. Por que não poderia restaurar totalmente suas funções cerebrais também?

– E há também o risco de efeitos colaterais – Cornelius acrescentou. – O hipocampo é bastante sensível à falta global de oxigênio. Ele pode ter epilepsia.

– Entendo. – O Professor coçou o queixo. – Logan certamente não seria uma arma

confiável ou efetiva se sofresse ataques crônicos.

Cornelius concordou.

– Pior que isso, existe a chance de amnésia anterógrada. Como Logan poderia aceitar o condicionamento se perdesse a habilidade de formar novas lembranças?

Os olhos do Professor continuaram focados no paciente. Cornelius sentia que ele continuava cético.

– Há outros fatores – Cornelius avisou. – O paciente continua agressivo, mesmo depois da erradicação do ego.

– Por quê?

– Reações químicas já foram descartadas. Não houve envenenamento por metal. Também não há desequilíbrios químicos esquizoides detectáveis.

– Talvez seja algo relacionado à dor – disse Carol Hines.

Os dois homens olharam para ela.

– E se o próprio organismo dele estivesse vivenciando uma espécie de reconhecimento, uma lembrança, por assim dizer, da dor vivenciada durante o processo de ligação?

O Professor zombou.

– As lembranças ficam no cérebro, Srta. Hines, não nas células do indivíduo.

– Seja lá qual for a causa – Cornelius declarou –, os impulsos brutais dele ficaram muito exagerados desde o início do processo de ligação com o adamantium.

– E esse... tratamento... vai corrigir a situação?

– Não, Professor. Quase nada – Cornelius respondeu. – Mas deve nos dar uma noção real da dinâmica de estresse mental de Logan e uma compreensão melhor de suas capacidades atuais, como a retenção da habilidade da fala, o reconhecimento de símbolos...

O Professor estreitou os olhos.

– Espero que não seja perda de tempo, Cornelius. Devíamos ter começado a reorientação a uma hora dessas. Qual é o sentido de termos essa arma se não pudermos controlá-la?

– Mas podemos controlá-lo, um pouco. – Cornelius entregou ao professor um conjunto de fones de ouvido com microfone. – Use isso. É um link direto para o córtex cerebral dele.

O Professor pegou o aparelho com as mãos gananciosas.

– Com isso, posso falar com ele? Controlá-lo?

Cornelius deu de ombros.

– Sugerir, talvez. Controlar? Não sei.

Carol Hines digitava no teclado. Cornelius ligou diversos interruptores. O console na incubadora ativou-se com bipes e estalos, monitorando os sinais vitais.

Cornelius dirigiu a atenção do Professor ao monitor gigante de alta definição, que

reluzia estática silenciosa.

– A Srta. Hines completou com sucesso a interface. O MER está codificando digitalmente os impulsos elétricos dentro do cérebro de Logan, e vai traduzi-lo em imagens digitais.

– Impressionante.

– De fato, Professor. Podemos, na verdade, assistir aos sonhos de Logan – Cornelius disse. – O que você vai ver na tela terá relação direta com o que você falar. Diga-lhe que ele está comendo, e poderá ver um bife fumegante. Diga que está voando, e poderá ver a imagem de um pássaro, um avião...

– Entendi, doutor – rosnou o Professor, impaciente, levando o microfone aos lábios. – Logan – ele começou, num tom de comando. – Você está sob meu controle, Logan...

– Sim. Isso mesmo – disse Cornelius. – Fale clara e lentamente. Mas não use o nome antigo dele, senhor. Provavelmente não significa nada para o Experimento X nesse momento; estamos tentando erradicar as marcas prévias de sua vida.

– Sim. Claro – respondeu o Professor.

– Srta. Hines, precisaremos de um fluxo exato de adrenérgicos assim que possível – Cornelius avisou.

– Está tudo no sistema, senhor – ela respondeu. – Eu mesma programei. A maior parte; era tudo muito simples.

– Esplêndido.

Os dois olharam para o Professor quando ouviram sua sonora voz.

– Você é uma fera – disse ele. – Um animal nascido para servir...

Cornelius trocou olhares com Hines.

– Você só tem um mestre... eu. Você fará tudo que eu mandar...

– Hã... Professor?

– Sim? O quê? – ralhou o homem.

– Nós... ainda não começamos, senhor – Cornelius explicou. – O link ainda não foi ativado.

O Professor apertou os lábios finos.

– Então, por favor, ande logo com isso, doutor.

Cornelius fez sinal para Carol Hines, depois revisou a lista em sua mente.

– Estágio três de seis em processo pós-ligação celular com adamantium. Bloqueio de estresse e bloqueio de complexo. Analisando linguagem e compreensão de símbolos. Estabeleça interface com o monitor. Comunicação de via dupla. Captou tudo?

– Sim.

– Continue, Srta. Hines.

Ela digitava no teclado com precisão robótica. Cornelius aproximou-se do

Professor, que assistia ao processo todo com olhos de predador.

– Me permite uma sugestão, senhor? – começou ele. – É aconselhável evitar qualquer diretiva ao paciente durante estes testes. As psicotécnicas da situação demandam cuidado, e...

O Professor o interrompeu.

– Grato pela sugestão, doutor. Algo mais?

– Não – Cornelius respondeu. – Acho que não.

Subitamente, houve um estalo, e o console de Carol Hines soltou uma fagulha.

– Oh! – ela exclamou, pulando para trás. Fumaça e mais fagulhas emergiram da parte traseira da placa do terminal.

Depois um rugido crepitante como um trovão – um guincho parecido com estática, mas centenas de vezes mais alto – dominou a sala quando os sistemas eletrônicos foram sobrecarregados e entraram em curto, um por um.

O Professor arrancou o fone do ouvido, mas o barulho tomara também o laboratório. Ele urrou e cobriu os ouvidos.

– Sobrecarga – Cornelius exclamou, sua voz perdida na barulheira.

O sistema extintor de incêndio disparou gás halon, que rapidamente apagou o fogo elétrico crescendo dentro do computador, mas o dano já havia sido feito.

– Hines! Faça alguma coisa! – Cornelius gritou. – Corte a energia.

– Estou tentando – ela disse, socando as teclas. Finalmente, a moça localizou o botão de supressão de áudio, e o barulho ensurdecador cessou tão abruptamente quanto começara. Somente um alarme de incêndio insistente podia ser ouvido, reverberando pelos corredores do lado de fora do laboratório selado.

Outro estalo eletrônico, seguido por um crepitar de estática – dessa vez, vindos de trás do monitor gigante de alta definição.

– O que foi isso? – o Professor exclamou quando a tela ganhou vida. Projetada nela, havia uma bruma púrpura circulante, um tipo de fumaça psicodélica. – O que é aquilo na tela?

Carol Hines olhou para o monitor e depois para seu terminal chamuscado.

– Algum tipo de retroalimentação interna, senhor – ela reportou. – A interface está...

Ela guinchou e puxou os dedos queimados do console.

– As imagens são tão poderosas que estão queimando os circuitos – ela avisou. A fala foi seguida por outro jorro automático de halon gelado.

Na tela, três estacas curvadas, muito brancas, entraram em cena. Cada estrutura tinha um visual cru, serrilhado, rústico. Diversas vezes, a imagem digital congelou-se e partiu, apenas para se reconstituir mais detalhada do que antes.

– Tem algo errado – disse o Professor, afastando-se do monitor.

As estacas se transformaram em costelas que passaram para uma coluna vertebral,

ossos dos quadris, um crânio. Até que uma voz explodiu, inundando o laboratório com uma única palavra:

– DOR!

Cornelius tirou os olhos da tela.

– Ok! Desligue. Desligue tudo. Vamos limpar a bagunça, checar os dados prévios e descobrir que diabos está dando errado.

Um grito súbito, incompreensível, de raiva perplexa ecoou pelas paredes.

– Srta. Hines, eu mandei desligar! – Cornelius exclamou.

– Não consigo, senhor. Não responde!

– EU SINTO... DOR!

Na tela, a imagem de um esqueleto estava quase completa. Olhos selvagens brilhavam com ódio dentro de globos escuros. Dentes serrilhados viraram presas e estacas brotaram de cada osso, cada vértebra.

– O QUE FIZERAM COMIGO?

– Se não consegue desligar o monitor, pode por favor cortar o áudio pra que eu possa ouvir meus pensamentos?

Carol Hines encontrou o olhar irritado de Cornelius com uma expressão de medo.

– A entrada de áudio não está ativada, doutor. Está dando erro. Já desliguei.

• • • •

Cutler trabalhava no centro de comando de segurança quando o alarme de incêndio veio do laboratório principal do Nível Cinco.

Conforme o protocolo estabelecido, ele selou o andar do restante do complexo subterrâneo. Com o digitar das teclas, a escotilha corta-fogo foi selada automaticamente, o sistema de ventilação fechado e os elevadores içados à superfície, onde deixaram seus passageiros antes de serem desligados.

Cutler estava prestes a alertar a equipe de resposta emergencial quando foi contatado.

– Aqui é o Anderson. Vejo um disparo de gás halon no laboratório principal. Sensores de calor indicam que o fogo foi extinto, mas há fumaça, então vou mandar uma equipe de segurança.

– Quem está com você?

– Franks e Lynch.

– Se armem com pistolas tranquilizantes. E armamento real de reserva. Armadura de Kevlar. Capacetes e visores.

– Fala sério, Cut. É um incêndio, não uma guerra.

– Não tenha tanta certeza – Cutler retrucou. – Tem outro experimento rolando lá embaixo. O Professor e a equipe dele estão trabalhando no Experimento X.

Houve uma pausa antes que Anderson respondesse.



– Certo, vou chamar reforços agora mesmo.

Cutler sorriu.

– Ótimo. Já vou descer. Desligo.

Ele já havia quase se levantado da cadeira quando uma mão firme o empurrou de volta. Outra se estendeu por cima do ombro dele e clicou o comunicador.

– Major Deavers aqui. Escute, Anderson. Quero que chame Rice ou Wesley se precisar de ajuda. No calor do momento, o Agente Cutler deve ter se esquecido de que foi destacado para serviços leves. Desligo.

• • • •

O Professor olhava fixamente para o monitor, perplexo. O rosto sorridente da morte olhava de volta para ele.

– DOR! POR QUE DOR? – rugia a voz.

– Isso é inacreditável, Cornelius – exclamou o Professor, cobrindo os ouvidos com as mãos. – Pare. Pare imediatamente!

– Não consigo. Não estamos enviando. Estamos recebendo. – Cornelius olhou para a tela. – Ele está no controle. – E então se virou. – Hines, consegue controlar Logan?

Com os olhos verdes escancarados, ela desviou o rosto da imagem horrenda na tela, a mão cobrindo o coração.

– Não, senhor, Dr. Cornelius. Eu... não posso fazer nada.

Quando olhou novamente para a tela, os olhos inchados pareciam encará-la de volta. Temerosa, ela se afastou do console. E esbarrou na mesa de diagnóstico.

Um braço grosso e musculoso emergiu do sarcófago tecnológico, os dedos curvados numa garra poderosa.

– DOR! – rugiu Logan, estendendo a mão para Carol Hines.

– Doutor, socor... – o apelo desvairado foi cortado quando os dedos de Logan fecharam-se em torno da garganta dela.

Ainda enforcando a mulher indefesa, Logan arrancou um tubo intravenoso do pescoço e fitou seu rosto aterrorizado.

– VOCÊ! VOCÊ DEU DOR PARA... MIM!

Os dedos frágeis dela arranhavam a mão de Logan, unhas quebrando conforme ela tentava libertar-se. Logan a chacoalhava, enquanto ela implorava pela vida com soluços engasgados.

– Não... Oh, não... Oh, Deus, não...

– DOR...

Enquanto Cornelius chamava a equipe de segurança, Logan lutava para levantar-se dos cabos, tubos e amarras que o prendiam à mesa de diagnóstico.

O som do alarme de incêndio misturou-se ao barulho alto do alerta de segurança,

criando caótica cacofonia. Subitamente, uma voz muito séria atravessou a barulheira.

– Logan! Deixe a mulher em paz, seu animal.

Era o Professor, olhos ardendo por trás dos óculos quadrados.

*Ficou louco, pensou Cornelius. Não sabe do que Logan é capaz...*

– Aqui é seu mestre. Você é uma fera sob meu controle – berrava o Professor. – Seu único desejo é me servir! Seu mestre...

Um rosnado gutural escapou da garganta de Logan. Ele fixou o olhar no Professor e largou a mulher de lado feito uma boneca de pano.

Carol Hines espatifou-se no chão, inconsciente ou pior. Apesar do medo, Cornelius caiu de joelhos ao lado da moça e a puxou dali, para longe do raivoso selvagem.

– Fique onde está! – guinchou o Professor quando Logan levantou-se da mesa, rasgando o que restava das amarras e arrancando tubos e fios. Enquanto ele se arrastava para fora da mesa, uma equipe de segurança irrompeu porta adentro, pistolas tranquilizantes a postos.

Antes que o Professor pudesse recuar, Logan avançou. Dedos envolveram a garganta do cientista, que lutou em vão contra o aperto do atacante.

– Guardas, tranquilizem Logan já! – Cornelius gritou, ainda aninhando Carol Hines nos braços.

Mas o Agente Franks hesitou.

– Podemos atingir o Professor.

– Apenas atirem, droga. ATIREM! – berrou Cornelius.

Com o Professor ainda lutando contra o sufoco, Logan girou e ficou de frente para os guardas. Com os irados olhos escancarados, urrou e avançou batendo os pés no chão contra os novos inimigos, rosnando feito um animal enjaulado.

Um terceiro guarda – Anderson – berrou um comando do corredor.

– Atirem! Atirem agora!

Os tiros não foram altos – apenas um guincho sibilante acompanhando cada dardo tranquilizante propelido a gás e disparado do tubo, seguido pelo estampido úmido do impacto. Os dardos atingiram Logan na garganta, peito, rosto e barriga. Mas ele não caiu.

Mais tiros, acrescentados por Anderson com sua própria pistola, que se uniram à saraivada. Finalmente, sem fazer ruído, Logan caiu de costas, dentro do tubo incubador. Suas pernas se contorceram conforme os poderosos supressores nervosos percorriam sua corrente sanguínea e depois se dispersavam por seu corpo.

Carol Hines estava largada numa cadeira, olhos trêmulos. A moça tossiu e levou as mãos ao rosto. Cornelius fitou os outros.

– Professor – chamou. – Você está bem?

Cornelius viu o homem levantando-se com dificuldade, com as mãos na garganta. O rosto estava pálido como o de um fantasma, e Cornelius temeu que o Professor fosse desabar no chão também.

– Não acertei o Professor, senhor – Franks balbuciou para Anderson. – Tenho certeza.

O Professor tossiu, depois fixou o olhar no já inconsciente Logan e surtou.

– Matem-no! – ele gritou. – Temos que matar Logan agora! – O Professor lançou-se contra Franks e tentou arrancar a pistola tranquilizante da mão do agente. – Ele é um animal! Não podemos controlá-lo.

Franks afastou-se, e o Professor girou e foi de encontro a Anderson, de quem tentou arrancar a pistola automática do coldre.

– Me dê essa arma! – o Professor ordenou, enfrentando o outro pela posse da arma.

– Não posso, senhor – exclamou Anderson, tentando afastar o homem sem machucá-lo. Subitamente, Cornelius jogou-se entre os dois homens.

– Professor, acalme-se. Você não sabe o que está dizendo.

Irado, o Professor agarrou Cornelius pela lapela do jaleco.

– Essa fera tentou me matar. Você não viu?

– Sim. É claro – disse Cornelius. – Mas o senhor está em estado de choque, só isso.

O Professor murmurou algo ininteligível, e Cornelius agarrou-o pelos braços para contê-lo.

– Guarda – Cornelius chamou, olhando para trás. – Traga a equipe médica. Agora.

– Sim, senhor.

– Doutor! – A exclamação foi de Carol Hines, ao lado da mesa de diagnóstico.

Cornelius correu até ela; o Professor o seguiu, relutante. Os três viram, perplexos, gotas de sangue brotando dos antebraços de Logan. As garras de adamantium deslizaram para fora de seu compartimento, reluzindo, cobertas de sangue, sob a luz fraca do laboratório.

*SNICKT!* O som das garras silenciou todo o resto.

– Tudo bem. Ele está totalmente sedado – Cornelius sussurrou. – É algum tipo de impulso. Um reflexo. Ainda bem que não aconteceu quando Logan o atacou, Professor...

– Oh, Deus! – Hines exclamou. – Olhem a tela!

Os pensamentos violentos de Logan surgiram na tela. Em meio a jorros de sangue coagulado, o rosto do Professor dominou o quadro digital – boca aberta num grito congelado, óculos furados por garras afiadas, os globos oculares eram buracos cheios de sangue.

Cornelius desviou o olhar.

– Bem – disse ele, num tom cansado. – Acho que tivemos o bastante por hoje. Desligue o monitor, Srta. Hines.

• • • •

Ela se retraiu quando o homem tocou-lhe o pescoço.

– Desculpe assustá-la, Srta. Hines, mas preciso examinar o ferimento.

– Claro – ela respondeu, olhos fixos à frente, enquanto o homem a circundava, tocando o pescoço, os ombros, as costelas.

Finalmente, o Dr. Hendry retirou a mão.

– Não há dano no tecido mole no pescoço. Só uns hematomas. Nada que um pouco de maquiagem não esconda, né?

– Não uso maquiagem.

– Hmm. Certo. Esse hematoma na costela pode doer um pouco, mas nada está quebrado.

Ele foi até a pia e lavou as mãos. Ela puxou o guarda-pó verde para cobrir sua nudez. Hendry secou as mãos, depois abriu um armário de vidro cheio de frascos de plástico.

– Vou te dar um analgésico fraco, e um anti-inflamatório para reduzir o inchaço.

– Obrigado. Como está o Professor?

– Descansando confortavelmente, espero. O Dr. MacKenzie está tocando o tratamento. Acho que o Professor precisa mais é de descanso. Ele é um *workaholic*. E por falar em sono, quer algo para acalmar os nervos?

– Não precisa. Não posso tirar uma soneca agora, tenho coisas a fazer.

– Você parece estar levando tudo muito bem, Srta. Hines. Deve ter sido um grande choque, o Experimento X te atacar daquele jeito.

– Pensei que ele fosse me matar... e o Professor.

– Só duvido de que essa era a intenção de Logan, pelo menos no seu caso. Se ele quisesse matá-la, poderia ter quebrado seu pescoço com a mão, tão facilmente quanto você e eu quebramos um lápis.

Ela fitou o médico.

– Obrigado pela comparação, doutor. Vou guardar pra sempre essa imagem.

Hendry riu.

– Senso de humor, Srta. Hines? Quem diria?

Ela deslizou para fora da maca.

– Posso ir agora?

– Primeiro, eu gostaria de lhe fazer uma pergunta. Não precisa responder se não quiser.

Ela ergueu uma sobrancelha, mas não disse nada.

– Não pude deixar de notar as cicatrizes antigas no seu abdômen. Parecem

queimaduras químicas. E você passou por uma cirurgia também. Que não foi listada no seu prontuário...

– Kit de química. Eu era bem estabanada quando criança.

– Entendo. E a cirurgia?

– Apendicectomia de emergência, quando tinha 14 anos. Acho que me esqueci de anotar quando preenchi o formulário de cadastro.

– Não se preocupe – Hendry respondeu. – Conserto isso agora mesmo.

– Então posso ir?

Hendry fez que sim.

– Pegue leve por um ou dois dias. Faça compressa fria pra diminuir o inchaço. E se tiver dificuldade para dormir, me ligue.

Depois que a moça saiu, Hendry foi até o computador e abriu o arquivo de Carol Hines. Na área da saúde, ele acrescentou os resultados do exame. Depois desceu até o “Histórico Médico” do perfil dela. No campo “Cirurgias prévias” ele deletou o “nenhuma” e digitou: procedimento cirúrgico, em torno dos 14 anos. Cesariana?

• • • •

– Você vai cair da cadeira, Cutler! – Deavers gritou.

Cutler endireitou-se na cadeira e tirou os pés do terminal onde estavam apoiados, depois se virou para Deavers.

– Eles ensinam isso na escola de administração?

– Isso o quê?

– Chegar de mansinho por trás das pessoas.

– Estou de olho em você, Cutler, se é disso que está falando. E acho que está gostando demais dessa história de serviço leve. Considere-se em atividade. A partir de agora.

– Aquele susto no laboratório ontem te deixou com medo também? Devia ter me deixado ajudar.

Deavers fechou e trancou a escotilha do centro de comando de segurança, depois se sentou em frente a Cutler.

– Isso mesmo, Cut. Desde que perdi o Agente Hill, este lugar tem se tornado um inferno. Ontem à noite, Lynch e Anderson agiram feito amadores, e Franks é dente de leite. Quase derrubou o Professor com a pistola tranquilizante em vez de acertar a ameaça, Logan.

– Desculpe por não ter participado.

– Bom, você não vai perder a próxima bagunça, porque está de volta à atividade. Como chefe da segurança tática.

– Não quero o trabalho do Hill – Cutler retrucou.

– Por que não?

- Porque não quero ir parar na UTI que nem ele. Não sou idiota, Deavers!
- O major inclinou-se à frente e falou quase num sussurro.
- Escute, Cut. As coisas só vão piorar por aqui, e logo. A casa está cheia de cientistas malucos e um monstro muito perigoso. Preciso da sua ajuda pra manter as coisas no lugar.
- Nem pensar, Major.
- Deixa disso, Cutler. Você é o melhor, mesmo sendo um filho da mãe indisciplinado com uma medalha no ombro. Parece até alérgico a autoridade.
- Legal ver você bancando o chefão, Major. Chega até a parecer humano. Usou essa mesma conversinha pra cima do Rice?
- Rice não é mais problema meu. Foi transferido para o controle de dados e segurança de informação, permanentemente. As ordens vieram do Diretor.
- Adoro a diretoria.
- Então, o que vai ser, Cutler? Vai fazer a coisa certa, pra variar, e deixar de ser a pedra no meu sapato?
- Cutler girou na cadeira.
- Eu odiaria sair dessa salinha confortável aqui, mas preciso ser sincero com você, Deavers.
- O quê?
- Você me convenceu no “filho da mãe”. E como eu gosto de usar aquela armadura de Kevlar.

• • • •

Após o exame, Carol Hines voltou rápido para seus apertados aposentos no setor do complexo conhecido como a Colmeia.

Quando chegou ao quarto, o coração estava disparado. Ela não se acalmou até que trancou a porta e encaracolou-se na cama.

*Com certeza eu lidei mal com aquilo, ela pensou. O Dr. Hendry é um médico bom o suficiente para saber que a minha cicatriz não é de uma simples apendicectomia.*

Ela arrancou o guarda-pó e o jogou no canto, parou em frente ao espelho e examinou os ferimentos – novos e antigos.

*Faço todo o possível para esquecer meu passado, e meu próprio corpo me trai. É como um mapa que leva completos estranhos até pesadelos há muito enterrados.*

Ela cobriu os ouvidos numa tentativa vã de silenciar as vozes em sua mente, que vinham ecoando por anos.

"Seu histórico médico revelou um... quadro psicológico que nos força a declinar seu requerimento para autorização de segurança ultrassecreta, e negar-lhe um posto no Conselho de Segurança Nacional. Sinto muito, Srta. Hines..."

"Estimada Srta. Hines: é com pesar que informamos que a Nasa apenas considera candidatos com a melhor condição física para o treinamento de astronauta. Sua condição prévia nos força a retirá-la da consideração."

"Qualquer um que tenha tentado suicídio, mesmo no turbilhão da pré-adolescência, provavelmente não passará pelos critérios rígidos do Comando Espacial da Força Aérea dos Estados Unidos..."

*Tolos. Não tentei me suicidar. Era jovem. Tinha medo. Só queria me livrar da... da coisa... no meu útero. Não tentei me machucar. Só a coisa.*

Entretanto, seu passado ainda a perseguia, negando-lhe oportunidades junto da comunidade científica. E quando ela finalmente conseguiu um emprego na Nasa, foi como especialista em treinamento básico, não o cargo que ela mais queria – astronauta.

*Não é que eu não tinha a inteligência ou a capacidade. Fui uma das melhores alunas até os 12 anos. Meu pai me chamava de “pequena cientista”.*

*Meu pai me tratava de um modo especial. Parou de me bater. Começou a se interessar pelos meus estudos, meus projetos de ciência.*

*A vida ficou tolerável depois que eu trouxe pra casa aquele primeiro prêmio da feira de ciências, na terceira série – quase idílica, até... o acidente, alguns anos depois.*

*Era assim que meu pai chamava. O acidente. Como se não fosse culpa de ninguém. Como se tivesse simplesmente acontecido – como uma tempestade, ou um terremoto.*

*Mas se foi acidente, por que eu me culpava?*

Apesar de resoluto, Carol sentiu o líquido descendo pela bochecha. Ela limpou os olhos com as palmas das mãos e enterrou a cabeça no travesseiro. Ao deslizar para um sono atormentado, pensou ter ouvido a voz de sua mãe, morta há muitos anos...

– Seu pai vai ficar tão orgulhoso – dissera a Sra. Hines. Tinha numa das mãos o boletim; na outra, o terceiro drinque do dia. – Minha nossa. Só tem 14 anos e já é um gênio da química avançada.

*Se minha mãe não estivesse meio bêbada, teria notado que eu estava pálida feito a neve. Mas ela só se concentrava no pedaço de papel.*

– Posso ir pra garagem agora? – Carol perguntou.

– Só depois que tirar o uniforme, mocinha. Você quase manchou o outro jaleco com esses seus experimentos químicos.

– Sim, mãe.

No andar de cima, Carol tirou as roupas e estudou seu reflexo no espelho. Achou que a barriga já estava crescendo – a mãe chegara a comentar no café da manhã que a menina tinha engordado.

*Um feito para quem anda vomitando quase toda manhã...*

A garota não era tão nova a ponto de não saber o que estava acontecendo com seu corpo. Ainda que não tivesse aceitado a verdade logo no início, Carol Hines era uma das melhores alunas e sabia como fazer uma pesquisa. Assim que suspeitou dos fatos, foi à biblioteca e pegou todos os livros que encontrou sobre o assunto.

Sabia todos os aspectos do processo biológico pelo qual estava passando. E mais, muito mais, também, porque a “pequena cientista do papai” estudara a hereditariedade. Ela descobriu que, caso os pais tivessem genes similares, se fossem parentes de linhagens muito próximas – primos, talvez –, então havia muito mais chances de anormalidades genéticas e doenças hereditárias. Fibrose cística. Síndrome de Down. Ataxia de Friedreich. Anemia hemolítica. Hemofilia.

A ideia de ter um filho aleijado a aterrorizava. *Como poderia a filhinha do papai dar à luz algo malformado? Defeituoso? Imperfeito?*

*Papai amava a perfeição – não foi ele mesmo quem disse? Naquela noite em que estava bebendo, ajudando-a com a lição de casa. Na noite em que ela se sentara perto demais dele. Ele sempre dizia para ela manter distância, mas naquela noite ela sentiu o amor perverso do pai...*

*E carregava um monstro na barriga.*

Então, antes do pai chegar em casa, antes do jantar em família, Carol Hines foi até a garagem e fez uma mistura especial com seu kit de química.

– Tem que trabalhar rápido, adicionar ácido à água – o pai dizia, rindo muito.

Naquela noite, na garagem, ela misturou o ácido, mas dispensou a água. Em vez disso, usou o corrosivo em si mesma numa tentativa desesperada, atrapalhada, de queimar a aberração que ela carregava no útero...

Um zumbido invadiu seus pensamentos – o comunicador. Carol Hines levantou-se imediatamente da cama.

– Hines falando.

– Ah, então você está em casa – disse jovialmente o Dr. MacKenzie.

– Fui ver o Dr. Hendry. E fiquei um pouco cansada depois... depois do que aconteceu hoje de manhã.

– Compreensível – MacKenzie respondeu. – Infelizmente, precisamos de suas habilidades. O Experimento X está totalmente sedado, mas as drogas estão perdendo o efeito rápido. O Dr. Cornelius tentou fazer a interface com a sua máquina, mas ele não tem seus dedos ágeis.

– Algum problema?

– Estamos tendo aqueles picos chatos de novo. E com tudo o que aconteceu hoje... bom, você entende nosso dilema.

– Já estarei aí. Desligo.

*Mais responsabilidade... Mas eu nunca, nunca quis estar no comando. Só fazer meu trabalho, manter a cabeça baixa, para não ser cortada.*



Ela se levantou e vestiu um dos guarda-pós verdes idênticos. Sem olhar-se no espelho, saiu do quarto e seguiu pelo labirinto de corredores que levava à cela de Logan.

*Um labirinto... Esse lugar está virando outro labirinto, assim como a Nasa. O Professor me prometeu um lugar onde o objetivo era a pesquisa puramente científica; um lugar livre de julgamento, de burocracia política.*

*Mas era tudo mentira.*

*Os conflitos burocráticos já começaram, e o Dr. Hendry está fuçando no meu passado – sem dúvida, à procura de munição para poder destruir a minha carreira, e a mim.*

*Pergunto-me se não acabei trocando um labirinto por outro.*

Carol Hines se sentiu perdida.

# XI • PRESA

...a  
Langram.  
próximas ho-  
comprometido. Se isso aconte-  
você para sair daqui.  
seria.  
juntos?  
arriscar a vida dos dois? – Logan b-  
bem melhor.  
Ele espiou pela beirada da  
– Estão a mer- baixada na vala e vá  
rasteir- da floresta.  
estrada.  
er?  
te – Miko sussurrou. De-  
farfalhar da moça  
veículos avançando pela

– Contei dois transportadores de quatro rodas e um tanque; parece ser um BTR-60 soviético. Oito rodas, holofote no teto, talvez seis homens dentro, mais piloto. Podemos falar numa dúzia de soldados vindo na nossa direção.

Logan rastejou de volta à vala de drenagem e entregou os binóculos de visão noturna a Miko. Atrás deles, o som de lâminas cortantes ecoou pelos morros quando dois helicópteros com holofotes pairaram sobre o vale.

– Não podemos mais voltar, também. É só questão de tempo antes dos pilotos dos helicópteros perceberem que fomos pra estrada. Vão nos caçar feito uma matilha de lobos.

– Então, estamos encurralados.

– Eu estou encurralado – disse Logan. – Aposto que não sabem que você está aqui.

À luz do luar, ele a viu franzir o cenho.

– Por que diz isso? – ela perguntou.

– Porque os vazamentos estão vindo todos do meu lado. Você sabia da missão.

Por que os coreanos não saberiam?

Ela não pôde argumentar contra a lógica de Logan, então nem tentou.

– O que tem em mente?

– Consegue encontrar aquela clareira na base do morro, onde descansamos?

– *Hai*, facilmente.

– Me encontre lá em duas horas.

– Mas e quanto aos helicópteros? Com certeza eles vão procurar no morro assim como na estrada.

– Eles não estarão mais procurando por mim até lá.

Miko balançou a cabeça.

– Não está pensando em se render, está?

Logan riu.

– De jeito nenhum. Não sou louco. Tenho uma ideia melhor. Vou deixar que me matem.

Ela ficou surpresa.

– Ficou maluco?

– Também não acho nada bom. Já levei tiro antes, não gostei muito da sensação.

Mas é o único jeito agora... para nós dois.

Miko pareceu finalmente compreender.

– Não está certo. Você pode acabar morrendo mesmo.

– Você viu o jeito como eu me recuperei da queda no morro. Posso me curar mais rápido do que qualquer... humano.

– Mas metralhadoras, baionetas... Não vão dar cabo de você ou capturá-lo se descobrirem que ainda está vivo?

– Não vão nem chegar perto. Vou mostrar a cara, deixar que me deem uns tiros, depois caio no lago. Se ainda estiverem procurando por mim amanhã, vão ter que drenar o lago, e não procurar no morro, onde estaremos a salvo.

– E depois que nos encontrarmos?

– Encare os fatos. Não importa o que aconteça, a missão já era...

Ela tentou protestar, mas ele a interrompeu.

– ... porque perdemos o elemento da surpresa. Eles vão redobrar a segurança. Triplicar. E vai ser pior ainda se conseguirem pegar Langram. Vão bater nele e drogá-lo para arrancar a verdade dele nas próximas horas, então o plano de extração também será comprometido. Se isso acontecer, vamos ter que pegar carona com você para sair daqui.

Miko tinha uma expressão séria.

– Não podemos ficar juntos?

– E arriscar a vida dos dois? – Logan balançou a cabeça. – Meu plano é bem melhor.

Ele espiou pela beirada da trincheira.

– Estão a menos de um minuto daqui. Fique abaixada na vala e vá rastejando até poder atravessar a borda da floresta.

Ele se virou para espiar a estrada.

– Logan... eu...

– Tem algo a dizer?

– Boa sorte – Miko sussurrou. Depois sumiu em meio à grama alta. O som do farfalhar da moça escapando logo foi coberto pelo rugido de veículos avançando pela estrada esburacada.

Depois de subir pela lateral da vala, ele soltou a tira que prendia a G36 à sua perna. Um homem sentado no alto da escotilha superior passava o holofote pela vala à sua frente. Logan evitou, cuidadosamente, olhar para ela a fim de conservar a visão noturna. Quando o foco de luz passou para cima, pela borda da floresta, Logan notou o cintilar do luar no vidro e sorriu. O para-brisa blindado do BTR estava erguido, as janelas a prova de balas, expostas. Ele trocou de pente rapidamente.

*Esses caras parecem bem convencidos. Mas uma bala de titânio com ponta de Teflon vai atrapalhar a vida deles – e fazer um buraco naquele para-brisa.*

Quando o transportador chegou mais perto, Logan perdeu o controle. O coração palpitava, ele começou a suar frio, e uma incerteza inundou-lhe a mente. Ao

destravar a arma, sentiu as mãos trêmulas a ponto de atrapalhar a mira. Sem fôlego, tentou evitar um ataque de pânico. Pela primeira vez em um mês, teve vontade de beber até o estupor, de voltar a afundar-se numa garrafa, onde vivera por muitos e muitos anos.

*Dar um jeito no medo. Engoli-lo. Você consegue tomar um tiro, consegue suportar a dor,* disse a si mesmo.

Mas outra parte dele quis dar meia-volta e fugir feito um coelho, mergulhar de volta na vala e escapar daquele lugar rastejando.

Ele começou a racionalizar. *Não é o medo, é o que você faz com ele. Não importa o que aconteça, tenho controle da situação e não vou fugir.*

Pensar assim pareceu acalmá-lo. Logan respirou fundo lentamente e várias vezes, ouvindo o BTR se aproximar. Quando olhou de novo para as próprias mãos, estavam firmes como as de uma estátua.

O transportador de dez toneladas chegou perto o bastante para estremecer o solo sob seus pés. Viu que o veículo havia avançado um pouco mais à frente dos outros dois – era sua chance. Logan emergiu da vala e parou no meio da estrada.

O homem em cima da escotilha estava ocupado procurando na floresta ao lado, então foi o piloto quem viu Logan primeiro. O veículo desacelerou, e o piloto berrou algo para o colega na escotilha.

Logan ficou parado, a mão esquerda erguida numa rendição zombeteira, mão direita esticada ao lado, G36 escondida atrás da perna. Mantinha o ombro direito abaixado, torcendo para que achassem que estava ferido. O homem em cima da escotilha mirou o holofote em Logan.

*Péssima ideia. Você morre primeiro.*

Logan ergueu o braço e a G36 disparou. A bala de titânio explodiu o holofote numa chuva de vidro e fagulhas brilhantes. O homem por trás da luz voou da escotilha no instante em que a bala quase gasta atingiu-o bem abaixo do queixo. A cabeça dele desapareceu por completo num jorro de sangue e pedaços de crânio fraturado. O cadáver decapitado caiu no teto do BTR feito um saco de terra.

Logan podia ver o rosto pálido e assustado do coreano atrás da direção, iluminado pela luz do painel.

*Agora você.*

Com o braço esticado, Logan deu um segundo tiro. O para-brisa explodiu numa teia de aranha manchada de vermelho escuro.

Subitamente, o BTR avançou. O espasmo de morte do piloto empurrou o acelerador. Oito pneus guincharam e cavaram a terra conforme o veículo disparava à frente. O holofote do teto ardia em chamas elétricas.

Logan hesitou por um instante fatal, e a placa frontal blindada o atingiu em cheio, erguendo-o do chão e jogando-o contra o para-brisa estilhaçado. Dois soldados

coreanos saíram pela escotilha traseira. O BTR-60 saiu da estrada, passou por cima de uma ligeira inclinação e subiu num pequeno morro. Com o motor ligado, as rodas girando, o veículo caiu no lago, espirrando muita água.

• • • •

Cutler jogou água fria no rosto pálido. As bochechas arderam, ele limpou os restos de creme de barbear e estudou seu reflexo. Com o dedo indicador, tracejou a cicatriz que dividia uma das sobrancelhas com uma linha branca discreta – resultado da briga com Logan na noite em que ele, Erdman e Hill capturaram o homem.

*Parece que foi há muito tempo.*

O tempo, Cutler sabia, passava lentamente naquele confinamento.

*As últimas seis semanas parecem ter se esticado a ponto de eu não lembrar mais de quando não morava na Colmeia, fazendo esse mesmo serviço sujo dia sim, dia não.*

Ele passou um pente pelo cabelo úmido e arenoso – notando pela primeira vez um toque de branco nas têmporas. Afastou-se do espelho do banheiro e foi pegar o uniforme. Um pedaço de papel caiu do bolso e flutuou até o chão. Cutler o pegou e leu.

#### MEMORANDO DO DIRETOR A TODOS OS FUNCIONÁRIOS RE: MEDIDAS DE SEGURANÇA

Devido a questões de segurança e diversos experimentos perigosos que logo serão conduzidos para dentro das instalações subterrâneas, todos os funcionários devem se mudar para os quartos nos Níveis Dois e Três do complexo subterrâneo, imediatamente. Favor estejam avisados que têm 24 horas para fazer as malas e preparar-se para a mudança. Veja com seu supervisor de dormitório qual alojamento lhe foi atribuído.

*O memorando era datado de quatro semanas atrás. Vinte e oito dias atrás... 672 horas atrás.*

*Acontece que aqui embaixo não tem dia, nem noite, nenhuma noção do tempo passando. E todo mundo está vivendo desse jeito, agora que as instalações da superfície estão totalmente vazias.*

*Acho que não vejo o sol, a não ser por alguma fresta, faz quase um mês. Mas pelo menos posso sair de vez em quando. Ao contrário dos médicos, dos técnicos.*

Pelos quinze dias anteriores, turnos duplos haviam virado regra, com todos os pesquisadores trabalhando dobrado, os técnicos tendo uma semana de 65 horas. A tensão estava alta, e as equipes de segurança de Cutler tiveram que apartar duas brigas na cantina em apenas cinco dias.

*E ontem aquele MacKenzie me avisou que os problemas de sono estão ficando mais comuns devido à falta de sol.*

Cutler imaginava por quanto tempo mais ficariam presos ali, até que houvesse quebra de disciplina – ou uma revolta total.

Seus pensamentos sombrios foram interrompidos pelo comunicador.

– Cutler.

– É o Deavers. Minha sala. Dez minutos.

– Entendi... – a linha já estava muda.

Ele se vestiu, trancou o quarto e foi para o elevador. No caminho, notou que a luz de boa parte do andar falhava – pela terceira vez em um mês. Devia ter sido consertada, mas a equipe de manutenção estava muito ocupada, disseram.

*Ou talvez estejam em greve não oficial desde aquele incidente, no começo da semana. De todo modo, vou ter que dar umas broncas se quiser botar esse lugar pra funcionar.*

Cutler entrou no elevador e subiu até o Nível Um com Carol Hines. Ela prendia os cabelos castanhos lisos para trás com uma das mãos enquanto segurava um PDA com a outra. O rosto estava contraído numa concentração que a consumia, e ela não tirou os olhos da tela brilhante durante todo o trajeto. Quando as portas se abriram, ela disparou em direção ao laboratório de diagnósticos. O soldado foi na direção oposta, até a sala do Major Deavers.

Cutler entrou sem bater. Deavers fitou-o com uma cara azeda.

– Os CDFs pediram os lobos agora de manhã. Alertei os domadores e estão prontos. Agora estou alertando você.

– Por que precisam de nós?

– Você está a cargo do Experimento X. Equipe de dois homens, com um terceiro para reforço. Só tranquilizantes. Nenhuma munição de verdade.

– Eu mesmo vou, e levo Franks. Ele já aprendeu um pouco, sabe obedecer a ordens e manter a cabeça fria, quase sempre. Vou levar Lynch como reforço.

– E quanto a Anderson? Erdman?

– Erdman não está em serviço, recebeu descanso. O Anderson anda muito atrapalhado ultimamente. Quase foi picado em pedaços por um laser de perímetro que “esqueceu” de desativar antes de sair lá fora para vigiar.

Deavers franziu o cenho.

– Anderson foi ágil o bastante pra impedir aquela tentativa de fuga na segunda. O Diretor teria cortado nossas cabeças se tivesse acontecido uma falha na segurança.

– Anderson teve sorte. Ou talvez só estivesse com raiva porque não ganhou uma parte do suborno.

– Esses caras da manutenção acham que somos idiotas? – Deavers perguntou. – Tentar pagar para entrar no helicóptero de suprimento. Achando que não íamos

notar...

– Não estavam pensando direito. Febre da cabine. Este confinamento é pesado pra todo mundo. Me admira não terem acontecido mais problemas ainda.

– Principalmente por estarmos com poucos seguranças experientes. Temos 55 guardas armados nestas instalações. Achava que mais de oito deles aprenderiam a lidar com o paciente.

– Só para constar, somos só sete que sabemos fazer isso. Hill já era, lembra? – disse Cutler. – Vamos encarar os fatos, senhor. O restante dos guardas, eles não querem aprender. Logan, o Experimento X, mete medo em todo mundo.

– E podemos culpá-los? – disse Deavers. – Ele me dá arrepios. Com aqueles cabos e máquinas saindo da cabeça dele. Aquele negócio em cima do olho, a bateria em volta do pescoço. Ele parece um morto-vivo, um tipo de robô-zumbi...

• • • •

Logan pensou que morreria quando o BTR o atingiu. A G36 voou da sua mão e foi esmagada pela roda dianteira do tanque. Enquanto era erguido do solo por oito toneladas, foi tragado, pelo ímpeto, para dentro do para-brisa estilhaçado. Em seguida, o veículo saiu da pista.

Cortado e ensanguentado, com uma dezena de lacerações, Logan rolou para dentro do veículo e pousou no colo do homem decapitado – o piloto, cujos miolos decoravam o compartimento. Vagamente, como se muito distantes, Logan ouviu gritos de pânico, depois sentiu ar fresco salpicar-lhe a pele quando alguém abriu uma escotilha.

Pouco depois, o pesado veículo blindado atingiu o lago. O impacto jogou Logan contra o painel no momento em que um jorro de água atravessou a janela. A torrente esbofeteou o mutante, e o compartimento foi instantaneamente inundado, mas a água gelada o trouxe de volta à consciência.

Agredido pelo tsunami, Logan abriu a boca para respirar fundo e engoliu água. Quase desmaiou de novo – queria desmaiar, afundar no calor confortante do esquecimento –, mas lutou contra a vontade suicida. Forçou os olhos a se abrirem e tentou orientar-se. Contou com um pouco de ajuda da iluminação interior, que ainda não havia apagado. Embora atrapalhado pela água que ainda jorrava para dentro da cabine de passageiros do veículo que afundava rapidamente, Logan sabia que conseguiria sair.

Enquanto o BTR afundava de bico para baixo, uma bota conectou-se ao ombro de Logan, e ele a agarrou. Seu prisioneiro o carregou para cima, passando por todo o compartimento do piloto – até a traseira do transportador blindado.

Subitamente, a cabeça de Logan irrompeu na superfície, e ele respirou. Bem ao lado dele, no compartimento que inundava rapidamente, um soldado coreano cuspiu



água e engasgou, tentando nadar. Logan reconheceu a patente do homem graças à corneta costurada em seu ombro direito – os norte-coreanos ainda usavam cornetas para dar ordens na batalha. Quando o homem viu Logan, gritou algo incompreensível e procurou a pistola em seu cinto.

*Preciso calar o cara rápido, ou ele vai contar aos colegas que ainda estou vivo. Não posso deixar que fuja.*

Agarrou o homem pela garganta e o forçou para baixo. O nível da água no compartimento já havia subido até a altura da escotilha traseira. Logan teria que sair logo ou seria sugado para o fundo junto do BTR.

Lá fora, luzes de holofotes já brincavam sobre a superfície da água, e Logan ouvia os homens na estrada chamando os camaradas acidentados. *Escapar sem problemas não seria fácil.*

Entrementes, o homem lutava contra a mão de Logan. Ainda forçando a cabeça do soldado sob a água, ele baixou a mão direita e arrancou a faca Modelo 1 do cinto. Logan apunhalou o inimigo uma, duas vezes. Depois do terceiro golpe, o coreano amoleceu, e o mutante o liberou.

A água subiu até seu queixo. Logan respirou fundo assim que a ponta do veículo de guerra escorregou para dentro da escuridão líquida. Ele se apoiou na escotilha, esperando até estar dois ou três metros abaixo da superfície, depois se chutou para a frente, na tentativa de nadar para o mais longe possível do gigante submerso, antes que o empuxo o sugasse para o seu fim. Finalmente, Logan conseguiu escapar do desastre e nadar para longe dali.

Ele continuou nadando, logo abaixo da superfície da água escura, até que não pôde mais suportar a falta de oxigênio. Enquanto manchas escureciam sua visão, Logan rompeu a superfície e engoliu ar. A cem metros dali ele viu norte-coreanos correndo até a costa para resgatar os colegas.

Exausto, saboreando o ar, Logan deduziu que havia uma corrente, pois estava sendo carregado lentamente na direção da represa. Colocou-se de costas, flutuando, até que as vozes sumiram, o brilho dos holofotes diminuiu e até o bater das hélices dos helicópteros foi abafado. Nadou até a costa, rastejou para fora da água e subiu a inclinação. Sem ser notado pelos soldados, cruzou a estrada e meteu-se entre as árvores, depois correu floresta adentro até alcançar o pé da colina. Finalmente, quando teve certeza de não estar sendo perseguido, deixou-se cair atrás de uma árvore para descansar.

Arfando, checkou sua situação. Seu segundo traje de luta, assim como a pele das costas, as coxas e o peito, estava esfarrapado. Provavelmente deixou um rastro de sangue por toda a encosta; torceu para que os norte-coreanos fossem desleixados demais para notar. Ao rasgar um pedaço do material do traje camuflado, Logan soltou um palavrão.

*Esse é o segundo conjunto que perco hoje. Nesse ritmo, vou amanhecer pelado.*

Subitamente, teve vontade de rir.

*Inferno, pelo menos não levei um tiro.*

Verificou o relógio. Não haviam se passado nem trinta minutos desde que se separara de Miko. Tinha então noventa minutos para dar a volta na baderna que ocorria na estrada e subir o morro para encontrá-la.

Gemendo, perdendo sangue e tremendo por estar molhado e com frio, Logan se levantou e foi em frente.

• • • •

Quinze minutos depois de seu encontro com Deavers, Cutler levou Franks e Lynch até a superfície, onde caminharam pelo local que seria usado para o “experimento” da manhã.

O sol havia acabado de nascer, uma bola amarelo-clara sobre as montanhas. E embora estivesse frio e a temperatura caindo mais, Franks estava tão ansioso para sair quanto Cutler. Lynch não fazia nada além de reclamar porque estivera a noite toda em serviço e tinha outro turno de oito horas por causa do experimento programado.

O solo em questão era uma porção de terra coberta de neve dentro do complexo. Um grupo de árvores jovens, de dois ou três anos, e alguns poucos pinheiros pontilhavam a topografia. A área toda era cercada por cercas duplas de metal de quatro metros de altura que seriam eletrificadas para o experimento. Os técnicos e o pessoal do áudio haviam instalado câmeras remotas e microfones em postes de aço plantados bem fundo no solo congelado, no alto das árvores e no topo dos postes das cercas.

O trio circulou o perímetro, checando para certificar-se de que não havia buracos na cerca onde um lobo – ou o Experimento X – poderia deslizar e escapar. Na metade do caminho, chegaram a um portão alto, barrado, com camadas múltiplas de cerca de aço atrás. De algum ponto de dentro do labirinto, ouviram urros e rosnados nervosos de uma matilha de lobos.

– O que os deixou tão irritados? – perguntou Lynch.

– Estamos contra o vento – Cutler respondeu. – Podem sentir nosso cheiro. Isso os está deixando loucos.

– Puxa! – disse Franks. – Por que estão assim tão agressivos? Parece que querem nos matar. Esse bando parece pronto para nos rasgar ao meio.

– Estão famintos – Cutler explicou. – Enlouquecidos de fome. Assim que saírem dessas jaulas, vão derrubar qualquer coisa que se mova, não importa o tamanho.

– Por que diabos aqueles CDFs deixam os lobos famintos? – Franks perguntou, tremendo de frio.

– Vão colocar o Experimento X dentro desse cercado, depois soltar os lobos e filmar a coisa toda.

Franks assoviou.

– E pra quê?

Cutler deu de ombros.

– Também não faço a menor ideia – disse com desgosto.

• • • •

Miko irrompeu do esconderijo quando viu Logan esforçando-se para subir o morro. Ela correu até ele e o segurou pelo braço.

– Apoie-se em mim – ela sussurrou, e ele se soltou sobre aquela figura esguia, porém forte.

A dupla cambaleou morro acima e entrou num abrigo improvisado que Miko levantara com galhos de pinheiro. Lá dentro, ela sacou um pequeno tubo químico brilhante e deitou Logan numa cama de musgo e folhas.

O rosto dela mostrava preocupação à fraca luz.

– Temi que não fosse voltar – ela disse, tirando as roupas dele e limpando os ferimentos pela segunda vez naquela noite.

– Eu disse... que aguento – ele resmungou, contendo uma tosse seca. As mãos frias da mulher eram calmantes, mas Logan começou a tremer.

– Aqui, beba isso – ela disse, colocando um frasco morno em sua mão. Ele tomou o chá quente, satisfeito.

– Treco estiloso – ele disse, admirando o elemento aquecedor movido à bateria do frasco. – Você é cheia de truques.

Ela sorriu.

– Infelizmente, é chá solúvel.

– Nunca tomei nada melhor.

Após alguns minutos, Logan sentiu-se reavivado. Ele se apoiou nos cotovelos. Miko agachou-se na entrada do abrigo improvisado, binóculos de visão noturna nos olhos.

– O que está vendo?

– Nada. Ninguém suspeita que estamos aqui. Os soldados estão convencidos de que você morreu no lago. Eles tiraram diversos companheiros da água, mortos e vivos. Pelo que entendo, alguns dos homens ainda não foram encontrados.

– Perdi minha Heckler & Koch.

– Sim. Um dos soldados encontrou os restos da sua arma na estrada. Ele a levou consigo quando saíram.

– E Langram? Viu alguma coisa ou alguém do outro lado do lago?

Miko baixou os binóculos e fitou Logan.

– Capturaram seu amigo. Soldados o trouxeram morro abaixo. Estava de braços amarrados e... foi maltratado. Foi colocado dentro de um carro blindado e levado na direção da represa. Sinto muito.

Logan ficou quieto por um bom tempo, o rosto sério. Finalmente, falou:

– Talvez eu possa resgatá-lo. Temos uma chance. Eles acham que eu morri e nem sabem de você.

O rosto de Miko enrijeceu.

– Mas mesmo que possamos encontrá-lo e libertá-lo, para onde podemos ir?

– Vamos escapar com a sua equipe. Onde vão pegá-la? Tem um horário específico ou você precisa pedir a extração?

– Eu... não tenho como sair – ela confessou. – Eu tinha planejado sair com você, depois de alcançar meu objetivo.

– O que você é, uma kamikaze? Seu governo te mandou numa missão suicida?

– Meu governo... meus superiores... nem sabem que estou aqui. Peguei a missão por conta própria. Por motivos pessoais.

Para surpresa dela, Logan largou a cabeça para trás e riu até ter um acesso de tosse.

– Você está bem? – Miko perguntou, passando para o lado dele.

– Engoli um pouco demais da água do lago – ele respondeu, sentindo um calor gostoso perpassar-lhe quando ela acariciou sua cabeça. Enquanto uma sonolência tomava conta de seu corpo, Logan riu baixinho. – Uma renegada como eu, hein? Devia ter imaginado.

Miko sorriu para ele entre uma confusão de cabelos.

– Sr. Logan, você não sabe nem metade.

– Se eu estivesse melhor, te fazia contar a história toda... Mas agora... estou cansado demais.

– Então durma, Logan-san. Precisa descansar. Você é só um humano.

Fechando os olhos, Logan sussurrou uma resposta:

– Só um humano? Quem dera, Miko... quem dera.

• • • •

Embora o sol já tivesse nascido, a temperatura na superfície baixara vertiginosamente desde o passeio que fizeram lá fora ao amanhecer. Apesar do céu limpo, um vento ártico gelado soprava do norte. Naquele momento, fazia pouco menos de 0°C, e a temperatura continuava caindo sem parar.

Envolvido em muitas camadas de roupa de baixo, uniforme e um casulo de armadura de Kevlar, Cutler ainda tremia contra o frio. Rajadas de ar gelado sopravam sob o capacete, fazendo seu hálito virar vapor. E ainda que o capacete não oferecesse proteção alguma contra o frio, Cutler não ousava removê-lo. Perigoso

demais.

Com um longo bastão elétrico, bifurcado numa ponta e acoplado a uma bateria na outra, Cutler direcionava lentamente o Experimento X pelo espaço coberto de neve até o centro do perímetro cercado. O bastão elétrico – apelidado de “forquilha” pelos domadores – abafava os sentidos de Logan, embora permitisse que ele fosse guiado e caminhasse sozinho.

– É como levar um cachorro pela coleira – brincou Lynch enquanto se preparavam para a experiência.

Cutler não sabia muito bem o que os médicos haviam feito a Logan durante as últimas seis semanas. Ele não parecia ter sofrido lavagem cerebral – estava mais para morte cerebral. Supunha que os sentidos de Logan deviam estar anestesiados ou que o frio pudesse estar afetando-o, porque o “paciente” estava totalmente nu em meio a neve, coberto apenas por “adesivos sensoriais” grudados no peito, pescoço, braços e tronco, onde as sondas cirúrgicas haviam sido inseridas.

Conforme Cutler levava Logan para a área designada, Lynch e Franks o seguiam alguns passos atrás, prontos para derrubar o paciente com pistolas tranquilizantes ao primeiro sinal de rebeldia. Mas Logan continuava dócil, raspando os pés nus na neve feito um zumbi, arrastando dezenas de cabos e tubos atrás de si, como correntes num prisioneiro.

– Logo ali – disse Lynch, mergulhando a bota num monte de neve marcado de tinta azul.

– Cadê os malditos técnicos? – Cutler quis saber. – Logan ainda tem que ser conectado.

– Aí vêm eles – disse Franks.

Dois técnicos, trajando armaduras de Kevlar mal-ajustadas, carregando equipamento demais, colocaram-se a trabalhar assim que chegaram. Eles começaram plugando os cabos soltos a um terminal de computador enterrado na neve, aos pés de Logan.

– O que é isso? – perguntou Franks.

O homem ajoelhado aos pés de Logan ergueu o rosto.

– Esta caixa é um link sem fio para os computadores do laboratório, inclusive o MER. Estes cabos vão manter nosso garoto dócil até que os médicos resolvam que é hora de soltá-lo.

– É, quando esses cabos forem desplugados, cuidado – avisou o outro técnico.

– Já o viram em ação? – Cutler perguntou.

– Só ouvi rumores – respondeu o técnico ajoelhado enquanto testava um circuito.

– Já o vi em ação – disse Franks. – E planejo estar bem longe quando o soltarem.

– Ei, Dooley – disse o homem agachado na neve. – O cara viu o Experimento X em ação.

Franks ficou vermelho. O homem chamado Dooley virou-se e colocou um computador de bolso na mão do agente.

– O que é isso?

– O controle remoto do cabo de resposta. Quando o Dr. Cornelius der a ordem, você aperta esse botão e o monstro está solto.

– Cara, por que eu? – Franks perguntou.

– Você é um soldado, não é?

Enquanto isso, o técnico ativava a caixa sem fio aos pés de Logan, e então digitou um código no teclado que havia no topo dela.

– Ok, Agente Cutler – disse ele, levantando-se. – Remova o bastão elétrico, depois volte para o abrigo.

Trepidante, Cutler desativou o bastão e destacou a forquilha das travas magnéticas implantadas nas têmporas de Logan. Para seu alívio, o paciente agiu do mesmo modo que agira durante todo o processo. Do momento em que chegaram à superfície até a hora em que o conectaram à caixa, o Experimento X nem piscou, só olhava para a frente, olhar vazio.

A equipe de segurança afastou-se do Experimento X, pistolas tranquilizantes preparadas. Aos sessenta metros eles se viraram e correram para o abrigo de concreto ao lado das jaulas dos lobos. Deviam esperar ali no compacto abrigo lotado de equipamentos de comunicação até que seus serviços fossem requeridos novamente.

Os técnicos uniram-se a eles poucos minutos depois – depois que todas as conexões foram testadas, as câmeras e sistemas de som ativados e Logan sujeitado ao estágio final de “preparação”. Os técnicos livraram-se dos aparelhos e tomaram seus lugares no console de comunicação. Cutler e Franks serviram-se do café de uma garrafa e espiaram o Experimento X por uma abertura estreita. Franks segurava o controle remoto como se fosse uma bomba da qual preferia ver-se livre. Lynch, indiferente, encaracolou-se num banco e caiu no sono.

Lá fora, o paciente continuava duro feito pedra, pernas firmes, enfiadas até as panturrilhas em trinta centímetros de neve fofa. Um vento forte mexia o cabelo de Logan, carregando o cheiro de sangue quente até as jaulas dos lobos.

Quase imediatamente, os animais urraram, ansiosos, circulando num frenesi, olhos vazios com uma fome feroz.

• • • •

– Ótimo trabalho, Dr. Hendry! – exclamou o Dr. Cornelius. – O Experimento X aumentou a massa muscular em um terço e perdeu mais de um terço da gordura corporal em menos de seis semanas. Seus tratamentos químicos são quase milagrosos.

O Dr. Hendry fez um aceno humilde, recusando o elogio de Cornelius, e sorriu.

– Era um problema espinhoso, mas bastou uma abordagem nova para descobrir a solução.

Estavam no laboratório principal, perto de uma mesa na qual serviram um café da manhã estilo continental. Duas dúzias de médicos, pesquisadores e técnicos haviam trabalhado durante a noite para preparar o experimento crucial daquela manhã. Foi o Dr. MacKenzie quem assumiu a função de arranjar o café da manhã para ser servido na cantina ao amanhecer.

Carol Hines estava sentada ao lado dos dois médicos, com uma xícara de chá esfriando ao lado. Não prestava atenção à conversa enquanto checava a lista da complexa programação.

– Estou surpreso que não usou esteroides – Cornelius disse, entre mordidas num queijo dinamarquês.

– Não, não. Esteroides são bastante inadequados. Os resultados do seu uso são temporários, e há muitos efeitos colaterais danosos.

– Então como resolveu o problema?

– Uma vez que os pesquisadores da Universidade Johns Hopkins determinaram que a proteína miostatina limita o crescimento muscular em humanos, foi bastante simples para mim criar uma enzima específica para bloquear essa proteína, permitindo que o Experimento X crescesse em tempo recorde.

Cornelius olhou, desamparado, para a própria barriga, que se projetava por cima do cinto.

– Puxa, você tem que me deixar testar um pouco dessa coisa, doutor.

– Bom dia – anunciou o Professor ao entrar no apinhado laboratório. Dr. Cornelius virou-se, bebendo seu café de uma xícara de isopor. Hines tirou os olhos da lista quando o Professor passou para o lado deles.

Ele direcionou sua primeira pergunta à moça.

– Então este pode ser o grande dia, hein?

– Esperamos que sim, senhor – ela respondeu.

– Bom, bom... – Ele se virou. – Dr. Cornelius. Tem algo que preciso revisar?

Cornelius engoliu o restante do queijo.

– Bem, acreditamos que superamos o problema com a glândula suprarrenal.

O Professor ficou impressionado.

– Como?

– Uma simples matriz trabecular – respondeu Cornelius. – Estava na nossa cara o tempo todo.

– Mas agora você já resolveu – disse o Professor.

– Acreditamos que sim, senhor – Cornelius respondeu. Por não ser endocrinologista, disse o que ouvira do Dr. Hendry.

– Excelente trabalho – disse o Professor. – Já soltaram todos os cabos de injeção de Logan?

– Ainda não, senhor.

– Então faça isso agora, Dr. Cornelius. Que o experimento comece.

Cornelius assentiu, depois se virou para o restante da equipe.

– Todos em seus lugares – ele ordenou. – Experimento dois de seis começará em dois minutos.

Hines assumiu seu assento ao lado do console do MER e destravou os controles de seu aparelho. Seu rosto estava plácido quando fitou os demais.

– Estou pronta.

– Biomonitores prontos – disse o Dr. Hendry.

– Escâner CAT pronto! – rugiu o Dr. MacKenzie, o cabelo ruivo selvagem e despenteado.

– Câmeras prontas. Áudio pronto – crepitaram vozes vindas do abrigo de comunicação na superfície.

Cornelius inclinou-se sobre seu terminal e acionou seu microfone.

– Domadores, soltem todos os cabos e puxem para dentro.

– Entendido, senhor – respondeu Franks.

Na tela de TV de alta definição que dominava a parede, apareceu a imagem de Logan, imóvel no centro do espaço nevado enquanto os cabos de injeção eram soltos de seu corpo escultural.

O Professor, olhos fixos na tela, sentou-se atrás do terminal central e lambeu os beiços.

– Agora, Dr. Cornelius. Mostre-me do que a Arma X é capaz.



# XII • PREDADOR

– Três... dois... um. Ok. Experimento dois de seis. Defesa.

O Dr. Cornelius parou para checar o laboratório.

– Tudo em ordem? Câmeras? Monitores?

– Certo – disse Hendry. Outras vozes murmuraram afirmativas.

– Dr. Cornelius.

– Sim, Professor.

– O Sr. Logan...

– Experimento X – corrigiu o Dr. MacKenzie. – Ele não tem mais nome.

– O Experimento X parece estar coberto de sebo.

– Sangue de carneiro, senhor – explicou Cornelius. – Facilita o farejar. Queremos que os lobos sejam agressivos.

– Entendo. – O Professor ergueu as sobrancelhas. – Genial. Adorável.

Por muitos minutos, a figura permaneceu parada feito um monolito no vasto espaço congelado. Carol Hines pegou-se escutando o som do vento transmitido pelos alto-falantes, atraída pela imagem do Experimento X na tela. Mais minutos se passaram, preenchidos pelos sons dos monitores, das vozes baixas. O uivo do vento foi acompanhado pelos uivos dos lobos.

Enquanto técnicos calibravam seus instrumentos, Cornelius serviu-se de uma terceira xícara de café. O tempo parecia suspenso devido às repetidas checagens.

Finalmente, Carol Hines disse:

– Ele está lá fora, abaixo de zero, há mais de vinte minutos. Podemos continuar logo com isso?

Cornelius baixou a xícara sem provar do líquido.

– Estamos seguindo o procedimento, Hines.

Nos alto-falantes, o choro dos lobos famintos intensificou-se.

– Leituras, Dr. Hendry?

– Pulso, pressão, tudo ok.

– Talvez devêssemos mandá-lo fazer alongamento, aquecer. Músculos frios podem ficar muito rígidos – sugeriu o fisioterapeuta.

– Os dele, não – respondeu Hendry. – Foram condicionados para trabalhar em nível ótimo apesar do frio e de longos períodos de imobilidade.

Nos alto-falantes, rosnados úmidos misturaram-se a latidos raivosos. Os animais ficavam impacientes, atacando uns aos outros em seu fervor pela presa fresca.

– Ele pode ouvi-los? – Cornelius perguntou.

– Sim, senhor. Tenho certeza – disse o técnico de áudio, falando do abrigo do lado de fora. A voz, pelo link, chegava cristalina. – Podemos ouvir os lobos por trás de quinze centímetros de concreto sem usar o sistema de som. Se o Experimento X não puder ouvir, então está surdo.

– Mas sem elevação de adrenal... estranho – murmurou Cornelius.

– Estranho nada – declarou o Professor, os olhos brilhando de excitação. – Significa que sua reprogramação funcionou, Dr. Cornelius. A Arma X não sente medo.

Cornelius fitou a tela.

– Preparem-se para abrir o portão.

– Entendido – disse a voz de um dos domadores posicionados dentro do compartimento de contenção de animais na superfície.

– Quando eles foram alimentados pela última vez? – perguntou o Professor.

Cornelius deu de ombros.

– Não sei. Domadores?

– Entendido – respondeu o domador. – Aqui diz cerca de seis dias atrás, senhor.

– Bem, Jesus, eles podem ficar com o meu queijo.

A voz veio da estação técnica de status, seguida por uns risos. O Professor virou-se em sua cadeira para olhar feio para o brincalhão.

– Abram o portão – disse Cornelius.

As imagens foram divididas em duas câmeras. Na maior, a equipe do laboratório via simultaneamente os lobos irrompendo pelo portão aberto e Logan parado, rígido, na neve.

– Não está reagindo.

– Dê-lhe uma chance, Cornelius.

– Mas não há aumento de pressão, nem de pulso.

Os lobos cruzaram às pressas o campo nevado, patas levantando grandes montes fofos. O macho alfa saltou à frente da matilha, um brutamonte castanho de 77 quilos, focinho cheio de espuma e língua pendurada. Descarnado devido à falta de comida, os músculos rijos do lobo ondulavam sob o pelo avermelhado.

– Meu Deus, ele não se mexe – sussurrou um dos técnicos.

– Ele está vivo? – o Professor exigiu saber.

– Claro que sim! – Cornelius exclamou.

– Mas não se mexe.

– Meu Deus... – Carol Hines desviou o olhar.

Conforme os lobos avançaram, a câmera voltou para uma única imagem – os animais estavam tão perto do paciente que entraram todos no mesmo quadro.

O rosto do Professor era seriedade pura. Ele concentrou o olhar duro no Dr. Cornelius.

– Tem informações para mim?

Cornelius, de olho na tela, fez que não, aterrado.

– Ele apenas... não reage.

– Droga! – O Professor pulou da cadeira e chegou perto da tela. – Problema físico? – perguntou. – As garras, talvez?

– Não, duvido que seja isso.

Cornelius fitou o Dr. Hendry, buscando confirmação, mas os outros pareciam muito ocupados para notar.

– Se as garras funcionam, então por que ele não as usa? – perguntou o Professor.

O domador gritou:

– Vão fazê-lo em pedaços!

Finalmente, Hendry ergueu o rosto, encontrando o olhar desesperado de Cornelius.

– Ele não será capaz de se curar se for retalhado.

Cornelius deu meia-volta e viu Carol Hines evitando olhar para seu monitor.

– Hines, faça seu trabalho!

Ela voltou sua atenção ao monitor, dedos pousados no teclado, o rosto vermelho.

– Aumente a coluna de resposta agora! – Cornelius ordenou.

Carol Hines programou os novos dados no transmissor, clicou em enviar, depois fitou a tela.

Em algum ponto do cérebro amortecido de Logan, algo se ligou – um assomo químico que ativou uma porção dormente em sua mente. Um surto de atividade eletroquímica no córtex pré-frontal esquerdo estimulou a agressividade do mutante, e um lampejo de consciência brilhou por trás de seu olhar indiferente. A fagulha durou meio segundo – o bastante para que o Experimento X ouvisse, visse, farejasse e compreendesse o perigo.

Mas os lobos já estavam em cima dele. O alfa saltou da neve e jogou-se sobre o mutante, que foi cercado pelos demais. Os dentes fincaram-se nas pernas e nos braços, derrubando Logan no chão...

• • • •

*Dentes mordiam, babando. Hálito quente, fedido. Dentes cravando, rasgando, cortando. Raivosos.*

Logan nadou num mar de imagens de pesadelo e acordou lutando – braços se movendo cegamente, afastando os predadores fantasmas. Com um grito, sentou-se na cama de folhas e musgo. Abriu os olhos para uma luz solar ofuscante, até aparecer uma silhueta que obscureceu o brilho claro.

– Quem...?

Dois dedos cobriram gentilmente seus lábios.

– Silêncio, Logan. Você está seguro – acalmou-o uma voz suave.

– Miko?

– *Hai*.

Logan piscou.

– Devia estar sonhando – ele murmurou, vendo as terríveis imagens sumindo feito nuvens de névoa matinal.

Ela o fitava, com uma expressão de curiosidade.

– Sou tão feio assim de manhã? – ele resmungou, desviando o rosto.

– Nem um pouco. Parece muito bem. E esse é o mistério.

– É, bem...

– Você pegou num sono profundo. Pensei que tivesse entrado em choque. Depois pensei que tinha morrido – ela disse, quase sussurrando. – Mas enquanto te vigiava de manhã, observei o ferimento no seu peito.

Com a ponta do dedo indicador, Miko tocou gentilmente um ponto entre os peitorais.

– Aberto e sangrando ontem à noite. Curado pela manhã. Agora não tem nem cicatriz.

Ele olhava para a frente. Ela se sentou no chão, ao lado dele.

– Qualquer outro teria morrido.

– Não sou como qualquer outro.

Ela aguardou em silêncio. Finalmente, ele disse:

– Já ouviu falar de mutantes, Miko?

– *Hai*. Mas, pra ser sincera, não achava que existiam. Achava que era superstição, como mover coisas com a mente, ou PSE...

– Você quer dizer PES, percepção extrassensorial.

Ela concordou.

– Bem, mutantes existem. Sei por que sou um. Descobri, nem queira saber como, faz poucos anos. Saber disso me mudou, mas não para melhor.

– Mas e suas habilidades? Com certeza as tem há muito tempo.

Ele olhou para ela.

– Sempre soube que eu era diferente, mesmo quando criança. As pessoas me tratavam diferente, também. Como se soubessem que havia algo incomum em mim.

– Alienação. Todo mundo sente isso quando é jovem.

– Mas não sou jovem, Miko. Se eu dissesse como sou velho, você não acreditaria. Não está vendo? Havia algo diferente em mim. Nunca fiquei doente, como todo mundo. Os machucados curavam rápido. Mas só quando fui pra guerra descobri como eu era diferente...

– Você é imune a doenças e não envelhece. Como isso pode ser um problema?

– É um problema. Ver uma pessoa que você ama envelhecer, sofrer e morrer enquanto você continua jovem pra sempre... É, isso é um problema...

Ela se retraiu perante a resposta.

– Entendo. É como ver um dos seus pais morrer? – ela sussurrou.

– Sim. Como um dos pais. Só que é a sua namorada. E até seus filhos, se você tivesse...

Ele levou os punhos às têmporas e fechou os olhos.

– E eu nem sei por que sou diferente. Fui um problema pra todo mundo ao meu redor desde que nasci. Não mereço esse “dom”. Por que eu?

– Quando não há resposta para uma pergunta, pra que perguntar? – Miko disse. – Mas agora eu entendo.

– Entende? Consegue? – ele retrucou. – Morei no Japão. Conheço seu idioma, sua sociedade, seus costumes. O povo japonês se apoia muito no conformismo. No seu mundo, eu seria ainda mais desajustado. Alguém como você jamais poderia entender isso.

Miko balançou a cabeça.

– Não tenha tanta certeza, Logan-san. Também sei como é ser um estranho.

– Que houve, repetiu a terceira série?

– Já ouviu falar das mulheres de conforto? – ela perguntou.

– Tipo prostitutas?

– Não prostitutas, Logan. Escravas de mestres japoneses. Na Segunda Guerra Mundial, os soldados tiraram milhares de mulheres de suas casas e as usaram. Minha avó era mulher de conforto, tirada da fazenda na Coreia por um oficial de alto escalão, levada a Tóquio para ser sua amante. Minha mãe é filha deles.

Enquanto falava, Miko brincava com um anel no dedo médio.

– Depois da guerra, os coreanos não quiseram essas mulheres de volta porque as consideravam corrompidas. Muitas tiveram filhos com japoneses. Essas crianças são malvistas nos dois países, assim como seus descendentes, até hoje, nestes tempos esclarecidos.

O som de um jato passando muito acima os calou. A aeronave sumiu tão rapidamente quanto apareceu.

– Você diz conhecer a sociedade japonesa, Logan-san – Miko prosseguiu. – Sabia que crianças mestiças são excluídas das melhores escolas, não importa quão talentosas e inteligentes sejam? Sabia que somos relegadas às posições mais baixas nas corporações japonesas, assalariadas ou secretárias, sem nunca poder subir de cargo?

– Então você foi parar no serviço civil? – Logan perguntou.

– Sim. A EEA me aceitou porque eu era útil. Tinha habilidades de que precisavam. Falo coreano como nativa, poderia me passar por coreana se fosse preciso. Algo que já fiz em missões passadas.

– Mas você não está em uma missão agora?

- Não, Sr. Logan. Estou aqui por conta própria, por motivos pessoais.
- E esses motivos pessoais estão dentro daquele complexo na base da represa?
- *Hai*.
- Tenho certeza de que Langram está lá também.
- Ontem à noite você disse que ia resgatar seu amigo.
- Pretendo ir atrás de Langram. É uma ideia muito estúpida, um ato suicida, no qual os coreanos podem acabar caindo. Você pode vir comigo e terminar seu assunto pessoal, contanto que não interfira no meu. Ou pode tentar sair da Coreia do Norte sozinha.
- Vou com você, Logan. Quando partimos?
- Hoje à noite, depois que escurecer. Vamos levar uma hora para atravessar a represa, mais duas para descer o morro e entrar.
- E até lá?
- Comemos, Miko. Depois descansamos. Vai ser uma noite longa.
- Você tem fome? – Miko perguntou.
- Tenho. Depois de um desses comas de cura, acordo faminto feito um maldito lobo.

• • • •

- Estão comendo ele vivo!
- Não estou conseguindo resposta – reclamou Cornelius. Ele tirou Carol Hines do caminho e começou a bater no console dela. – Ele devia estar acionado. Nós o perdemos.

Na tela, os lobos eram uma massa que rosnava, se contorcia e avançava sobre o mutante, que se debatia. O Experimento X lutava fracamente, enquanto garras cortantes e dentes rascantes aproximavam-se de sua barriga desprotegida e rasgavam-lhe a garganta.

Subitamente, Cornelius ergueu os olhos do console do MER.

- Está funcionando. A epinefrina está aumentando...

O Professor apareceu atrás dele.

- 86... 90%... 95... – O homem deu um tapinha no ombro de Cornelius. – Está reagindo!

Um gemido de agonia explodiu pelos alto-falantes. Na tela, o antebraço direito de Logan emergiu da matilha, que choramingava e babava. O gemido tornou-se um rugido temeroso de raiva e desafio. Subitamente, os lobos recuaram, ganindo, os focinhos manchados de sangue, quando três garras de adamantium brotaram da pele destruída do mutante.

- Ouçam esse rosnado. Cavalheiros, conseguimos!
- Não acho que isso soe como sede de sangue, Professor – disse o Dr. Cornelius.

– Acho que é dor.

Um jorro de sangue escapou dos pontos de extração das garras, escorrendo pelos braços esticados de Logan enquanto ele se levantava.

– Esplêndido – disse o Professor, ajustando os óculos quadrados. – Isso vai deixá-lo ainda mais selvagem.

Por cima do rugido de Logan, os cientistas ouviram o ganido que fez com que se retraíssem. Logan irrompeu do meio dos animais barulhentos. O alfa saltou em sua garganta. Com um gancho que empalou o animal e o ergueu acima da cabeça, Logan rasgou o lobo ao meio no tronco – quebrando-lhe a espinha num gesto cortante que quase dividiu a uivante criatura.

Sangue quente, fumegante, choveu por cima de Logan, saturando seu rosto, pescoço e peito. Ele se esquivou de uma fêmea que saltou e lançou o braço para trás para fincar o crânio de outro macho.

Carol Hines desviou os olhos quando Logan eviscerou uma loba, depois arremessou o corpo quebrado e contorcido dela contra outro. Embora tenha evitado a imagem, Hines não pôde bloquear os sons horrendos – latidos, uivos, grunhidos, ganidos e gemidos de animais sofrendo, morrendo...

– Leituras, Cornelius – o Professor exigiu.

– O pulso superou as escalas, Professor. E nem queira saber o nível de adrenalina, epinefrina, serotonina. Nível de estresse fenomenal. Parece que vai ter um colapso.

– Acha possível? – o Professor perguntou, alarmado.

– Não sei – Cornelius respondeu, sincero. – O metabolismo em si... é mais que humano. E os ferimentos que ele já recebeu...

– Esses ferimentos ainda não desaceleraram Logan – notou MacKenzie.

Meia dúzia de lobos mortos espalhados pelo chão. Outros sugavam o último suspiro de ar gelado. Alguns poucos ainda lutavam na sujeira escorregadia, arrastando membros quebrados, suas entranhas manchando a neve de amarelo, marrom e vermelho.

Então um uivo prolongado perfurou o ar quando Logan fincou a fêmea alfa ao chão com as garras da mão esquerda enquanto usava a direita para picar a cadela baqueada em pedaços. Sangue e nacos de pelo e carne voaram com cada golpe brutal, entretanto um golpe mortal não foi desferido. Logan deliberadamente prolongava a agonia da criatura.

– Ele é muito mais bestial do que os que está matando – observou Cornelius.

O Professor era só sorrisos.

– Que escolha perfeita foi Logan – ele declarou com presunçosa satisfação. *E quão tolo fui eu de duvidar do Diretor.*

Carol Hines apareceu atrás deles, os olhos fixos na tela.

– Professor, não podemos parar? Salvar os animais que restaram? É uma matança



sem sentido.

O Professor ficou chocado com a sugestão.

– Creio que não. Estou gostando muito disso. Deixe os animais se salvarem. Sobrevivência do mais forte. É o jeito violento da natureza.

– Professor, tenho uma análise fluorescente, e uma imagem de CAT – disse o Dr. Hendry. – Quer ver?

– Só me dê os resultados do escâner.

– Atividade no córtex pré-frontal esquerdo... – começou o Dr. MacKenzie.

– Ah, claro. A parte do cérebro que procura vingança – o Professor exclamou.

– Está correto, Professor – respondeu MacKenzie. – É também a parte do cérebro que fica ativa quando as pessoas se preparam para satisfazer a fome ou algum desejo. Fome e desejo de vingança estão conectados, e parecem estar relacionados.

– E a análise fluorescente?

– Na tela – disse Hendry.

Um quadrado das violentas imagens na tela congelou, separou-se, depois preencheu todo o monitor – o braço erguido de Logan, garras estendidas.

– Sim. Pode congelar aí? – o Professor pediu.

A tela ficou branca, depois a mesma imagem reapareceu – mas como uma radiografia. As garras de Logan e os ossos prateados de adamantium, veias, tendões, músculos, uma mistura de cinzas ao fundo.

– Precisamos de mais detalhes – o Professor reclamou. – Mande uma reemissão no osteógrafo.

– Um segundo – disse o assistente de Hendry.

A imagem mudou, depois derreteu num borrão.

– Quero ver as duas mãos – instruiu o Professor.

Subitamente, a imagem das garras da mão direita de Logan encheu a tela, ossos ainda prateados, mas nervos, veias, tendões todos apagados, muitos tons abaixo. A imagem era tridimensional, e enquanto observavam, o Dr. Hendry trocou a perspectiva para que pudessem ver a anatomia em ação de cada ângulo possível.

– Veja isso – exclamou o Professor. – A síntese perfeita entre a trabécula e o adamantium. Osso ligado ao metal mais duro do mundo dentro do corpo de uma fera.

O Professor aproximou-se da tela como se estivesse pronto para abraçar a imagem.

– Logan. Arma X. A máquina de guerra perfeita. A máquina de matar perfeita.

O Dr. Hendry interrompeu a folia do Professor.

– Há uma distorção excessiva nos metacarpos. Pode ser a causa da dor do paciente na hora da extrusão, como sugeriu o Dr. Cornelius.

– Como? – Carol Hines perguntou.

– Os apêndices de adamantium parecem causar incômodo quando são ativados – Hendry explicou. – Em parte, sem dúvida, devido ao dano que as próteses de adamantium causam à pele dele quando as garras a atravessam, mas ele também pode estar sentindo uma dor geral, similar a uma criança cujos dentes estão nascendo.

O Professor olhou para Hendry.

– Pode cuidar disso?

– Sim, Professor.

– Bom. Então nos leve de volta ao campo de batalha.

Com um bipe, a imagem sumiu e foi substituída pela cena pré-gravada na neve sangrenta. O som também retornou, embora os uivos e gemidos dos lobos tivessem sido silenciados para sempre.

Logan estava no centro do tablado sangrento, em pé, pernas abertas, braços estendidos, pingando sangue quente.

– Programa completo – Cornelius anunciou. – Parece que ficamos sem lobos.

Carol Hines desviou o olhar da tela.

– Um massacre total. Esplêndido. Esse exercício não podia ter sido melhor – disse o Professor. – E olhe para Logan! Parece que quer mais. Temos mais?

– Não – disse a Srta. Hines.

– Pena...

Então um uivo canino longo ecoou pelo laboratório; um som alarmante que gerou arrepios de medo nas espinhas dos civilizados e estudados cientistas e pesquisadores. O uivo era feral, animalesco – entretanto, de algum modo, ameaçadoramente humano.

Cornelius virou-se para o Professor.

– Meu Deus. Ele está urrando feito um animal.

– Ah! E você achou que só a dor o fizesse gritar assim, Cornelius. Mas não.

O Professor ficou ali parado, o punho cerrado em frente à boca, observando a imagem de Logan na tela, escutando o longo berro bestial.

– Os lobos matariam por comida, território, talvez – disse ele, a voz cada vez mais intensa. – Mas esse mutante... essa arma viva... sua paixão é o *medo* da presa. Ele se delicia com o odor do sangue. O medo é a chave. O medo é o fator motivante.

O discurso do Professor terminou junto do urro enlouquecido. No mesmo instante, o laboratório ficou em silêncio.

O Professor virou e se dirigiu a todos.

– Apesar de seus protestos iniciais, de sua luta contra nossos esforços, sei que fizemos a Logan um grande favor – declarou o Professor. – Suas necessidades mais bestiais estão prestes a exceder seus sonhos mais primitivos... A nosso serviço, é claro.

Ele olhou para Cornelius.

– Pode desligá-lo agora, doutor.

Cornelius voltou a seu console. Carol Hines reassumiu sua posição atrás do teclado do MER. Ambos preparavam seus sistemas para desligar.

Na tela, Logan caiu de joelhos, onde permaneceu. As garras deslizaram para dentro das bainhas. E então, sem fazer barulho, ele caiu de rosto na neve sangrenta como um boneco que tivera os fios cortados. As pernas sacudiram como nos espasmos dos mortos, e Logan desabou sobre as vísceras dos lobos e virou de costas.

– Domadores? – Cornelius chamou pelo rádio.

– Pronto – respondeu Cutler, a voz tensa, efeito da cena que acabara de testemunhar do abrigo.

– Tragam Logan para dentro.

Subitamente, o Professor adiantou-se.

– Por favor, cancele essa ordem, Cornelius.

Este imaginou porque tinha sido cortado assim. Mas sabia que não devia questionar o comando do Professor. *Melhor usar a diplomacia.*

– Cancelar...

Então, ele se virou.

– Desculpe, Professor – começou Cornelius. – Achei que tivéssemos terminado por hoje.

– Terminamos.

– E?

O Professor deu as costas à tela e foi para a saída.

– Deixe Logan lá fora esta noite. Gosto da ideia de ele dormir sobre os despojos. Ele precisa tornar-se um com as entranhas de sua glória.

– Mas está 26 graus negativos lá fora – Cornelius protestou. O dia de inverno fora tão curto que o sol já estava começando a se esconder atrás das montanhas.

– Melhor ainda. Deve fortalecê-lo mais, não é? – O Professor parou na porta, depois se virou e olhou para o médico. – Pode monitorar os sinais vitais dele daqui, não pode?

– Sim, claro – Cornelius respondeu.

– Esplêndido. Realizamos muito hoje. Boa noite a todos.

• • • •

– Vocês agora são convidados do governo militar provisório. Embora sejam opressores ocidentais...

O Professor escutou aquela voz dura. Autoritária. Insistente. Uma corneta barulhenta de bravata espartana.

*Não me incomode agora. Muito a fazer para ser atrasado por história antiga.*

Havia trabalhado a noite toda, e depois todo o dia seguinte. Quando a noite caiu novamente, retornou a seu recanto tecnológico para revisar séries infinitas de dados. O sono era uma ilusão, um oásis distante que não oferecia descanso nem paz. Em vez disso, sentou-se muito ereto em sua cadeira de comando, como fizera por dias intermináveis.

– Assim que o interrogatório terminar, ambos serão soltos. Nada acontecerá com você nem com seu filho, contanto que você... coopere totalmente.

Incomodado, o Professor largou os óculos sobre o console. Um mapa rodoviário de linhas finas vermelhas marcava o branco dos olhos dele. Ele os esfregou com os dedos compridos.

*Sei que estou certo...*

*O medo é a chave.*

*Controle o medo de Logan e controlará sua agressividade. Controle sua agressividade e o controlará. E então terá a máquina de matar perfeita. A defesa perfeita...*

– Não tenha receio pelo seu filho... Ele sobreviverá, contanto que você nos agrade. Ouvi dizer que é muito inteligente, seu filho. Seria uma pena se acontecesse alguma coisa com ele... com vocês dois...

*Vá embora.*

– Não até que eu consiga o que quero da sua mãe, garoto. Não até que ela me agrade...

Os rostos o cercavam mais uma vez, cercando-o feito os lobos que atacaram Logan. Cruéis. Ferais. Selvagens. Zombeteiros. E um rosto acima dos demais...

Coronel Otumo.

Aos oito anos, o Professor era pequeno e franzino para sua idade. O pai era um renomado epidemiologista; a mãe, herdeira de um império dos negócios de Vancouver. Viajavam pela África para fazer caridade, ajudar os pobres, curar os doentes.

*Sentimentos nobres desperdiçados com selvagens...*

O pai estava em algum lugar no meio da mata, inoculando as crianças das tribos em vilas remotas. Ele e a mãe haviam ficado na capital, uma grosseira cidade colonial construída na costa de um lodoso rio africano. Enquanto o pai não estava, um golpe militar lançara a Costa Oeste africana em um caos sangrento.

Pálido, aterrorizado, o menino se agarrava à saia da mãe naquela noite. Tremia por trás dos óculos muito grandes, vendo tanques passando pelas ruas poeirentas e soldados batendo em homens e mulheres desarmados. Ouviam tiros, viram o pânico, sentiram o cheiro de pneus queimados e dos corpos inchados, cheios de moscas, apodrecendo no calor tropical.

Quando chegou o dia, chegou também a lei marcial. A polícia e os burocratas do regime deposto foram capturados e levados a um estádio esportivo. Pelotões de tiro trabalharam o dia todo e a noite seguinte também.

Naquela segunda noite, a porta fina do hotel tremeu. O baque de botas pesadas no piso de madeira, trancas arrombadas, criados e funcionários do hotel apanhando, sendo alvejados. Ele correu para o quarto da mãe, buscando segurança. O Coronel Otumo já havia chegado com seus oficiais.

Alto. Uniforme bege. Passado e engomado. Um soldado.

O pai dissera que os soldados eram como policiais – homens em quem se podia confiar. Respeitar. Viviam para servir e proteger.

– Onde está seu marido, o médico ocidental?... Essa resposta não basta... Qual é o seu motivo pra vir a este país?... Não, isso é mentira. Você representa os interesses criminosos dos poderes coloniais norte-americanos, não adianta negar...

No início, os homens agiram de modo quase civil, Otumo principalmente. Formado em Oxford, bom de discurso, era capaz de discutir sobre a poesia de William Blake, história britânica, economia marxista ou métodos de tortura com igual eloquência. Mas em muito pouco tempo a conversa educada tornou-se totalmente brutal.

Um menino de oito anos não conseguia entender os eventos que ocorriam. Sabia que os soldados estavam sendo cruéis, falavam alto, e via a mãe soluçando, com medo.

Conforme o dia dava lugar à noite mais uma vez, os soldados levaram a mãe embora. Ela o beijou e disse que ele tinha de ser corajoso... que ela voltaria para ele logo, e para sempre. Ele tentou segui-la, chorando, gritando, mas os outros soldados riram e bateram nele com a traseira dos rifles.

Depois disso, ele ficou deitado no chão, escutando, vindos de outra parte do hotel, os soluços da mãe, os apelos e, finalmente, os gritos que romperam pela noite escura. Enquanto isso, os soldados... fizeram coisas com ele. Coisas que ele não entendeu. Fizeram coisas com seu corpo que doeram tanto, que ele mergulhou na própria mente até estar muito distante. Num vasto deserto, sozinho. O que estava acontecendo com ele não poderia estar acontecendo, então ele assistiu a tudo como se visse através de uma janela, de uma câmera, dos olhos de outra pessoa.

A manhã trouxe uma lufada de vento e lâminas girando. Os helicópteros desceram das nuvens altas do céu africano. Homens em trajes pretos carregando grandes armas irromperam hotel adentro. O guarda que estava sentado em cima dele levantou-se para fugir, mas levou um tiro bem no olho. Então, pela segunda vez em 24 horas, homens irromperam no quarto. Um homem o levantou do chão.

– Está a salvo agora, filho. Entendeu? Salvo – disse ele num sotaque britânico forte. O homem tirou o capuz. – Sou soldado, filho. Vim resgatar sua mãe e seu pai.

Sabe onde eles estão?

Ainda aturdido, ele apontou para o corredor. Os homens percorreram o prédio atirando e derrubando portas.

– Oh, Deus – alguém exclamou. – Ela está aqui.

– Mãe! – ele chorou, atravessando o corredor.

– Não deixem que ele me veja!

Mas o menino estava determinado demais – um animalzinho escondido entre as patas da mamãe girafa – e a viu, esparramada na cama, antes que o pegassem e tirassem dali.

No helicóptero, ficou sentado mudo, escutando os soldados britânicos falando na rede de comando.

– Por que fizeram aquilo com ela? – sussurrou um dos soldados quando acharam que o menino não escutaria. – Por que a cortaram feito...

– Calado! O menino – sibilou o oficial.

– Mas por que, senhor?

– O Coronel Otumo chama isso de justiça tribal. Quando as tropas dele atacam um clã rival, eles... mutilam as mulheres daquele jeito. Pra que não possam mais amamentar nem ter mais filhos...

– O que vai acontecer com o garoto?

– Encontrei o pai dele na floresta. Vai chegar mais tarde. Vão voltar para o Canadá, acho... Não há razão para ficarem aqui.

Quando ele viu o pai nesse dia, não disse nada. Quando voltaram ao Canadá, o menino ficou mudo. Quando fez nove anos, o pai procurou ajuda.

– Apesar do trauma terrível, seu filho demonstra ter um intelecto fenomenal. É um perfeito candidato para a nossa escola. É brilhante, QI entre os mais altos, e está na idade certa pra absorver conhecimento sem esforço.

– Só quero o melhor para o meu filho... Ele passou por tanta coisa.

– Em nossa escola, seu filho ficará cercado por colegas. Meninos de natureza gentil, estudantil, que entenderão a... intensidade dele. O trauma que ele viveu.

Então o pai o mandou para o internato, depois se casou com sua enfermeira.

Na escola, sentia falta da mãe, desenhava soldados, pendurava os desenhos acima da cama como talismãs para espantar o mal, grudava-os no teto, em cima da cabeça. Ficava deitado acordado, dizendo a si mesmo que um dia teria seu próprio soldado para protegê-lo de todas as coisas ruins.

Ao crescer, sua personalidade reservada se intensificou. Gaguejava. Tinha medo de tudo. Exibia tendências violentas.

O pai encontrou outro colégio interno, onde o menino chegou aos catorze. Mas a nova escola era muito menos... acomodatória.

– Cabeção, gagueja pra gente. Vo-vo-você c-co-consegue?

*Meus algozes. O coro grego de zombadores que eram meus colegas.*

Finalmente, um dos meninos mais velhos encontrou-o sozinho numa sala vazia e o tocou.

– Meu Deus. A polícia na Academia de Ciências de Bedford. Vergonhoso – disse Dean Stanton ao pai dele.

– Aquele pobre garoto. O que meu filho fez a ele?

*O que eu fiz? Peguei o bisturi que estava usando para dissecar um sapo conservado em formaldeído e cortei a cara dele, cortei e cortei. E quando terminei, sob todo aquele sangue, vi o que tinha feito... o que queria ter feito à cara do Coronel Otumo.*

– Você entende, doutor, que temos que abafar o caso. A reputação da escola não pode sofrer.

– Mas a vítima...

– O pai dele vai entender. Um formando. Transição escolar e tudo mais. Mas teremos que mandar seu filho embora, talvez para um colégio na Suíça. Em todo caso, ele não pode nunca mais voltar para Bedford. Não podemos deixar esse incidente macular nossa reputação.

– Mas e quanto à vítima?

– A família, claro, exigirá um acordo financeiro. Mas tenho certeza de que a fortuna de sua esposa...

– Da minha falecida esposa.

– Exato. Sua fortuna certamente cobrirá o custo.

*Minha educação continuou, incólume. Tinha descoberto o segredo... a chave para controlar os humanos.*

*O medo era a chave.*

*Com a Arma X, o soldado definitivo, a chave está em minhas mãos.*

• • • •

– Não gostei de passar a noite toda nesse abrigo gelado, isso é fato – disse Lynch pela centésima vez.

– Para com isso, Lynch, você está me dando dor de cabeça – disse Franks, que já estava trajado.

Mas Lynch não calava a boca. Continuou falando e afagando o estômago, que roncava.

– Tenha dó, Cutler. Turno triplo. Isso é o dobro do tempo mais metade pelo último turno de oito horas. Mal posso esperar para ver a cara do Deavers quando eu entregar aquela requisição de horas extras.

Cutler fez o que podia para ignorar Lynch desde que amanhecera, mas não era de ferro.

– Não gaste ainda. Pode ser que a gente tenha que ficar aqui o dia todo, e a noite toda também. Isso significa nada de café da manhã nem de almoço. E você sem nem um saco de salgadinhos.

– Nem me fale. Nem me fale, Cutler – dissera o rapaz, a voz quase uma oitava mais alta.

Cutler suspeitara que Lynch estivesse sofrendo de febre de cabine antes de ficarem presos no abrigo. Depois, teve certeza de que o soldado estava perdendo a cabeça.

*Não posso culpá-lo. Estamos presos nesse abrigo faz vinte horas, esperando que os CDFs decidissem o que fazer.*

– Não coloque sua cabeça a prêmio por causa de sua amada *fast food*, Lynch – disse Cutler. – Se tiver fome, pode ver se tem sorte lá fora. Vai lá, passe por ele até a cerca. Poxa, Logan pode não acordar.

Lynch largou-se no banco onde passara boa parte da noite.

– Posso estar com fome, mas ainda não estou maluco, Cutler. Isso é com você.

Cutler deu as costas a Lynch para espiar pela estreita abertura. Logan passara a noite deitado na neve, sob os despojos congelados, as carcaças dos lobos que endureciam ao seu redor. Até onde sabia, o Experimento X estava morto.

*Uma bênção, depois do que eu vi...*

Cutler ainda processava a cena sem sentido que testemunhara no dia anterior. Não fazia ideia do que aquele massacre tinha a ver com pesquisa, com conhecimento – com criar a arma perfeita.

Não foi um experimento. Foi mais uma atrocidade, um massacre. Um esporte sangrento, não ciência.

Franks olhou para Cutler, o rosto jovem curioso.

– Ele era assim quando vocês o trouxeram pra cá?

– Quem?

Franks apontou com o queixo.

– Logan. Arma X. Dizem que você, Erdman e outro cara o trouxeram. Que ele era um criminoso procurado, algo assim. Que não foi voluntário.

Cutler não via razão para mentir.

– Era durão. Me deu isso aqui... – Apontou para a cicatriz que cortava sua sobrancelha ao meio e dividia a testa. – Acho que eu sabia que ia dar nisso, também, vendo o que fizeram com ele até então.

O comunicador zumbiu, e os consoles de comunicação voltaram à vida. Um dos técnicos levantou-se do canto onde estivera encaracolado e chutou o amigo. Bocejando, ambos assumiram seus lugares e apertaram alguns botões.

Lynch cutucou Franks.

– É isso aí, filho. Vamos pra casa.



O comunicador crepitou.

– Domadores?

– Cutler falando.

– É o Cornelius. Tragam-no.

Lynch deu um tapinha nos joelhos e começou a vestir seu traje de segurança. Franks e Cutler apertaram os capacetes. Antes de sair, Cutler testou a energia do bastão elétrico.

– Pronto? – perguntou Cutler, na escotilha. Franks assentiu, o rosto sério. Lynch portava a pistola tranquilizante.

– Vamos nessa! – ele berrou.

Cutler abriu a escotilha e saiu. O frio o atingiu como um soco. O vento uivava alto – dentro do abrigo, ele não notara que estava ventando.

Franks saiu em seguida, e Lynch trouxe o equipamento depois de trancar a escotilha atrás de si. Os técnicos dentro do abrigo mal notaram a saída dos soldados.

– Fique uns quinze passos atrás, Lynch. Franks e eu vamos um de cada lado.

– Entendido, senhor.

A manhã avançara, as montanhas escondiam-se sob a neblina. Ao cruzar o espaço nevado, a geada se estilhaçava sob suas botas pesadas.

– Meu Deus, olha só isso – sussurrou Franks. O rapaz fitava algo vermelho, cheio de sangue, no meio da neve. Cutler recusou-se a olhar. Os lobos estavam todos mortos, as carcaças, congeladas. O sangue solidificado estava liso feito vidro cor de vinho, e escorregadio sob seus pés. Franks escorregou. Cutler lançou um olhar de reprovação para o colega.

– Sem movimentos bruscos – gritou.

Mas ele mesmo quase saltou para trás quando viu Logan abrir os olhos. Ficou olhando para o céu, como se admirasse as nuvens. Franks e Cutler o cercaram.

Cutler posicionou os dentes de controle sobre os grampos magnéticos nas têmporas de Logan. E então apertou o botão. Os imãs travaram com um clique alto o bastante para ser ouvido apesar do vento uivante.

Com um toque gentil, como se puxasse as rédeas de um cavalo, Logan sentou-se, depois ficou de joelhos. Cutler ergueu o bastão e apontou para a cabeça do paciente, tudo segundo o protocolo.

Quando Logan finalmente ficou de pé, Franks entrou com a coleira e a prendeu na garganta do mutante. Logan sequer piscou. Entretanto, por precaução, Lynch apontou a pistola tranquilizante para a lombar dele.

Cutler empurrou Logan, o que fez o mutante avançar, tropeçando e muito rígido, para o curral e o elevador subterrâneo abaixo.

# XIII • GOLEM

## – Dr. Cornelius? Desculpe incomodar...

O atônito técnico trazia uma pilha de arquivos nas mãos, fitando em mudo choque o homem remendado esparramado em uma mesa de cirurgia de metal.

– Hã? Não escutei.

Cornelius balançou a cabeça, tocando com o dedo a combinação de máscara e visor que impedia sua audição. O técnico encontrara o médico cercado por diversos assistentes, curvado sobre Logan, com o rosto a centímetros do paciente.

– Eu disse “desculpe incomodar” – repetiu o técnico, falando mais alto. – O Dr. Hendry quer que você pegue os resultados da angiografia do cérebro de ontem, e também as imagens do teste de gás no sangue, do laboratório de diagnósticos.

Cornelius parou, bisturi na mão, sem tirar os olhos do que estava fazendo.

– Ótimo. Hã, coloque ali na pilha – ele murmurou.

– Senhor, é... o Dr. Hendry queria que eu dissesse...

– Me dê só um segundo – disse Cornelius.

O técnico observou enquanto o médico perfurava o canto do olho direito de Logan, para em seguida deslizar o bisturi até a base do nariz. Cornelius deu um pulo para trás quando um jorro de sangue escuro quase atingiu seu visor. O furo que fizera era profundo o bastante para expor o osso.

Enquanto o sangue borbulhava do ferimento, formando uma poça na superfície amarela e à prova de manchas da mesa de cirurgia, um assistente de jaleco manchado de vermelho colocou uma pequena furadeira de diamante na mão de Cornelius.

Usando um ponto de laser projetado de uma lente cirúrgica montada no teto como guia, Cornelius ativou a poderosa ferramenta e fez um pequeno buraco no crânio exposto do paciente, bem abaixo do globo ocular. Pedacos de osso saltaram contra o visor de Cornelius. Conforme o guincho estridente, parecido com o de uma sala de dentista, espalhou-se pela sala, uma lágrima rosada rolou pela bochecha de Logan. Um assistente apressou-se a limpar o local com um pano de algodão.

– Cuidado, Dr. Cornelius – avisou Carol Hines, sentada diante do monitor do CAT, a alguns metros dali. – Um pouco mais de dois centímetros dentro do crânio e corre o risco de causar dano aos nervos.

– Pronto. – Cornelius recuou e desligou o aparelho. Deixou a furadeira de lado e se virou para o técnico. – Queria perguntar alguma coisa?

O técnico assentiu.

– O Dr. Hendry gostaria que você suspendesse o exame de anomalia no sangue até passar essa fase do experimento. Ele diz que, já que os recursos andam limitados, e o hematologista está ocupado pelos próximos três dias...

– Sei por quanto tempo ele vai ficar ocupado – Cornelius retrucou. – Estou cansado de esperar resultados também desse “expert”. Então, o que Hendry quer?

– Ele... o Dr. Hendry disse que precisa do hematologista para o trabalho dele. Que se você dissesse ao especialista o que está procurando, o trabalho poderia andar mais rápido.

Enquanto falava, o rapaz jamais tirava o olhar do Experimento X, deitado na mesa.

– Se eu soubesse o que estou procurando, eu mesmo teria achado! – Cornelius respondeu.

– Senhor? É isso que quer que eu diga ao Dr. Hendry?

– Não. Diga ao Dr. Hendry que ele e a equipe dele não estão aqui para contestar meus pedidos, só para cumpri-los. Peça-lhe para se lembrar de quem está no comando.

Enquanto o técnico saía do laboratório, Cornelius voltou irritado ao trabalho. Ele pegou uma longa sonda de cobre da mão do assistente. Depois, fitou Carol Hines.

– Pronto?

– Pronto – ela respondeu, ajustando o ângulo do escâner cerebral em tempo real.

– Está bem assim, Srta. Hines. Congele essa imagem. – Cornelius acompanhava um monitor acoplado na parede. – Posso ver os nervos bem claramente.

Curvando-se sobre Logan mais uma vez, Cornelius deslizou a comprida sonda pelo buraco recém-furado, para dentro do cérebro do Experimento X, com um único movimento suave.

Ele se afastou quando o assistente trouxe o pedaço de Teflon para selar a carne em torno da sonda protuberante. Com o procedimento completado, Cornelius tirou a máscara do rosto. Ao contrário dos dois assistentes, vestindo roupa branca de laboratório dos pés à cabeça, Cornelius tinha apenas um avental sujo de sangue sobre a camisa, colete e gravata. O traje o fazia sentir como se tivesse acabado de sair de um romance vitoriano – um médico londrino atormentado, talvez, ou um assassino do East End...

– Suturem – ele disse, ao sair. – Volto em quinze minutos.

Ao passar, pegou os arquivos novos da pilha vacilante, deixando uma digital de sangue na folha de rosto. Limpou as mãos grudentas no avental, depois foi para o laboratório adjacente, onde largou os arquivos sobre uma mesa vazia, e lavou as mãos na pia.

Em algum ponto, no fundo de sua mente, Abraham B. Cornelius, doutor em medicina, estava desgostoso com a cirurgia desleixada que acabara de realizar – operando sem anestesia, sem equipamento e condições de esterilização. Duvidava

que tivesse se lembrado de lavar as mãos após o café da manhã, antes de começar a trabalhar, horas antes.

*Minhas técnicas andam totalmente medievais, pensou ele, mas no fim, não faz diferença. A sepsia tem o mesmo efeito em Logan que uma mordida de pernilongo.*

Nas últimas semanas, enquanto o Professor pressionava Cornelius e Hines por resultados mais rápidos, o médico viu-se forçado a tomar atalhos. Um dos primeiros protocolos que dispensara foram as condições esterilizadas do laboratório.

*Operações demais acontecendo para se tomar tanta precaução. Duas essa semana, três na última – e sem contar os procedimentos mais simples, como esse que acabei de fazer.*

Retreinar e reprogramar a Arma X não eram os únicos objetivos de Cornelius, também. Ele decidira lançar-se em sua própria busca para descobrir o potencial de cura secreto do sangue de Logan.

Mas ao folhear o último relatório, descobriu que o hematologista não estava mais perto de explicar as “estruturas incomuns” ou as “proteínas curiosas” encontradas no sangue de Logan do que estivera oito dias antes.

*O microscópio de elétrons poderia ajudar, mas Hendry bloqueou essa parte do complexo. Está me mantendo afastado do precioso brinquedinho dele por birra, tenho certeza.*

Cornelius fechou o arquivo com raiva e deixou-o de lado. Com os testes de condicionamento prestes a começar, ele sabia que teria ainda menos tempo para dedicar-se ao estudo do sistema imunológico fantástico de Logan. Realizar as tarefas designadas a ele pelo Professor consumia quase todas as suas horas acordado.

*Talvez quando esse ridículo programa Arma X voltar à ativa – quando o Professor tiver transformado o Experimento X em seu brinquedo assassino – eu arranje um tempo para o verdadeiro trabalho a ser feito com ele. O trabalho para o qual Logan nasceu...*

No alto-falante, uma ordem suave interrompeu seus pensamentos desesperados.

– Dr. Cornelius, favor apresentar-se no Laboratório Sete de imediato...

• • • •

– Ei, Rice! Aonde está indo?

Rice, o técnico de comunicação, virou-se para encontrar um homem que se aproximava, vindo do outro lado de um corredor escuro.

– É você, Cut?

Cutler emergiu das sombras um segundo depois. Rice reconheceu-o e relaxou visivelmente.

– Parece que eu te assustei, Rice. Que foi? Sentindo-se culpado?

Rice balançou a cabeça.

– Pensei que fosse o Professor, só isso. Ele anda na nossa cola faz uma semana. Acho que esse cara nem dorme. E com esse teste grande de direção amanhã, todo o departamento de comunicação está trabalhando em dobro pra botar a tecnologia em funcionamento. Trabalho chato, cara.

– É, a gente está sentindo falta da sua simpatia na segurança – Cutler respondeu. Enquanto falava, encontrou um ponto específico na parede de metal e o atingiu com um soco. As luzes do corredor ganharam vida, brilhantes o bastante para fazer os dois homens piscarem.

– Um complexo de dois bilhões de dólares, e as luzes não funcionam – disse Rice.  
– Esse lugar está caindo aos pedaços.

– Viu o Anderson?

– Vi, hoje de manhã, com o Experimento X.

– Foi o que eu pensei – disse Cutler. – Fui preparar o paciente para o experimento das 0800 e encontrei a cela vazia.

– O Dr. Cornelius o chamou às 0430. Anderson estava em serviço, então ele mesmo levou Logan para o laboratório.

– Sem reforço adequado. E não anotou a transferência na etiqueta nem escreveu no registro. Três violações de protocolo de segurança. E pra piorar, até eu cruzar com você, não fazia ideia de onde o Logan estava. Que tipo de chefe de segurança é esse que não sabe de nada?

Rice riu.

– Quase tão bom quanto o último, eu acho.

– Não deixe o Deavers escutar isso. Sou o segundo melhor, pra ele.

– Nossa, Cut, eu não teria escolhido você por nada.

• • • •

O Professor entrou no laboratório às 0759. Usava um jaleco branco liso sobre o terno feito sob medida e trazia uma prancheta embaixo do braço. Com uma confiança tranquila, aproximou-se da mesa de cirurgia.

– Como vão as coisas, Dr. Cornelius?

– Códigos espinhais inseridos – Cornelius relatou. – Faltam só os sensores enxertados.

O Professor olhou fixamente para um Experimento X inconsciente. Logan estava deitado de costas na mesa de cirurgia ajustável. As sondas que Cornelius colocara no cérebro do paciente tinham grandes caixas injetoras conectadas a elas. Os aparelhos estavam pendurados nas bochechas de Logan, sob olhos que haviam sido fechados e suturados com fio cirúrgico. Feixes de cabos de fibra óptica trilhavam seu caminho para dentro e fora do paciente através de furos feitos em cada grupo importante de nervos de Logan.

Os antebraços estavam erguidos e presos por amarras, as mãos abertas. Cada dedo tinha uma sonda eletromédica comprida conectada na base que se projetava no ar como uma antena. Cabos de fibra óptica corriam por entre os dedos como uma delicada tapeçaria, e feixes mais grossos de cabos revestidos de Teflon serpenteavam para dentro e fora dos músculos dos antebraços feito veias artificiais.

Mais cabos estavam sendo acoplados aos pés, tornozelos e atrás dos joelhos de Logan por um grupo de técnicos supervisionados por muitos dos médicos da equipe do Dr. Hendry. Eletricistas e especialistas em comunicação prepararam uma bateria de treze quilos e conectaram a um capacete cibernético de metal casado por conexão sem fio ao Monitor Encefalográfico de Reificação de Carol Hines.

O Professor deu um tapinha na caixa receptora de micro-ondas pendurada por um feixe grosso de cabos acoplado à base da espinha de Logan.

– E a distribuição do sinal? Qual é o alcance? – ele perguntou.

– Um raio de cerca de três quilômetros – Cornelius respondeu.

O Professor franziu o cenho.

– Mas isso é tão limitado, doutor. Isso é tudo que pode me dar?

– Professor, se quer uma marionete, vai precisar de fios.

Ficou claro pelo tom do médico que ele via a fase de controle remoto do experimento como total perda de tempo e energia.

O Professor fechou a cara ainda mais.

– Sim... De fato, quero uma marionete, como você diz. Mas meu projeto exigia especificamente um alcance de pelo menos dez quilômetros.

Cornelius concordou, impaciente.

– Sei disso. Mas as baterias são pesadas demais. Não sei por que não pudemos continuar com o sistema de liga/desliga, afinal. O peso não seria um fator, porque não precisaríamos de bateria, nesse caso.

O Professor focou os olhos frios no colega.

– Nisso eu vou insistir, Cornelius. Quero alcance de dez quilômetros.

Cornelius sustentou o olhar do Professor por um instante, depois cedeu.

– Está bem. Encha-o de coisas. Não me importo. Pode transformar o paciente numa estação de rádio ambulante, se quiser.

Ouvindo a discussão acalorada, Carol Hines ergueu o olhar de seu terminal, depois o desviou rapidamente.

– Sua opinião conta, Dr. Cornelius. Mas não vamos exagerar, ok? – O tom do Professor deixava transbordar condescendência.

A atenção de Cornelius voltou-se para outra coisa.

– Essas travas não podem manter as incisões abertas por muito tempo, sabia? – ele vociferou para um membro da equipe cirúrgica.

O técnico com o rosto coberto pela máscara assentiu.

– Sim, doutor. Estou vendo claramente. A carne está se fechando em volta dos grampos.

– Então trabalhe mais rápido, homem.

– Algum problema, Srta. Hines? – perguntou o Professor.

– O computador indica vazamento de sêmen e de medula nos fluidos intracelulares.

Um dos cirurgiões xingou.

– Ouviram a máquina, senhores – ele disse aos técnicos. – Está vazando líquido aqui. Mantenham esses buracos tapados.

Um dos outros liberou a mão de Logan e a pousou na mesa.

– Me dê um tubo direito, fibra curta.

– Tubo direito, fibra curta, na nona – respondeu o assistente.

De repente, Logan gemeu.

– Deus, ele está voltando a si! – exclamou o Professor.

– Não se sobressalte, Professor – disse Cornelius. – Temos que mantê-lo flutuando para rastrear o sistema nervoso.

O Professor empalideceu visivelmente.

– Então... ele está consciente?

Logan gemeu de novo, deitando a cabeça de lado.

– Sim, parcialmente – Cornelius explicou. – Talvez um pouco consciente demais. Mais dois milímetros de Feno-B.

– Sim, doutor – respondeu um cirurgião. Um instante depois, o homem mergulhou uma seringa na artéria carótida de Logan.

O interesse do Professor pareceu sofrer um pico súbito.

– Então Logan pode sentir o que estamos fazendo?

Cornelius assentiu, o rosto sério.

– Quase tudo. Não gosto disso, mas não há como evitar. Claro, a Srta. Hines logo vai apagar toda e qualquer lembrança desse... procedimento na mente de Logan. Mas agora... bem, o pobre está imerso em dor.

Como que para enfatizar as palavras de Cornelius, Logan gemeu duas vezes. A última foi agonia pura.

– A dor é a base da vida, Dr. Cornelius – declarou o Professor. – Não que eu apoie totalmente esse dito.

– Claro – murmurou Cornelius, tentando tirar a mente desse aspecto do trabalho. Mas Logan não deixaria o médico se esquecer de seu tormento. O paciente continuou mexendo a cabeça de um lado a outro, ainda gemendo.

– Quatro de Feno-B – Cornelius ordenou. – E não deixem que ele se debata ou vai danificar as conexões mais delicadas.

O Experimento X começou a lutar fracamente contra as amarras. A cabeça pendeu



para o lado e a boca abriu. Logan tossiu, depois pôs para fora o que tinha no estômago. Uma bile verde, seguida por um jorro de saliva e sangue, borrifou na mesa.

– Leituras, Hines? – Cornelius pediu.

– Monitor do córtex sensório sobrecarregado, senhor. Não há leituras.

– Meu Deus... dor fora do comum. – Cornelius inclinou-se perto da cabeça de Logan, murmurando – O pobre coitado finalmente ficou inconsciente. Espero que encontre um pouco de paz nos sonhos.

• • • •

*Filho da puta... Um pouco de paz nos sonhos.*

Logan ouviu a voz como se lhe falasse ao pé do ouvido. Abriu os olhos, mas a única pessoa que poderia ter falado estava encurvada sob os galhos de um pinheiro, ao lado dele. *Poderiam ser os norte-coreanos nos caçando?*

*Melhor checar.*

Ele se levantou lentamente, tentando não perturbar Miko, engatinhou até a entrada do abrigo e olhou para fora. O céu estava limpo e sem nuvens. O sol do fim de tarde apunhalava os galhos grossos com colunas de luz amarela e laranja. Uns poucos pássaros cantavam na árvore; uma brisa errante balançava os galhos. Fora isso, só havia silêncio no crepúsculo que se aproximava.

*Devo estar pirando... Ouvindo vozes durante toda essa missão...*

Então, aguçando a audição, Logan ouviu outro som – motores distantes, abafados pelas árvores. Ele voltou para o abrigo e acordou Miko gentilmente.

– Atividade na estrada. Vou dar uma olhada – ele sussurrou.

– Que tipo de atividade? Homens? Veículos? Como sabe? – ela perguntou, acordando de imediato.

Logan abriu uma lata com vestes, trabalhou o material até expandir, depois tirou os trapos e vestiu seu último traje de batalha. Como os outros, esse grudou em seu corpo. Tinha um padrão camuflado ideal para misturar-se à floresta que os rodeava.

– Devíamos ficar juntos – Miko disse.

– Não – ele disse. – Viajo melhor sozinho. Descanse. Vamos partir em poucas horas. Volto em trinta minutos ou menos.

Ele pegou os binóculos de Miko e entregou à moça sua última arma, uma Beretta M9 leve da Companhia Knight de Armamento, dos Estados Unidos. Perfeita para um salto com HAWK por ser compacta, a M9 não tinha muito poder para satisfazer Logan, que, de todo modo, preferia usar facas.

Ele enfiou a faca Randall Mark I na bota e pegou uma segunda do cinto de Miko, comprida, que brandiu feito uma espada. Sem olhar para trás, passou pela abertura e sumiu. Ela o viu disparando morro abaixo e se misturando às sombras do dia que

terminava.

Entre as árvores, os sons cessaram, mas Logan podia ouvir o barulho dos motores a distância, e logo ouviu vozes humanas chamando do outro lado da água. Emergiu numa clareira que lhe ofereceu a visão da estrada e do lago além. Um transportador de pessoal blindado e dois pesados caminhões chineses estavam estacionados abaixo. Ele contou três homens em torno dos veículos; mais doze na margem do rio, inclusive um oficial. Um pequeno bote ia e voltava perto da beira do lago. Três soldados a bordo jogavam cordas com ganchos na água.

Examinando mais de perto, Logan viu marcas de deslizamento na estrada asfaltada e marcas de pneu na terra – era o ponto em que ele levava o BTR-60 a sua sepultura submersa. Os coreanos estavam drenando o rio, em busca das tropas perdidas. Isso não teria incomodado Logan não fosse um porém: se encontrassem o oficial morto, perceberiam que ele havia sido esfaqueado e não se afogado. Poderiam deduzir que Logan sobrevivera ao mergulho, ou pensariam que ele morrera na luta e o corpo estava ainda no fundo do lago. Claro que os soldados continuariam procurando. E quando não encontrassem o corpo de Logan, a casa ia cair.

De todo modo, o tempo estava acabando. Ele e Miko teriam que partir imediatamente, antes que os coreanos percebessem que estavam por perto. Mas quando Logan virou-se para subir o morro, ouviu mais vozes – estas vindo da floresta, dos dois lados.

Então ouviu um ruído que o colocou em ação no mesmo instante. Logan ouviu o som de cães latindo...

• • • •

Colocaram o Experimento X sentado em uma cadeira. Espinha reta, cabeça ereta, respiração leve, nu exceto pelas centenas de cabos multicoloridos pendurados em seu corpo feito plumas. Olhos fechados à costura, nariz preso, boca plugada, a juba negra feito uma coroa em forma de naja, Logan lembrava a múmia de um imperador guerreiro selvagem preparada para a cerimônia funerária.

Uma bateria de treze quilos, que alimentava o capacete cibernético banhado em adamantium largado aos pés do paciente, pendurava-se em seu pescoço feito um pesado medalhão. Quando conectada aos eletrodos em suas têmporas e nas entradas abaixo de seus olhos, ela filtraria tudo que Logan visse, cheirasse ou provasse através do processador de realidade virtual situado dentro do capacete.

O Professor parou perto do Experimento X, examinando as entradas e a carne viva e fofa em torno delas.

– Então, as suturas se cicatrizaram?

– Não totalmente, Professor. Mas o bastante para nosso propósito. – Cornelius olhou o relógio. – Ou podemos esperar mais alguns minutos, se preferir.

O Professor, mãos unidas nas costas, balançou a cabeça careca.

– Não, não. Vamos com isso, Cornelius.

O médico coçou o queixo.

– Ok, os cabos são um problema. Atrapalham e fazem volume, mas podemos reduzi-los depois. A fonte de energia e os receptores são temporários, claro.

Ele cruzou o laboratório e parou perto da equipe cirúrgica reunida atrás do terminal de transmissão do controle remoto. A manipulação de Logan ficou a cargo de um dos especialistas das comunicações – um técnico chamado Rice, sentado atrás de um grande painel de controle.

– Nas próximas semanas, vamos tentar compactar as caixas, mas não posso garantir nada.

Cornelius apertou um botão e um mapa do perímetro apareceu em um dos monitores acima. Havia um círculo vermelho sobreposto ao mapa.

– Estamos vendo o alcance desses dispositivos representado no campo de testes – explicou Cornelius. – Acima de 150 metros, vamos precisar do capacete pra induzir o sinal. O circuito cibernético dentro desse domo de metal aumenta o alcance dramaticamente.

O círculo escarlate expandiu-se até quase preencher a tela. Então o monitor ficou preto, e Cornelius fitou o Professor.

– Fora isso, podemos começar.

– E qual é o alcance, Cornelius?

– Um pouco mais de nove quilômetros, senhor.

Cornelius pôde sentir a insatisfação do Professor. Mas estava cansado demais, e enjoado demais do trabalho para se importar.

O Professor bufou, depois se virou para Rice, no terminal.

– E o console do controle? Não foi baseado no meu projeto original.

Cornelius concordou. *Um joystick*, pensou, pesaroso. *O Professor queria um maldito joystick, como se Logan fosse uma espécie de personagem de videogame.*

– Você queria potência extra, Professor – ele respondeu. – Tivemos de modificar as superfícies de controle para conseguir.

Cornelius tocou Rice.

– Equipe, mostrem o projeto do console.

– Claro – respondeu Rice, levantando-se. – É muito simples, senhor. Temos esses códigos baseados nos seus dados. Basta pressioná-lo na sequência. Pra frente, pra trás...

– E as alavancas são controles. Entendi – disse o Professor laconicamente, incomodado por um mero técnico ter que ensiná-lo sobre uma tecnologia da qual ele era pioneiro.

– Demonstre, por favor, Rice – Cornelius ordenou.

– Não é necessário – disse o Professor. Mas, para seu desgosto, o técnico impertinente ligou a máquina.

– Veja – disse ele, fuçando nos controles. O braço de Logan se debateu, depois a carne detrás da mão inchou, de dentro para fora.

– Temos total articulação das garras – tagarelava o técnico. – Tipo este porquinho foi ao mercado...

A primeira garra emergiu.

– Este porquinho ficou em casa...

Mais duas garras emergiram, jorrando sangue.

O Professor empurrou Rice dali.

– Já entendi, funcionário... e suas piadinhas são totalmente inadequadas.

– Eu... desculpe, Professor – Rice gaguejou.

– Sei como operar meus próprios dispositivos. – O Professor tocou os controles, depois baixou as alavancas. – Sim... veja isso.

Logan ficou de pé, depois deu um passo desequilibrado – dois passos à frente, um para trás. Com cada movimento grotesco, os cabos pendurados balançavam e a bateria tilintava pelo chão.

– Como vê, Cornelius, os movimentos naturais imitam os humanos...

– Sim, sim, deu para ver.

– E como os ajustes discretos criam o efeito de...

Subitamente, Logan girou com tanta força que a pesada bateria o desequilibrou. Suas pernas enrolaram-se nos cabos e fios e ele tombou no chão feito um recém-nascido.

O riso da equipe deixou Cornelius constrangido. Embora compreendesse que estavam sendo cada vez mais pressionados, passando semanas em confinamento e horas em cirurgias difíceis, achou o humor inapropriado.

– Calem a boca! – gritou o Professor, com mais paixão, mais raiva, do que Cornelius já vira o homem exibir.

– Desculpe, senhor...

O Professor virou-se para ele.

– Cornelius, sua equipe é composta de beócios e apedeutas.

Cornelius dirigiu-se à equipe:

– Ok, pessoal, chega. Saiam daqui.

– Sumam, seus boçais! – rugiu o Professor. – Esta é uma empreitada científica e devia ser tratada com a seriedade apropriada. Nunca fui tão insultado.

– Relaxe, Professor – disse Cornelius, seco, contrariando-se. – A equipe do Dr. Hendry fez um bom trabalho hoje e você tem o que queria.

Exceto por Logan, esparramado no chão, Cornelius e o Professor estavam sozinhos. O médico serviu uma xícara de café.

– Aqui, tome – ele insistiu, colocando a xícara na mão do Professor. – Que tal encerrarmos por hoje? Me parece que você não descansou nem um pouco desde que começou o Projeto X.

– Não! – o Professor retrucou. – Não fizemos nada hoje. O experimento ainda não acabou, Cornelius. Preciso ter certeza de que é seguro.

Cornelius olhou para o homem deitado no chão. Logan parecia morto; até o peito mal se mexia. Não fosse o bipe constante dos monitores de pulso e respiração, o médico não teria certeza de que havia vida naquela sofrida figura.

– É – Cornelius disse suavemente. – Está conectado e desligado. Vamos embora, Professor.

– Você não entendeu. Quero saber se *eu* estou seguro, seu tolo. Eu! O Experimento X tentou me enforcar. Lembra?

– Olha – Cornelius explicou –, quando tudo está ligado, Logan é seu. Quando está desligado, como agora, ele é um cadáver. Queria isso, é isso o que tem.

Então ele deu as costas ao Professor e se dirigiu à saída. Na porta, Cornelius parou.

– Mas você quer ter certeza, certo? – disse ele com um suspiro cansado. – Então vá, Professor. Cuspa no olho dele. Daí teremos certeza.

Ele abriu a escotilha.

– Aonde vai? – o Professor exigiu saber.

– Já cansei dessa palhaçada por hoje – Cornelius respondeu. – Mandarei os domadores arrumarem a bagunça. Nos vemos amanhã.

Quando a escotilha se fechou, o Professor olhou para o Experimento X. Viu o peito de Logan subir e descer algumas vezes. E então, inclinando a xícara de café, deixou o conteúdo escaldante cair sobre o rosto erguido de Logan. O líquido preto espirrou e queimou, deixando bolhas vermelhas que logo ficaram brancas, depois rosadas, sob o olhar inexorável do Professor.

Depois de um último chute nas costelas do paciente, o Professor deu-lhe as costas e saiu da sala, satisfeito, sentindo-se seguro. Apesar da dor e da humilhação que acabara de administrar ao antes corajoso e independente Logan, o mutante não reagiu.

*Cornelius conseguiu, o Professor pensou, triunfante. A reprogramação funcionou. Agora eu controlo a Arma X...*

## XIV • A CAÇADA

— Toma — sussurrou Logan, jogando os binóculos para Miko.

Acabava de chegar ao topo do morro quando encontrou Miko já dentro do traje camuflado, esperando, escondida, com a arma na mão. Logan estava a apenas vinte passos dela quando ouviu os cães latindo e o som de vozes.

— Minha arma — Logan sibilou.

Miko sacou a M9 do cinto e jogou para ele. Em seguida, jogou os pentes.

— Vai — disse Logan, apontando para a floresta atrás dela enquanto enfiava a arma no coldre. — Vá pra lá, cruze o morro e dê a volta nos soldados com os cachorros. Vou atrair os caçadores para o mais longe que puder, para te dar vantagem.

— Mas...

— Não discuta. Os cachorros já sentiram meu cheiro. Anda logo, antes que sintam o seu. Vá até o complexo, invada. Resolva o seu problema e resgate o Langram, se puder. Se me pegarem, farei o que puder lá de dentro.

O som de lâminas girando cortou o céu do entardecer.

Logan soltou um palavrão. Os helicópteros indicavam que tinham encontrado o oficial morto.

Miko olhou para cima, depois para ele.

— Logan, lute. Não se renda.

O mutante olhou para trás. Os cachorros se aproximavam; seus latidos cada vez mais altos, mais insistentes.

— Pode ser que eu não tenha escolha. Agora vai!

Sem mais palavras, Miko saiu correndo morro acima, e sumiu entre os galhos baixos dos pinheiros. Logan pulou por cima do tronco apodrecido de uma árvore caída e correu na direção oposta. Conforme corria, saltando e desviando morro abaixo, ele também se afastava da represa e dos cachorros e soldados que o perseguiram. Sabia que, a longo prazo, escapar seria impossível. Tinha poucas opções de fuga — encurralado em meio ao território inimigo. Os norte-coreanos tinham a vantagem de serem os donos da casa.

Com helicópteros, holofotes e cães, com soldados e carros blindados, era apenas uma questão de tempo até que os caçadores o alcançassem.

• • • •

Conforme os pés nus do perseguidor afundavam na neve, um detector de

movimento capturou as passadas, e uma câmera em silêncio focou suas lentes no paciente. Apesar das sombras cada vez mais densas do entardecer, a câmera acompanhou sem dificuldade o caçador em busca de sua presa.

– Ele está a cem metros do alvo, agora. – Cornelius afastou o olhar da tela de TV de alta definição para fitar seu relógio. – A três minutos, precisamente.

O Professor acompanhava pelo monitor, ansioso para ver o desempenho de sua criação.

– Muito impressionante – murmurou ele, o queixo descansando nos dedos compridos.

– Câmera cinco no paciente – disse um técnico de vídeo.

– Alterne para a câmera oito e aproxime.

– Alternando.

Uma tomada frontal do Experimento X apareceu na tela. Nu do pescoço para baixo, a não ser pelas baterias e receptores de micro-ondas reunidos em torno da cintura, a cabeça de Logan estava totalmente envolvida por um reluzente capacete cibernético. Fios saíam do aparato para ligar-se ao casulo em seu tronco. Boa parte das conexões de injeção embutidas que enviavam sinais diretamente aos nervos do paciente foi removida, para serem substituídas por um sistema sem fio muito menos incômodo, que permitia movimentos mais livres.

– Noventa e sete metros. Três minutos, vinte e sete segundos – Cornelius anunciou.

– Está contra o vento – observou o Professor. – Ele captou o odor.

Sobre o uivo constante do vento, os microfones capturaram o *snickt* das garras de adamantium deslizando para fora das bainhas.

– Extrusão da garra, mão direita. Evidentemente liberou um pouco de sangue – notou o Professor.

– Precisamos colocar uns terminais ali – disse Cornelius. – Algo para manter a carne separada. Anote isso, Srta. Hines.

A mulher tirou os olhos do monitor MER. A máquina mental operava no automático, em potência máxima, enviando um sinal pré-programado ao cérebro de Logan. Carol Hines recebia um *feedback* limitado das informações que o paciente processava, mas era o bastante para deduzir o passo seguinte.

– Menos de cinquenta metros, agora – disse Carol Hines. – Parece que o alvo está vindo na direção do paciente, e não fugindo... a pulsação dele acelerou. Aumento adrenal com fluxo carpal...

– Extrusão da garra esquerda.

– Câmera dez, por favor...

– Agora, sim – disse Cornelius. – Mantenha os monitores cerebrais funcionando. Não teremos uma segunda chance.



Carol Hines começou a gravar um registro de voz em seu terminal.

– Sr. Logan. Cena... Quer dizer, Experimento X, Cena Doze. Reação a estímulo. Presa Um. Duração desde o zero: quatro minutos e vinte segundos.

• • • •

O urso-pardo emergiu de trás de um bosque de árvores sem folhas, passos pesados o impulsionando para a frente sobre as curtas pernas traseiras, antebraços estendidos, garras expostas, rosnando.

Com um fio de baba quente pendurado na bocarra aberta, a criatura grunhiu em desafio, depois rugiu irritada quando o humano não se afastou.

Sem o benefício do comando pré-programado, o Experimento X evitou habilmente o golpe da gigantesca pata, agachando para esquivar-se, depois deslizou ao redor da fera para administrar umas estocadas no tronco da criatura.

Passando para a frente do urso, o Experimento X golpeou com a mão direita, mergulhando fundo a garra de adamantium no flanco ondulado e castanho-avermelhado do irritado bicho.

O urso vacilou, desequilibrado. Pelas lentes do visor de realidade virtual Logan viu a abertura – o sinal era despachado para o cérebro por entradas conectadas diretamente ao nervo óptico. Ele puxou o braço direito para aplicar outro golpe. A garra de metal mergulhou atravessando pelo, pele, gordura e músculo, chegando diretamente ao coração da criatura.

Com a bocarra aberta e os lábios sujos de sangue, o urso soltou um último rugido desafiador que terminou num gorgolejo úmido, enquanto engasgava com o próprio sangue.

O Experimento X ergueu o braço esquerdo para um corte rápido e definitivo, e a cabeça do urso literalmente saltou dos ombros e saiu girando, até cair na neve sangrenta, olhos fixos no vazio.

Uma fonte de sangue arterial jorrou do ferimento. O líquido quente soltou vapor em contato com o frio. O corpo decapitado do urso vacilou. Logan retraiu o braço direito numa nuvem de sangue. Sem as garras indestrutíveis para sustentá-la, a carcaça do urso tombou no chão, aos pés de Logan.

O Experimento X deu um passo à frente, pairando sobre o inimigo derrotado, pronto para dar o golpe de misericórdia. Mas a não ser pelos espasmos de morte, o urso decapitado não se moveu mais. Até o sangue escuro deixou de fluir quando o coração danificado parou de bater.

Objetivo programado alcançado, Logan ficou imóvel, braços esticados, pernas firmes, garras de metal pingando sangue, como se alguém o tivesse desligado. Segundo as leituras que Carol Hines recebia, o paciente entrara numa espécie de *loop* mental. Seu cérebro permanecera ativo, mas não totalmente consciente.

– Soberbo! Bravo! – exclamava o Professor. – Uma matança absolutamente impecável. Chegou a hora, Cornelius. A arma está ajustada e perfeita. Está pronta para a primeira missão.

Aquela declaração chocou Cornelius. *Não*, pensou em pânico. *Você não pode tirar Logan de mim agora. Meu estudo do sistema imunológico dele vai acabar antes de começar...*

Embora sua mente estivesse em cólera, por fora Cornelius demonstrava calma, e ele argumentou de modo lógico, para que o Professor pudesse compreender.

– Isso foi realmente sensacional, Professor. Mas os transmissores limitam o alcance efetivo... e são um trambolho. E o capacete atrapalha a visão dele...

– Trinta por cento, dos dois lados – completou Carol Hines.

– ... e o atraso de transmissão segura as reações dele por um átimo de segundo, tempo que pode ser crucial numa situação de aperto. Pior de tudo são essas baterias imensas. Pesam quase cinco quilos cada, e o receptor de micro-ondas pesa ainda mais. Tudo é tão desajeitado e fica no caminho...

Carol Hines olhou para a tela.

– Devo retrair as garras, doutor? Ou esperar?

– Sim, vá em frente, Srta. Hines.

– Concordo que não é um primor, e não está como planejamos – disse o Professor.

– Mas temos a arma sob nosso controle, certo, doutor? Srta. Hines?

Cornelius concordou.

– Enquanto o cérebro de Logan estiver sujeito às ondas do MER, ele estará sob nosso controle – disse Carol Hines.

O Professor ergueu a sobrancelha.

– Uma reserva, Srta. Hines?

– Apenas uma observação, senhor. O Monitor Encefalográfico de Reificação é uma ferramenta efetiva, mas precisa ser utilizada adequadamente.

– Explique-se.

– Bom, Professor... O MER envia ondas cerebrais de frequência específica que interferem com as funções normais do córtex frontal esquerdo e direito do cérebro.

– E é isso que torna Logan dócil? Controlável?

– Não exatamente, Professor. O MER toma controle do sujeito em três estágios. Na fase inicial, as ondas desativam efetivamente os lobos frontais esquerdo e direito do cérebro, cortando todas as lembranças, emoções, a autoconsciência do sujeito e sua habilidade de distinguir entre a experiência real e a vivenciada na imaginação. Embora a audição não seja afetada, a proximidade com a área de Broca, a parte do cérebro que controla a fala, indica que a habilidade vocal de Logan, além do mais

rudimentar, também acaba sendo erradicada.

– Não precisamos que ele fale, Srta. Hines. Precisamos que cace, que mate – disse o Professor.

– Sim, senhor. Durante o segundo estágio, o MER destrói ou suprime as memórias reais do sujeito e substitui por memórias e experiências falsas que nós mesmos criamos. Na Nasa, as memórias implantadas eram usadas como ferramenta de aprendizado, uma espécie de exercício virtual para ensinar aos pilotos os procedimentos de emergência espaciais. Não passávamos disso devido a certos efeitos colaterais não previstos.

– Ninguém me falou nada sobre efeitos colaterais – Cornelius resmungou.

– Já passamos dessa fase faz tempo, doutor, então o fato é discutível. Por favor, continue, Srta. Hines.

– No caso da Arma X, as memórias implantadas serão usadas para manipulá-lo, fazê-lo acreditar que as coisas são ou não verdade, na tentativa de deixar sua mente mais... maleável. Podemos manipular o medo, a paranoia, ativar sentimentos de vingança, raiva, ódio...

O Professor tamborilava os dedos no queixo, impaciente.

– Sim, entendo, Srta. Hines. Aonde quer chegar?

– Estamos no meio do terceiro estágio do retreinamento do sujeito, a fase crítica de comando e controle, mas a integração psicológica ainda não se completou, o que significa que Logan ainda não está inteiramente sob nosso controle.

– Mas ele obedece aos nossos comandos. Qual parte perdi?

– Uma vez que a terceira fase for completada, a Arma X será autossuficiente. Não precisará de ondas do MER para continuar servindo, porque seu próprio cérebro estará programado para obedecer sem elas. Mas nesse momento, o paciente ainda precisa dos receptores de micro-ondas e uma fonte de energia. Se as ondas cerebrais geradas pelo MER deixarem de alcançar o cérebro dele, as baterias falharem ou algo quebrar, então perderemos controle do paciente.

– Ele vai ficar louco? Atacar?

– Possivelmente não, Professor. Provavelmente vai apagar, ou entrar num *loop* mental similar ao estado para o qual ele reverte após uma sessão de treinamento. Existe perigo apenas quando um bocado da personalidade da pessoa, sua individualidade, sobrevive à fase inicial da integração do MER. Isso pode gerar conflito com o id, o inconsciente, que pode resultar em surtos explosivos de violência.

– Então, ele é seguro?

– Sim, Professor. No caso do Experimento X, tenho certeza de que conseguimos erradicar a personalidade. Nada do homem chamado Logan permanece na mente dele.

Enquanto Carol Hines falava, Cornelius ligou para o abrigo dos domadores.

– Cutler falando.

– Tragam o paciente.

Cornelius girou sua cadeira para encarar o Professor.

– Entende a nossa situação, senhor? Logan funciona, mas não no potencial máximo. Ainda não. Acho que com um pouco mais de psicolog...

O Professor o interrompeu.

– Não, chega de “psico” isso e aquilo. Quero ação agora!

– Ação? Picar um urso cinzento em pedaços não é ação suficiente pra você?

O Professor estreitou o olhar.

– Eu não criei essa arma para ser um guarda florestal, Cornelius.

– Então, o que quer dizer?

O Professor fitou a tela; Logan esperava docilmente pelos domadores que o abordavam.

– Estou dizendo que nosso assassino está pronto.

– Mas as coisas não estão perfeitas, Professor. Só mais um tempo para que eu possa eliminar algumas falhas do sistema. É tudo que peço.

– Não. Ele está pronto – repetiu o Professor, com a entonação de uma criança mimada.

– Pronto para quê?

– Para o grande teste, doutor. – O Professor virou-se e fitou Cornelius. – Qual é o mais perigoso dos desafios?

Cornelius hesitou.

– Tigre de bengala?

– O homem, é claro.

Cornelius olhou fixamente para o console de controle, o rosto sério.

Fingindo trabalhar, Carol Hines e o técnico, Rice, escutavam atentamente a conversa.

– Bom, não temos nenhum humano no estoque no momento, senhor – Cornelius disse, finalmente.

– Então teremos que arranjar alguns, não?

A raiva cintilou nos olhos de Cornelius.

– Não pode estar falando sério.

– Pelo contrário, Cornelius. Falo muito sério.

– Meu Deus – protestou o médico, chocado. – Se acha que vou ficar sentado nesses controles e fazer com que Logan... Isso é maluquice completa. Você sabe o que está dizendo?

– Eu sempre sei, Cornelius. Por isso, não vou tolerar discussões.

O Professor deu as costas à sala e se dirigiu à porta.

– Mas... a conversa ainda não acabou – Cornelius argumentou com rispidez.

O Professor, porém, já estava em seu próprio mundo. Já não escutava mais Cornelius. Seu foco era a Arma X e o grande experimento que estava prestes a conduzir.

– Estarei na minha sala de comando – ele declarou, enquanto a escotilha se fechava atrás dele.

• • • •

Logan tinha quase certeza de que Miko escapara. Esse pensamento o mantinha em frente, mesmo depois de ouvir um segundo helicóptero se juntando à caçada.

*Cada passo que dou me coloca um mais longe de Miko...*

Por duas vezes Logan escolheu rotas demoradas e difíceis para evitar clareiras onde poderia ser visto do ar. Ele sabia por experiência que tudo ficaria mais fácil depois que escurecesse, quando os helicópteros fossem obrigados a usar holofotes.

*Mas toda essa correria não vale de nada se esses helicópteros estiverem equipados com infravermelho e imagem térmica. Vão me encontrar ainda mais facilmente quando escurecer...*

Por ora, Logan corria o mais silenciosamente possível, até que o único som que pôde ouvir foi sua própria respiração e o latido distante dos cães. Sem se importar com o que aconteceria, estava determinado a morrer lutando.

*Afinal, pra que facilitar pra eles?*

Conforme o sol amarelo afundava no horizonte, Logan atravessou uma parede de pinheiros retos como postes de luz, cujas porções mais baixas eram desprovidas de galhos. Logo adiante, um estreito curso de água gelada e cristalina descia a encosta rochosa para desembocar no lago distante. Sem desacelerar, ele entrou na piscina rasa, tremendo enquanto espalhava lama no rosto e nas mãos, para ocultar o que o tecido camuflado não escondia. Embora tivessem cortado seu cabelo bem curto antes da missão, dois dias haviam se passado, e ele estava com a juba cheia novamente.

Logan seguiu o córrego por cerca de um quilômetro – um truque antigo, porém eficiente, para tirar os cães de seu encalço. Ele sabia que os animais logo encontrariam sua trilha novamente, mas tinha esperança de que a busca os atrasasse. Às vezes, sabujos podiam ser distraídos por outros animais, mas aqueles morros haviam sido destituídos de toda a vida selvagem pela faminta população local. Logan não havia visto criatura maior do que um pássaro ou inseto desde que chegara.

Cada vez mais, a paisagem – grama marrom, morros íngremes que terminavam em picos montanhosos irregulares, florestas de pinheiros altos e magros – lembrava a Logan as Rochosas Canadenses, onde crescera. Ele se viu voltando séculos atrás em

suas lembranças e experiências para conjurar cada truque de floresta que aprendera com os índios Pés-pretos batedores que conhecera na juventude.

Quando alcançou um trecho rochoso onde quase não deixaria pegadas, Logan saiu do rio e correu para a floresta. A folhagem era densa ali, por isso, conforme ele passava, tinha que tomar cuidado para dobrar os galhos em vez de quebrá-los, escolher o solo mais duro do que mole, mais rochas do que lama. Por um instante, a memória o levou de volta, até que se sentiu como o menino que um dia fora – um jovem selvagem numa fronteira ainda mais inóspita.

Em meio à escuridão crescente, Logan viu o brilho fluorescente da combinação de cronômetro e bússola em seu pulso. De acordo com seu plano original, Miko deveria estar cruzando a represa naquele instante, seguindo para o vale, para entrar no complexo ultrassecreto logo abaixo – se não tivesse enfrentado dificuldades, evidentemente.

Subitamente, Logan parou para escutar o ritmo insistente dos propulsores distantes. Lá embaixo, entre as árvores, o som era abafado, e ele não conseguia definir de qual direção vinha o barulho.

Foi instinto puro que o fez se jogar no chão no instante seguinte. Foi treinamento que o fez deitar na terra quando um helicóptero passou diretamente sobre sua cabeça numa altitude de menos de cinquenta metros.

*Filho da mãe! Por esse eu não esperava.*

As árvores grossas esconderam Logan muito bem, mas ele sabia que elas também distorciam e abafavam os sons, o que ajudava seus perseguidores.

Ele ficou deitado no chão por alguns minutos, o coração acelerado por ter escapado por um triz. Finalmente, ouviu a confusão de cães ganindo atrás dele. Havia perdido o rastro, por ora, pelo menos.

Logan se colocou de pé e começou a mover-se rapidamente por entre as árvores novamente, dessa vez mantendo um olho no céu, analisando os espaços entre os galhos em busca de perseguidores. Mas logo o sol se pôs atrás das montanhas, e o vale imergiu em densa sombra.

Justo quando pensou que tudo ficaria mais fácil, ele atravessou o limite da floresta e entrou numa clareira. Ao mesmo tempo, ouviu o rugido de um motor e o ritmo das lâminas. Voltou para as árvores e espiou cuidadosamente por entre os espinhos dos pinheiros. Depois de um minuto, um MD-500 surgiu acima, passando seu holofote por toda a área. Iluminados pelo brilho, Logan viu centenas de tocos que um dia haviam sido árvores. A cerca de cem metros dali, uma torre de metal cheia de cabos despontava na clareira. As linhas de energia corriam morro acima, até outra torre, no topo da montanha.

Do outro lado da área assolada – talvez trezentos, quatrocentos metros à frente – havia mais floresta, mais cobertura. Atrás de si, Logan ouviu os cães de novo.

Haviam encontrado seu rastro e estavam se aproximando.

*Os malditos estavam me direcionando... me empurrando para essa clareira, onde as armas dos helicópteros me pegariam. Tudo o que os caras do alto precisam fazer é esperar que eu vá correndo até o outro lado.*

*Para o azar deles, não sou tão estúpido.*

Pacientemente, Logan observou a aeronave solitária passear de um lado a outro da clareira, cobrindo com a luz do holofote cada centímetro de solo. Ele aproveitou a iluminação para avaliar os arredores, mas os resultados não eram promissores. Não havia trincheiras, buracos nem valetas no solo nos quais se esconder, e absolutamente nenhuma vegetação a não ser punhados de grama marrom e centenas de tocos de árvore fincados no chão feito lápides.

De algum lugar na noite, Logan podia ouvir o eco das hélices do segundo helicóptero.

*Parece estar cobrindo a estrada. O que significa que vai levar alguns minutos para chegar aqui se houver problemas.*

Logan sabia que o tempo era curto. Teria que agir ou arriscar ser capturado. Ansioso para testar a potência de sua Colt, sacou a Beretta, checkou o pente e a destravou. Então deitou numa cama de agulhas de pinheiros e ignorou o som dos cães que se aproximavam, esperando que o helicóptero fizesse mais um voo rasante.

A paciência do mutante foi recompensada momentos depois. O MD-500, refletindo o luar em sua capota redonda, passou por cima dele. Uma coluna de luz fincou-se entre as árvores, e o mutante teve que escorregar mais para dentro da moita para evitá-la. Quando o helicóptero passou por cima de seu esconderijo, Logan descobriu que havia dois homens a bordo – o piloto e um soldado armado com um rifle *sniper*. A porta do atirador estava aberta, e o pé do homem estava para fora, descansando no esqui de pouso.

*Não querem um prisioneiro, Logan compreendeu. Planejam atirar em mim do ar.*

Os cachorros estavam muito perto. Ele teria dez minutos, não mais que quinze, para tomar uma atitude antes que os cães o farejassem. Quando o helicóptero circulou o topo do morro para passar de novo, Logan respirou fundo, lenta e calmamente, repetidas vezes.

Então, quando helicóptero estava quase em cima dele, com a luz do holofote varrendo o solo irregular, Logan pulou fora do esconderijo e correu direto para o centro da clareira...

• • • •

Cutler não estava gostando do comportamento do Experimento X.

Alguma coisa relativa à caçada ao urso entrara sob a pele de Logan. Embora parecesse um morto ambulante, certamente não estava agindo como zumbi naquela

noite.

Quando os domadores encontraram o Experimento X, ele estava em pé, em frente ao urso morto, com os músculos latejando. Lynch disse que ele estava tremendo de frio. Claro que fazia sentido. Logan estava nu, e a temperatura estava a menos de dez abaixo de zero. Mas o frio jamais incomodara o Experimento X antes, então Cutler não entendia como passara a incomodar.

Para ele, os espasmos e tiques súbitos de Logan lembravam mais o que fazia seu cãozinho de infância quando virava e se sacudia ao sonhar. Em certo ponto, quando Cutler estava prestes a conectar o bastão elétrico ao plugue do capacete, Logan mexeu a cabeça como um cavalo agitando a crina bruscamente.

O bastão conectou-se na segunda tentativa. Cutler guiou Logan cautelosamente na direção do abrigo e do elevador. Mas não haviam andado nem dez metros quando Logan parou, parecendo relutante em seguir adiante. Ele ergueu a cabeça coberta pelo capacete, como se examinasse o céu que escurecia.

Cutler empurrou, e Logan cambaleou para frente. Mas seus passos eram hesitantes, e em vez de manter os ombros baixos sob o pesado equipamento cibernético, Logan o manjava de um lado a outro como se estivesse alerta, vendo tudo.

- Algemem o cara – Cutler ordenou.
- Ora, Cut. O cara é um zumbi...
- Eu mandei algemar, Lynch. Não me faça mandar de novo.
- Calma, ok.

Lynch tirou as algemas plásticas do cinto e ajustou o bracelete num antebraço, depois o puxou para trás e prendeu ao outro pulso. Logan não resistiu, mas mesmo assim Cutler queria poder olhá-lo nos olhos, que estavam totalmente obscurecidos pelo pesado capacete de adamantium.

As algemas pareciam dar conta do recado, contudo, pois Logan continuou dócil no caminho até o elevador. Na porta do Laboratório Dois, Cutler foi recebido por Anderson, que esperava por ele vestindo a armadura completa.

- Por que está vestido assim? Baile de inverno?
- Ordens do Major, Cut. Deavers quer ver você na sala dele, agora.
- O chefe não pode esperar até eu prender Logan?
- Não, Cut. O Major disse agora, e rápido. O Professor acabou de jogar um experimento importante no colo dele. Deavers disse que vai levar a noite toda para preparar tudo pra amanhã.

Cutler soltou um palavrão e pôs o bastão elétrico na mão de Anderson.

- Fique de olho nele. Logan está meio esquisito hoje.
- Esquisito como naquele dia, no laboratório, quando tentaram fazê-lo andar? O Rice me mostrou a fita: hilário.



– Só fique de olho, Anderson. E não se descuide.

Ao seguir para o elevador, Cutler tirou o capacete e passou a mão pelo cabelo suado. Sem destravar a armadura, subiu pelo elevador até o Nível Um, perdido em pensamentos.

*Mais um maldito experimento. Me pergunto o que aquele Professor maluco tem em mente pro Logan – e para nós agora.*

• • • •

Os homens de dentro do helicóptero viram Logan assim que ele saiu do esconderijo. A aeronave deu um rasante imediato para interceptar a figura exposta que corria pela clareira.

Logan ziguezagueou para evitar o tiro que sabia que ia tomar. Sua espinha chegava a formigar de antecipação. Aprendera, a duras penas, que jamais se escuta o som do tiro que o atinge, então, quando a rajada supersônica chocou-se contra o seu ouvido, ele soube, antes mesmo que o toco explodisse na frente dele, que o atirador errara.

Enquanto o helicóptero passava por cima dele, Logan rolou no chão e colidiu com um tronco caído. Pela velocidade com a qual a aeronave voava, ele sabia que o atirador só poderia atirar uma vez a cada rasante. Mas sabia também que o piloto não cometeria o mesmo erro duas vezes. O segundo rasante seria baixo e lento, dando ao parceiro tempo para mirar.

Enquanto a aeronave fazia um círculo no céu, para voltar para ele, Logan estendeu a M9 com as duas mãos e esperou que ela se aproximasse. O mutante respirava com arfadas irregulares, tentando conter o pânico, principalmente no momento em que teve que fechar os olhos sob o brilho ofuscante do holofote, para não correr o risco de perder a visão noturna.

Quando o MD-500 nivelou, o holofote baixou e Logan abriu os olhos para ver o atirador inclinado para fora da cabine. Calculou rapidamente a distância, ajustou a arma e atirou três vezes seguidas – todas na direção do piloto.

A capota à prova de balas soltou uma fagulha quando a primeira bala resvalou ali; outra faísca explodiu quando o vidro rachou. O terceiro tiro pegou numa das lâminas enquanto o piloto manobrava para evitar o ataque de Logan. O movimento foi tão abrupto e inesperado, que o atirador foi arremessado do assento.

Quando o helicóptero girou para o lado, Logan observou o atirador voar até o chão. Ouviu o baque alto, como um galho quebrando sob o gelo – a espinha do soldado se quebrou ao bater contra um toco de árvore. O rifle pousou ao lado do dono, e Logan disparou pela clareira para pegá-lo.

O piloto deve ter pedido ajuda, pois Logan ouviu o som de outro motor aproximando-se do local – ainda fora de vista, mas vindo rápido. Enquanto isso, o

piloto da primeira aeronave recobrou o controle e voltou a pesquisar a área com o holofote, procurando pelo colega caído. Vendo o helicóptero se aproximar, Logan correu até que seu pé se prendeu em algo e ele foi ao chão.

Ele cuspiu terra e deu de cara com o rosto do atirador moribundo, largado feito uma boneca de pano sobre o toco. Os olhos do homem se moviam de um lado para o outro. Ele fez um som de gorgolejo, mas com a espinha quebrada não poderia se levantar. Então Logan nem perdeu tempo dando cabo dele. Em vez disso, rastejou pelo chão até encontrar o que o rapaz largara – o rifle *sniper*, com a mira estilhaçada e o cano dobrado. Logan xingou e deixou a arma inútil de lado.

Ele se escondeu atrás do moribundo quando o helicóptero passou por cima deles. Nesse ponto, a luz do holofote passou pela borda da mata – o piloto havia, obviamente, perdido Logan de vista. Depois que a aeronave passou, Logan fuçou no cinto do atirador. Encontrou uma pistola chinesa e uma granada.

Depois de guardar a M9 no coldre, fez mira com a chinesa, mais poderosa, no helicóptero, que retornava. A aeronave desceu raspando o chão. A luz do holofote alcançou Logan e fixou seu brilho ofuscante nele. O foco de luz consistia num ótimo alvo, mesmo de olhos semicerrados, e Logan mirou bem na luz. Ele esvaziou o pente com tiros rápidos e sucessivos. Numa erupção de fagulhas e vidro quebrado, a luz se apagou.

O helicóptero continuou se aproximando, voando a menos de quarenta quilômetros por hora e a menos de quinze metros do chão. Logan descartou a arma vazia e puxou o pino da granada. Quando a aeronave passou por cima do local onde ele se escondia, o mutante jogou o explosivo através da escotilha aberta pelo atirador.

O piloto viu o objeto quicar dentro da cabine. Perdendo controle da aeronave, ele lutou para encontrar o explosivo antes da detonação. A aeronave girava violentamente. O homem pegou o explosivo e o jogou para fora. A granada explodiu a centímetros do esquí, sacudindo a aeronave.

Infelizmente para o piloto, a trajetória insana do helicóptero o levava diretamente para os fios de eletricidade. As lâminas giratórias cortaram os cabos elétricos e a fuselagem colidiu em cheio na torre.

Numa explosão branca de energia crepitante, o MD-500 se desintegrou, espirrando despojos em chamas sobre o campo aberto.

A explosão choveu por cima de Logan. O calor chamuscou sua pele e fez seu cabelo pegar fogo. Ele rolou para extinguir as chamas, depois se colocou de pé num pulo, vendo o segundo helicóptero mergulhar por cima das árvores, em sua direção.

O tilintar familiar de uma AK-47 cumprimentou Logan. Balas choveram do alto. Ele não seria capaz de evitar os tiros automáticos por muito tempo. Quando o helicóptero voltou para persegui-lo, Logan correu de volta para a floresta, apesar do som dos cães estar tão próximo quanto o das hélices no alto.

Nas árvores, Logan foi subitamente marcado por uma grande coluna de luz – um terceiro helicóptero chegara. Ele ziguezagueou para fora do brilho, ouvindo o crepitar de um rifle. Jogou-se no chão quando a luz passou por cima dele, iluminando dois soldados de infantaria com rifles apontados em sua direção. Logan sacou a Beretta e deu dois disparos rápidos. Ambos caíram, jorrando sangue.

Ele ficou de pé e literalmente mergulhou na mata. Ao cair no chão entre dois grossos troncos de árvore, a traseira de um rifle chocou-se contra sua cabeça, e a ponta de uma baioneta fincou suas vísceras. Ele urrou quando o homem escondido, que segurava a arma, emergiu das sombras e mergulhou-a ainda mais fundo em sua barriga. Com a lâmina prendendo-o ao chão, mais soldados, uma onda deles, surgiram ao redor e o agrediram com os rifles.

Alguém rugiu um comando irritado, e os soldados recuaram. Um oficial inclinou-se perto do rosto de Logan, gritando ameaças em coreano. Lutando contra a inconsciência, o mutante levou a mão ensanguentada até a faca e deslizou-a para fora da bainha.

*Mais uma morte e não vou pro inferno sozinho...*

Logan golpeou e enfiou a lâmina de onze centímetros na garganta do homem. A faca fincou-o bem no pomo de Adão. Um rasgo rápido, e as artérias do oficial se partiram. Sangue quente espirrou por cima de Logan e o coreano caiu para trás.

O espancamento foi retomado, mais violento do que antes, até que Logan deslizou misericordiosamente para a escuridão.

• • • •

– Anda, Anderson, vamos amarrar o zumbi de estimação do Professor. A cantina fecha em dez minutos, e quero uma refeição quente. Estão servindo bife e batata frita hoje.

Usando o bastão, Anderson guiou Logan até a cadeira diagnóstica. Sem importar-se de prender os braços do paciente, como exigia o protocolo de segurança, Anderson começou a retirar o capacete cibernético. Lynch assistia com curiosidade.

– O Professor disse para tirar o capacete, mas mantê-lo preso nos pontos – disse Anderson.

– Então é para deixar as baterias ligadas?

– É, acho que sim – Anderson respondeu, tirando o visor. Depois, foi para o capacete. – E acionar o alarme interno, certo?

– Acho que sim – disse Lynch. – Pronto, alarme acionado.

Quando o capacete foi erguido, houve uma explosão de consciência dentro do cérebro anestesiado de Logan. Um pensamento perpassou sua mente semiconsciente.

*Mais uma morte e não vou pro inferno sozinho...*

– Não sei nada a respeito disso, Srta. Hines.

Cornelius estava no meio do laboratório, ombros caídos.

– Primeiro me dizem que estamos criando um supersoldado com o Experimento X. Depois descubro que ele é um tipo de animal mutante. Então a vinculação com o adamantium o deixa maluco...

Trabalhando ao lado de Carol Hines, no terminal do MER, um especialista em cérebro da equipe do Dr. MacKenzie parou para escutar.

Cornelius, sem notar, continuou sua diatribe.

– Agora o Professor anda falando sobre a “máquina de matar perfeita” e toda aquela coisa de desafio mais perigoso, como se o pobre coitado fosse um assassino. O que essa coisa vai fazer? Nos proteger dos comunistas ou coisa parecida?

Cornelius franziu o cenho.

– Minha intenção nunca foi construir armas. Fui praticamente chantageado a me envolver nisso, sabia? Não, não sabia.

Carol Hines virou-se para o especialista.

– Que acha de fazer sua pausa para o café agora, John?

– Mas estou em serviço até...

– Faça uma pausa, John.

O homem assentiu, depois saiu às pressas. Quando se foi, Carol Hines virou a cadeira e ficou de frente para Cornelius.

– Não sou muito autocrítico e tal – ele disse. – Mas tenho alguma responsabilidade para com... sabe... a humanidade. E não tenho assassinato no sangue. Independente do que você pode ter ouvido. Não sou assassino. Não sou como o Professor.

Carol Hines permaneceu em silêncio por um bom tempo. Quando finalmente falou, sua voz saiu suave, mas determinada.

– Se precisar de mim, doutor, eu lhe dou apoio. No que for necessário.

Cornelius abriu a boca para responder, mas foi interrompido por um arrepio e um lamento súbito.

– O alarme! – ele exclamou. – Na fonte, Hines!

A mulher se virou e apertou o botão da fonte. No monitor gigante, o interior do Laboratório Dois – a cela do Experimento X – apareceu. Logan estava de pé, sem capacete, garras estendidas. O braço esquerdo estava pronto para o ataque, e da garra de metal do braço direito erguido pendia o corpo mole de um domador, pingando sangue como um pedaço de carne fresca no gancho do açougue.



– O alarme veio do Laboratório Dois. É o Sr. Logan. Ele está solto.

Carol Hines conseguiu manter o medo longe da voz, mas não dos olhos. Encarou boquiaberta o monitor de segurança, vendo Logan direcionar o punho para o outro guarda – empalando o corpo. As pontas brilhantes das garras brotaram nas costas da vítima, deixando o homem inerte feito uma boneca de pano fincada num garfo.

Cornelius lançou-se para o comunicador e apertou o botão.

– Professor! Professor!

– Que foi, Cornelius? – O tom de voz do Professor saiu saturado pela irritação do superior que era inesperadamente perturbado pelo subordinado.

– Seu maníaco! – rugiu Cornelius. – O “jogo mais desafiador”, você disse. Está usando seus seguranças como cobaias? Como pôde? Você é louco.

– O quê? – O Professor virou o rosto para seu monitor. Na tela, Logan avançava para a saída. – Isso não é obra minha, Cornelius. Não estou no comando!

O alarme ficou ainda mais intenso, preenchendo o complexo com seu lamento agudo, urgente.

Cornelius ajustou o comunicador, enviando sua voz para todos os canais, e gritou um aviso para todo o andar.

– Toda a segurança. Zona Dois. A Arma X escapou!

Cutler estava quase na porta da sala de Deavers quando a tempestade começou. Ele deu meia-volta e correu para o arsenal, esperando ver pelo menos cinquenta homens em prontidão – procedimento padrão para um chamado desses.

– Professor – disse Cornelius no canal direto. – Meu interruptor de emergência está inoperante. Use os controles do seu monitor para desligar a força.

– Estou tentando, Cornelius. Não está funcionando. Acho que as baterias de Logan ainda estão acopladas.

– O que aconteceu com sua trava de segurança, Professor?

– Não está funcionando, já disse. Logan está sem o capacete, mas algum idiota deixou as baterias no lugar. Ele está se movendo por vontade própria, fora de controle, e não recebe nossos sinais.

No monitor do Professor, Logan rasgou a porta de segurança tão facilmente quanto um jaguar abre carne humana, as garras de adamantium cortando tranquilamente o aço. Passando pelos escombros e entrando no corredor, ele confrontou um jovem técnico que levava equipamento de um laboratório a outro. Com um único golpe elegante, o homem caiu numa poça carmesim crescente.

Dois guardas armados com pistolas tranquilizantes vieram pelo corredor. Seus rádios crepitavam.

– Temos três baixas e dois em ação. Pedindo permissão para atirar.

– Claro, homem, atire! – O tom de superioridade do Professor desapareceu, dando lugar a uma voz que beirava o pânico.

Uma câmera de segurança montada no teto transmitia a ação que ocorria na tela, para Cornelius, Carol Hines e o Professor. Dois guardas em primeiro plano atiravam dados sedativos sem parar no Experimento X. Logan tratou-os como bolinhas de papel. Livrou-se dos projéteis enfadonhos e continuou avançando.

Os guardas recuaram, primeiro lentamente, depois mais rápido.

– Segurança... precisamos de artilharia. Repito. Precisamos...

Num movimento fluido, Logan apunhalou o primeiro guarda, penetrando com suas garras inquebráveis o Kevlar, tecido, tendões e ossos. Sem dificuldade, ele lançou a carcaça perfurada por cima do ombro. O segundo segurança deixou a arma cair de lado quando as garras abriram seu peito, rasgando coração e pulmões. Pelos alto-falantes, gritos gorgolejantes aterrorizaram os que escutavam ao longo de todo o complexo de pesquisa.

No laboratório principal, onde Cornelius tolamente dizia a si mesmo que os dardos seriam suficientes para conter o paciente, o deslumbramento científico suplantava a quase histeria.

– Senhor, como isso pode ter acontecido? – ele perguntou ao Professor, com a voz relaxando para um tom respeitoso, indiferente. – Logan estava contido, como pôde...

– Ainda não terminou – Carol Hines interrompeu. – Os tranquilizantes não estão fazendo efeito.

Ela desviou o olhar do console do MER. Cornelius olhou para ela: o medo tomou conta de ambos, e também outra coisa – algo parecido com excitação.

Hines descobrira que, apesar do Experimento X não poder ser controlado pelos cientistas, ainda podia ser monitorado por eles. Dados constantes inundavam a máquina MER de Hines, dando-lhe leituras claras das ações de Logan e suas habilidades atuais. Uma coisa ficou mais do que evidente para ela: a atividade cerebral, que devia estar suprimida, começara a funcionar em potência total. Logan estava ciente. Totalmente consciente, sua mente transformara-se numa bomba teleguiada a todo vapor.

Cornelius deu um murro em seu console.

– Que loucura, Professor. Não pode fazer nada?

– Meu sistema caiu. Não tenho controle sobre Logan – repetiu o Professor.

– E quem tem? – Cornelius perguntou.

– Boa pergunta... – murmurou o Professor. – Quem?

Por trás do olhar assustado do Professor, surgiu uma misteriosa compreensão. E

seja lá qual fosse, ele não contou para Cornelius.

– É uma emergência – interrompeu o Major Deavers pelo comunicador, a voz ansiosa, penetrante. – Estou perdendo homens na Zona Dois. Preciso de orientação...

• • • •

No arsenal, 33 guardas haviam se reunido. Cutler não os encontrou se vestindo, mas boquiabertos perante o monitor de segurança.

*Malditos amadores.*

– Quem caiu? – ele rosnou.

– Anderson e Lynch, no Laboratório Dois – disse Erdman. O rosto do rapaz era uma pálida superfície redonda com rugas de preocupação. – Pollock e Gage, no corredor.

Cutler viu as imagens.

– De quem é o outro corpo?

– Algum técnico. O pobre coitado apareceu bem no caminho desse rato de laboratório psicopata – disse Erdman.

Cutler virou-se para os demais.

– Equipem-se. Vamos usar artilharia de verdade...

– Deavers ainda está esperando autorização do Professor pra isso – disse Erdman.

Cutler bufou.

– Que vão pro inferno! Eu estou autorizando artilharia. Não vou arriscar.

Enquanto os homens vestiam as armaduras de Kevlar, Cutler digitou um código de muitos números no teclado acoplado à parede e abriu a porta da estante de armamentos. Os guardas acotovelaram-se ao seu redor enquanto ele entregava a artilharia pesada: submetralhadoras Heckler & Koch UMP calibre .45 com pentes de 25 balas.

• • • •

Em seu monitor, Cornelius assistia a Logan passar por uma escotilha pressurizada em menos de um minuto. A porta era feita de aço carbonizado de cinco centímetros. Pareceu feita de papel.

– Professor – Cornelius chamou pelo comunicador –, pode selar o corredor remotamente daí?

– Selar?

No monitor menor, Cornelius viu o rosto magro do Professor passar para um tom branco, pastel.

– Sim. Conter Logan dentro da Zona Dois.



O Professor gaguejou.

– Eu... é... nada funciona aqui. E você... você viu o que ele fez com aquela escotilha...

– Por favor – berrou o Major Deavers pelo comunicador. – Algum de vocês pode me dar uma diretriz? Professor? Dr. Cornelius? Dr. Hendry? Temos um mundo de problemas aqui. Câmbio.

– Pode fechar alguma parte da Zona Dois do seu centro de comando, Professor? – Cornelius repetiu, tentando tirar o Professor de sua paralisia.

– Senhor – Carol Hines interrompeu. – Logan está saindo da Zona Dois. Aproximando-se da Zona Três e do Bloco D.

Cornelius e Hines trocaram olhares e pensaram a mesma coisa...

*No Bloco D estão o Dr. Hendry e sua equipe.*

– Segurança! Avance para o D e para a Zona Três – Cornelius gritou no comunicador.

– Entrando nos túneis de serviço – Carol Hines informou em seguida.

Cornelius começou a suar.

– Se ele entrou aí, pode ir a qualquer lugar. Até para a superfície.

– Doutor! – Era o Major Deavers. – Tenho cinco baixas. Vamos precisar de mais do que tranquilizantes para lidar com essa situação.

Cornelius não respondeu. Por um instante, sua atenção foi totalmente distraída pela imagem intrigante que chegava pelo monitor menor. O Professor travava um diálogo animado numa frequência de segurança. Cornelius escutava com atenção. Embora só ouvisse um dos lados da conversa, ele tinha de escutar...

– ... Está ciente do que está acontecendo? – perguntava o Professor.

– Dr. Cornelius? É o Deavers. Está na escuta?

Cornelius xingou.

– Sim. – disse a Deavers. – É... estou.

– Não podemos derrubá-lo sem artilharia. Entendeu?

– Sim... sim – disse Cornelius, ainda tentando escutar a comunicação privada do Professor.

– ... Sim – dizia o Professor. – O Experimento X está fora de controle. Avançando com tudo, podemos dizer...

– Srta. Hines – Cornelius disse, apontando para o Professor no monitor menor. – Com quem ele está falando?

– O computador mostra uma unidade exterior, senhor. Transmissão de satélite não pode ser rastreada. Ele obviamente se esqueceu de desligar o comunicador interno. Não sabe que podemos ouvi-lo.

– ... Exato... – continuou o Professor. – Atacando às cegas... Mas, veja, Logan está totalmente equipado. Porém, meu painel de controle está inoperante...

– Doutor! Professor! – gritava Deavers. – Pelo amor de Deus! Precisam autorizar artilharia. Tenho homens lá embaixo, dois deles. Presos no Nível Três pelas escotilhas seladas. Logan está bloqueando a escada de segurança, e eles tem que passar por ele pra sair. Estão armados com pistolas tranquilizantes... malditas balas de festim. Não vão ter chance!

Cornelius concentrou-se no monitor que rastreava Logan. O par de seguranças movia-se cautelosamente por um escuro túnel de acesso. Para o cientista, pareciam ratos de esgoto, roedores rastreando; subitamente se deu conta de que era exatamente isso que eram. Rastejavam sem pensar previamente, sem uma inteligência maior, sem qualquer noção além da visão infeliz fornecida pelos fracos feixes de luz de suas lanternas dançando nas paredes e no teto. Antes que Cornelius pudesse avisar, um foco de luz encontrou Logan, agachado contra a parede feito o predador que era, como todos os predadores, que não precisam fazer nada além de esperar pela captura da armadilha.

No instante em que viram Logan, os guardas ergueram as pistolas tranquilizantes, muito assustados.

– Não atirem! Não atirem! – Cornelius gritou. – Deavers, tire seus homens de lá. Agora!

Tarde demais. O som dos dardos disparados, como se saíssem de revólveres de brinquedo, reverberou pelas paredes estreitas do túnel. Gritos vieram em seguida, ecoando pelo tubo subterrâneo de metal em ondas agudas de doer os ouvidos, quando Logan atacou.

– Zona de Segurança Três! – gritou Deavers. – Saiam dos túneis...

Logan atingiu o primeiro guarda no abdômen. As garras de adamantium mergulharam através do Kevlar e da carne com a mesma facilidade. Quando foram retraídas, deixaram uma cavidade tão grande que os intestinos do homem se esparramaram pelo chão numa massa amarela rosada fumegante.

Quando o segundo guarda virou-se para fugir, um corte rápido seccionou o ombro esquerdo do tronco. O apêndice escorregou pelo chão, ainda latejando quando caiu. Quase morto, cuspidando sangue escuro, o histérico guarda rastejou, saindo do alcance da câmera.

Logan não o perseguiu.

– Meu Deus – disse Deavers. – Aqueles eram Conran e Chase.

No arsenal, os seguranças reagiam ao massacre com repulsa e raiva.

Em seu centro de comando, o Professor continuava o falatório, ainda sem saber que Hines e Cornelius escutavam tudo. A conversa tornara-se música de fundo para o caos.

– ... Estamos perdendo nossos seguranças de modo bastante precipitado... – partilhou o Professor pelo link de satélite.

– Professor – Cornelius chamou, intrometendo-se finalmente –, preciso de autorização para armar o pessoal. Está me escutando, Professor?

– ... Sendo assim... eu pergunto... há um dedo seu nessas ocorrências?

Cornelius virou-se para Hines.

– Ele não está escutando. Acho que enlouqueceu.

Carol Hines não respondeu.

– Srta. Hines?

Ela parecia hipnotizada pelos dados que fluíam em seu Monitor Encefalográfico de Reificação.

– Carol!

Carol Hines olhou para o lado, o rosto esperançoso.

– Doutor, acho que descobri uma coisa importante.

• • • •

Cutler havia organizado os homens no que esperava ser uma equipe forte o bastante para conter a Arma X.

Devido aos alojamentos apertados em que seriam forçados a lutar, Cutler entregara apenas quinze UMPs para aqueles que julgava serem os melhores soldados – gente com anos de experiência militar, ou os que mantinham a cabeça fria ainda que tudo ao redor fosse puro caos. Nesse grupo encontrava-se o Agente Franks.

– Fique perto de mim quando formos agir – Cutler disse a Franks quando colocou a arma nas mãos do agente.

O resto dos guardas recebeu M14s curtas, semiautomáticas que tinham um ritmo de disparo muito mais lento do que as submetralhadoras. Cutler achava, naquele momento, que os homens estariam excitados demais para trabalhar com eficiência sem supervisão constante, então achou melhor que menos balas voassem, diminuindo assim a chance de haver ferimentos por fogo amigo.

*E, afinal, quantas balas serão necessárias para conter Logan?*, pensou Cutler. *É só um humano... bem, mais ou menos...*

Armados e blindados, Cutler levou seus homens para o túnel de serviço acima da Zona Três. Uma vez lá dentro, organizou-os numa falange – uma formação em seta com maior concentração de poder de fogo na ponta.

– Eu fico na ponta – disse ele, erguendo sua UMP.

– Não, eu fico – disse Erdman, entrando na posição.

– Qual o problema, Erd? Não confia em mim?

– Confio, sim, Cutler. É por isso que quero ficar na ponta – Erdman respondeu. – O Major Deavers está vacilando, tentando convencer os cabeções que devemos estar armados. Mas você assumiu o comando, deixou a gente pegar as armas independentemente do que querem aqueles cientistas malucos. Isso faz de você o

nosso único líder. – O soldado sorriu por trás do visor do capacete. – Além disso, quero ser o primeiro a dar um tiro naquele bastardo.

Cutler cedeu e passou para a lateral direita.

– Certo. Movam-se.

• • • •

– O Sr. Logan atravessou três zonas e agora está a cerca de 180 metros do centro de comando do Professor, na Zona Três, bloco C – disse Carol Hines.

– Jesus.

Cornelius esfregava a nuca. O suor brotava em cada poro de seu corpo. A barba castanha parecia infestada de insetos.

– E não é coincidência, senhor – continuou Hines. – Rastreei os passos dele na área de contenção do Laboratório Dois. Ele seguiu um caminho definido até os aposentos do Professor.

– Não sei, Srta. Hines. Como Logan poderia saber onde está o Professor?

– Lembre-se de que ele caçou um urso em menos de quatro minutos, Dr. Cornelius. Nosso Sr. Logan já demonstrou surpreendentes habilidades de rastreador.

– Mas em situações controladas, Srta. Hines.

Carol Hines fitou o pequeno monitor, onde o Professor continuava sua estranha conversa.

– E quem disse que essa não é uma situação controlada, senhor?

– ... Entendo. Entendo – disse o Professor. – Como se mordesse a mão que o alimenta, não? Hmm... Uma limpeza local, como se... estivesse se livrando das ervas daninhas, não é?

Cornelius ativou o comunicador.

– Segurança? Major Deavers? Armamento pesado liberado. Atirem para matar.

– O Professor disse que tudo bem, doutor? – perguntou Deavers.

– Não – Cornelius disse, assistindo ao progresso fluido de Logan na direção da sala do Professor. – Mas ele não vai ligar, acredite. E faça isso rápido, ok? Desligo.

Deavers já havia desligado, deixando apenas dois sons pronunciados por cima do ruminar geral do equipamento do laboratório: o tique-tique do monitor de Hines e a voz robótica do Professor.

– ... Só mais uma coisa... se me permite a pergunta. Devo sair agora, ou continuo aqui... enquanto a Arma X elimina as “ervas daninhas”?

Cornelius fitou o maluco na tela, tendo uma educada conversa enquanto o caos varria todo o complexo. Subitamente, a cadeira do Professor explodiu para cima. Um antebraço com garras rasgou as placas de ferro do piso abaixo.

Guinchando, o Professor caiu enquanto Logan atravessava ferro e concreto, rasgando tudo no caminho, querendo avançar e ter a chance de encontrar a presa

procurada.

Cornelius deu um salto para trás.

– Meu Deus. Temos que fazer alguma coisa.

A Srta. Hines se manteve imóvel, os braços cruzados, o rosto tenso.

– A segurança está quase lá, doutor. Eles devem ser capazes de resolver...

– Mas nós deveríamos ajudar também... não deveríamos?

Carol Hines não sabia o que dizer. Ela começou a soluçar, aterrorizada, ouvindo os gritos do Professor. Cornelius aproximou-se dela, mas quando tentou colocar o braço por cima dos ombros da moça, ela se retraiu.

– Não me toque! Nunca mais me toque! – ela gritou, tremendo, fora de controle.

• • • •

Os guardas saíram do túnel de serviço no Nível Três. Os elevadores estavam desligados, e as escadas, seladas, como ditavam os procedimentos de segurança emergencial. Felizmente, não havia civis inocentes vagando pelos corredores. Se havia alguém ali, estava tremendo por trás das escotilhas fechadas.

Os alarmes ainda berravam, contudo, e o ruído estava se tornando uma distração.

– Por que ninguém desliga essa coisa? – reclamou Altman.

– Não dá – disse Cutler. – Só nosso amigo Deavers pode desligar, lá do centro de controle de segurança.

Uma voz crepitou pelos receptores em seus capacetes.

– Deavers para todas as unidades de segurança. Reúnam-se imediatamente no arsenal. Lá vocês receberão armamento pesado.

– Por falar no diabo – sussurrou Altman.

Erdman deu um tapinha no equipamento de escuta de seu capacete, como se não pudesse acreditar no que ouvira, depois se virou para os homens atrás de si e ergueu ligeiramente sua submetralhadora Heckler & Koch UMP calibre 45.

– Esse é o nosso major. Sempre no controle da situação.

Alguns dos homens riram, mas a maioria estava nervosa demais para responder. Todos tinham visto o que acontecera a Anderson e Lynch, Chase e Conran. Estavam apavorados, mas não queriam admitir, principalmente para os colegas.

Do lado direito, Cutler agia como tenente para o sargento durão Erdman, deixando que ele desse as ordens e levantasse o moral dos soldados enquanto focava na estratégia geral – se é que havia uma. Resolvera que era um bom momento para se reportar ao “comandante”.

– Cutler para Deavers. Responda.

O major reagiu como se tivesse ouvido a voz de Deus.

– Cutler! Está no arsenal?

– Acabei de distribuir o armamento pesado. Senhor, pode desligar esse maldito

alarme?

– Alarme? Ah, claro, o alarme.

Um instante depois o silêncio desceu feito neve sobre uma floresta.

– Onde estão, Cutler? – perguntou Deavers, recobrando um pouco da autoridade de sempre.

– Estamos seguindo para o Nível Três, Zona Três, agora.

– Estão muito longe do bloco C?

Cutler ergueu a mão para Erdman, que fez todos pararem.

– Major – Cutler respondeu, num sussurro. – Estamos ao lado do bloco C. Qual é a situação?

– A Arma X está...

A resposta de Deavers foi cortada quando ouviram o grito, seguido pelos apelos de pânico do Professor.

– Socorro! Socorro!

– ... indo atrás do Professor – disse Deavers. – Ele...

Cutler cortou o major, depois usou seu código mestre de comunicação para cortar a transmissão de Deavers para o restante da equipe. Quando olhou para Erdman, este o encarava com curiosidade.

– Deavers não está aqui embaixo, então não está mais no comando – disse Cutler.  
– Eu dou as ordens.

Erdman assentiu, aprovando, depois se virou para os outros.

– Vamos em frente.

A escotilha do centro de controle do Professor estava fechada, mas não trancada. Na ponta oposta do corredor, a segunda entrada estava entreaberta, de acordo com imagens em tempo real que apareciam na tela do capacete de Cutler.

– É agora – disse ele. – Vamos entrar pelas duas portas ao mesmo tempo. Erdman, leve dez homens e dê a volta até a outra entrada. Tem quinze segundos pra ficar em posição. Vá!

Enquanto os outros saíram pelo corredor, Cutler dirigiu-se aos que ficaram.

– Você – disse ele a Franks. – Leve esses homens e bloqueie a saída para este nível. Se a Arma X passar por nós, cabe a vocês darem um jeito nela.

– Mas Cut...

– Agora!

Franks deu meia-volta e levou nove aliviados seguranças até o elevador, na extremidade oposta do longo corredor.

Cutler virou-se para os homens que continuavam com ele.

– Cinco segundos – sussurrou ao destravar a escotilha e abri-la com um clique. – Três... dois... um... Vai! Vai! Vai!

Cutler meteu o ombro contra a pesada escotilha de metal, e ela abriu. Ele saltou

por cima do batente, UMP erguida.

O Professor estava no chão, preso, incapacitado, sob o peso de sua cadeira de comando ergonômica, que tinha sido virada de ponta-cabeça. Um buraco gigante fora aberto no ponto por onde Logan atravessara. Fios pendiam da abertura, soltando faíscas.

O Agente Abbot entrou logo depois de Cutler.

– Cadê o maldito? – exclamou ele. – Cadê a Arma X?

Com um rugido feroz, a Arma X saltou para o chão bem na frente deles – estivera esperando entre os dutos de ventilação e aquecimento bem acima de suas cabeças.

– Cuidado, Cut! – gritou Abbot, empurrando o outro e erguendo sua arma.

Mas Logan foi mais rápido. Com um golpe cortante, derrubou a submetralhadora da mão de Abbot. Depois abaixou a mão direita, garras estendidas. O adamantium cortou capacete, crânio e cérebro, dividindo a cabeça do agente em quatro fatias exatas, como um melão maduro na tábua de corte.

Abbot chutou o vazio e desabou no deque com um baque. Cutler rolou para longe do corpo do colega, que se debatia. Arma X avançou para ele, produzindo faíscas no piso de metal com as garras.

Então Erdman irrompeu pela outra escotilha, UMP em punho. Pelo menos três tiros dançaram através do tronco nu de Logan, cada um seguido por uma explosão de sangue. Mas a Arma X sequer tremeu e girou para ficar cara a cara com os novos inimigos. Com um único golpe, Logan decapitou Erdman. A cabeça do soldado quicou na parede, o corpo deu um último passo à frente antes de tombar. Os espasmos mortais soltaram mais três tiros, que explodiram monitores e quebraram consoles de computador.

Atrás de Erdman, outro guarda deu três tiros em Arma X à queima-roupa, forçando-o a recuar.

– Tire o Professor daqui! – Cutler gritou, tentando se levantar. Dois homens passaram correndo por ele, depois um terceiro e um quarto. Um deles deitou-se ao lado do Professor, enquanto os outros três lutaram para erguer a pesada cadeira e arrancar o apavorado homem debaixo dela.

– Está tudo bem, Professor – disse um guarda numa voz alta o bastante para ser ouvida por cima do caos. – A gente está aqui. Vai ficar tudo bem...

Mais tiros ricochetearam em Logan, fazendo chover faíscas no centro de comando.

– Ele... ele tentou me matar – choramingou o Professor. Uma bala quicou na parede e lançou escombros no rosto do Professor. Ele gritou quando teve os óculos arrancados. – Meus óculos... Não consigo ver nada.

– Peguei, senhor – disse o guarda inclinado sobre ele, a voz ecoando por trás do visor.

O Professor colocou os óculos, mas, subitamente, ouviu um som oco, de carne. O

homem diante dele retesou-se e revirou os olhos. Ele abriu a boca e sangue irrompeu dela, tingindo o interior de seu visor. Quando o guarda caiu em cima do Professor, o peso de seu corpo morto e da armadura de Kevlar o esmagou.

Com uma força nascida do desespero, o Professor empurrou o cadáver para o lado. Depois, estendeu a mão para alcançar a beirada do console de controle e comando.

Um lampejo prateado. Por um momento longo de agonia, o mundo do Professor foi definido pela dor – súbita, excruciante, dominadora. Por reflexo, ele puxou o braço de volta. Com os olhos cheios de lágrimas, ele viu o toco soltando sangue, seccionado cirurgicamente no pulso.

– Minha mão! – urrou o Professor.

Tendo o rosto coberto pelo próprio sangue, a raiva substituiu a angústia.

– Matem-no! Matem-no! – gritou ele. – Destruam a Arma X!

Braços fortes agarraram-no pelo tronco e ele foi arrastado para fora do centro de controle por dois soldados, que o levaram para o corredor.

Enquanto isso, Cutler observava os guardas, atirando e avançando com precisão, forçando Logan a recuar até encostar na parede. Mas quando apontaram as submetralhadoras para dar fim nele, Arma X avançou inesperadamente, eviscerando um guarda que foi tolo o bastante para não recuar.

Cutler, vendo seus homens morrendo um por um, jogou-se na confusão, apenas para ser derrubado de novo. Ele tentou conseguir uma mira limpa em Logan, mas a briga estava muito próxima. Arma X parecia estar completamente coberta por uma massa de guardas que batiam, golpeavam, lutando em vão para derrubá-la.

– Vocês tiraram o Professor? – Cutler exclamou. – Tiraram o Professor? Respondam. Alguém me responda. O que está havendo?

– O professor está a salvo! – veio a resposta. – Ele está bem.

Cutler ouviu outras vozes também. Ordens gritadas, berros de dor e surpresa.

– O alvo dominou o lugar... Difícil mirar... Voltem... Tarde demais... Muitas baixas... Monstro maldito...

Cutler viu Altman ser erguido do chão por garras fincadas em seu tronco. Logan meteu a cabeça do homem no teto com tanta força que o capacete de Kevlar foi estilhaçado. Quando Altman caiu no chão, o rosto destroçado fitou Cutler, nariz torto, olhos vidrados, como numa pintura de Picasso.

*Mais de dez tiros no corpo e nada. É um massacre sem sentido. Droga!*

Cutler clicou seu comunicador.

– Recuem, todos. Recuem... para o corredor...

• • • •

Para a surpresa do Agente Franks, as portas do elevador se abriram no Nível Três.



Dr. Cornelius e Carol Hines saíram às pressas, no intuito de chegar ao centro de comando do Professor.

– Ei! – Franks exclamou, impedindo-os. – Não podem ir pra lá. Aquilo virou um inferno.

Como se para enfatizar essas palavras, Cornelius e Hines ouviram diversos tiros e berros.

– Droga – disse Cornelius, frustrado. – Vocês não vão fazer nada?

– Tenho ordens – disse Franks, o rosto preocupado ao ouvir as vozes frenéticas pela rede de comunicação.

– Voltem pra cá... Baixas... Monstro... Um massacre...

Então, um segurança apareceu no corredor, a mão na lateral do corpo, de onde jorrava muito sangue. Um buraco profundo mostrava os ossos da caixa torácica. O outro braço mal dava conta de conduzir o Professor.

Primeiro Carol Hines, depois o Dr. Cornelius passaram pelo Agente Franks e correram para ajudar o ferido. Franks e dois guardas os seguiram, relutantes. O restante ficou para trás, como última linha de defesa.

O Professor gemia e cambaleava, óculos tortos, encardado numa bola, tropeçando à frente com o toco enfiado na barriga para conter o sangramento.

– Tente não se mexer, Professor. E fique calmo – disse o guarda, sofrendo com o próprio ferimento.

– Vou sangrar até a morte – guinchou o Professor, os olhos brilhando de dor. Dentro da sala dele, a batalha ainda ardia com gritos e tiros disparados.

– Comando, precisamos de uma maca aqui, rápido! – disse Franks.

A voz excitada de Deavers respondeu.

– Que diabos está acontecendo aí? Alguém me cortou da rede! Como posso dar ordens se...

– Senhor, precisamos de uma maca – Franks interrompeu.

– A caminho – veio a resposta amarga.

O Agente Franks foi ajudar o Professor, permitindo que o homem que o trouxera encostasse na parede, e então o rapaz caiu quando suas pernas não o suportaram mais.

– A maca já está a caminho, senhor – Franks disse ao Professor. Mas quando tentou ajudá-lo, ele o empurrou.

– Não preciso de maca, idiota. Perdi a mão, não as pernas!

– Ah, não... Oh, meu Deus – Carol Hines choramingou quando viu o sangue e o toco.

O Professor deu mais alguns passos difíceis, depois espiou os colegas.

– Cornelius – disse. – Me ajude. Me tire daqui.

Cornelius também reparou no membro decepado.

– Minha nossa... Temos que estancar isso.

– Faça um torniquete – disse a Srta. Hines, pegando o braço ferido. – Dr. Cornelius, me dê sua gravata.

Cornelius puxou a tira de seda do pescoço e Hines usou-a para atar o toco vermelho. Franks agachou ao lado do homem que trouxera o Professor, depois levantou, balançando a cabeça.

– Morreu.

Subitamente, mais tiros irromperam, seguidos por uma chamada frenética ecoada pela rede de comunicação.

– Precisamos de reforço! Estamos... – A voz foi cortada por um grito de agonia.

– Quem era esse? – um dos guardas perguntou.

Franks apenas deu de ombros.

– Não era Cutler... Talvez ele também tenha caído.

– Então o que fazemos, Franks?

Franks fitou o guarda morto no chão. Depois ergueu sua UMP e fitou os outros.

– Temos ordens pra conter Arma X se os outros não puderem, então vamos!

– Agente firme, Professor – disse Hines, amarrando a gravata. – Tente manter a mão... o braço levantado. Deve resolver até...

– Temos que levá-lo para a enfermaria agora mesmo. Pode andar? – perguntou Cornelius.

– Até correr – o Professor respondeu numa voz surpreendentemente vigorosa. – Só me tire daqui. Mas não para a enfermaria.

– Senhor – Carol Hines protestou. – Você precisa de cuidados.

– Temos que chegar ao reator de adamantium.

O Professor passou por entre os dois e correu para o elevador.

– O quê? Por que, Professor? – gritou Cornelius.

– Porque só lá estaremos salvos.

– Mas a segurança já cuidou de Logan.

– Não seja tolo, Cornelius. Eles não têm a menor chance.

• • • •

O Major Deavers era um fracassado. Um burocrata sem autoridade, um oficial sem comando.

Do centro de segurança, assistia aos monitores, impotente, vendo seus homens serem massacrados pela Arma X. Gritava ao microfone, sabendo que suas tropas não podiam escutá-lo – que Cutler, aquele traidor, ou talvez Erdman tinha deliberadamente bloqueado suas transmissões. Socava o console enquanto seus homens morriam, um por um, depois aos montes.

Mas apesar de tanto gritar e socar, Deavers falhou em fazer a única coisa que

talvez pudesse ter ajudado. Podia ter descido até o arsenal, vestido uma armadura e se unido a seus homens na linha de frente. Mas isso ele não faria.

*Um comandante simplesmente não faz esse tipo de coisa.*

Pelo menos, foi isso que Deavers disse a si mesmo.

Já não tinha certeza de quem estava vivo – só sabia que muitos de seus homens estavam mortos. Alguns jaziam no corredor, outros no Laboratório Dois. Alguns estavam pendurados no teto da sala de comando do Professor.

*Não é minha culpa... Foi uma rebelião... um motim.*

Deavers suspeitava que seus homens haviam escutado sua conversa com o Dr. Cornelius.

*Talvez tenham me achado indeciso... Mas eu argumentei desde o início que devíamos empregar armamento pesado. Não posso fazer nada se os chefes pensam de outro jeito...*

Deavers culpou as circunstâncias pelas primeiras mortes – Anderson ou Lynch violaram o protocolo, foram descuidados. Mas ele também suspeitava que seus homens acreditassem que Conran e Chase morreram porque ele – como comandante – fora lento demais na reação. O major suspeitava também que suas tropas estavam irritadas por ele não ter permitido o armamento pesado por conta própria.

Deavers considerava injusto esse julgamento.

*Homens como Erdman, Franks e principalmente Cutler... eles não entendem que existe uma cadeia de comando. Que é importante que alguém assuma a responsabilidade nos momentos difíceis.*

Deavers sabia que a Arma X custara muito dinheiro para alguém. Do jeito que via a situação, não cabia a ele decidir se o sujeito devia ser morto à bala ou não. Esse tipo de decisão tinha de vir do topo, de alguém que ganhasse mais que ele.

*Uma coisa que aprendi em todos esses anos – nunca coloque o seu na reta. No combate e no comando. Deixe gente como Cutler e Erdman pegar nas armas e entrar nas trincheiras.*

*É, os pacifistas estão certos. Os melhores soldados são aqueles que nunca tiveram que lutar. Aprendi essa lição, tudo bem, mas Cutler não. Por isso ele nunca chegou ao topo.*

A racionalização desesperada de Deavers foi interrompida quando o especialista Rice irrompeu no centro de comando.

– Rice, que bom que está aqui – disse Deavers. – Preciso que alguém desça e faça uma vistoria no Nível Três. A maioria...

– Desculpe, Deavers, não recebo mais ordens de você.

Rice estendeu a mão e arrancou o crachá de comandante do sobretudo de Deavers.

– Ei...

– Preciso desse cartão pra acessar o supercomputador principal para fazer um download importante.

– Por quê?

– Olhe ao redor, Major. Está um inferno só. Muitos dados importantes vão se perder se o complexo todo pegar fogo. Vou lá recuperá-lo, copiá-lo.

– Recebeu ordens? De quem? Do Professor?

Rice zombou.

– Ordens. Você só liga pra isso, né, Deavers? Ok, digamos que recebi ordens de alguém mais importante que você, mais importante que Cornelius e até que o Professor...

– O... o Diretor?

– Recebi ordens, Deavers. É só isso que você precisa saber.

Enquanto Deavers observava, aparentemente paralisado, Rice abriu a estante de armas e pegou uma automática. Depois foi até a porta.

– Rice! – Deavers gritou. – Você e o Diretor vão tentar consertar essa bagunça?

Rice fez que não.

– Não tem como consertar, Major.

Em seguida o rapaz partiu, deixando Deavers sozinho para juntar as cinzas de sua carreira arruinada.

• • • •

– Segurança, Zona Três, responda – chamou Franks. Ele e outros oito homens esperavam do lado de fora da escotilha do centro de comando, esperando pela resposta de quem estava lá dentro.

– Segurança, Zona Três...

Uma voz cheia de dor saiu do comunicador de Franks.

– Senhor... estamos... estamos...

Depois ficou muda.

Franks olhou para os outros.

– Mirar e atirar. Nada de mais. Sem cercar. Só atirar e correr. E ir com tudo. Ignorem tudo que virem, exceto Logan... Acabem com o maldito.

Franks meteu um pente de 25 balas em sua UMP.

– No três...

Três segundos depois, irromperam dentro do centro de comando, passando pela escotilha já aos tiros, depois abrindo para os dois lados. Franks ouviu gemidos abafados pelo fone de ouvido. Também teve que conter uma exclamação.

No meio da sala, a Arma X virou-se para fitá-los, braços abertos, garras estendidas. A criatura estava curvada para a frente, agachada, feroz, pronta para atacar. Logan estava coberto de sangue da cabeça aos pés – e dessa vez não era

sangue de ovelha.

Estava montado em cima de um monte de corpos empilhados, espalhados pelo centro de comando feito um carpete de restos humanos. Alguns dos guardas se retraíram e gemiam, mas a maioria estava morta, e o restante morrendo. As paredes foram repintadas de vermelho, escorrendo em tons escuros. Vísceras soltas, órgãos rasgados e membros seccionados deixavam o piso de metal escorregadio.

Os olhos de Logan arderam quando ele viu os guardas entrando. Com um rosnado baixo, ele deu um passo à frente.

– Fogo! Fogo! Fogo!

Os homens atiraram. Painéis de computadores explodiram sob a saraivada de balas. A sala foi tomada por faíscas e pelo som trovejante das armas de fogo, descarregando sem parar. Um instante depois, o sistema de controle de fogo ativou-se, encharcando a nuvem de fumaça de pólvora com uma neblina de halon.

– Não vejo nada! – alguém exclamou.

– Ele está passando por mim, Logan vai... *ack!*

A frase terminou quando o microfone do capacete do agente foi cortado com sua garganta.

– Cuidado, eu...

Um guarda musculoso de mais de cem quilos voou da neblina e colidiu contra a outra parede num movimento tão simples quanto o de um menino irritado jogando para longe seu soldadinho de brinquedo.

– Recuem! Recuem! – gritou Franks, atirando às cegas na fumaça. Ele ouviu um grito e alguém tropeçou para fora da névoa: o Agente Jenkins, com o tronco perfurado por balas. Com os olhos escancarados, a mão estendida em busca de ajuda, o homem tombou.

Atrás dele, a Arma X avançava. Franks atirou, mas o tiro passou longe. Então um golpe cortante derrubou-o no chão e ele caiu, atordoado.

Enquanto Logan passava por ele, o soldado tentou se levantar, mas sentiu que as pernas estavam num ângulo estranho. Achou que era o pé que estava preso. Quando olhou para baixo, viu suas pernas largadas no chão a alguns metros dele, seccionadas abaixo do quadril. Ele sacudiu para o lado, descontrolado, vendo um jorro de sangue sair dos tocos que antes eram coxas.

O rapaz ouviu uma voz muito distante chamando seu nome. Do outro lado do centro de comando, encostado num console estilhaçado, estava Cutler, arquejando. O peito aberto, pulmões e um coração cada vez mais vagaroso visíveis por trás do sangue que pingava.

Ele mexia a boca, mas a voz rouca mal podia ser ouvida pela rede de comunicação. Finalmente, enquanto lutava para permanecer consciente, Franks entendeu o que Cutler dizia, e que continuou repetindo até morrer.

– Eu o reconheço agora... Logan. Sei quem é ele...

Com uma última arfada de ar, Franks clicou no microfone e reportou-se a Deavers, que vinha querendo saber o status da equipe fazia cinco minutos.

– Não resta mais nada, senhor – Franks arquejou. Então sentiu que algo se movia perto dele. Com o que lhe restava de forças, ergueu a cabeça e viu a Arma X se aproximando. O rapaz fechou os olhos e começou a sussurrar seu epitáfio.

– Senhor... ele está vindo... me matar.

# XVI • APOCALIPSE

— É aqui, Cornelius. Rompa o lacre. Estaremos a salvo.

Cornelius deu de ombros.

— Sim... se não levar em conta as queimaduras por radiação.

O Professor levou Cornelius e Carol Hines até uma porta dupla de metal. O elevador os levava até o nível mais profundo das instalações, onde nem Hines nem Cornelius haviam estado apesar das muitas semanas que passaram dentro do complexo secreto.

A atmosfera era densa e pesada, os corredores quentes devido ao calor ambiente da câmara de derretimento de adamantium no andar acima. As luzes de emergência dos corredores de metal eram pouquíssimo adequadas para dispersar a escuridão. Ozônio e outros cheiros industriais preenchiam a câmara subterrânea, na qual se ouvia um ruído constante, resultado dos milhares de mecanismos automáticos que ainda operavam.

Nas portas havia um ícone preto e amarelo, símbolo da radiação. Letras garrafais diziam "perigo". Ainda pressionando o torniquete ensanguentado, o Professor apontou com o queixo para uma tampa de vidro acoplada à parede.

— Srta. Hines, pegue aquela arma.

Enquanto Cornelius digitava o código do Professor no teclado, para depois abrir as portas, Hines quebrou o vidro e tirou a M14 do suporte. Havia também dois pentes cheios dentro do estojo. Ela os pegou também.

— Carregue, por favor.

Carol Hines colocou o pente no lugar e entregou a arma ao Professor.

— Pra mim não, sua idiota. O que eu vou fazer com isso? Dê para o Cornelius.

Hines enfiou a arma nas mãos do médico, feliz por livrar-se dela. Ele segurou a arma com o braço esticado, como se estivesse contaminada.

— O que está havendo aqui, Professor? O que acha que eu vou fazer com este rifle?

— Atire, doutor. Na primeira oportunidade...

O Professor os levou para dentro da sala do reator e ordenou que Cornelius selasse a escotilha. O local era totalmente automatizado, com computadores, terminais e estações giratórias ao longo das paredes. Leituras digitais mostravam ininterruptamente a temperatura interna do núcleo, a pressão cúbica e outras informações enquanto as máquinas seguiam com suas tarefas programadas, alheias ao apocalipse que se desenrolava no complexo acima.



Quando Hines se aproximou do terminal central, detectores de movimento embutidos ativaram o teclado do computador, o monitor e os equipamentos de comunicação. A moça se pôs a trabalhar, e em poucos segundos imagens dos monitores de segurança dos níveis superiores apareceram na tela.

Seguro atrás da escotilha selada, Cornelius virou-se para o Professor.

– Então quer que eu atire com este rifle, é?

– Talvez você não consiga matar Logan, mas se puder, atire nas baterias do cinto. Isso deve detê-lo.

Cornelius não era bom de tiro, não atirava desde o Ensino Médio. E mesmo que tivesse sido, toda a premissa da teoria do Professor era baseada em sua falaciosa suposição de controle.

– Isso é ridículo – Cornelius rebateu. – Ainda que Logan esteja vivo, os sistemas caíram, ele não pode...

– O sistema não caiu – declarou o Professor. – Está nas mãos de outro.

– Quem? – perguntou Cornelius. *O maldito com quem você estava conversando enquanto os guardas estavam sendo massacrados?*

– Não cabe a você saber, Cornelius.

– Você tem muito rancor, Professor. Me pede para atirar num homem, mas não me diz por quê...

– Não venha com moral pra cima de mim, Cornelius. Imaginava que um homem que matou a esposa e o filho teria um pouco mais de sangue frio.

Uma exclamação foi ouvida, vinda de Carol Hines. Cornelius virou-se, mas ela já tinha voltado sua atenção para o teclado do terminal central, recusando-se a olhar para o médico.

– E caso você tenha se esquecido – continuou o Professor, pressionando –, não faz muito tempo, você ordenou aos guardas que matassem Logan.

Cornelius assentiu, o rosto pesaroso.

– Tem razão, Professor. Eu quis que Logan morresse, mas não estava disposto a sujar minhas mãos fazendo eu mesmo. O fato é que não sou um assassino. Não tenho o instinto de matar no coração.

– Bom, é melhor encontrá-lo em algum lugar ou...

Com um gemido, o Professor caiu de joelhos. Cornelius pendurou a arma nas costas e ajudou o outro a sentar-se numa cadeira.

– Olhe só pra você. Está sangrando baldes. Tenho que fazer um curativo.

O Professor tossiu. O rosto estava muito pálido devido à perda de sangue, mas os olhos estavam brilhantes, com uma expressão amarga.

– Sou considerado peso morto, Cornelius. A ser eliminado. Só peso morto...

– Carne morta, eu diria – disse Cornelius, removendo o torniquete. Sangue pingava do tecido encharcado, mas Cornelius se apressou em cobrir o ferimento com

tecido rasgado de sua camisa. – Você está delirando, Professor. Isso tudo, seu machucado. Está entrando em choque.

– Você é um grande tolo, não é, Cornelius? Se aquela porta não contiver Logan, você logo vai descobrir o que é choque...

Cornelius recusou-se a aceitar as provocações de um moribundo.

– Sim, bem, acho que quanto mais rápido pudermos te levar ao...

– Hines! – gritou o Professor. – Pare com esse barulho! Não consigo pensar!

A moça tirou as mãos do teclado.

– Sim, senhor. Desculpe, senhor. O computador mostra o Sr. Logan completamente ativo...

– Eu sei disso, inferno!

– As baterias perderam mais de oitenta por cento da capacidade, logo vão desligar.

– Não é tempo suficiente, Srta. Hines...

– Não, senhor. Na verdade, Logan está bem perto. No Túnel Dois. Movendo-se na nossa direção.

O Professor tirou Cornelius do caminho e cambaleou até o terminal.

– Saia daí, mulher! Deixe-me ver!

O Professor fitou a tela. Cornelius não achava que seria possível, depois de todo o sangue que perdera, mas o homem conseguiu ficar ainda mais branco.

– Este terminal está conectado ao computador central? – perguntou o Professor.

– Este é o computador central, senhor.

O Professor percebeu que estavam parados bem acima do mainframe enterrado do computador.

– Sim, claro – ele disse, bastante irritado, começando a digitar.

Carol Hines tentou ajudá-lo.

– Desculpe, senhor... Esse não é o cód...

Cornelius entrevistou:

– Hines? Esqueça. Não está mais em nossas mãos. Acho que não fazemos mais parte desse jogo.

Finalmente, um comunicador clicou e o Professor falou, a voz rouca.

– Aqui é o Professor. Por favor, responda. Precisa me atender. Fale comigo...

O silêncio foi a resposta aos seus apelos.

– Está surpreso por Logan não ter me matado? Por que está fazendo isso comigo? Não sou parte da ralé. Devia saber disso. Responda, por favor... Não me deixe morrer aqui!

– Não temos que morrer, Professor – argumentou Cornelius. – Nenhum de nós. Esta arma. Posso usá-la para nos proteger...

Mas o Professor ignorava Cornelius, escutando somente uma voz que nunca

chegava.

– Posso atirar nas baterias, como você disse, Professor. Dar a você e à Srta. Hines chance de escapar. Posso...

O agudo riscar de metal sobre metal os interrompeu. Depois um baque surdo ecoou pelas paredes quando algo pesado atingiu o solo.

– Que barulho foi esse? – exclamou Cornelius.

A Srta. Hines levou as mãos ao peito.

– Acho que o Sr. Logan finalmente nos encontrou, senhor.

O som de passos veio em seguida, reverberando pela grande câmara. Subitamente, as luzes piscaram, os consoles apagaram. Então tudo ficou preto por um instante que pareceu não ter fim, antes que as luzes de emergência alimentadas por bateria se ativassem automaticamente.

– Acabou a força!

– Esses barulhos. Lá fora – sibilou Cornelius. – Logan está nas paredes. Está atravessando.

– Ajude-me! Ajude-me, por favor! – gritou o Professor no comunicador inativo. Ele socou o console com o pulso que lhe restava. – Maldito seja!

Cornelius olhou para Carol Hines.

– Não sei com quem ele acha que está falando, mas não ligo. – Então ele notou que ela tremia, descontrolada. – Está com medo?

– Sim, senhor. Muito. E você?

Cornelius fez que sim.

– Parte de mim está morrendo de medo... mas outra parte acha que estou pronto para rever minha esposa.

Hines aproximou-se, olhando-o nos olhos.

– O que... o que o Professor disse sobre a sua esposa...

– Não é verdade. Isso é o que a polícia acha, e por mim tudo bem. A verdade é mais patética. Com certeza não ia querer saber.

– Não, quero sim... Conte.

– Meu filho nasceu... defeituoso. Procurei e procurei por uma cura para a doença, mas fracasei. Eu, um imunologista, não pude nem salvar meu próprio filho.

– Ele morreu?

Cornelius desviou o olhar.

– Paul estava morrendo... lentamente. Um pouco por vez. Eu trabalhava todo dia e metade da noite no laboratório médico, procurando por uma cura enquanto minha esposa vivia diariamente a dor do nosso filho... Via cada hora, escutava cada choro. Isso acabou com ela. Certa noite, voltei para casa e encontrei os dois mortos. Minha esposa envenenou nosso filho com algum suprimento médico e depois se matou.

– E a polícia pôs a culpa em você?

– Eu deixei que pusessem. Madeline era católica. Sua fé e sua família eram importantes para ela... O suicídio é um pecado mortal, assim como o assassinato. Seria melhor pra todo mundo se eu ficasse com a culpa. Não tinha motivo para viver além dela, também...

Um baque interrompeu as lembranças. De algum lugar atrás das paredes de metal, algum maquinário caiu.

Cornelius apertou os dedos em volta do cano de metal do rifle automático.

– Logan está aqui dentro. Tem que estar.

Carol Hines ainda tremia toda.

– Escute aqui – disse Cornelius. – Quando Logan entrar, vou dar um jeito nele. Dar fim nele, distraí-lo... o que eu puder fazer. Você vai embora. Corra o mais rápido que puder. Esqueça o Professor. Ele já era. E me esqueça também.

– Mas...

– Escute. Já me cansei desta vida e estou pronto para morrer. Provavelmente devo merecer o que está por vir, pelo que ajudei o Professor a fazer... transformar um homem num monstro...

Mais um baque, e as luzes de emergência piscaram. Eles ouviram um guincho demorado quando as turbinas do nível acima deles pararam.

– Agora acabou a energia de vez – disse Carol Hines. – As turbinas do reator de adamantium se desligaram.

– Essa é a menor das nossas preocupações, Srta. Hines.

– As turbinas mantêm o adamantium frio, doutor. Sem energia, ele vai reduzir para o composto duro. Devemos drenar o núcleo ou todo o complexo pode explodir dentro de uma hora.

O Professor, ainda curvado sobre o console, ergueu a cabeça quando ouviu essas palavras.

– Todos pesos mortos... acabados... Exploda tudo e vamos todos morrer – murmurou ele. – Sim... é isso que devemos fazer. Explodir tudo...

De cima, uma substância oleosa pingou na cabeça careca do Professor. Quente e molhada, ele pensou que fosse fluido hidráulico – até que correu por sua bochecha e espirrou nos consoles desativados. Mesmo sob a luz fraca, o Professor reconheceu o sangue quando o viu.

Ele olhou para cima no instante em que a Arma X saltou do duto de ventilação, acima deles. Com um rugido retumbante, Logan pousou, agachado, garras de adamantium reluzindo com um brilho escarlate, para confrontar o atônito Professor. O homem choramingou e cambaleou para trás, aterrorizado pela visão da coisa na qual trabalhara tanto e tão duro para criar e moldar.

Com os músculos quimicamente aperfeiçoados latejando, a juba selvagem, flancos arfando como os de um leão em caça, pronto para atacar, Logan mostrou os dentes

sujos de sangue. As entradas de realidade virtual haviam sido arrancadas do rosto dele, restando somente cabos soltos, faiscantes. De seus olhos fluíam lágrimas escarlate. O tronco nu estava coberto de sangue. As baterias ainda balançavam, penduradas na cintura. A cada pesado passo, ele deixava uma pegada sangrenta.

– Atire nele! Atire! Atire! – guinchava o Professor. – Mate-o enquanto pode.

Mas quando Cornelius olhou Logan nos olhos, viu dor, fraqueza, confusão – e humanidade. A Arma X podia tê-los destruído, entretanto Logan parecia paralisado, vacilando, aparentemente relutante em atacar, como se a sede de sangue tivesse sido saciada.

Cornelius baixou o rifle.

– Olha, Professor. Ele está fraquejando. Acho que é o seu fim. Está fraco demais para atacar, perdeu muito sangue.

– Esse sangue é o que resta de nossos seguranças, seu tolo! Ele está sendo controlado e foi programado para matar todos nós. Use a arma agora, enquanto ainda temos chance!

Cornelius tirou a trava de segurança e ergueu o cano do rifle, mirando na cintura. Mas a Arma X parecia mais humana do que monstro, e ele não conseguiu se forçar a puxar o gatilho.

– Não está se movendo, Professor. Está acabado.

– Faça o que mandei, Cornelius!

Com a mão boa, o Professor socou o médico no rosto. Cornelius vacilou devido ao golpe, tremeu o dedo no gatilho e a M14 disparou. Com a arma colocada no automático, um terço do pente – oito tiros – foi disparado do cano em menos de dois segundos, varrendo a sala de controle.

Algumas das balas quicaram no chão, algumas atingiram os computadores atrás da Arma X, numa explosão de silício, plástico e vidro. Mas três tiros de sorte atingiram Logan no peito, rasgando seu peitoral, fazendo-o dançar feito uma marionete até que ele girou para os escombros chamuscados atrás de si.

Logan tombou. Cornelius piscou, o rifle quase caindo de sua mão.

– Acertei. Peguei ele. Nossa! Ele está...

Com um gemido grave e gutural, Logan começou a se mexer.

O Professor gritou:

– As baterias, Cornelius! Atire nas baterias, atire nos receptores. Desligue o cérebro dele!

Ainda esparramado no chão entre os computadores quebrados, Logan ergueu o queixo, depois balançou a cabeça para clarear as ideias. Os lábios ensanguentados curvaram-se num rosnado nervoso quando ele viu a arma na mão de Cornelius.

– Ele... ainda está vivo. Incrível – Cornelius gaguejou, os membros paralisados.

– Atire, seu tolo. Atire antes que seja tarde demais.

Cornelius olhou Logan nos olhos. Hines gritou.

– Seu idiota! – berrou o Professor.

Com um único movimento, Logan atravessou Cornelius. As garras de adamantium rasgaram a barriga do médico, serrando sua espinha e brotando pelo tecido da camisa nas costas dele. Com um gemido, Cornelius dobrou-se em torno do braço de Logan. Os óculos redondos escorregaram de cima de seu nariz e estilhaçaram-se no chão quando seu assassino o ergueu, para depois jogar o corpo quebrado no console do computador principal.

Um instante de consciência restou em Cornelius, não mais do que um último suspiro. Tempo suficiente para ver o rosto do demônio raivoso se transformar no de um anjo; tempo suficiente para ver a juba dura do monstro tornar-se uma cabeça lustrosa de cabelos perfumados, tempo suficiente para ouvir o riso delicioso de sua esposa pelo resto da eternidade.

– Idiota! Idiota! – gritava o Professor, correndo para a saída. Carol Hines o seguiu, soluçando. Nas portas duplas, ela alcançou o Professor e o pegou pelo braço bom.

– Pare, senhor. Pare. Temos que voltar...

O Professor a empurrou.

– Afaste-se de mim!

– Mas não podemos abandoná-lo. Temos que ajudar Cornelius.

O Professor olhou para trás, receando ser transformado numa estátua de sal. Logan havia fincado Cornelius no terminal do computador, e estava fatiando o corpo do médico do jeito que fizera à loba, pedaço por pedaço.

– Não há como ajudá-lo, sua tola. Não vê que ele já morreu? Eu não poderia ajudá-lo nem se quisesse. Nem você.

O Professor passou com dificuldade pela escotilha aberta.

– Aonde vamos? – Hines choramingou.

– Preciso chegar ao reator, então pare de choramingar e recomponha-se. Preciso da sua ajuda.

Hines secou as lágrimas. Olhou para trás pela última vez e correu para alcançar o Professor.

– Sim... Sim, estou com você, senhor.

• • • •

As duas baterias falharam quase ao mesmo tempo.

A bateria maior direcionava energia pelo córtex somatossensorial para a fissura central no cérebro de Logan, depois ao longo do topo do córtex frontal, que controla movimentos básicos e complexos. Quando as reservas se acabaram, Logan tombou feito um balão que perdeu o ar. Todos os músculos voluntários e boa parte dos involuntários foram desligados de uma só vez.

A transição foi brutal, como se alguém tivesse acionado um interruptor de liga/desliga. Não fosse pelas funções contínuas do pedúnculo cerebral – tálamo, hipotálamo, mesencéfalo e glândula pituitária –, os pulmões e o coração de Logan também teriam parado de funcionar, e ele teria morrido instantaneamente.

A segunda bateria alimentava o receptor de micro-ondas ligado aos córtices direito e esquerdo de Logan através das entradas diretas abertas nos globos oculares do mutante. Sem energia, as ondas supressoras do córtex enviadas pelo Monitor Encefalográfico de Reificação não eram mais injetadas na área da mente de Logan que continha as emoções, a memória e a autoconsciência.

Subitamente liberto do engodo hipnótico da máquina, a mente de Logan explodiu num tsunami psicodélico de imagens violentamente conflitantes; pensamentos caóticos, divergentes, e emoções intensas e profundas. Ele ficou imerso num devaneio alucinógeno por alguns segundos, mas com seu cérebro hiperativo, a passagem do tempo real não significava nada. Bombardeado por imagens, assaltado por sons, ele se debatia e gemia, incapaz de absorver e compreender o panorama caleidoscópico. Logo a ilusão confusa se tornou um ofuscante ponto de luz, brilhante como magnésio ardente, que expandiu sua mente conforme sua consciência retornava.

Ela reemergiu das negras profundezas do inconsciente numa coluna reluzente de brilho faiscante que se transformou numa escada giratória – uma passagem que descia em espiral até o mais profundo cerne de seu ser. A cada degrau da escada, um rosto, um nome, uma identidade – entretanto, todos eram o mesmo indivíduo, a mesma alma que habitava naquele corpo paralisado, imerso em dor, que sacudia e cuspiam bile e sangue no chão da sala do reator.

Deitado ali, esperando pela morte – faminto pela extinção, como forma de livrar-se da agonia perfurante dos últimos meses –, a mente do mutante foi inundada por visões espetaculares de violência, de ostentação, de glória marcial, e por uma figura brilhante bem no centro. Ele sabia que a morte não viria, pois era esse o seu fardo.

Ele viu todas as formas que possuía e todas as vidas que levava, todos os disfarces e máscaras que existiram, existem e sempre existirão como meras manifestações corpóreas do “eu” que era Logan. Meras formas físicas abandonadas como pele de cobra ao final de cada existência, enquanto o espírito seguia para ocupar uma nova forma, um novo invólucro, um novo indivíduo. E por esse breve momento, Logan conheceu e vivenciou todas elas.

Começou assim a mesclar seu passado com a história do mundo...

• • • •

*Eu sou...*

Envolvido por pele de animais e couro não curado, a pele coberta de argila

vermelha e pintura de guerra. Defendo-me do ataque violento dos Outros – aqueles que andam sob duas pernas, usam tacos e lanças, mas não são homens.

O rude machado de pedra em minhas mãos peludas, esmago crânios como se fossem ovos e, faminto após a batalha, me alimento dos corações dos inimigos e lavo-me em seu sangue.

Chamada de a Mão de Deus, brando uma espada feita de bronze. Meu escudo é de couro e chumbo. Lutei e morri nas areias do deserto de Jerusalém, derrubado pelo demônio Ba'al numa guerra santa há muito esquecida pela humanidade, embora seus ecos persistam por toda a eternidade.

Aqui eu morro com meu rei, Leônidas, fincado pelas flechas, enquanto as carruagens persas atravessam as defesas espartanas na passagem sob a montanha conhecida como Termópilas.

Em Carras, recuo com as legiões de Cássio, cortada em pedaços pelos partianos que enganaram os legionários, fazendo-os quebrar sua formação, depois massacraram as tropas romanas com a cavalaria.

Em armadura de metal polido, sobre as costas nuas de minha montaria, derroto os hunos que buscam destruir a civilização romana e mergulhar o mundo na ignorância e superstição da Idade das Trevas.

Cavalgo um pônei mongol até Samarcanda ao lado de Genghis Khan. Deixamos montanhas de crânios ressecados pelo sol e total desolação em nosso rastro. Semeadores de morte.

Com minha cota de malha, manchada pela ferrugem e pelo sal do suor, abro caminho até as paredes prostradas de Jerusalém junto dos Cavaleiros Templários. Coloco os infiéis sob minha espada e libero a Terra Santa em nome de meu mais santo pontífice, Urbano II.

Em Bosworth, uso uma rosa branca e morro na marcha durante o avanço sangrento de Lord Stanley.

Sou capitão dos mercenários, cerco Magdeburgo com os exércitos católicos romanos de Gustavo Adolfo. Ninguém podia nos impedir. Assolamos os defensores hessianos e destroçamos trinta mil protestantes, homens, mulheres e crianças.

Ambos os lados lutam pela glória de Deus. Eu luto para pilhar.

Mensageiros do vento tilintam com o ar frio da noite. O jardim explode em cristais de gelo. Uso um quimono azul-turquesa; minha pele é amarela. Danço sob os flocos que caem, a lâmina prateada reluzindo, sangue escuro de ninja manchando a neve virgem enquanto formas negras caem mortas aos meus pés.

Perfeitamente aplicados, meus golpes soltam um *haiku* de morte, cada corte, uma decapitação, cada ataque, uma evisceração.

Luto pelo imperador e por meu mestre *shogun*.

Cruzo os desertos do Egito e as estepes da Rússia com Napoleão. Nossos



triunfos, nossa crueldade são lendários, nossa fuga em meio a um inferno congelante, nossa penitência.

Em Vera Cruz, lembramo-nos do Álamo ao invadir o México pelo mar e derrotamos o exército mexicano em suas próprias ruas.

Morro numa vala poeirenta perto de um campo de trigo em um local chamado Antietam, depois volto à vida.

Nas paredes da antiga Pequim, fico lado a lado com heróis para combater uma horda de chineses armados que desejam a morte de todos os demônios estrangeiros.

Por 55 dias suportamos, com soldados da marinha dos Estados Unidos que derrotaram um império de 2 mil anos.

Sinto a madeira e o tecido de minha SPAD tremer sob as ruidosas submetralhadoras. Vejo um Fokker DVII implodir em pleno ar, suas asas queimando enquanto ele mergulha, girando, sobre o Fronte Ocidental abaixo, muito abaixo.

Apaixono-me por uma índia dos Blackfoot chamada Raposa Prateada.

Conheço Hemingway na Espanha.

Luto nas trincheiras, respiro gás venenoso.

Caio de paraquedas na Normandia no Dia D.

Guerreio na Malásia, Vietnã, Coreia, Laos, Camboja, França, Bélgica, Áustria, Alemanha, Japão, Afeganistão, Argélia, Istambul e Pequim.

Em Jerusalém, em Áccio, Roma, Paris, Fort Pitt, Yorktown, Moscou, Osaka, Cambrai, Flandres, Belleau Wood, Guernica, o Saara, Caen, Berlim, Dien Bien Phu e Hanói.

Todos eles eram eu... Eu. O Guerreiro Eterno. A Mão de Deus, o Mestre da Guerra. Um espírito imortal sem começo e talvez sem fim, apenas uma eternidade de sofrimento e esforço, a maré da batalha. Sem paz, sem descanso. Sem amor, sem família, sem casa. A espada é minha única amante; a bandeira conquistada na guerra, meu testamento.

Com pedra e madeira, com bronze e ferro, com metal e adamantium como minhas ferramentas, minhas armas, levo a vida do guerreiro, morro a morte do guerreiro mais de mil vezes. Minhas vidas se alinham atrás de mim num desfile, e posso ver todas elas, como finas silhuetas marchando sobre Gólgota.

Sofri sob a ponta da lança e a lâmina do machado, a espada que corta, a flecha que finca, o tiro da besta. Já me afoguei. Fui queimado. Crucificado. Explodido. Senti a mão do carrasco.

E no fim, tudo o que essa dor fez foi me levar a um fim que nunca é um clímax, apenas outro começo de um ciclo eterno, sem fim, de sangue e conflito, tão inevitável quanto o sol nascente, as fases da lua, o passar das estrelas, o cair da chuva.

Logan acordou de um longo sonho.

*Um desfile sem fim da morte... mas nada de alívio. Não para mim...*

Como fumaça, os relances de memória se dissiparam; os *insights* de estilhaçar a alma, a revelação da peculiar gênese de Logan e seu destino único esquecidos, enterrados no inconsciente por um dia, um século – ou talvez para sempre.

Com mãos cheias de sangue, Logan procurou alcançar a beirada do console do computador. Abriu os olhos, mas até o brilho fraco das luzes de emergência pareceram fortes demais, cegantes demais, e ele piscou várias vezes. Ficou de pé, erguendo-se sobre as pernas instáveis, e encontrou-se perante um cadáver.

Era um homem de meia-idade, com barba castanho-avermelhada, óculos redondos pendendo de um rosto arruinado, olhos fechados como se repousasse, lábios congelados estranhamente num meio sorriso.

– Conheço esse homem. De uma memória... de um sonho... um sonho de morte...

A voz de Logan, rouca pelo desuso, se tornou uma tosse forte. Tremendo sobre as pernas instáveis, ele ergueu as mãos e encontrou cabos pendurados nas bochechas machucadas. Sem cerimônia, arrancou-os, destacando as sondas de seu cérebro com um jorro de tecidos sangrentos.

Ele urrou de agonia, e a dor lhe serviu como lembrança de agonias mais recentes. Num assomo, a memória retornou. Rostos, formas e vozes familiares inundaram sua mente – inseparáveis, esses traços estavam ligados ao seu tormento, as vozes eram como um chicote que lhe arrancava a alma e queimava profundamente. Fizeram coisas com ele, essas pessoas, coisas que ele ainda não entendia. Sequestraram-no, drogaram-no, o cortaram em pedaços e colaram tudo de novo. E essa série de eventos inseparáveis continuava se repetindo num *loop* sem fim.

*E por isso, eles vão pagar...*

Mas, dominando sua mente, havia um rosto acima de todos. Um rosto de predador, magro e faminto, numa figura alta e magra. Traços aristocráticos, cabeça nua, óculos retangulares pelos quais miravam os olhos de um raptor selvagem.

*A lembrança da dor...*

Logan sabia que era o rosto de seu criador e torturador. Seu deus e seu demônio. A criatura que lhe roubara a humanidade para transformá-lo numa arma viva.

Era cabível, portanto, que o Professor se tornasse a vítima seguinte da Arma X.

# XVII • A TEMPESTADE

Paris, Fort Pitt, Yorktown, IV  
Wood, Guernica, o Saara

Guerreiro Eterno. A Mão d  
sem começo e talvez se  
forço, a maré da bata  
sem casa. A espada  
ra, meu testamento  
ferro, com metal e  
as, levo a vida do g  
es. Minhas vidas se  
elas, como finas si

quina do machado, a  
Já me afoguei. Fui  
arrasco.

me levar a um fim que n  
ciclo eterno, sem fim, de s  
cente, as fases da lua, o p

*ada de alívio. Não para*  
ória se dissiparam; os  
r gênese de Logan e s  
ente por um dia, um s

ocurou alcançar a be  
as até o brilho fraco  
is, cegantes demais, e  
sobre as pernas insta

**Carol Hines** digitou o código do Professor e abriu a porta de segurança. O Professor a guiou por um labirinto estreito, quente e serpenteante de corredores e dutos de ventilação até uma rampa de acesso. Subiram a inclinação até o centro de controle da instalação de derretimento de adamantium. Ela logo entendeu onde estavam.

– Professor, se pudermos liberar o núcleo, podemos pelo menos salvar o complexo.

– Claro, Srta. Hines. Esse é o meu plano. Afinal, o que poderia ser mais importante do que os dados que coletamos, a memória do Experimento X?

Passando direto pela porta fechada da sala de controle, saíram do corredor para uma das plataformas abertas acima das comportas de fissão do reator – uma estrutura circular, de muitos níveis, semelhante a um recipiente, com mais de cem metros de amplitude. No centro da máquina gigantesca, o fosso de exaustão, coberto de adamantium, descia cinquenta metros e era coberto por uma grade de metal. Passarelas cercavam toda essa configuração; o Professor e Carol Hines encontravam-se na mais alta.

Cinquenta metros acima de suas cabeças, o teto canalizado brilhava, âmbar, em pedaços, conforme fagulhas de fogo e despojos explodiam por entre as barras de metal, espirrando magma metálico pela grade do fosso de exaustão abaixo.

– A contenção já está rachando, Professor. Devemos abrir as comportas de fissão antes que todo o complexo derreta.

– Sim, Srta. Hines, mas temos que atrair Logan ao fosso de exaustão primeiro.

– Mas, senhor, não temos muito tempo!

Os olhos do Professor brilhavam com uma astúcia feroz.

– Preciso de algum atrativo, entende? Alguém que atraia Logan para o fosso. Não entende? Ele seria incinerado em segundos.

Carol Hines olhou para o Professor, tentando compreender o que ele dizia.

– Desculpe, senhor?

O Professor avultou-se sobre a moça.

– Sim, é verdade, Srta. Hines. Sinto muito. Muito mesmo. Vamos pensar um pouco nas opções. Está claro o que você precisa fazer...

Carol Hines retraiu-se quando uma chuva de faíscas explodiu das placas de metal acima das cabeças deles. Um baque alto seguiu-se: pedaços de cano derretido mergulharam no fosso de exaustão, numa bola derretida vermelho-alaranjada.

- Srta. Hines. Sei que trabalhou muito pelo nosso Experimento X...
- Sim, senhor. Obrigado.
- Você foi uma verdadeira bênção para o bom Dr. Cornelius também...
- Oh, pobre Dr. Cornelius.

A moça ficou com os olhos cheios de lágrimas.

– Sim. Ele deu a vida pelo projeto... Ora, ousou dizer que você faria o mesmo, não faria, Srta. Hines?

- Senhor?
- Dar sua vida.

Finalmente, Carol compreendeu as intenções que ardiam por detrás dos olhos do Professor e o papel que exerceria nesse ato final. Dessa vez, entretanto, recusou-se a ser uma voluntária dócil e complacente com sua própria destruição.

- Não. Não, senhor. Não quero morrer.

Sua voz, até para seus ouvidos, soou surpreendentemente forte.

O Professor fixou o olhar nela. Um olhar odioso – irritado, desapontado, parental. Embora assustada, Carol Hines não se abalou, enfrentando o olhar do cientista com o seu.

- Isca, Srta. Hines. Preciso de uma.
- Por que... Por que quer me machucar, Professor?
- Porque, minha querida...

O Professor atacou, surpreendendo a moça. Antes que pudesse recobrar o equilíbrio, Carol Hines tombou por cima do corrimão.

- ... não tem outro jeito.

Ela gritou o tempo todo, até que seu corpo colidiu com a grade de metal montada acima do fosso de exaustão.

– Não quebre o pescoço, querida – disse o Professor –, porque quero que grite e berre e atraia aquela fera irracional para o fosso.

Enquanto falava, o Professor subiu uma escadaria que levava à cabine de controle. Antes de entrar na estrutura de vidro à prova de som, virou-se e gritou seu adeus à mulher que relegara ao fosso.

- Vamos, Srta. Hines, grite. Pense no horror de tudo. Use sua imaginação.

No fundo do fosso de exaustão, Carol Hines ergueu-se nos cotovelos e balançou a cabeça para recobrar-se. Tentou se levantar, mas a perna estava dobrada num ângulo esquisito e não podia suportar seu peso. Quando olhou para cima, viu o Professor pelos painéis de vidro. A boca dele se mexia, mas ela não escutava as palavras. Então Carol Hines levou os olhos ao teto, onde metal derretido começava a pingar, formando brilhantes picos alaranjados. E começou a gritar.

O Professor viu a boca da moça aberta e riu.

- Agora sim, Srta. Hines. Bravo!

Uma voz eletrônica interrompeu a zombaria do cientista.

– Controle operando.

– Computador, ative uma conexão por satélite com o Diretor X... Código 324 Ômega 99 plus.

– Ativada.

– Agora faça uma análise térmica atual.

– 230 mil em 70 mil metros cúbicos.

– Sugestão sobre esses números?

– Abrir comportas imediatamente.

– Inicie a sequência e me passe o controle manual.

Ao falar, o Professor estendeu a mão que lhe restava e pegou no controle manual à frente.

– Transferido. Iniciar liberação...

O Professor aproximou o rosto do microfone.

– Quero que escute isso – disse. – Quero que escute o fim dos seus sonhos, e do meu.

No nível diretamente acima da comporta de fissão houve uma explosão e uma porta voou para fora. No centro do estouro estava Logan, envolvido pelo brilho. Aparentemente intocado pelo fogo que espiralava a seu redor, o mutante avançou pelas chamas até ver a mulher amedrontada. Com um rugido gutural, ele saltou para cima da amurada a fim de observá-la.

– Vamos, criatura. Entre no fosso – gritou o Professor, cujos gritos eram abafados pelas paredes de vidro. – Vou torrá-lo como um bacon, como o mutante imundo que é.

Logan farejou o ar, como se sentisse a armadilha. Carol Hines choramingava tentando se levantar, atraindo a atenção do mutante. Grunhindo, ele saltou do corrimão e pousou agachado na grade de ferro, bem na frente dela. Lentamente, Logan andou para a frente, ameaçando-a, as seis garras estendidas.

Cambaleando enquanto tentava recuar, a voz da moça saiu quebrada, entrecortada pelos soluços:

– Sr. Logan... Não sei se pode me entender... Eu não... não quero morrer.

Os olhos de Logan estavam escancarados e alertas, mas não havia indício de que ele compreendia suas palavras.

– É... é a dor, Sr. Logan... Não suporto dor. Fui queimada uma vez... Produto químico... Nunca esqueci a dor...

Na cabine, o Professor suspirou, com desgosto.

– Meu Deus, Srta. Hines, não implore. Você está vivendo os últimos momentos de sua existência inútil. Não os desperdice suplicando a um animal demente. Que indigno.

Carol Hines tropeçou e desabou na grade. Em vez de tentar se levantar, desviou os olhos e cobriu a cabeça com as mãos.

– Sei que quer me matar – ela soluçou. – Mas, por favor, mate-me rápido. Eu imploro.

Um grunhido animalesco saiu da garganta de Logan, mas emergiu como palavras roucas.

– Eu... entendo... enten... do... você...

Esperançosa, Carol Hines olhou para ele.

– Você não... significa nada... para mim – murmurou Logan.

Ele virou lentamente a cabeça até encarar o homem dentro da cabine.

– Eu quero ele...

O Professor puxou a alavanca, e o display digital piscou passando de pronto para liberando.

Acima deles, o teto de metal brilhante se abriu como uma concha. Carol Hines olhou para cima e viu uma dúzia de bocais ferventes, como o escape de um foguete. De uma só vez, os bocais se abriram.

– Meu Deus! – ela gritou. – Ele abriu. Abriu as comportas de fissão!

Ela ficou de pé, mas a perna quebrada impediu que corresse. Enquanto o metal derretido e ondas de radiação invisível choviam sobre eles, Carol usou seus segundos finais na Terra não para se acovardar, mas para avisar ao homem que ela torturara deliberadamente que se salvasse.

– Corra, Sr. Logan... Corra!

E então, metal derretido, fervendo, produtos químicos superaquecidos e ondas de radiação choveram sobre Carol Hines até que ela desapareceu numa explosão de fogo.

De algum lugar, a voz eletrônica do computador ecoou pelas instalações.

– Descarga: 240.000 megatermais em 70.000 metros cúbicos. Taxa atual: 700 FPS. Velocidade: 2000. Confirmado.

Na cabine, o rosto raivoso do Professor estava aceso com uma alegria selvagem.

– Confirmado – ele disse ao computador.

Em seguida, olhou para o microfone:

– Aqui é o Professor – disse ele no comunicador via satélite. – O Experimento X foi destruído, e fui eu quem o destruiu. Escutou? Derrotei você, seu traidor filho da...

– Prosseguindo purificação – disse o computador –, 600 FPS...

– Cumpri cada ordem sua! Mesmo assim você se virou contra mim...

– Sobrecarga de sistema... 400... 300... 200. Taxa térmica não crítica. Sequência de purificação cancelada.

– O quê? – rugiu o Professor. – Você... você está controlando as comportas de

fissão, não está?

– Sequência de purificação cancelada... Comportas de fissão livres de radiação. Temperatura: 407 graus... 3-50...2-0-0...

– Meu Deus – gemeu o Professor. – Há algo que não possa fazer?

• • • •

Quando Carol Hines gritou seu último aviso, milhares de roentgens de radiação ionizada choveram sobre Logan, queimando sua pele, fervendo seu sangue. Vagamente, como se muito distante, ele ouviu os gritos da mulher morrendo entre o clamor das comportas de fissão, viu sua fina silhueta desaparecer enquanto onda após onda de energia inimaginavelmente destrutiva era liberada, até que seus olhos começaram a queimar, e seus tímpanos cauterizaram e viraram cinzas.

Então, com um grito de agonia, Logan caiu sobre as mãos e joelhos, recebendo mais radiação com jorros de metal derretido e gotas de adamantium que vazavam da cuba de contenção do teto. Seus gritos cessaram quando seus pulmões chamuscaram e suas cordas vocais foram queimadas. A respiração lhe vinha em arquejos engasgados, violentos.

Logan foi literalmente esfolado vivo pelo fogo. Camadas de pele, músculo e tendão cozinham num átimo de segundo. Mas assim que cada célula, cada terminação nervosa era incinerada, mais tecido nervoso, mais células eram geradas por sua biologia fenomenal para substituir as destruídas. Esse renascer de fênix acelerava à medida que mais roentgens de radiação pura o atingiam. A pele e os músculos de Logan pareciam deixar de existir e ressurgir, fazendo dele um esqueleto de metal ambulante, queimado às cinzas e restaurado, apenas para ser incinerado mais uma vez.

A radiação tem afinidade por tecido ósseo, e mesmo uma dose única de radiação de poucos 25 roentgens produz uma queda detectável na circulação de linfócitos – os glóbulos brancos. Exposição continuada iniciará rapidamente um câncer até mesmo no indivíduo mais saudável, o que significava que a quantidade elevada de radiação encharcando Logan não apenas teria matado o mutante dez vezes seguidas como causado síndrome de radiação aguda e fatal, caso ele sobrevivesse por milagre.

Contudo, o adamantium selava seus ossos, protegendo com eficiência sua medula óssea dos danos da radiação, mantendo um número suficiente de células vivo e funcionando dentro de seu corpo destruído para perpetuar seu extraordinário ciclo de cura e renovação após cada novo ferimento, cada novo tormento.

Conforme a agonia pura perpassava cada terminação nervosa de seu corpo, Logan ergueu-se, desafiador. Com os músculos tesos e queimados, com tendões crispados pelo fogo, ele cambaleou na direção da cabine de controle. Através dos olhos



leitosos e borrados pelo calor, viu o Professor dentro da jaula de vidro, socando com a mão que lhe restava e gritando com o microfone. Embora cada passo demandasse esforço tremendo, cada movimento causando dor excruciante, uma tortura ainda mais poderosa motivava Logan.

Mesmo com os dedos curvados e reduzidos a ossos sob o fluxo de energia devastadora, Logan usou as garras de adamantium para escalar – ou arrastar-se, melhor dizendo – a escada de metal. Na janela, ele viu seu reflexo – uma efígie viva, brilhante, ardendo a cada passo vingativo.

Do outro lado do vidro, o Professor sentiu os olhos de Logan em suas costas. Ele se virou e viu a Arma X, ainda viva, ainda avançando sobre ele como um incansável cão violento, ferido, mas determinado a atacar aquele que o maltratara.

– Deus do céu – exclamou o Professor. – Ainda está transmitindo. Controlando um cadáver... um morto ambulante!

Com um baque horrível, o vidro explodiu para dentro numa chuva de estilhaços cristalinos. O Professor recuou, erguendo o toco sangrento para defender-se das lascas afiadas que choviam em cima dele.

Caiu no chão quando Logan pousou, pernas tonificadas, avultando-se sobre o cientista. Com as garras estendidas, o mutante agarrou o homem pelo colarinho com mãos negras e cheias de bolhas e ergueu-o até que seu rosto destruído e fumarento estivesse a centímetros do Professor.

– Estou morto? – Logan perguntou. – Foi isso que... fez comigo?

Ele encarava o Professor bem nos olhos. Viu medo e loucura ali.

– Cadáver? – Logan grunhiu feito um fantasma atormentado. – Um zumbi, é isso o que sou?

O Professor escancarou os olhos ao fitar com ódio aquela coisa furiosa, em chamas. Ele cuspiu desafio no rosto de Logan, depois agitou os braços para se libertar.

– Eu lhe digo o que é... Você é... um animal...

As palavras do Professor detonaram a mente de Logan. Ele gritou:

– Eu sou Logan! Logan! Está me ouvindo? Eu sou um homem... – Logan ergueu o cientista por sobre sua cabeça. – E você... você é o animal! Você é meu monstro!

Com um baque e o barulho de ossos quebrando, o Professor caiu por cima do console. Choramingando, ele deu as costas a Logan para acessar o comunicador.

– Segurança! Segurança! Socorro! – gritou ele. – Pelo amor de Deus...

Logan golpeou para baixo, partindo a mão do Professor que restava, separando-a do pulso. Ao retrair a garra, uma porção do sangue do Professor espirrou no console. O líquido carmesim nem chegou a molhar muito a superfície onde caíra, como se não houvesse muito dele no homem para jorrar de verdade.

Com a radiação se esvaindo, a pele de Logan começou a reformar os músculos

fibrosos e rosados. Suas feições começaram a reaparecer, embora a carne estivesse cavada e cheia de bolhas e ele ainda não tivesse cabelo nem orelhas. Com os punhos sinuosos, sem carne, ele agarrou o Professor pela garganta e colocou-o de pé. O homem gemeu e tentou se libertar. O esforço mal fez tremer as mãos de adamantium de Logan.

O Professor fechou os olhos e gemeu de novo. Logan sacudiu-o para que acordasse. Quando o cientista fitou os olhos de monstro do mutante, seus lábios regenerados curvaram-se, e ele riu.

– Agora nós dois estamos ferrados. Acha que isso nos deixa quites?

O Professor desviou os olhos dos de Logan, murmurando uma resposta quase inaudível.

– Não.

Três estacas prateadas reluzentes brotaram do punho de Logan. O Professor observava horrorizado enquanto as garras deslizavam lentamente de suas bainhas nos grossos músculos. Quando o sorriso de Logan se transformou em uma máscara de raiva e desejo de vingança, o Professor chutou e se debateu, incapaz, inútil. E começou a urrar, um lamento longo e sofrido de morte, angústia e até arrependimento.

Sustentando o homem que se debatia apenas com a mão esquerda, Logan mergulhou as garras na virilha do Professor. O homem escancarou os olhos e berrou feito um porco eviscerado. Lentamente, Logan deslizou as garras do corpo do cientista, depois enfiou de novo, dessa vez lancinando o Professor na barriga. Ele soltou a cabeça, entortou os olhos e tossiu uma bile avermelhada.

Logan golpeou outra vez, e mais uma, e novamente – perfurando o coração, os pulmões, a garganta. Finalmente, ele ergueu o braço, tocou a testa pálida do Professor com as pontas das garras e então – lenta e deliberadamente – enfiou as lâminas no crânio, atravessando o cérebro. O Professor deu uma única sacudidela e Logan largou seu corpo no chão.

– Agora sim, estamos quites... Sacou, maldito? Agora estamos quites...

Ainda com raiva, Logan curvou-se e ergueu aquele corpo mole do chão. Com os braços soltos do Professor morto, os óculos tortos, Logan arremessou-o pela janela quebrada para o fosso em chamas. A carcaça do Professor atingiu o portão superaquecido e, com um sibilo de vapor, desintegrou-se.

Soltando um som grotesco, misto de rugido e risada, Logan deu as costas para a janela estilhaçada e deu um passo à frente. Subitamente, toda a sala pareceu sair de eixo. Tomado por um assomo de náusea e um jorro de dor lancinante dentro do crânio, o mutante levou as duas mãos à cabeça. E então, sem emitir nenhum som, desabou no chão.

Sua primeira sensação consciente foi de dor. Cautelosamente, Logan abriu as pálpebras e estreitou o olhar, vendo por entre as lágrimas um brilho branco ofuscante.

– Calma, amigo. Devagar – disse uma voz rude, perto dele. Uma mão grossa tocou-o na testa. – Sou eu...

– Langram?

Viu uma silhueta grande, cuja sombra bloqueava a luz que vinha do alto.

– Eu não sabia que você se importava, Logan.

O mutante tentou sorrir, mas doía demais.

– Na verdade, eu vim te resgatar...

Langram levou o dedo à boca e acenou para o *spot* de luz com a cabeça.

– O pessoal aqui é muito esclarecido – avisou.

Obviamente, a cela estava grampeada, talvez lotada de câmeras de vigilância acopladas na iluminação.

– Estamos na cadeia?

– Somos prisioneiros, se é isso que quer dizer.

– Como estão te tratando? – Logan perguntou, ainda deitado.

– Melhor do que você, pelo que estou vendo. Vem, vamos te levantar.

Logan apoiou-se nos cotovelos e piscou sob o brilho fluorescente.

– Eles não acreditam em “luzes apagadas” por aqui, não?

Langram ergueu o olhar para o conjunto de lâmpadas acima deles.

– Acho que a ideia é fazer tortura psicológica, algo assim. Me lembrou meu último emprego. O negócio mete medo.

A sala espartana consistia num piso de concreto cru, paredes de um amarelo pálido, teto alto, uma porta, nenhum móvel e uma cuba de latão no canto fazendo as vezes de latrina.

Logan verificou o próprio corpo, sentindo as pernas doloridas e o tronco machucado. Nenhum osso quebrado. Talvez uma ou duas costelas rachadas. Sentia-se tonto e nauseado; provavelmente sofrera uma concussão. Resumindo, nada muito ruim.

O traje camuflado estava rasgado e ensanguentado, o cinto de utilidades, a faca e a bússola-cronômetro de pulso haviam sumido, e os bolsos estavam vazios.

Logan finalmente sentou-se, apoiando-se nos braços.

– Dá uma olhada na sua mão direita. Acho que está fraturada. Os ossos em torno do pulso parecem estar fora do lugar.

– Meu braço até que está bom, considerando como dói o resto.

– Bom, Logan, sorte sua não termos espelhos aqui, ou você se sentiria muito pior.

Enquanto falava, Langram coçou casualmente o queixo machucado, e então apontou para a esquerda com o dedão. Logan deixou seus olhos vagarem enquanto escutava o parceiro, e olhou para o que este apontava. A cela não passava de um armário de metal embelezado. A porta era de metal, com uma pequena janela de fios acoplada perto do topo.

– Confortável. Faz quanto tempo que estou aqui?

– Algumas horas. Dois soldados coreanos trouxeram você e te jogaram no chão. Pensei que estivesse morto, mas você parece ter se recuperado muito bem.

Enquanto Langram falava, mandava para Logan uma série de sinais pré-arranjados por meio de gestos de mão e corpo aparentemente inocentes, truque conhecido pela maioria das forças especiais em todo o mundo. Ao falar sobre como o parceiro fora jogado inconsciente dentro da cela, Langram também gesticulava, caminhando para trás com os dedos, sobre a própria perna, sinalizando que até o momento seriam obrigados a permanecer na cela.

Em seguida, fez um gesto de corte sobre sua garganta, e Logan quase sorriu.

Missão cumprida... Langram havia descoberto exatamente o que os coreanos andavam aprontando.

Finalmente, ele bocejou e se espreguiçou, depois brandiu os dois braços uma vez.

*Então os coreanos não sabem nada do nosso plano de fuga de verdade, só o que estava na pasta da missão. Já estamos a meio caminho de casa – basta sair desta cela...*

Logan queria contar ao parceiro sobre Miko Katana, da EEA, que já devia estar em algum lugar, dentro do complexo, trabalhando para libertá-los. Mas trocar esse tipo de informação era impossível quando o inimigo estava assistindo e gravando cada palavra, cada gesto.

Ele também queria saber o que o parceiro descobrira – o que os norte-coreanos estavam fazendo de verdade naquelas instalações.

*Pelo visto, vou ter que esperar pelo relatório pós-ação...*

– Tem mais alguém preso neste muquifo?

Langram tirou uma meleca imaginária do nariz com o dedo indicador da mão direita.

– Ninguém em especial.

*Um prisioneiro... alguém importante para os coreanos. Deve ser o pesquisador japonês pelo qual Miko está procurando.*

– Quando servem o rango por aqui?

– Aqui – Langram entregou um baldinho de madeira. – Guardei um pouco pra você.

Logan fez careta ao sentir o cheiro forte de *kimchi* – repolho velho em conserva – misturado com temperos quentes e o odor doce e enjoativo de carne podre.

– Obrigado – ele disse, sem ironia. Avidamente, meteu a massa pútrida dentro da boca com as duas mãos.

Uma hora depois, ouviram um som do outro lado da porta. A trava estalou.

– O-oh, visitas – sussurrou Langram.

Ele sentou-se depressa e deslizou pelo chão vazio, de costas para a outra parede. Logan fez o mesmo.

A porta de metal pareceu levar muito tempo para ser aberta, mas quando finalmente se abriu, os dois homens foram pegos de surpresa.

Logan ficou tenso.

– Miko?

– Hã? – Langram grunhiu.

Com arma em punho, a agente japonesa parou na porta. Assim que abriu a boca para falar, alarmes dispararam e ecoaram por todo o edifício.

– A equipe de vigilância a viu – Logan exclamou. – Vamos dar o fora daqui!

– Conhece essa garota?

– Não dá tempo de apresentar. – Logan gritou. – Vamos!

Fora da cela havia um corredor isolado feito de concreto, com diversas portas em cada lado. Por cima dos berros do alarme, Logan escutou passos pesados. Um oficial coreano entrou no corredor e levou um tiro bem no olho, disparado por Miko. O corpo do homem sacudiu e bateu na parede. Antes de o soldado desabar no chão, Logan arrancou o revólver do coldre dele.

– Que aconteceu? – Miko gritou para se fazer ouvir por cima do alarme.

– Acho que os norte-coreanos viram você pela câmera de segurança da nossa cela – Logan respondeu.

– Desculpe, Logan-san.

– Não precisa pedir desculpas. Eu já estava cansado desse lugar mes...

Ele parou para atirar. Na extremidade oposta do corredor, um soldado coreano largou sua AK-47 e desabou no chão. Quando a arma quicou no concreto, Langram mergulhou, deslizou pelo piso e a pescou. Um jorro de tiros automáticos perfurou as paredes atrás dele.

Ele deu uma cambalhota e atirou na curva do corredor. Logan e Miko ouviram um grunhido, e outro soldado caiu enquanto mais dois recuavam. O parceiro de Logan atirou de novo, e a sirene cessou abruptamente.

– Droga, odeio alarmes – disse Langram.

Ele se levantou e chutou a submetralhadora do soldado, que deslizou para perto de Logan. Langram juntou-se aos outros um instante depois, seguiram correndo por um longo corredor e depois fizeram uma curva.

– Cuidado! – Miko avisou.

Logan virou e viu um homem lançar-se sobre ele de uma porta lateral, portando

uma baioneta.

– De novo, não – Logan rosnou. Ele jogou a arma para longe, meteu o cano de sua metralhadora no rosto surpreso do homem e puxou o gatilho. Uma explosão de sangue e gosma cinza de cérebro decorou a parede, e o homem caiu de costas.

– Devemos nos apressar – disse Miko.

– Miko...

Era uma voz fraca, vaga, mas bastou para deter a mulher. Ela gritou algo em japonês, e a voz respondeu no mesmo idioma.

– Que diabos está acontecendo? – Langram perguntou a Logan, os olhos fixos no corredor atrás deles. – Por que paramos?

– A Miko é agente da Equipe Especial de Ataque japonesa. Também está em missão.

Langram ergueu a sobrancelha.

– Lotado isso aqui, hein?

– Miko... – a estranha voz dentro da cela disse, dessa vez mais alto.

– Estou aqui – Miko exclamou. Ela fuçou dentro do bolso e sacou uma gazuia. Logan e Langram se posicionaram cada um de um lado dela. Em menos de cinco segundos ela destravou a cela. Quando a porta se abriu, um fedor horrendo entranhou-se em suas narinas.

No chão, um japonês de meia-idade deitado sobre uma poça com seus próprios resíduos. A cela era similar à de Langram, mas nojenta. Comida seca e excrementos incrustados no piso. O odor de urina permeava as paredes, e um cheiro podre grudava-se em todo canto. Os braços e as pernas do homem haviam sido quebrados, com os ossos ainda se projetando para fora da pele. Esta, por sua vez, estava roxa e preta em torno dos ferimentos, e a gangrena devorava seus órgãos vitais.

Apesar da visão e do cheiro horrendos, Miko correu para dentro.

– Pai! – ela soluçou, agachando apressadamente ao lado do homem.

Logan assistiu à trágica reunião com uma expressão muito séria.

– Você sabe quem é ele?

– Sei – Langram respondeu. – Se chama Inoshiro Katana. *Expert* em compressão química. Ouvi os oficiais falando dele quando acharam que eu tinha apagado durante o interrogatório.

Logan assentiu.

– Podia também me falar o que está acontecendo neste lugar, porque não vamos sair vivos daqui.

Quando Langram tornou a falar, ele fitou o corredor, onde tinha certeza de que o inimigo estava se reunindo para caçá-los.

– Os norte-coreanos estão produzindo sarin, o agente nervoso. Vi tanques de tricloreto, fluoreto de sódio, fenil acetonitrila...

– E pra que esconder? – Logan perguntou. – A Fábrica de Químicos Kanggye manda toneladas desse troço para os militares norte-coreanos. Todo mundo sabe disso.

– Eles estão trabalhando com um sistema de transmissão binário aqui. Dois agentes neutros estocados num recipiente menor. As duas substâncias são inofensivas, mas se combinam para formar o sarin quando usadas. Estão tentando colocar bastante veneno num recipiente do tamanho de uma lata de sopa. Por isso o Dr. Katana é tão importante para eles.

Passadas pesadas trovejaram do lado oposto do longo corredor. O barulho vinha acompanhado por vozes exaltadas. O tilintar das armas e o clique de dardos disparados ecoou até eles.

– Eles estão vindo – Langram avisou. – Temos que ir se quisermos pelo menos tentar escapar...

Logan viu Miko afagando os cabelos do pai.

– E ele?

Langram fitou o homem largado dentro da cela.

– Que acha? A gente não pode levá-lo, nem deixá-lo aqui.

– Miko – Logan chamou. – Estão vindo.

– Meu pai, não posso...

– Não, Miko. É preciso – disse o pai, de modo ríspido.

– Mas não posso deixar você aqui.

Subitamente, a expressão de dor do homem se tornou séria. Suas palavras eram uma reprimenda, como se ele se dirigisse a uma adolescente problemática.

– Não, não pode me deixar aqui, Miko. Você sabe o que deve fazer.

– Não, eu...

– Você deve. Pela minha honra. Pela honra da família.

– Lá vem eles! – gritou Langram, abrindo fogo. O barulho da AK-47 era de ensurdecer naquele corredor apertado. No final, diversos soldados apareciam apenas para tombar, cheios de furos sangrentos. – Granada! – gritou.

O projétil quicou no chão, aos pés de Logan, que chutou o explosivo de volta para o dono. Alguém gritou. A explosão chegou até eles, enchendo o corredor estreito de fumaça sufocante.

Com os ouvidos zumbindo, Logan projetou a cabeça pelo canto do corredor.

– Recuaram. É a nossa chance – gritou.

– De ir para onde? – Langram perguntou.

Logan apontou para o corredor pelo qual acabaram de passar. A explosão soltara uma das portas de suas dobradiças. Em vez de outra cela, havia um lance de escadas.

– Para onde isso leva?

– Quem se importa? – Logan deu um chute no traseiro de Langram para colocá-lo em movimento, e o homem correu pelo corredor livre enquanto balas quicavam nas paredes, no chão. Ele mergulhou pela abertura. Logan devolveu os tiros. Langram meteu a cara pela porta um segundo depois. – É uma saída!

Logan olhou para o interior da cela.

– Miko, a gente tem que...

As palavras ficaram presas em sua garganta quando Miko apontou a arma para a cabeça do pai. O homem fitava o cano do revólver com os olhos firmes. A mão dela tremia um pouco, apenas. Antes de apertar o gatilho, a mulher firmou o braço e desviou os olhos. O tiro, embora esperado, fez Logan retrair-se. O Dr. Katana se contorceu, depois caiu, imóvel.

Tendo concluído sua triste missão, Miko afastou-se do cadáver largado no chão e passou rapidamente por Logan. Sua expressão era grave; a moça se recusou a trocar olhares com ele.

– Pra onde vamos? – ela perguntou.

– Por aquela porta, pra cima.

Atirando para cobrir a passagem, ele e Miko dispararam pelo corredor e subiram as escadas.



# XVIII • PONTO CRÍTICO

– Temos um problema aqui – gritou Langram.

Logan ouviu uma porta de ferro bater no alto da escada. Com Miko protegendo a retaguarda, o mutante subiu os degraus de dois em dois e se lançou para fora atravessando a escotilha. A noite estava fresca e clara. A umidade do lago pesava no ar. Logan emergiu de um dos tanques de “estoque de combustível” no meio de um campo. Havia vinte ou mais tanques similares ao redor. Nenhum tinha combustível, no entanto. Muitos eram cascos vazios, outros escondiam chaminés e dutos de ventilação que levavam ar para os túneis subterrâneos.

*Pela primeira vez a inteligência acertou, pensou Logan. A fazenda de tanques é só disfarce para esconder a fábrica de gás venenoso.*

Miko emergiu da escada e silenciosamente fechou a escotilha.

– Os soldados passaram por mim, foram pelo corredor. Acho que não sabem que estamos aqui fora.

– Logo vão saber.

Logan ouviu um grito e viu Langram, a alguns metros dali, lutando contra um soldado nas sombras. Os dois seguravam uma única AK-47, cada um tentando tomar o rifle automático do outro. Outro coreano jazia imóvel no chão. Antes que Logan pudesse reagir, Langram deu um chute, e um osso se quebrou. O norte-coreano foi ao chão, joelho destruído. O agente tomou o rifle e apontou.

Logan avançou. O soldado tentou se levantar, mas o mutante esmagou a laringe do homem com o cotovelo. O coreano chutou o nada, sufocando até morrer. Seus lábios moveram-se um pouco, mas não soltaram nada além de um gorgolejo. Langram manteve o soldado no chão, pisando nele, até que ele morreu, sem dizer nada, de olhos abertos. Foram longos noventa segundos.

– Que bom que veio – disse Langram, cansado.

– Atirou nele? – Logan perguntou, gesticulando para o outro homem morto no chão.

– Estava sem munição. Meti o cano do rifle no olho dele.

Logan viu a AK-47 no solo com o cano ensanguentado.

– Legal – sussurrou. – Ninguém ouviu a gente ainda...

Miko aproximou-se dos dois homens, arma em punho. Ela analisou cuidadosamente a área com os binóculos de visão noturna.

– Limpo.

Langram e Logan revistaram os corpos.

– Uma AK-47, dois pentes.

– Uma 47 aqui – disse Langram. – Um pente. Logo vou ter que lutar mano a mano.

– Preciso de uma faca – Logan grunhiu.

Langram jogou para o parceiro um cinto com uma baioneta coreana e uma bainha. A lâmina era do tamanho do antebraço de Logan, fina e afiada. O mutante prendeu o cinto na cintura, sacou a faca e girou-a na mão.

– Serve.

– Logan, ali – Miko disse suavemente.

Logan pegou os binóculos da agente e logo viu um transportador blindado coreano grande o bastante para carregar dez homens. O veículo parou numa via de acesso a menos de cem metros deles, parcialmente obscurecido por um tanque de estocagem. A escotilha traseira do veículo estava aberta; o piloto, no asfalto, apoiado em um dos pneus extragrandes, fumava um cigarro. Entre os sons da noite, Logan pôde ouvir o motor malcuidado ligado à toa e farejou a exaustão.

Entre eles e a estrada havia diversos tanques de estocagem, cada um do tamanho de uma casa pequena.

*Melhor passar por eles sem fazer muito barulho.*

– Essa é nossa passagem de ida – disse Logan, mostrando o veículo a Langram. Depois se dirigiu a Miko: – Tem horas?

Ela checkou o cronômetro.

– Zero-dois-quarenta.

Langram e Logan sincronizaram os antiquados relógios de corda que tiraram dos soldados mortos, depois os colocaram no pulso.

– Temos uma hora e noventa minutos pra chegar ao ponto de extração, a quatro quilômetros aqui – Logan disse a Miko.

Ela pareceu despreocupada.

– Vamos pegar aquele veículo?

– É melhor, ou nunca vamos chegar no local, a não ser que a gente corra. Tem um helicóptero vindo buscar a gente, e se não chegarmos ao ponto de extração, perdemos a carona.

Ela assentiu, o rosto neutro.

– Miko – disse Logan, aproximando-se. – Queria que soubesse que sinto muito...

Ela o interrompeu.

– Não quero falar disso. Fiz o que tinha que fazer, e farei o que tiver que fazer...

– Você vai conseguir sair daqui – disse Logan. – Com a gente. Vai conseguir, e a gente também.

– *Hai.*

Miko não cruzou seu olhar com o de Logan, mas ele viu a morte nos olhos dela.

Já a vira nos rostos de muitos outros guerreiros japoneses que conhecera, na época em que lutavam uns contra os outros, contra os russos, os coreanos – basicamente, contra todos que viam pela frente.

Embora houvesse mais japoneses modernos fazendo carros e equipamentos de vídeo, Logan sabia que, para nacionalistas como Miko, o código de samurai do Bushido ainda vivia, ainda exercia uma poderosa influência sobre suas vidas. *Miko acreditava na honra, dever – e provou isso pelas atitudes arriscadas de hoje à noite.*

Langram baixou os binóculos e entregou-os para a mestiza.

– Aquele soldado com certeza está sozinho ali – disse. – Vai ver esses presuntos eram colegas dele, e ele está esperando que voltem da ronda. Eu digo para cercarmos ele logo, antes que acorde e note que os companheiros não voltarão.

Logan concordou.

– Então qual é o plano?

– Vocês vão pela esquerda, eu corto ao redor do tanque ali e dou a volta. A gente pega o piloto em... – Langram fitou seu relógio – quatro minutos. A não ser que eu chegue lá primeiro.

– E se ele sair dirigindo? – Miko perguntou.

– A gente dá tchau – disse Langram. E saiu andando.

Miko e Logan circularam cautelosamente o “tanque de estocagem” – basicamente, apenas um casco de madeira – e alcançaram o transportador de pessoal bem a tempo. Langram estava lá esperando. Já tinha cuidado de tudo.

– Cadê o piloto? – Logan perguntou.

– Numa tumba. Bem morto – Langram respondeu. – Eu o plantei no meio dos arbustos.

Langram subiu no transportador e passou para o compartimento do piloto enquanto Logan fuçava no baú de armas, onde encontrou a submetralhadora do piloto, outra no compartimento de bagagens e uma bolsa de couro com munição pendurada num assento. Da cabine, Langram jogou uma lanterna e uma sacola de bolinhos de arroz no assento rasgado, depois tirou um mapa envolto em plástico de uma caixa de metal e o abriu.

– Melhor do que o do Triplo A, parceiro.

Enquanto os homens estudavam o mapa, Miko ficou quieta num canto, abraçando as pernas, a arma pendurada numa das mãos.

– Estamos a menos de quatro quilômetros – disse Logan. – Pegue essa estrada, siga pelo rio, passe por essa vila de pescadores e atravesse os morros.

– Acho bom esse helicóptero estar esperando a gente – disse Langram, pulando para o assento do piloto. Ele engatou a marcha e o veículo avançou, girando os seis pneus imensos. Langram rapidamente deu a volta e seguiu na direção oposta.

Logan sentou no lugar ao lado do parceiro e deitou a submetralhadora no colo. Miko tinha outra AK-47 presa nas costas, com o estojo de munição no ombro. Ela ergueu o corpo e espiou placidamente pelo vidro à prova de balas a estrada adiante.

– Tem uma estrada, mas não tem portão nenhum nesse lado do complexo – disse Logan, vendo o mapa de novo. – Vamos ter que fazer um.

– Por aquela cerca – disse Langram.

– Sabe que isso vai alertar os coreanos.

– Não olhe agora, mas acho que já estão alertas! – Langram gritou, mudando de marcha e pisando no acelerador.

De um tanque de estocagem falso diretamente à frente deles, uma dúzia de soldados irrompeu de uma porta de metal. Liderando-os estava um oficial portando uma pistola, gesticulando violentamente para o veículo que se aproximava.

– Talvez a gente possa enganar os caras – disse Langram.

Uma bala ricocheteou no carro blindado, seguida pelos estalos contínuos da saraivada de tiros disparada pelos soldados. As balas resvalavam no transportador de pessoal como sementes quicando num carro, inundando de ruídos o compartimento apertado.

– Acho que não funcionou – exclamou Langram. – Segurem-se!

Ele manobrou e atropelou o primeiro soldado que alcançou a estrada. O homem atingido voou para trás, colidindo com os que vinham depois dele. Vendo suas tropas serem derrubadas, o oficial soprou um apito e atirou no transportador. A bala atingiu, sem efeito, o vidro blindado perto da cabeça de Logan.

O transportador colidiu com uma cerca de arame e a esmagou, passando por cima dos restos retorcidos. Outro baque, acompanhado por faíscas cegantes e descargas elétricas, sacudiu o veículo quando ele atravessou a cerca elétrica. Langram girou o volante, e os seis pneus escorregaram sobre a grama úmida antes de alcançar a estrada asfaltada com um solavanco. O pesado transportador chacoalhou, Langram pisou no acelerador e colocou-os na velocidade máxima do veículo, de quarenta quilômetros por hora. Pelo retrovisor Logan viu os soldados recuando. De algum lugar atrás deles, o berro irritado de outro alarme esvanecia a distância.

– Despistamos eles – disse Langram.

Logan pegou sua metralhadora.

– Que nada. Logo eles aparecem aí na nossa cola.

Langram olhou para o parceiro, não muito surpreso por ver um sorriso em seu rosto.

– Largado no chão da cela, todo quebrado e ensanguentado há apenas duas horas, e agora querendo ação. Pelo visto os rumores que ouvi sobre você são verdade, Logan.

O mutante ignorou o parceiro.

– Chegando na vila – disse. No horizonte, silhuetas escuras eram delineadas pelo luar.

Minutos depois, atravessaram uma cidade fantasma. Os faróis iluminaram cabanas de madeira escura, todas abandonadas. Portas pendiam das dobradiças; a grama crescia sem controle em torno das estruturas arruinadas. O portão de ferro na entrada da vila estava tombado no chão. Na água escura, havia botes ancorados, alguns deles quase afundados. Redes de pesca rasgadas balançavam ociosas, ao sabor do vento.

Mais distante, uma grande fábrica ostentava-se sob o luar, totalmente desolada, desmoronando no rio, pedaço a pedaço.

– A poluição que aquela fábrica de gás venenoso causou no rio foi péssima pra economia local – disse Logan.

Langram manobrou para se esquivar de um carrinho abandonado na estrada.

– Pelo menos não tem civis no meio do caminho.

– Não mora ninguém neste lugar. É uma cidade fantasma – disse Miko, olhando para a frente. – Os líderes fazem veneno enquanto as pessoas passam fome.

Logan franziu o cenho e apertou os olhos para enxergar o horizonte. Miko afastou-se da janela, perdida em seus pensamentos atormentados.

O transportador virou a esquina, e Langram mudou de marcha para subir o morro. Continuavam seguindo, paralelamente ao rio. À direita a floresta havia se tornado densa de novo. Havia morros dos dois lados.

– Quase em casa, agora – disse Langram. – Menos de um quilômetro, depois podemos largar este lixo e entrar na floresta.

Quando a subida ficou mais íngreme, o motor tossiu e Langram trabalhou no câmbio.

– Não vai morrer agora, sua... – e disse um monte de palavrões.

– Não acredito que foi assim tão fácil – disse Logan. – Por que não vieram atrás da gente com...

A pergunta foi interrompida por um estrondo alto. O transportador foi chacoalhado por uma explosão sonora causada pelo projétil do antitanque que passou acima deles.

– Cuidado! – Miko exclamou.

Bloqueando a estrada cinquenta metros à frente estava a silhueta robusta do tanque norte-coreano, cercada por dezenas de soldados. Atrás do tanque, diversos caminhões grandes estavam parados nas margens da estrada, trazendo tropas.

– Segurem-se! – Langram berrou.

Com um solavanco, eles foram jogados para o lado quando o transportador deixou a estrada e passou para o solo duro e rochoso da densa floresta diante deles.

– Podemos escapar do tanque entrando na floresta – exclamou Langram. Suas

palavras quase foram abafadas pelo barulho dos galhos se quebrando conforme o veículo derrubava uma árvore e arrancava os galhos de muitos pinheiros mais baixos.

Logan apoiava-se no teto com uma das mãos, segurando a AK-47 com a outra. O transportador escalou uma encosta íngreme, girando suas rodas sobre a terra solta. Logan viu um disparo saindo da boca do tanque ainda estacionado na estrada. Ele ouviu o barulho do canhão um átimo de segundo depois – no instante em que a bala gigante dividiu o tronco de uma árvore no caminho deles.

Lascas de madeira voaram pelo ar, e Langram pisou mais no acelerador. Miko foi jogada no piso de metal quando o transportador avançou. O veículo passou por uma vala e escorregou numa rocha úmida e lisa, tombando para um lado. Langram lutou com o volante para não deixar que virassem.

– Consegui – ele exclamou, vendo o veículo estabilizado.

Dentro da cabine, enquanto Langram se concentrava na direção, Logan e Miko seguravam-se. Nenhum deles ouviu o terceiro disparo do tanque nem viu o fogo saindo do canhão. Apenas sentiram o impacto da bala que rasgou a armadura de metal do transportador feito uma pedra numa placa de vidro.

O transportador tremeu, depois partiu ao meio. As duas metades tombaram pela encosta, cuspidando combustível, pneus girando em falso.

• • • •

Algo estremeceu dentro de sua cabeça. Logan viu-se girando no vazio.

*Não, não sou eu... Só estou deitado aqui. É o mundo todo que está girando.*

Ele ouviu um clique mecânico. Depois o som de algo rebobinando. O barulho lhe soou confortante de certo modo, e ele ficou deitado ali, olhos fechados, escutando o zumbido constante, até que deslizou para fora do reino da consciência. Finalmente, outro clique o acordou. Logan ouviu um bipe, e uma voz de mulher disse seu nome.

– Sr. Logan... Não sei se pode me entender...

Ele abriu os olhos e viu um teto de metal, com luzes fracas de emergência. No chão, pedaços de silício e lascas de vidro brilhavam ao redor dele. Olhando para cima, ele viu que a janela de observação havia sido quebrada, pontas de vidro ainda nas bordas, algumas manchadas por um líquido vermelho. Computadores foram esmagados, monitores estilhaçados.

– ... Use sua imaginação, Srta. Hines – disse uma voz. – Pense no horror disso tudo.

*Não consigo pensar... Deve ter sido uma bela festa, e alguém acabou com tudo.*

Logan levantou-se, fraquejando sobre as pernas instáveis. *Minhas roupas já eram, ele notou. Os soldados... eles devem ter levado...*

E então sua memória sumiu feito vapor, e Logan tentou entender quem eram

“eles”. Um pouco tonto, curvou-se sobre um console de computador, vendo as mãos manchadas de sangue coagulado.

*Meu... ou de outra pessoa?*

– ... Ele perdeu bastante sangue... – disse a voz.

– É? – Logan grunhiu. – Eu gostaria de ver o outro cara.

As vozes vinham de todos os lugares ao seu redor – das paredes, do teto, dos consoles. Falavam sem sequência. Logan ouvia pedaços de conversas calorosas que não pareciam conectar-se de modo racional.

– ... Peso morto... Por favor, responda... Logan está vivo...

Apesar da dor e da confusão, ele sorriu.

– Pode crer que estou...

– ... Mas a segurança já cuidou de Logan, Professor... Vou sangrar até a morte...

Que massacre...

– Vai ser, camarada. Quando eu te encontrar... – Logan disse. *Principalmente se você não calar a boca e deixar eu me recobrar aqui...*

Logan largou-se numa cadeira. Olhos fechados, cabeça apoiada num terminal de computador, ele tentou lembrar-se de onde estava, e de como chegara até ali.

– ... Sr. Logan mostrou ser um ótimo rastreador...

– É, e estou pelado também.

– ... Matando todos a sua frente. Está atacando às cegas, pode-se dizer...

Logan abriu os olhos – e viu uma mão decepada em cima do console à sua frente. Ele deu um pulo para trás, levantando-se da cadeira.

– ... Está ciente do que está acontecendo? Estou perdendo homens na Zona Dois...

Logan avaliou a sala com cautela, recuando lentamente para um canto.

– Quem está armando isso? Responda!

Perto de seu ouvido, uma voz explodiu de um alto-falante...

– ... Peso morto. Sou peso morto, Cornelius...

... e Logan entendeu.

*Uma gravação. É um tipo de playback aleatório. Ninguém no controle. Estou sozinho aqui.*

O pânico tomou conta dele. *Tenho que sumir...*

– ... A Arma X escapou. Não estou no comando...

O mutante partiu para a porta. Pegou a escadaria de metal até a plataforma abaixo. Olhou para baixo e viu um fosso profundo de metal, com fumaça saindo do fundo. Logo, ele deu as costas ao fosso e encontrou uma escotilha estourada, a fechadura retorcida largada no chão. O túnel estreito depois da porta levava a outro corredor. No fim desse corredor, um salão abria-se em duas direções. Logan hesitou, pensando em que lado escolher.



*Cheiro de fumaça... ozônio... zumbido de maquinário. Esse lugar é industrial... talvez militar... Não curto militares nem eles a mim. Por isso vou cair fora... antes que me alistem.*

Ele cruzou o limite, passou pela escotilha quebrada e seguiu o longo corredor sujo de sangue, depois entrou à direita.

*Isto é um labirinto. Ou um túmulo.*

O mutante caminhou pela caverna de metal pouco iluminada até chegar a um elevador. Não havia energia, e as portas se recusavam a abrir, mas Logan rapidamente encontrou uma escadaria. Subiu os degraus até ver avisos de radiação.

*Deve ser um reator... Deve ter gente aqui. Ninguém deixa um reator funcionando quando sai de casa...*

Mas a sala de controle do reator estava deserta; o núcleo funcionava no automático. A entrada parecia incólume exceto por uma seção na parede que estava estilhaçada, chamuscada. Ele detectou cheiro de pólvora.

*Tiros... O que aconteceu neste lugar?*

Viu uma arma largada no chão, uma Heckler & Koch UMP, cano dobrado.

*Por que a arma? Não pode ser uma instalação militar, ajeitado demais. Os computadores parecem coisa de ficção científica. O exército não tem instalações de ponta como esta... Pode ser a S.H.I.E.L.D.... talvez. Mas por que a galera do Fury mexeria comigo?*

Logan farejou o ar novamente, e dessa vez sentiu cheiro de sangue. Finalmente, viu o corpo de um homem corpulento de meia-idade esparramado em frente ao console principal. Hipnotizado, aproximou-se da cena bizarra, olhando para os traços do homem.

Usava jaleco de laboratório, manchado de vermelho. As costelas brotavam do peito arruinado. O homem havia sido eviscerado, brutalizado. Entretanto, o rosto parecia composto... quase resignado, o que fazia da violência aplicada contra ele ainda mais horrenda para Logan.

*Todo retalhado – coisa feia –, três cortes na barriga, depois eviscerado. Brutal... sem sentido. A não ser que tenha sido vingança.*

Olhou fixamente para as feições do homem, para os óculos quebrados no chão, e começou a lembrar-se.

*Eu... conheço esse cara. Na minha memória. Um sonho de morte.*

Logan procurou em sua mente por uma identidade, uma emoção – alguma conexão com o homem. Não encontrou nada. Fosse quem fosse, Logan não sentia nada de ruim por ele. O mutante deixou a sala do reator e seguiu em frente.

Encontrou um homem morto muitos níveis acima. Estava de rosto para baixo perto de um carrinho de equipamentos tombado. Também havia sido rasgado; a artéria carótida havia sido exposta por uma arma branca.

*Mais uma vítima. Ele sabia que haveria mais.*

*Morte. Este lugar fede à morte. Está no ar... feito calor. Mas quem fez a matança?*

Com medo de responder, Logan ergueu as mãos, manchadas de sangue coagulado.

*Tem sangue em mim. É meu? Deve ser... ou eu esfaqueei esse cara? O que ele me fez? Este corpo... o da sala do reator... e aquela mão lá atrás... amputada...*

Uma memória apareceu e sumiu. Os membros de Logan começaram a tremer e ele bateu as costas na parede.

*Será que finalmente pirei de vez? Perdi a cabeça, matei todo mundo aqui e agora não me lembro?*

Ele gemeu e levou as mãos à cabeça.

*Não seria novidade... Meu parceiro Langram me avisou que isso podia acontecer, cedo ou tarde. “Em tempos de paz, um homem da guerra luta contra si mesmo.” Foi isso que ele me disse certa vez. Disse que eu era um homem da guerra... ou foi guerreiro nato? Enfim, por que estou pensando em Langram? Ele está aqui em algum lugar? Será que o matei também? Preciso de uma maldita bebida.*

As conversas recordadas, que soaram como ruído tecnológico por tanto tempo a ponto de serem relegadas a segundo plano, subitamente invadiram a consciência de Logan quando uma voz assustada chamou o nome dele repetidamente.

– ... Sr. Logan... Sr. Logan, senhor.

Voz de mulher.

– Vamos, criatura. Entre no fosso... – gritou uma voz de homem, cheia de emoção.

Subitamente, Logan sentiu dor nos antebraços. Esfregou-os, sentiu os músculos inchando sob a pele. Um espasmo incontrollável os fez ondular de modo incomum. A dor perpassava-lhe os braços.

– ... Não sei se pode me entender, senhor...

A mulher de novo. Implorando.

Uma dor aguda irrompeu em seus pulsos, e ele flexionou as mãos.

– ... Não suporto dor – a mulher soluçou. Ela era quase incompreensível. – Dor física. Queimada, produtos químicos... Por favor, eu imploro. Mate-me rápido...

*É a Miko? Não. Não faz o menor sentido.*

Os dedos de Logan curvaram-se num punho cerrado quando a agonia os dominou. Ele fitou as mãos congeladas em garras tesas. Logo viu uma coisa quente e vermelha. Três ferimentos sangrentos feito estigmas apareceram em cima de cada mão. Depois garras de metal emergiram dos buracos, rasgando a carne torturada, estendendo ao máximo. Ele jogou a cabeça para trás e urrou.

– ... Corra, Sr. Logan, corra! – gritou a mulher. Um instante depois, um grito, e Logan entendeu que ela também morreria.

– ... Estou morto?

Dessa vez, reconheceu a voz. A sua.

– ... Morto? Sou um zumbi?

– ... Um animal! – gritou a voz tingida de insanidade. E subitamente, um rosto que combinava com o grito explodiu na mente de Logan. Careca. Aristocrático. Ossos protuberantes nas maçãs do rosto, óculos retangulares. Arrogância misturada a uma expressão que transmitia medo.

*Meu torturador. Tem que morrer! Ou será que já morreu?*

– ... Sou Logan – explodiu a voz dele nos alto-falantes escondidos. – Logan! Sou um homem...

Ele fitou com descrença as garras prateadas sujas de sangue. Sua mente se descontrolou quando ondas de memória afogaram toda a razão. A violência continuou a crescer na mente de Logan.

*Animal? Sim, sou um animal, uma fera e uma máquina. Me transformaram num bicho.*

Estendeu os braços, as garras prateadas se projetando dos pulsos. Tentou tirar uma das garras, cortando a mão até o osso – e no ferimento, sob a carne, o adamantium prateado brilhava.

*Eles me encontraram. Me descobriram. Desvendaram meu segredo. Me trouxeram aqui. Me cortaram. Mexeram no meu corpo.*

– ... Animal! Você é um animal...

*Me torturaram. Dilaceraram minha mente. Tenho que sair daqui, sair daqui... agora.*

Logan correu. Às cegas. Sua própria voz gravada gritava em seus ouvidos martelando seu cérebro com imagens de tormento deliberado e impiedoso. Sem fim. Dilacerante.

*Estou correndo. Correndo num sonho.*

Com grande velocidade, trombava contra as paredes, atravessava divisórias, tropeçava sobre corpos destruídos. Do piso brotavam estacas que perfuravam seus pés, mas ele prosseguia. O tempo se estendeu e a atmosfera se adensou. Suas pernas e braços pareciam mais pesados, contendo seu progresso. De trás dele veio o som de presas mordendo, como garras raspando lápides de giz.

*Alguma coisa atrás de mim, me acompanhando feito uma sombra viva. Me rastreando pelo cheiro do meu sangue.*

Logan correu mais rápido, com medo de que, caso parasse ou fosse mais devagar, essa sombra o alcançaria, dominaria, sufocaria. O levaria para uma escuridão sem fim.

*Não vou poder gritar nem lutar, porque vai estar dentro de mim... sob a minha pele... dentro dos meus ossos.*

Usando as horrendas garras de metal para rasgar uma porta trancada, Logan subiu às pressas um lance de escadas – pareciam centenas de degraus. De cada degrau brotavam estacas; cada passo tornou-se agonia pura.

*Estou correndo feito um caminhão a toda. Subindo a colina. Tentando não tropeçar, não cair. Não consigo manter o ritmo. Estou perdendo impulso, e a coisa... ganhando...*

Ele sentiu uma força agarrando-o, puxando-o para trás, mesmo com ele se impulsionando à frente.

*Está me agarrando. Se prendendo às minhas veias feito cordas, me puxando para trás. Os tendões parecem fios... como uma marionete.*

Então o piso de estacas sobre o qual ele corria avançou pelo chão, pelo corpo dele. Subitamente, também brotaram estacas em Logan, assim como as do chão, das paredes. Longas. Afiadas. De metal brilhante. Brotavam, sem jorrar sangue, dos ombros, tronco, quadris, coxas.

*Dedos finos se cravam nas minhas costelas. Músculos se estiram, ossos se dobram... Está me rasgando, me puxando para a escuridão.*

Correndo, Logan deixou uma trilha de sangue – pegadas vermelhas.

*Está no meu rastro... sobre meus ombros. Me furando com estacas. Me invadindo. Ar quente, dói demais. Carne queimando, ossos virando magma. O cheiro podre da morte no meu nariz, na minha boca.*

As garras que alcançaram seu corpo começaram a rasgar sua mente. Os sentidos de Logan foram se apagando. Um zumbido eletrônico dominava seus ouvidos. Uma mortalha azul caiu sobre seus olhos. Ele lutou contra a influência quase hipnótica, mas a neblina azul ficou negra como ébano, e o fardo do vazio pesou sobre sua consciência.

*Não consigo escapar... Tenho que fugir. Correndo sempre... Lutar pra sempre! Nunca me entregar para as trevas. Nunca me entregar para a fera. Homem. Não posso esquecer...*

Mas, em meio à escuridão, uma sombra se ergueu, sufocando-o, dominando sua mente, esmagando sua vontade. Logan movia os lábios, mas descobriu que perdera a habilidade de falar.

Sentiu uma raiva gelada espremendo seu cérebro. Uma raiva que não era dele. Um ódio por todos os homens que jamais sentira.

*Me pegou... e quer vingança. Esta me virando do avesso. Escuridão sem fim. Atrás de mim, ao redor. Em todo lugar. A sombra está em toda parte.*

Quando o vazio o dominou por completo e a consciência piscou feito uma lâmpada apagada, Logan ouviu uma vozinha vindo de algum lugar desse profundo abismo.

– Não desista!

*Não consigo... Ossos pesados feito chumbo. Feito ferro. Joelhos cedendo...*

– Não desista...

*Queima e arde, como aço no meu coração...*

– Não desista.

*... desabando sob o peso. Sob o peso de uma fera.*

# XIX • FIM DE JOGO

– É extraordinário, não é, Cornelius?

O Professor olhava fixamente para o monitor, as mãos unidas atrás das costas.

– Uma criatura de tamanho poder... atormentada pela própria sombra. Movida pelo medo de si mesma a ponto de ter um colapso nervoso.

O Dr. Cornelius, ao lado de Carol Hines, analisava as leituras do terminal MER diante da moça. Lentamente, as ondas do aparelho iam reduzindo, libertando o cérebro de Logan do jugo do sonho de assassinato.

– Impressionante, Professor. Mais impressionante ainda é que ele está indo bem. Reagindo. Apesar de tudo, existe um elemento central na personalidade de Logan que luta, mesmo quando tudo parece perdido. Câmera exterior, Srta. Hines.

– Alternando...

A imagem no monitor de alta definição mudou. A figura congelada do panorama onírico de Logan – um pesadelo de roxo e escarlate, com um vazio negro desolado fazendo as vezes de céu e estacas brancas, como ossos, brotando do chão virtual – foi substituída por uma tomada do gelado exterior do complexo.

Um pálido luar brilhava sobre a neve que acabara de cair. Um vento gelado uivava, descendo das montanhas próximas, sacudindo o gelo em forma de diamante preso aos galhos cobertos de branco. Uma noite fria, sem nuvens. Uma malha de estrelas e a Lua cheia contrastavam com o negrume sedoso do céu.

– Então acha que ele conseguiu? Derrotou o medo e o ódio de si mesmo? – perguntou o Professor, os lábios num sorriso de desafio zombeteiro. – Isso é o que nós vamos ver.

– Acho que vamos mesmo, Professor. Logan ainda está de pé, não?

Cornelius apontou para a imagem na tela. Logan, iluminado pela luz da lua, pernas tensas sobre a neve, braços largados ao lado, garras brotando dos pulsos como picadores de gelo.

O Professor inclinou-se sobre o monitor, saboreando o poder cru da criatura que criara e passara a controlar. Na tela, o corpo nu de Logan reluzia palidamente sob o luar, corado por cabelos muito negros e selvagens. Placas de músculo forte, rígidas feito concreto, cobriam seu peito, e bandas grossas cruzavam os braços, quadris, coxas. De pernas abertas, agachado, era um brutamente pronto para explodir. Os flancos de Logan arfavam feito os de um animal excitado, o hálito quente exalando nuvens úmidas de vapor.

O mutante estava cara a cara com um tigre siberiano branco de listras pretas –

faminto, é claro, segundo instruções do Professor. Homem e fera, parados feito estátuas, olhos nos olhos. O felino curvou os lábios para mostrar as presas impiedosas.

– Logan não se abalou – disse Cornelius. – Não cedeu. Nem ao menos retraiu as garras quando lhe demos chance.

O Professor pousou o dedo indicador na frente dos lábios.

– Silêncio, Cornelius. Ele encontrou o leopardo da neve.

– Tigre siberiano, senhor.

– Ah, sim, obrigado, Srta. Hines.

Cornelius pigarreou.

– Podíamos ter preparado isso melhor, você sabe.

O Professor o fitou.

– Como assim, doutor?

– Se Logan tivesse de caçar o tigre, confrontá-lo e matá-lo por vontade própria, em vez de o tigre simplesmente estar ali, ameaçando-o... Este experimento nos diria um pouco mais se Logan está de algum modo engajado, eu acho.

– Sim – o Professor respondeu, pensativo. – Imagino que tenha razão. Mas, ainda assim, é um cenário aceitável... para alguém com a percepção simplista de Logan.

Na tela, o tigre abriu a boca. O som do rosnado crepitou através dos alto-falantes com um átimo de segundo de atraso. Sua ferocidade crescia a cada segundo que passava.

– Por favor, sincronize esse sistema de som, Srta. Hines.

O rosnado tornou-se um rugido gorgolejante. Embora o tigre tivesse fome – muita fome –, parecia temer seu adversário. As laterais de seu corpo arfavam; a cauda pendia de um lado a outro. A criatura agachou para trás, as orelhas baixas. Mesmo assim, não avançava.

No fim, foi Logan quem se lançou primeiro, atacando o grande felino um átimo de segundo antes de ser atacado. Os antagonistas colidiram. Logan erguia e descia os braços, golpeando repetidamente o felino raivoso.

– Olhe para isso! – exclamou Cornelius. – Logan começou! Está tão selvagem quanto antes.

Mas o Professor balançou a cabeça.

– Só aparentemente, doutor, mas nos últimos dias, a Arma X mudou irrevogavelmente. Sua selvageria agora é moderada por sensatez e raciocínio. Não vemos selvageria, mas astúcia.

Na tela, Logan e a criatura lutavam, furiosos, nenhum tinha vantagem.

– Veja como ele luta, Cornelius. Qualquer hesitação, um momento de medo ou mera cautela e será seu fim.

– Sim, literalmente – disse Cornelius. No monitor, Logan e o tigre rolavam pelo



espaço nevado. As garras do animal rasgaram a barriga macia do homem, que golpeava a garganta exposta do bicho. Manchas de sangue decoravam os combatentes.

O Professor suspirou.

– Foi preciso que Logan não tomasse conhecimento de seu esqueleto indestrutível.

– Que não vai ajudar se ele for estripado.

– Não, Dr. Cornelius. Nesse caso, ele deve descobrir do modo mais difícil... e com muito mais dor.

– Câmera quatro, Srta. Hines.

– Sim, doutor. Alternando.

A cena mudou, e também a contenda. Logan estava por cima, o joelho pressionando o peito do tigre. Começou a carnificina. Um sangue negro manchava a neve e voava em grandes jorros a cada golpe das longas garras de Logan.

– Ele está levando vantagem, Professor.

– Entretanto, poucos dias atrás, a Arma X decepou um urso cinzento sem hesitar... sem tanta delonga – o Professor disse, pesaroso. – Aquilo é levar vantagem.

Os rápidos movimentos do tigre estavam menos frenéticos. A fera enfraquecia devido à exaustão e falta de sangue. Logan continuava a rasgar o bicho. Seus urros de esforço misturavam-se aos grunhidos de dor e raiva do animal.

– Precisa ter fé, Professor – Cornelius disse. – Olha, aposto cem dólares em Logan. Que tal?

O Professor fez uma cara azeda.

– Isso não é um jogo, Cornelius...

– Um *close-up* total na seis, Srta. Hines – exclamou Cornelius. – E acorde, ou vamos perder metade da ação. Acho que nunca vi os reflexos de Logan mais rápidos do que estão agora.

– Alternando...

Com força renovada, o tigre reagiu e, com uma das patas dianteiras, golpeou com astúcia. Logan se impulsionou para trás bem a tempo. A garra do bicho abriu uma pequena vala nos músculos de seu peito.

Cornelius fitou o Professor.

– Como assim, não é um jogo? Aquela patada podia ter estripado Logan... e eu perderia cenzinho.

O Professor riu.

– Não vê, doutor? Foi uma finta. Você tem razão quanto aos reflexos. Estão mais ágeis. Assim como a mente de nosso paciente. A Arma X está se preparando para matar. Olhe e aprenda.

– Chegue mais perto, Srta. Hines – disse Cornelius.

O tigre retraiu a pata dianteira para atacar de novo, deixando uma abertura a ser explorada por Logan. Com uma investida mortal, ele fincou as garras de metal na garganta suave da fera até que o punho encontrou o pelo sujo de sangue, e as pontas das lâminas brotaram do crânio da fera morta.

– Um golpe magnífico! – exclamou o Professor.

Dos alto-falantes, os rosnados cessaram abruptamente. Quando Logan golpeou uma segunda vez, mergulhando as garras no coração do tigre, seu próprio arquejar pôde ser ouvido pelos alto-falantes.

– Nossa! Outro golpe. Direto no coração! O filho da mãe está mais brutal do que nunca. – Cornelius fitou a moça. – Leituras, Srta. Hines... Pulsação, respiração, estresse.

Carol Hines checou seu monitor e piscou, muito surpresa.

– Sem leituras, senhor. O Sr. Logan está desconectado. Está agindo sem a influência do MER.

– Excelente – disse o Professor. – A Arma X executou a missão sem ajuda de nossos comandos diretos. Apenas nossa influência, o condicionamento e as técnicas de reprogramação que aplicamos estão controlando-o neste ponto.

– Fantástico! – disse Cornelius, sorrindo. – Então acho que é missão cumprida. Logan está funcionando de modo autônomo, segundo suas especificações originais, Professor. O que tem a dizer?

– Impressionante, de fato, Dr. Cornelius. Os instintos e reflexos dele, embora mais pragmáticos, mais cautelosos, parecem idênticos. E o mais importante, sua ferocidade continua sem igual.

Cornelius riu.

– Pena que o senhor não apostou... Teria sido uma grana fácil.

Rabugento, o Professor cruzou os braços.

– Eu não macularia empreitadas científicas com apostas, Cornelius.

Este se recusou a se acovardar. Após meses dentro das instalações, semanas de contenção, finalmente via o fim do odioso experimento no horizonte, e estava muito bem-humorado.

*Tenho todas as amostras de sangue e tecido de Logan de que precisarei para continuar meus experimentos de imunologia, assim que sair deste complexo, pensava Cornelius. O Professor tem razão quanto a uma coisa, no entanto. A existência da Arma X vai alterar o curso da história. Não como destruidor, contudo, como o Professor sonha, mas como cura e benefício para toda a humanidade...*

No monitor de alta definição, Logan levantou-se, ensanguentado, porém vencedor. O tigre jazia fraturado e sem vida na neve suja de sangue. O paciente olhou para a frente, para uma distância insondável.

Cornelius afundou-se numa cadeira.

– Acredito que subestimou seu agente, Professor – começou. – Nessa realidade virtual, nesse nosso cenário, Logan foi enganado. Nós lhe demos a chance de escapar, mas ele não fugiu. Pelo contrário, voltou e nos chacinou. Bloqueamos sua psique com seu medo de sua natureza mutante. Mas nem isso o abalou.

O Professor ergueu uma sobrancelha.

– O que quer dizer?

– Eu diria que ele tirou nota máxima no teste final, não acha? – Cornelius replicou.

– Sim, sim. Ele foi bastante agressivo – o Professor respondeu. – Mesmo assim ele falhou em matar a Sra. Hines. Um ato de clemência que deixou dúvidas que permanecem em minha mente.

– Discutimos isso com o Dr. Mackenzie na reunião pós-experimento – Cornelius disse. – Ele poupou Hines porque ela nunca representou ameaça para ele. É como conjecturamos: Logan só vai matar quando ameaçado, ou... bem...

– Por fome? – arriscou Carol Hines.

– É. Ou por fome. E por que ele devoraria Hines? – brincou Cornelius.

– Bem, Cornelius – disse o Professor. – Creio que podemos considerar o experimento um sucesso. Ainda que falho.

Carol Hines desviou sua atenção do terminal.

– Se me permite, doutor, acho que o Sr. Logan só o matou por causa daqueles disparos acidentais. Do contrário, ele não teria atacado.

Cornelius pensou nisso por um momento.

– Pode ser, Srta. Hines...

– Hunf – grunhiu o Professor.

– No meu caso – Cornelius continuou –, a Arma X... Logan... tomou uma decisão racional dentro dos parâmetros da situação que vivenciara, e confiou num bocado de julgamento racional em vez de reagir com agressividade crua. O que indica ser ele uma arma inteligente, de fato.

– Precisodei pensar numa nova rodada de testes, entregar Logan para MacKenzie para a próxima fase das operações – murmurou o Professor.

– Mande os domadores pegarem Logan, Srta. Hines.

– Sim, Dr. Cornelius.

Ela clicou o comunicador e uma voz crepitou em resposta.

– Cutler falando.

– Por favor, tragam o paciente para dentro, Agente Cutler. O Experimento X será levado agora ao Bloco D.

– Sim. Bloco D. Sei, Srta. Hines... Desligo.

Cutler desligou o intercomunicador e esfregou os olhos cansados. A escotilha do arsenal abriu-se novamente e o Agente Anderson entrou.

– Que diabos você está fazendo aqui, Anderson? Tinha lido o nome do Franks na lista de serviço de hoje.

Anderson parou, mas não olhou para o chefe.

– Pelo visto, acabou de sair da cama, hein, Cut?

– É, faz dez minutos. Você também teria dormido por três horas seguidas se o Professor não tivesse te colocado em serviço para o experimento mais maluco da história. Logan correu de um lado para outro lá fora, no pátio, perdido em algum tipo de ilusão, algo assim. Pensei que ele fosse fugir, mas os crânios têm controle sobre o cara. Desligaram agora há pouco...

Anderson continuava sem olhar nos olhos do outro soldado. Cutler reparou.

– Que diabos há de errado com você?

– Você... não ficou sabendo do Franks, então?

Cutler hesitou.

– Que tem o Franks?

– Duas horas atrás. Os domadores estavam levando um tigre siberiano da jaula para o pátio. O tigre o pegou...

– O quê?

– Franks estava cutucando o bicho para fora da jaula, para o Logan poder caçá-lo. O tigre virou, estraçalhou o Franks.

– Muito mal?

– Arrancou o braço dele. Franks sangrou até morrer antes que o Dr. Hendry pudesse ajudar. Lynch quis dar um tiro no tigre assim que ele atacou o Franks, mas o Major Deavers impediu. Disse que o Professor ficaria puto se a Arma X não tivesse o que caçar...

Cutler bateu a perna num banco e nem notou. Fixou o olhar na parede mais distante.

– Esse maldito do Deavers... Filho da puta puxa-saco.

– Não dá para culpar o Major – Anderson respondeu. – Sério, eu vi a gravação, Cut. Não tinha como ninguém ajudar o Franks.

Cutler assentiu. Depois se levantou e começou a se vestir lentamente. Enquanto colocava a armadura de Kevlar, começou a falar – mais para si do que para o outro.

– Franks era legal. Dava pra contar com ele. Levava o trabalho a sério, tentava fazer o melhor que podia. Agora é só mais um fantasma assombrando este lugar.

– Calma lá, Cut, não fique mal assim.

– Não ficar mal? Que piada. Não estou mal. Não sinto nada. Estou anestesiado. Como se estivesse semimorto. Como se fosse só um fantasma, como todo mundo

aqui dentro. Este... lugar. O isolamento. Essa contenção. Esse experimento perverso...

Anderson fitou o monitor de segurança acima.

– Ei, Cut... as paredes têm ouvidos, sabia?

– Não sou o único, também. MacKenzie me disse que tem gente surtando, principalmente desde a semana passada. O Professor não para de trabalhar, é o tempo todo mexendo naquela porcaria de máquina de sonho que eles têm lá embaixo. – Cutler olhou Anderson nos olhos. – Você tem sonhado?

– Hã?

– Sonhos, Anderson? Ou pesadelos?

Anderson pareceu retrair-se.

– Quem não tem... num lugar como este?

– Bom, eu tenho sonhado muito. Coisas diferentes. Ontem à noite, sonhei com uma coisa que aconteceu há muito tempo. Quando estava em serviço... agente das Forças Especiais... em outro país...

– Nossa, Cut. Não venha com espiritualidade pra cima de mim, e não surte. Não aguento. Você é o chefe de segurança. A rocha, cara. Se surtar, que chance tem o resto de nós?

Cutler tentou afugentar o mau humor, mas era impossível. Julgou ser por conta da notícia sobre Franks. A verdade é que acordara sentindo-se oprimido, como se algo ruim estivesse prestes a acontecer.

Ou já tivesse acontecido.

Talvez fosse premonição. Talvez estivesse pensando em Franks e não sabia.

*Mais um fantasma para assombrar este lugar...*

– Deixa pra lá, Anderson – Cutler disse, finalmente. – Só estou puto com o que aconteceu com o Franks, só isso.

Cutler riu – um som amargo, sem alegria –, depois ergueu o capacete.

– Vista-se, e vamos acabar logo com isso.

Os soldados saíram para o frio e testaram os bastões elétricos. Cutler lembrou-se da noite em que encontrou Logan do lado de fora do boteco naquela parte suja da cidade. Na época ficou pensando em quem era de fato o cara, sabendo apenas que Logan tinha alguma conexão com os militares, ou com a inteligência militar – assim como Cutler, antes e no presente.

Naquele tempo, Logan fora considerado um pacote “prescindível” – um pedaço de equipamento militar descartado que seria reciclado em algo novo com eficiência militar previsível. Mas subitamente as coisas mudaram. Logan passara a ser o item de valor, e as pessoas em torno dele, os dispensáveis – gente como Hill e Franks, Anderson e Lynch.

*E eu.*

Cutler não podia deixar de pensar que talvez merecesse o que estava acontecendo. Talvez o modo com que tratara Logan estivesse se voltando contra ele. Definitivamente.

Conforme seguiam para o cenário do massacre, Cutler sentiu-se aprisionado, como se não conseguisse escapar de um *loop* infinito de crueldade louca. O sangue escuro congelado na neve – liso feito vidro; o animal mutilado no chão; o cheiro do sangue derramado. Tudo isso lhe causou um arrepio de *déjà vu*, uma sensação de que estivera ali antes e vivenciaria esse tipo de coisa de novo, talvez para sempre.

*Assim como todos os fantasmas que assombram este lugar...*

• • • •

Cornelius enfiou as mãos nos bolsos e deu meia-volta.

– Bem, o que temos até agora? Logan acha que matou a todos para chegar ao senhor... o foco de sua vingança.

O Professor sentiu-se desconfortável.

– Sim, prossiga.

– Mas agora, graças aos sonhos induzidos pelo MER, ele sabe que não é humano. E além de saber que é mutante, sabe que possui um esqueleto quase indestrutível, um pedaço de tecnologia que o aliena, o separa de sua humanidade... E que foi o senhor que devassou seu segredo sombrio. Que usou essa parte odiada dele, a parte mutante, e o transformou na Arma X.

– Exato – respondeu o Professor, olhando fixamente para o monitor. – Por isso, ele teve de me destruir. Assim como somos compelidos a matar nossos deuses antigos para abrir caminho para os novos. Ao matar seu criador, sua outrora irresponsável selvageria se tornou a astúcia de um assassino impiedoso. Um exemplo inspirador de “transferência psicológica”, como cunhou o Dr. MacKenzie. – Finalmente, o Professor voltou-se para o médico. – Quão deliciosos foram esses eventos, Cornelius.

Este concordou, antes de cutucar.

– Pois é... o senhor se garante em suas apostas.

– Do que está falando, Cornelius?

– Inventar aquele papo de que trabalhamos para outra pessoa... algum grande poder, ou algo assim. Como se o senhor fosse só um peão... em vez do gênio por trás do Experimento X.

O olhar do Professor encontrou o de Cornelius e compreendeu que o homem desconfiava de algo.

– Um mero artifício psicológico... – murmurou ele.

– Foi ótimo. Armar seu próprio assassinato e fingir ser traído pelo verdadeiro criador da Arma X. Estava tentando gerar ambiguidade? Um jeito de colocar uma

sombra de dúvida na mente de Logan? Ou apelava somente para a simpatia? Testando Logan para ver se ele perceberia que o senhor não era a verdadeira ameaça e te pouparia, como poupou a Srta. Hines? De todo modo, foi esperto. Bem pensado.

O Professor abriu um meio sorriso enigmático.

– De fato, Cornelius. Um estratagema dramático que revelou muito sobre a natureza da fera, não?

– Muito bom. Foi um bom dia, certo, Srta. Hines?

Mas a moça não respondeu. Perdida em pensamentos, fitava o monitor com preocupação. Na tela, os domadores aproximavam-se do homem imóvel agachado na neve.

– Tudo bem, Srta. Hines? – perguntou Cornelius. – Parece tensa.

– Sim, Hines. Não parece partilhar do humor festivo do doutor...

– Algo me incomoda, sim, é verdade – Carol Hines respondeu. – Mas não sei se posso falar, Professor. É informação secreta. E assinei um acordo dizendo que não tocaria no assunto, nem mesmo depois de ter saído da Nasa.

– Se seu segredo envolve o trabalho aqui, então deve falar – ralhou o Professor.

Carol Hines assentiu.

– Sim, senhor. Acho que tem razão...

# XX • REDENÇÃO

...onde ele confessou  
...de ter...ne de...an co  
...deuse...ngos pa...camir  
...r, sua...ra irre...el sel  
...ssino...oso. Um...plo in  
...ca", com...nou o E...renzi  
...se para...aco. - Co...zioso  
...P...ncorde...de cut  
...is é...e gar  
...Do que...ndo, C  
...- Inve...ele par  
...am gra...r, ou a  
...m ver...por tr  
...o Prof  
...ho...confi  
...mero



Logan sentiu algo tocar sua cabeça e alguém cutucar sua roupa. Abriu os olhos, olhou para cima e viu o assento balançando, preso por um único parafuso. Os ouvidos ainda reverberavam um barulho terrível do qual ele não se lembrava.

– Logan...

Virou o pescoço e olhou para Miko no chão, ao seu lado. O rosto dela estava machucado, tinha um pedaço grande de estilhaço – provavelmente um naco solto do transportador – alojado no ombro. A carne em torno do metal estava contraída, pingando sangue.

Ele rolou para ela e a avaliou.

– Cadê o Langram?

– Ainda no assento.

Logan olhou para cima e viu seu parceiro pendurado, mole, no assento do piloto. A perna estava apoiada no volante. Obviamente, a cabine virara de ponta-cabeça, mas Logan não recordava as circunstâncias exatas do acidente.

Ele se levantou rapidamente e foi checar a pulsação do parceiro.

– Langram está vivo!

Tirou o parceiro dali, e viu sangue vazando de um ferimento na cabeça. Tinha uma perna quebrada também.

*Teve sorte. Fratura limpa, não exposta, mas Langram não vai poder fazer cooper tão cedo. Acho que vou ter que carregá-lo para o ponto de extração.*

Miko rastejou para perto de Logan e se esforçou para ficar de pé.

– Pegue isso – Logan grunhiu, tirando a AK-47 do ombro e entregando para a agente. – Consegue andar?

– *Hai.*

Ela se virou, mas ele a conteve. Antes que pudesse protestar, Logan arrancou o estilhaço do ombro dela. Ela ficou pálida, mordeu o lábio, mas não fez barulho.

– Você é uma samurai – ele a lembrou, falando em japonês, fazendo a moça exibir um sorriso, apesar do desconforto. Logan encontrou o kit de primeiros socorros, virou um tubo de antisséptico no buraco sangrento, depois o encheu de gaze, e fixou com fita adesiva. – Vamos sair daqui.

Levantando-se, Logan içou o parceiro inconsciente sobre os ombros largos, depois ajudou Miko a se levantar. Fora do transportador partido ao meio, a floresta escura era uma vivacidade de sons. Vozes gritavam, nas matas abaixo, misturadas ao barulho dostanques em movimento. Holofotes perfuravam o céu, brilhando entre as

árvores – mas nada perto da posição atual de Logan e companhia. Haviam despistado os norte-coreanos, pelo menos por um tempo.

– Em qual direção devemos ir?

Logan analisou a área, mas não conseguiu ver além de poucos metros em nenhuma direção, devido à densa folhagem. *Pelo menos uma parte dessa missão podia não ser uma pedra no sapato?*

– Preciso da sua bússola.

Miko ergueu o equipamento perto do rosto dele.

– Nordeste – Logan apontou. – Por aquela fileira de pinheiros. Tem que ter uma planície no topo dessa encosta. A gente deve estar bem perto.

Logan lançou uma olhadela para o relógio. O visor estava rachado, mas ainda funcionava. *Quase vinte minutos para o helicóptero chegar. Espero que não estejamos muito adiantados, ou os soldados vão nos alcançar antes do helicóptero.*

Ouviram vozes, mais perto. Depois o som de homens movendo-se pela floresta chegou onde estavam.

– Aqui em cima – Logan sussurrou.

Ele cambaleou sobre uma pequena elevação, depois pegou um tronco para ajudá-lo a se manter ao longo do caminho. Miko subiu com pressa o morrinho, movendo-se rapidamente apesar do ferimento.

Um foco de luz projetou-se por entre as árvores, banhando-as com seu poderoso facho, conforme eles desciam o morro. Vozes irromperam, logo seguidas pelo som incongruente de uma trombeta.

– Aí vem a cavalaria – Logan bufou, correndo entre as árvores. Miko tropeçou e caiu no chão, embaixo de uma árvore. Logan esperou que ela se recobrasse.

– Vou atrasá-los, te dar cobertura – ela disse.

– Não! Vamos logo.

– Não se preocupe. Vou logo atrás.

– Tem muitos deles. Os soldados vão te capturar.

Mas Miko deu as costas para Logan e apontou a AK-47 na direção das silhuetas distorcidas que dançavam sob o brilho ondulante dos focos de luz. Sua arma rugiu, mandando balas que perfuraram as árvores ao redor. Gritos frenéticos, depois tiros esporádicos e ineficientes responderam. Balas voavam por entre as árvores e quebravam galhos. Miko atirou de novo, e continuou atirando. Logan ouviu gritos e o estampido de balas penetrando na carne humana.

Ele se virou. Com as pernas tensas, continuou a difícil subida para o terreno mais alto. Atrás dele, ouviu mais tiros – primeiro rifles, depois o crepitar constante da metralhadora de Miko. Abafados pelas árvores, os sons de vidro quebrando e o grito de morte de um homem chegaram aos ouvidos do mutante. Um holofote foi apagado.

– Boa garota – grunhiu ele, a respiração entrecortada, músculos fraquejando.

Mesmo assim, Logan prosseguia, inexorável. Sobre o som de sua respiração, procurava escutar sons de tiros, mas a floresta caiu num silêncio súbito. Ele arriscou olhar para trás, e viu holofotes pesquisando a floresta bem abaixo de onde estava.

*Vai ver Miko está vindo... Talvez logo me alcance.*

Esforçando-se para suportar o peso do parceiro, Logan pôs o pé numa rocha solta que saiu rolando, lançando-o para frente. Ele pousou de cara no chão e Langram caiu, mole, por cima dos ombros do mutante. Quando Logan olhou para cima, cuspidando terra, encontrou-se no topo de uma encosta, um pequeno planalto.

*A área de pouso... É aqui!*

Logan rolou de costas, sugando o ar frio da noite. Com o coração acelerado, ergueu um braço trêmulo e fitou o visor fosforescente do relógio coreano.

*Mais nove minutos... Nove minutos pra achar Miko, voltar aqui... depois vamos todos pra casa.*

Logan afastou-se de Langram e se colocou de joelhos. Mas quando tentou levantar-se, uma figura apareceu na escuridão e uma bota lhe deu um chute bem no rosto.

Logan piscou perante a explosão de luz que lhe invadiu a mente. Vozes duras gritavam com ele. Quando focou a vista novamente, viu uniformes cáquis ao seu redor. *Soldados norte-coreanos.*

*Deviam estar nos esperando. Era de se imaginar. Essa missão estava ferrada desde o começo...*

Mais ordens gritadas em coreano. Cansados, os soldados cutucavam Logan, embora nenhum parecesse disposto a chegar perto dele.

– Conhecem minha reputação, né? – ele murmurou, ciente da baioneta que tinha guardada na bainha do cinto.

– Levanta, levanta – exclamou o oficial, sem dúvida gastando todo seu vocabulário de inglês.

– Ok, me pegaram.

Logan ergueu-se com dificuldade, as mãos na cabeça. Um soldado aproximou-se com os braços esticados para pegar Langram, mas Logan avançou sobre ele com um empurrão e um sorriso zombeteiro.

– Parado, parado! – gritou o oficial, brandindo a pistola.

Logan pesou suas opções, pensando se devia atacar imediatamente ou esperar por uma oportunidade melhor – que poderia desaparecer caso os coreanos notassem que ele ainda estava armado. Então vozes excitadas emergiram da escuridão além do círculo de soldados.

As tropas abriram caminho, e dois soldados jogaram Miko, espancada e ensanguentada, no chão ao lado de Langram.

Logan quis ir até a moça, mas pensou melhor. Notou que ela se mexeu, e piscou

os olhos, até focara vista nele, finalmente. Fraca, tentou sorrir, mas tossiu sangue em vez disso. Logan viu que ela perdera os dentes da frente.

– Seus malditos.

Os nós dos dedos de Logan embranqueceram quando ele cerrou com força os punhos. Fitou o oficial com uma expressão que deixava claro o quanto ele queria enfiar os dedos nos olhos do homem.

O oficial coreano pareceu ganhar poder com a raiva de Logan. Ainda fora de alcance, mostrou a pistola e apontou-a para a cabeça de Miko.

– Não – Logan disse, num tom ameaçador. Sem emoção, firme. – Você nos pegou. Chega.

– Agora ela morre! – gritou o oficial.

O tiro cortou a noite feito uma explosão nuclear. O corpo de Miko sacudiu quando o topo de sua cabeça estourou. O som do único tiro, e sua terrível consequência, fez até mesmo os duros soldados norte-coreanos retraírem-se e desviarem os olhos.

Logan atacou.

Num segundo, a baioneta estava fora da bainha e em sua mão. Logan derrubou o revólver do oficial e a arma disparou de novo, atingindo um dos soldados do cerco na virilha.

Logan girou a lâmina e fincou-a no queixo do coreano, perpassando-lhe o crânio e o cérebro. O oficial amoleceu, com olhos tortos. Logan liberou a lâmina e jogou o homem morto nos braços dos soldados.

Meia dúzia de rifles crepitaram, partindo galhos e arrancando cascas das árvores. Não acertaram Logan, que já estava atrás deles, rasgando garganta após garganta até que a ponta da baioneta quebrou-se, presa no crânio duro de um dos coreanos. Sem arma, Logan saiu correndo.

Para sorte dele, os coreanos estiveram usando holofotes. Não tinham visão noturna. Já Logan via-os claramente. Seus uniformes destacavam-se contra o escuro da noite.

O mutante correu para a floresta, saltou por sobre um soldado e lhe atingiu um chute na laringe com a bota. Mais tiros voaram por cima de sua cabeça. Até que uma bala o acertou no ombro e o fez girar. Ele tropeçou numa ligeira elevação e mergulhou num arbusto.

Sangrando, Logan rastejou para trás de uma árvore. Ouvia vozes ao redor. Parecia que cem homens vasculhavam a área. Logan sabia que era apenas questão de tempo até que o encontrassem.

Ele pensou em Langram, incapacitado, em Miko morta, e foi tomado pelo pânico. O ferimento à bala e a adrenalina pulsante tornavam seus membros quase incontroláveis, principalmente os antebraços, que foram subitamente tomados por

lancinante agonia. Ao tentar se levantar, a dor ardente continuou, mais intensa do que no ombro.

Logan passou os dedos pelo pulso esquerdo na escuridão. Por baixo da carne e do músculo torturados, algo se mexeu.

Esqueceu-se dos homens que o caçavam devido à aparição dessa estranha nova agonia. Logan viu a carne na ponta dos punhos abrir-se, jorrando líquido carmesim. Um gemido escapou-lhe dos lábios quando seis garras feitas de osso antigo, cor de marfim, emergiram de bainhas escondidas, indetectadas, sob sua pele. Curvadas, afiadas, as garras tinham trinta centímetros da base até as pontas afiadas.

Perto dali, um soldado coreano escutou os lamentos. Ele atirou nas árvores. A bala acertou um tronco perto da cabeça de Logan, fazendo chover casca de madeira e fragmentos de bala no crânio dele. Logan retraiu-se como se tivesse levado um soco, luzes explodindo em sua mente. Ele cambaleou e deslizou até o chão.

O soldado viu as pernas do mutante esticando-se detrás da árvore e alertou seu sargento. Cautelosamente, trinta homens da infantaria convergiram para o local, armas em punho...

• • • •

O Logan que emergiu de trás daquela árvore não era o mesmo homem ferido e temeroso que se acovardara momentos antes. Esse homem se fora, ateara fogo em sua personalidade – transformando-o numa máquina de matar vingativa, um conjunto raivoso de reflexos super-rápidos e habilidade de luta instintiva tão afiada quanto suas garras, ao longo de séculos de constantes conflitos. Logan agora era um guerreiro nato, conectado por fios psíquicos a uma sorte de habilidades marciais reunidas ao longo de milhares de vidas vividas em eterna guerrilha.

Garras brancas pálidas brilharam ao luar. Logan agachou e saltou do esconderijo. O primeiro que o viu foi o soldado que atirou. O norte-coreano viu as garras, também – poucos antes de mergulharem em seus olhos.

O homem desabou choramingando, a arma caiu de sua mão flácida. Logan ignorou-a. A selvageria feral que o possuía não seria saciada sem a sensação satisfatória das garras rasgando carne e partindo ossos.

Uma dúzia de soldados virou-se quando Logan saiu do esconderijo. Os movimentos deles pareciam câmera lenta para os sentidos superacelerados do mutante. Ele os rasgou pelos flancos, decepou membros, cortou gargantas, esquivando-se e golpeando conforme os soldados aterrados tentavam em vão defender-se daquela letal arma viva que os massacrava.

Rifles crepitaram. Metralhadoras atiraram. Logan podia sentir, quase ver o brilho das balas na escuridão, ouvir as ondas de choque se dispersando, e evitar cada um dos disparos com facilidade. Ele apunhalava e estocava, rasgava e cortava, abrindo

caminho por dez, vinte homens, conforme mais soldados surgiam, urrando em uníssono, da floresta.

Logan avançava contra eles, um fanático assassino. Mãos desesperadas tentavam derrubá-lo. Logan os afastava como se fossem pigmeus. Tenazmente, um gigante de quase 140 quilos vestido em uniforme cáqui juntou as mãos em volta do pescoço do mutante. Um gancho duplo ergueu o homem – empalando-o – acima da cabeça de Logan. Os miolos do homem espirraram no solo ensopado de sangue.

Um oficial tentou reunir os soldados num pelotão de execução. Logan compreendeu a tática e avançou para as tropas antes que tivessem a chance de se organizar.

Outro deu um passo adiante e meteu a baioneta na barriga de Logan. Com um rugido, ele decapitou o homem, arrancou o rifle das vísceras e arremessou-o feito uma lança. A baioneta acertou outro soldado no peito, fincando-o em uma árvore.

Um demolidor lançou uma bolsa de explosivos contra Logan. O material pousou no colo de um soldado morto. Logan apanhou o pacote, jogou-o nos braços de outro homem e arremessou o soldado, que gritava, contra seus camaradas. A explosão espalhou litros de sangue e carne humana sobre os pelotões.

Mais soldados começaram a atirar da floresta. Logan zombou deles, mostrando os dentes manchados de sangue, e mergulhou mais uma vez num arbusto. Sob as sombras da floresta, o mutante cercou os soldados, espreitando, e massacrou-os, um por um.

• • • •

O MH-60 Pave Hawk voou sobre a paisagem marrom, pairando a apenas alguns metros do chão, para evitar ser visto, uma manobra muito perigosa. Voando na escuridão, cruzando o irregular terreno norte-coreano, numa altitude constante, controlada por computador, a 35 metros do chão, a viagem era sacolejante. Cada morro, cada árvore alta, tinha de ser evitada. Com as escotilhas abertas, e dois dos oito soldados a bordo pendurados por cordas de segurança na porta, o voo era como uma volta na mais sádica montanha-russa já inventada.

O Pave Hawk, uma variação canadense da aeronave de resgate da Força Aérea dos Estados Unidos, era basicamente um Blackhawk incrementado com um conjunto de aviônicos que tornavam possível uma viagem noturna sobre território inimigo a 250 quilômetros por hora. A baixa altitude era necessária para evitar o radar norte-coreano, que funcionava apenas acima dos 75 metros. Evitar o radar era necessário, visto que a aeronave em questão estava violando 37 leis internacionais e 7 tratados apenas por estar presente no espaço aéreo norte-coreano, sem falar em sua missão.

Dentro dos capacetes dos soldados, a voz do piloto anunciou a localização.

– LP em trinta segundos...

– Cheque a visão noturna – avisou o copiloto. – Existem fios elétricos espalhados por todos esses morros.

Um dos soldados pendurados na porta ativou os óculos de visão noturna e escaneou o rio e a estrada em paralelo.

– Coronel Breen, tanque na estrada.

O oficial apareceu atrás do soldado.

– Lá, senhor. Uns caminhões, também.

Breen viu o tanque, depois viu os caminhões e mais soldados correndo para a floresta na base do planalto.

– Coronel... Os homens lá embaixo são descartáveis. Não precisamos pousar, nem mesmo pra pegar o pacote, se os NC estiverem à vista – avisou o piloto.

Breen franziu o cenho e estreitou os olhos, concentrado. Finalmente, disse:

– Preparem-se. Vamos descer.

O Pave Hawk circulou o planalto e deu uma segunda volta.

– Vejo tiroteio lá embaixo, senhor. E muitos corpos... – disse o homem na porta. Quando o helicóptero mergulhou, o observador balançou para fora da aeronave, com uma das mãos na faixa de segurança, a outra nos óculos acoplados ao capacete.

Breen apertou o ombro dele.

– Fique de olhos abertos, Agente Cutler. E prepare-se para assumir essa metralhadora quando pousarmos...

Um arco gracioso levou o Pave até o local de pouso. Cutler soltou uma sequência de disparos automáticos quando a aeronave deu a primeira volta. Para sua surpresa, os coreanos correram para a floresta, sem devolver os tiros.

– Descer, descer! – rosnou o Coronel Breen, sinalizando ao piloto que descesse. Antes de o Pave Hawk pousar, o Agente Cutler saiu, caindo num campo de morte.

O planalto estava acarpetado de corpos. O piloto conseguiu não pousar em cima deles com uma manobra habilidosa em seus controles.

Pelos óculos de visão noturna de Cutler, toda a cena era um pesadelo esverdeado de assassinato em massa. Corpos espalhados por todo canto. Embora parecessem vítimas de tiroteio, nenhuma bala havia sido disparada. Havia pouca evidência de explosivos, também – sem cheiro de pólvora, solo e árvores intactos, nenhum corpo baleado. Entretanto, praticamente todos os soldados mortos foram desmembrados, eviscerados, decapitados, mutilados interna e externamente além do crível.

Conforme os outros se colocaram em volta de Cutler para checar o perímetro, o Sargento Mason exclamou:

– Tem alguém aqui no chão! Não é coreano.

Breen correu até o sargento e fitou o homem. Inconsciente, usava roupa camuflada e tinha cabelo castanho com corte baixo.

– É um deles – disse Breen.

O médico chegou logo em seguida, checkou a pulsação do homem e passou a lanterna por seus olhos. Subitamente, o homem acordou e afastou a luz.

– Quem...?

– Calma, soldado – disse Breen. – Vamos te resgatar...

– Coronel! – outro soldado chamou. – Encontrei uma mulher aqui. Morta. Estouraram a cabeça dela. Acho que é coreana.

– Deixe ela aí – disse o Sargento Mason.

Mas Langram ergueu a cabeça.

– Ela é japonesa – exclamou, a voz rouca. – Traga-a também.

Breen olhou nos olhos do agente.

– Onde está seu parceiro? Onde...?

– Coronel. Encontrei o pacote – avisou Mason.

Cutler virou-se ao ouvir o grito. Estava perto e curioso, então cruzou o mar de corpos e foi até o sargento.

Mason parou em frente a uma figura ajoelhada, cabelo comprido, roupa camuflada toda rasgada. Tinha o rosto baixo, fitando o solo. Cutler não sabia se estava morto ou vivo.

– Preciso de um médico aqui – disse Mason.

– Só temos um médico – disse Cutler. – Ainda está trabalhando no outro cara.

O sargento olhou ao redor e viu a dizimação.

– Que diabos houve aqui? – sussurrou, o rosto pálido sob a pintura de guerra.

O homem ajoelhado estava coberto de sangue – seu e de outros. Os braços estavam violentamente mutilados, um líquido carmesim escapava de cortes profundos na ponta dos punhos. Mason estendeu a mão cuidadosamente e tocou o homem, que não reagiu. Então verificou o pulso dele.

– Ele está bem. Calmo... Não entendo. O cara tá zoad, mas pode estar até dormindo, considerando a pulsação.

No escuro, Mason usou sua lanterna para procurar ferimentos.

– Tem um na cabeça. Olha, tem umas lascas de madeira no machucado. Segura a lanterna aqui...

Mason meteu a lanterna na mão de Cutler, depois tateou as pernas do homem e os braços.

– Os pulsos estão estranhos, como se estivessem fraturados. Deve estar em choque. Fique com ele, Cutler. Vou buscar o médico.

Cutler ficou parado, ansioso, ao lado do homem calado, vendo os mortos empilhados ao redor. O cheiro do sangue era de engasgar. Cutler levou o lenço ao nariz e à boca, cobrindo-os.

O movimento pareceu chamar a atenção do homem ajoelhado. Ele se retraiu, depois ergueu lentamente a cabeça.



– Você está bem? – Cutler perguntou baixinho.

O homem não respondeu. Quando abriu os olhos e cruzou o olhar com o soldado ao lado dele, Cutler afastou-se, horrorizado.

O Sargento Mason chegou um instante depois, junto do médico.

– Cutler? Que diabos há de errado com você?

– Esse cara... o brilho nos olhos dele. Selvagem. Como se pudesse me matar com apenas um olhar. Como se quisesse isso.

Enquanto isso, o médico levantara o homem e o acompanhava, cambaleando, até o helicóptero.

– Vamos, Cutler. Já ficamos muito tempo aqui. Os coreanos vão voltar a qualquer momento.

Mas Cutler não podia tirar os olhos do homem que o médico ajudava a entrar no helicóptero.

– Nossa, Sargento. Quem é esse cara?

– É o pacote, filho. Estava numa missão secreta, assim como nós. Isso é tudo que eu e você precisamos saber.

A resposta bastou para Cutler. O fato é que ele não queria mesmo saber a identidade do homem. Preferia esquecer – esquecer a missão e o massacre. A aparência de selvageria bestial, sem alma, refletida nos olhos daquele homem sem nome assustaram Cutler. Aquilo jamais sairia de sua mente.

# XXI • INTERLÚDIO E FUGA

– Por favor, Srta. Hines, conte-nos o seu segredo – disse o Dr. Cornelius, sorrindo.

O Professor fez uma careta impaciente.

– Sim, vamos logo com isso.

Carol Hines ergueu o olhar para o monitor; uma dupla de domadores em trajes de proteção estava prestes a prender Logan com os bastões elétricos. Ela baixou os olhos e girou na cadeira para olhar para os dois.

– Como eu disse, isso aconteceu quando eu ainda estava na Nasa, trabalhando com o MER por vários meses...

– Simulações de treinamento para astronautas, pelo que me lembro – disse o Professor.

Carol assentiu.

– Foi assim que o trabalho começou. Mas após alguns meses treinando com o MER, o Dr. Powell, do departamento de psicologia, criou um novo experimento... um que testaria as reações dos astronautas ao medo.

– Exato. – O Professor escutou com mais atenção.

– O teste seria uma simulação de rotina de reentrada de um ônibus espacial, mas um conjunto específico de circunstâncias daria errado quando a aeronave atingisse a atmosfera, levando à quase destruição do ônibus. Não havia nada que os astronautas poderiam fazer para impedir o acidente. Era essa a intenção do exercício.

– E os sujeitos... eles achavam que o experimento era real? – perguntou Cornelius.

– Claro. Do momento em que a interface foi estabelecida até quando o MER foi desligado, os sujeitos acreditaram que tudo o que aconteceu era real. Dr. Reddy, o chefe da missão, ficou furioso quando descobriu que o teste fora conduzido, irritado por não ter sido informado. Ele temia que houvesse efeitos psicológicos adversos, alguns permanentes. Mas o Dr. Powell mostrou provas do contrário. De acordo com ele, os astronautas pareciam absolutamente fortificados, quase encorajados pela experiência virtual de enfrentamento da morte.

– Claro – disse Cornelius. – Enfrentaram a extinção, mas sobreviveram. É a mesma sensação que temos ao sair de um brinquedo bem assustador num parque de diversões, mas multiplicada exponencialmente.

– Três astronautas passaram pela simulação – continuou Hines. – Dois homens, uma mulher, todos pilotos experientes de ônibus espacial. Nas semanas após a

simulação, todos reportaram sonhos vívidos recorrentes. Um mês depois, um dos homens morreu num acidente de carro...

– Li sobre isso – disse Cornelius. – Bateu de frente na Flórida. Um vagabundo entrou com tudo nele, algo assim.

– Na verdade, foi o astronauta quem flertou com a morte. Estava provocando um rapaz numa longa estrada deserta. Nenhum dos dois desviou, então acho que foi um empate.

O Professor ergueu uma sobrancelha.

– Humor, Srta. Hines? Que inesperado. Aumentaram a história?

– Nem um pouco, senhor. Como eu disse, o astronauta tornou-se ávido pelo perigo. Os relações públicas da Nasa esconderam a verdade.

– E os outros?

– O outro homem foi alocado no voo seguinte. Como piloto, na verdade. Foi testado periodicamente nas semanas seguintes e considerado apto.

– E a mulher?

– Seis semanas após a simulação, desapareceu sem deixar rastros. Deixou marido e filho pequeno. O FBI suspeita de um crime, mas a Nasa conseguiu abafar o caso, associando o sumiço a problemas matrimoniais. Encontraram a mulher, contudo, umas três semanas depois.

– E?

– Foi presa em Nevada. Tinha entrado pra uma gangue de motoqueiros. Estava traficando drogas no México, usando heroína, trabalhando num bordel em Reno... No fim, foi presa pela polícia local por matar uma jovem a facadas numa briga de bar.

– Vivendo perigosamente... Flertando com o desastre – disse Cornelius, pensativo. – E o outro piloto?

– Essa é a parte estranha – Carol respondeu. – Era o Major Wylling...

Cornelius se empertigou.

– O piloto da nave que caiu?

– Isso. Quando recuperaram a caixa preta, os eventos que causaram o desastre foram recriados em simulação: foi um reflexo preciso do acidente falso da simulação psicológica do Dr. Powell. Um vazamento no sistema de refrigeração levou uma substância corrosiva a entrar em contato com a célula de combustível superaquecida, que se rompeu, causando a explosão fatal.

– Uma coincidência, certamente – zombou o Professor.

– Uma coincidência de um trilhão para um, segundo os computadores da Nasa – respondeu Hines. – O Dr. Reddy insistiu que era culpa da simulação, algo que os outros cientistas disseram ser absurdo na cara dele. No início, ele sugeriu que o astronauta Wylling sabotara de algum modo, ele mesmo, o sistema. Uma profecia

autorrealizada. Mas o Dr. Able, engenheiro chefe, foi contra essa teoria. Disse que alguns dos componentes-chave envolvidos no acidente eram impossíveis de alcançar, e haviam ficado selados por meses antes do experimento ser feito.

– Parece guerra de comida acadêmica – disse Cornelius.

– Teve mesmo uma guerra burocrática entre o departamento de psicologia do Dr. Powell e o Dr. Reddy e seus assistentes do controle da missão.

– Quem ganhou?

– Para apoiar sua causa, o Dr. Reddy trouxe outros *experts* – Carol Hines explicou. – Físicos. Teóricos da mecânica quântica. Psicólogos dos sonhos. Especialistas em cérebro. Até parapsicólogos. Discutiram o problema entre quatro paredes. Tive que testemunhar porque conduzia o programa no MER durante o experimento.

Cornelius esfregava sua barba castanha.

– O que concluíram?

– Falaram do Princípio de Incerteza de Werner Heisenberg, do inconsciente coletivo de Carl Jung, e do simples poder da sugestão. Um psiquiatra explicou para o júri sobre o potencial da mente inconsciente e da possibilidade de uma profecia autorrealizada sem intervenção física. No final, a maioria concluiu que o MER provavelmente induzia um transe profético nos participantes do experimento de medo. Uma hipótese, é claro. Um processo similar ao que os profetas do Oráculo de Delfos e do Antigo Testamento vivenciaram.

• • • •

Cutler aproximou-se cautelosamente da Arma X com seu bastão estendido.

*Alguma coisa nesse pobre coitado parece diferente nesta noite.* O jeito com que Logan pairava sobre o tigre morto, talvez o modo como seus olhos estavam semicerrados, ou como sua cabeça estava tombada. Era como se estivesse escutando. O fato de Logan ainda não ter retraído as garras ensanguentadas preocupava Cutler.

– Cuidado, Anderson – ele avisou quando se aproximaram.

O som da voz de Cutler ativou algo em Logan – uma lembrança, talvez. Subitamente, ele ergueu a cabeça, abriu os olhos e cravou-os em Cutler, que se afastou, reconhecendo.

Todas as outras vezes que lidara com o Experimento X, o homem estava como um zumbi – olhos fixos, vazios, como os de um sonâmbulo –, mas dessa vez Logan não era uma vítima flácida, um animal treinado para ser “domado”.

*Esses olhos. Já os vi antes... Sei quem é esse homem.*

Rápido demais para que Cutler ou Anderson pudessem reagir, rápido demais para que os reflexos humanos pudessem responder, Logan ergueu as garras manchadas de

sangue e golpeou...

• • • •

– Meu Deus, moça! O que está sugerindo? – exclamou o Professor. – Isso não é ciência, é mágica, feitiçaria. Ou talvez adivinhação.

– Não estou sugerindo nada, Professor – disse Carol Hines. – Não fui eu quem formulou a teoria. Só estou expondo o que os membros do júri, um grupo de cientistas e pesquisadores de alta estima, concluíram.

– O que aconteceu depois disso? – perguntou Cornelius.

– Claro que a verdade foi escondida do público, ainda que o Dr. Reddy insistisse que os resultados da simulação deviam ser, pelo menos, compartilhados com outros cientistas. Reddy chegou a dar nome à teoria: Efeito Nostradamus, em homenagem ao profeta do século XV.

– Irracional – bufou o Professor.

– Não é só você quem pensa assim, Professor. O Dr. Powell e alguns dos outros, inclusive o engenheiro chefe da Nasa, o Dr. Able, usaram a intransigência do Dr. Reddy contra ele mesmo durante o caso. No fim das contas, a culpa pelo desastre do ônibus caiu somente sobre o Dr. Reddy, e ele foi forçado a sair, em desgraça.

– Muito compreensível, Srta. Hines – disse o Professor. – Que teorema ridículo. O homem era um tolo.

– Entretanto, existem provas suficientes para corroborar o efeito profético do MER, pelo menos para um grupo de cientistas – Hines respondeu. – Apesar do ceticismo geral em relação ao Efeito Nostradamus, a Nasa nunca mais usou o MER, e suas operações foram retiradas totalmente do treinamento há mais ou menos um ano atrás.

Cornelius riu.

– Bela história para acampamentos, Carol. Bonitinha. Bonitinha mesmo. Só falta você dizer que Logan vai vir puxar nosso pé à noite.

O médico olhou para o monitor de alta definição e se surpreendeu.

– Onde está Logan? E onde estão os domadores?

Hines girou em sua cadeira.

– Fora de vista, senhor.

– Eu percebi, Srta. Hines. Coloque-os *de volta* na câmera, por favor.

– Alternando.

A próxima câmera da sequência era a que ficava perto do elevador. Não mostrou nada. E a câmera de segurança dentro da cabine a mostrou vazia também.

Carol Hines clicou o comunicador.

– Segurança? Onde está o Sr. Logan?

– Os domadores foram buscá-lo, Srta. Hines.

– Domadores, respondam. Onde está o Sr. Logan?

Não houve resposta.

– Troque pra câmera cinco, de volta para o pátio – disse Cornelius.

Hines exasperou-se quando viu a nova imagem na tela. No pátio, dois domadores jaziam, mortos, despedaçados, as partes misturadas com as do tigre massacrado. Ao fundo, Logan caminhava para a cerca de arame aberta, na direção do elevador e do complexo subterrâneo.

Subitamente, o berro do alarme ecoou pelos corredores metálicos do complexo.

– Segurança! – exclamou o Professor. – O que houve? Por que o alarme?

– Não sei, senhor – respondeu o Major Deavers, do centro de comando.

– Pode ser sério – disse Cornelius. – Desative os transmissores de Logan, Srta. Hines. Isso deve colocá-lo num *loop* mental e acalmá-lo de uma vez.

Carol Hines digitou algo no teclado, depois bateu o punho na mesa.

– Não responde – disse, sua monotonia usual tingida por um toque de pânico. – Não responde. Foi dominado por uma fonte externa. Não posso fazer nada.

– Segurança! Responda: qual o problema? – gritou o Professor.

– Desculpe, senhor – respondeu uma voz. – Aqui é o guarda ao lado do seu laboratório. Alguém ultrapassou o perímetro de segurança, está no elevador, descendo para cá. O nível foi selado. Estamos armados e...

As palavras do soldado morreram num grito terrível. Pelos alto-falantes, Cornelius, Carol Hines e o Professor escutaram tiros, gritos, berros... caos.

O Professor tremia visivelmente.

– Não se preocupem – ele sussurrou. – Estamos a salvo atrás dessas paredes. Logan não sabe que estamos aqui, ele...

Um chiado o interrompeu. Três garras afiadas feito diamantes começaram a cortar o metal sólido. A porta do laboratório tremeu, depois caiu das dobradiças.

Logan apareceu na porta, rosnando.

Desesperada, Carol Hines tentou retomar o controle da Arma X pelo MER. Quando ele entrou no laboratório, o controle sobre ele foi perdido, embora a moça tenha conseguido estabelecer a interface com o cérebro dele apenas o suficiente para projetar seus pensamentos.

No monitor de alta definição, Carol viu uma imagem de si mesma na mente de Logan. Maligna e pequena – quase diminuta se comparada ao gigante que era ele. Ela viu, horrorizada, sua sósia virtual ser decapitada com um ataque para trás das garras do mutante, apenas um segundo antes de sentir o verdadeiro golpe fatal. Sua cabeça saltou dos ombros, abrindo um chafariz de sangue.

Enquanto seu cérebro morria por falta de oxigênio, Carol Hines considerou a ironia da situação. *Eu tinha razão... Não devia ter colocado meu pescoço na reta... Claro que acabaria cortado...*

Logan foi até Cornelius em seguida. Enquanto avançou, o médico viu seu gêmeo virtual no monitor, vestido como um torturador medieval, com uma máscara de cirurgião cobrindo o rosto e anjos da morte – com os rostos de MacKenzie, Hendry, Chang e muitos outros – pairando ao fundo.

– Não pode ser – gemeu Cornelius enquanto era assassinado lenta e brutalmente.  
– Sou médico... eu curo... ajudo as pessoas...

Finalmente, Logan se voltou para o Professor.

O cientista recuou. Implorou, clamou, choramingou e finalmente urrou quando Logan decepou uma mão, depois a outra. Ajoelhado, depois rastejando, implorando que Logan poupasse-lhe a vida, o Professor olhou para o monitor pouco antes de a morte deitar sua mortalha sobre ele.

Na tela, não viu nenhum gênio. Nenhum arquiteto da carne. Certamente, nenhum deus. Nem mesmo um homem, na verdade... Viu apenas um garotinho assustado, soluçando, chorando pela mãe, implorando por misericórdia – incapaz perante um destino cruel, arbitrário e impiedoso.



# EPÍLOGO

O massacre continuou pelo resto da noite. Pela manhã, quando o sol nascente irrompeu atrás das montanhas, Logan havia matado todos. Carol Hines. Dr. Abraham B. Cornelius. O Professor. Dr. Hendry e seu grupo de médicos. Dr. MacKenzie e todos os psiquiatras especialistas. Guardas. Domadores. Até mesmo técnicos, o pessoal da manutenção, a equipe de cozinha.

Em certo ponto do massacre, um especialista em comunicações chamado Rice tentou baixar os arquivos do Experimento X e acabou ativando as gravações feitas durante os procedimentos experimentais. Essas gravações foram reproduzidas sem parar e emitidas por todos os alto-falantes em uma repetição desordenada por toda a noite.

Quando a chacina terminou, depois do complexo médico experimental ultrassecreto ter sido transformado num abatedouro, a gravação de uma longa conversa continuava a ser transmitida pelo sistema de áudio da instalação.

Enquanto Logan seguia para a saída das instalações subterrâneas, escalava os intermináveis lances de escada que o levavam para fora daquele inferno e a caminho da brilhante manhã e da superfície nevada, a gravação continuava tocando.

- ... Bom dia, Srta. Hines... – Dr. Cornelius. Falando baixo.
- ... Eu estava pensando, senhor – Carol Hines. – Posso falar com você?
- ... Claro...
- ... Estou pensando no Sr. Logan...
- ... Todos estamos...
- ... E no que fazemos... Ele estava aqui antes de mim?...
- ... Não sei aonde quer chegar...
- ... O Sr. Logan foi voluntário para isso?...
- ... Hã... não...
- ... Então, ele foi sequestrado?...
- ... É, não me orgulho disso, mas foi, sim...
- ... Estamos fazendo uma coisa ruim, não?... Ele foi obrigado a participar...
- ... Não sei se foi forçado, Srta. Hines... Veja, segundo o Professor, é como se tudo fosse predeterminado. Como se fosse o destino dele...
- ... Como ele poderia saber o destino do Sr. Logan?...
- ... Para ser honesto, Srta. Hines, eu não sei.
- ... Tudo o que vejo é o coitado sofrer... O Professor parece se divertir causando dor nele. É uma tortura, não ciência...

- ... Bem, algumas pessoas... têm destinos piores que as outras... eu bem sei...
- ... Meu Deus...
- ... Não chore, Srta. Hines... Desculpe. Foi uma péssima frase...
- ... Desculpe por chorar... Me sinto uma boba...
- ... Olha... No fim das contas, esse coitado já tinha uma vida miserável... Ele é mutante... Logan nem é humano...
- ... Mas ele é humano, Dr. Cornelius... Não me diga que não enxerga isso em seus... olhos. Dá para ver... Ele é um homem... sendo transformado num monstro...
- ... Não sei o que dizer, Hines... Eu faço o que o Professor manda... Talvez o resto esteja fora da minha alçada...
- ... Acho que o Professor é um mentiroso, doutor...
- ... É. Talvez...
- ... Eu... queria nunca ter me envolvido neste Experimento, doutor...
- ... É... eu também. Vamos... alegre-se, Srta. Hines. Já vai acabar...

• • • •

Quando Logan emergiu para a luz do dia, derrubou sua derradeira vítima, um especialista em comunicações. Ao morrer, o técnico espalhou discos de computador na neve. Logan deixou uma pegada sangrenta e saiu andando.

Para Logan, essa última morte não passou de um adendo. Sua sede de sangue havia sido saciada. Cansado, foi cambaleando adiante no amanhecer. Minutos depois, começou a nevar, e uma forte nevasca o cercou. Por um instante, em meio ao branco nevoeiro, sob o vento que o atingia, enxergou uma figura em pé num pico rochoso, envolvida pela luz do sol nascente.

Pernas firmes, forte e orgulhosa, a figura de um samurai, espada em punho, brilhava feito um fantasma – ou uma lembrança.

*Essa visão sou eu, ele compreendeu.*

Não o homem fracassado, degradado que fora antes de ser sequestrado e trazido até ali. Não a arma de mente destruída que era para ser. Mas o homem que fora muito tempo antes, durante sua vida interminável, mas em outro século.

*Lutei por honra, encontrei paz no som dos mensageiros do vento e no farfalhar da neve...*

Essa mesma neve o cobriu ali, prendendo-se a sua figura suja de sangue, congelando seu cabelo, envolvendo a carne avermelhada num branco virginal. *Renascido...*

Logan buscou em sua memória por mais traços de seu passado, mas muito havia se perdido. Ele se prendeu a essa única visão antiga de uma época em que tivera honra. *Bushido.*

Ouviu um barulho. Hélices girando. Rítmicas, mecânicas. Um helicóptero se

aproximava das instalações. Logan afastou-se suavemente, por instinto, para dentro da floresta, mais a fundo na nevasca.

Ele se perdera no caminho muito tempo antes. Lutara por tanto tempo. No final, perdera o sentido e passara a lutar apenas contra si mesmo...

*Não. Não serei uma ferramenta... a marionete de ninguém... E nunca mais uma arma sem mente... Sou um guerreiro. Um guerreiro nato.*

Girando acima, os rotores soaram mais alto, rugindo sem serem vistos, depois foram sumindo até que o som se perdeu entre o vento.

*Me levaram para essa câmara de tortura infernal, morto para o mundo... Me levaram para dentro, mas estou saindo andando... firme... com meus próprios pés.*

A nevasca se intensificou, o vento frígido açoitava sua pele, mas Logan ignorava os elementos. A brutalidade imaculada do vento o chamava. Em sua mente, ele respondia...

*Sou Logan... Sou um homem... rumando para a imensidão.*

# AGRADECIMIENTOS

Para começar, um obrigado para Barry Windsor-Smith, que concebeu *Wolverine: Arma X* como uma história em quadrinhos há mais de uma década. Seu fantástico trabalho artístico inspirou muitos dos detalhes peculiares deste romance, e sua história épica é ampla o bastante para nos convidar à exploração.

A Stan Lee, que no deu os X-Men.

Ao meu editor, Ruwan Jayatilleke, que botou um monte de ideias legais na mesa, depois esperou e me deixou digeri-las.

Ao meu irmão, Vance, e minha à sobrinha, Tia.

Aos amigos Chuck, Bob, CJ, Paul e Critieus.

À minha musa, Alice Alfonsi, que trabalhou tanto e com tanto afinho quanto eu neste projeto.

E aos mutantes que estão por aí.\*

[\\*](#) Marc Cerasini mora em Nova York. É autor de mais de trinta livros, entre eles as obras de não ficção *O.J. Simpson: American Hero*, *American Tragedy* e *The Future of War: The Face of the 21st Century Warfare*; Marc também trabalhou em títulos de ficção baseados em grandes sucessos do cinema e da TV, como a novelização de *Alien vs. Predador* e *24 Horas*.

**SAIBA MAIS, DÊ SUA OPINIÃO:**

**Conheça -** <http://www.novoseculo.com.br>

**Leia -** [www.novoseculo.com.br/blog](http://www.novoseculo.com.br/blog)



**Curta -** [/NovoSeculoEditora](https://www.facebook.com/NovoSeculoEditora)



**Siga -** [@novoseculo](https://twitter.com/novoseculo)



**Assista -** [/EditoraNovoSeculo](https://www.youtube.com/EditoraNovoSeculo)





# Table of Contents

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[I. Profecia](#)

[II. A colmeia](#)

[III. O fazendeiro](#)

[IV. O fugitivo](#)

[V. A missão](#)

[VI. O experimento](#)

[VII. O mutante](#)

[VIII. Consequências não previstas](#)

[IX. Revelações](#)

[X. Ilusões](#)

[XI. Presa](#)

[XII. Predador](#)

[XIII. Golem](#)

[XIV. A caçada](#)

[XV. Arma X](#)

[XVI. Apocalipse](#)

[XVII. A tempestade](#)

[XVIII. Ponto crítico](#)

[XIX. Fim de jogo](#)

[XX. Redenção](#)

[XXI. Interlúdio e fuga](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)